



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**VARIAÇÃO, ESTILO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGÜÍSTICA: O CASO DAS
LATERAIS /ʎ/ e /l/ NO FALAR PARAIBANO**

Josenildo Barbosa Freire

Orientador: Prof^o Dr. Dermeval da Hora Oliveira

João Pessoa – PB
Novembro / 2016



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

**VARIAÇÃO, ESTILO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA:
O CASO DAS LATERAIS /ɫ/ e /l/ NO FALAR PARAIBANO**

Josenildo Barbosa Freire

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING – da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Professor Orientador: Dr. Dermeval da Hora Oliveira

João Pessoa – PB
Novembro / 2016

F866v Freire, Josenildo Barbosa.

Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /l/ e /ll/ no falar paraibano / Josenildo Barbosa Freire.- João Pessoa, 2016.

233f. : il.

Orientador: Dermeval da Hora Oliveira

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Variação. 3. Avaliação/percepção. 4. Estilo. 5. Líquidas laterais.

JOSENILDO BARBOSA FREIRE

**VARIAÇÃO, ESTILO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA:
O CASO DAS LATERAIS /k/ e /l/ NO FALAR PARAIBANO**

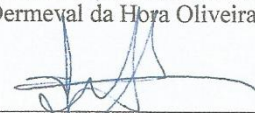
Professor Orientador: Dr. Dermeval da Hora Oliveira

BANCA EXAMINADORA

Aprovada por:



Presidente: Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira - Orientador (UFPB)



Examinador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (UFU)



Examinador: Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB)

Examinador: Profa. Dra. Rosalina Maria Sales Chianca (UFPB)

Examinador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)

João Pessoa - PB
Novembro / 2016

“Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.”

(Oswald de Andrade, 1988).

DEDICATÓRIA

Aos **meus pais e familiares**, que me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos da minha vida e, especificamente, nesta trajetória.

À **minha esposa, Solange Maria Bernardo da Silva Freire**, que além de companheira, compartilhou/viveu comigo todas as etapas desse processo de doutoramento.

Aos **informantes que constituíram o *corpus*** de investigação, pela disposição e acolhida em sua comunidade de fala: Jacaraú – PB. Essa pesquisa não seria a mesma sem os dados que forneceram.

Aos estimados professores Drs. **Dermeval da Hora Oliveira e Rubens Marques de Lucena**, pelo apreço sempre demonstrado e pelas oportunidades oferecidas.

A todos **os meus ex-professores**, desde a Educação Infantil, em Lagoa da Mata, Nova Cruz/RN, passando pelos do Ensino Fundamental, nas Escolas Estaduais Carlos Gomes e Ocila Bezerril, Montanhas-RN, no qual também, fiz o Ensino Médio, os da graduação, em Guarabira/PB, no *campus* III, os da Especialização, na UFRN e os do Mestrado e Doutorado, no Proling/UFPB. Enfim, para um número de **pessoas inomináveis**.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que além de conceder-me o dom da vida, deu-me forças e coragem para sempre trilhar caminhos novos e desafiadores.

Ao meu prezado orientador, **Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira**, que além de orientador, permaneceu como referência durante todo o processo. Pela disposição sempre presente, a atenção continuamente solícita, o respeito ao processo de formação de seus orientandos, pelos trabalhos e bibliografias indicadas.

Aos meus pais, **Manoel Claudiano Freire e Severina Barbosa Freire**, que, em momento algum não impediram-me de estudar, mesmo quando vivíamos situações socioeconômicas desfavoráveis, muito pelo contrário: não me negaram o direito de estudar.

À minha esposa, companheira, amiga, um ser especial e de luz: **Solange Maria Bernardo da Silva Freire**, que soube compreender os mais diversos aspectos relacionados a todo o processo de doutoramento: minhas ausências, conflitos, impaciências, maus humores, etc. Tenho certeza de que sem a sua valiosa contribuição não teria sido exitoso nessa empreitada.

Aos meus familiares e membros da família de origem da minha esposa, de modo especial, **meus irmãos e irmãs**, que sempre acreditaram em mim e depositam votos de estimas e de confiança.

À Banca de Qualificação – **Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (UFU)**, **Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UEPB)** e **Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UEPB)** – sem a qual, este trabalho não seria o mesmo. Pela leitura atenta, apontamentos realizados e indicações feitas.

Às Professoras **Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UEPB)** e **Dra. Rosângela Neres A. da Silva (UEPB)** por terem iniciado-me no campo dos estudos sociolinguísticos ao ministrarem um minicurso na UEPB, no tempo da graduação.

Às Secretarias de Educação, respectivamente, **SEEC-RN e SEMEC-Pedro Velho**, pelas licenças concedidas. Sem elas, o trabalho de pesquisa poderia ter ficado inviável.

Ao **Proling/UEPB** pela extraordinária oportunidade de qualificação específica oferecida.

Aos **professores do Proling** que além de aulas ministradas, tínhamos sempre espaços permanentes para discussão, sugestão, leituras, etc., acerca do nosso objeto de investigação, assim, entendo que, mesmo que o Programa seja composto de áreas e linhas de pesquisas diferentes, neste trabalho, podem-se ver aspectos diversos do fio do discurso das disciplinas estudadas nesse período.

Aos secretários do Proling – **Ronil Ferraro e Valberto Cardoso** – pela atenção e cuidados dispensados afetuosamente aos discentes.

Aos **servidores de todo o CCHLA/UFPB** que sempre mantiveram o contato respeitoso e fizeram do ambiente universitário um local sempre agradável.

Ao amigo e **Prof. Dr. Gilson Chicon Alves** (UERN), que gentilmente leu e discutiu os capítulos de descrição e análise.

As meus **amigos e companheiros de trabalho** – aqui impossível de nominá-los, da Escola Estadual Carlos Gomes e Escola Municipal José Targino – que acreditaram e apoiaram incansavelmente na realização desta etapa de estudos em minha vida.

Aos colegas **Pedro Felipe de Lima Henrique, Ingrid Cruz Nascimento e André Wesley Dantas de Amorim**, que me auxiliaram na organização e formatação do Instrumento de Avaliação, Atitude e Percepção empregado neste estudo e na produção dos estímulos. Também, sem a generosa disposição deles nosso trabalho ficaria limitado.

Aos colegas **Luana Francisleyde Farias, Fábio Pessoa da Silva, Rodrigo Farias, Jocélio Coutinho de Oliveira e Maria Josilane Pessoa** que colaboraram na indicação e seleção dos juízes-ouvintes em Jacaraú.

À colega **Roberta Bonilha** que me ajudou a trabalhar com softwares específicos – Praat e TP. E como aprendi!

Ao amigo e professor **Lourival Soares de Lima** que realizou a correção gramatical/ortográfica deste trabalho, pelo afeto dispensado e carinho demonstrados sempre.

A **todos** que direta e indiretamente contribuíram para a conclusão deste curso.

RESUMO

Esta tese analisa a variação social e estilística das líquidas laterais /ʎ/ e /l/ do português do Brasil, como nas realizações de /ʎ/ ~ [l, j, Ø] e nas de /l/ ~ [w, j, Ø, ʎ] e, ao mesmo tempo, examina os aspectos da avaliação, atitude e percepção linguísticas vinculadas a elas. A comunidade de fala examinada é a cidade de Jacaraú/PB, localizada na mesorregião da Mata Paraibana, litoral norte da Paraíba. As contribuições teóricas que fundamentam a análise provêm da Sociolinguística Quantitativa de inspiração laboviana (LABOV, 1963, 1966, 2008 [1972], 2001) e nas pesquisas de Campbell-Kibler (2006) e Clopper & Pisoni (2005), que abordam questões linguísticas evidenciando a capacidade cognitiva dos falantes/ouvintes de indicar, com certa precisão, diferenças sociodialetais e, nas contribuições de Garrett, Coupland & Williams (2003), Oppenheim (1982), Sarnoff (1970) e Bisinoto (2000) que evidenciam o aspecto processual e sociolinguístico relacionados às atitudes e à avaliação linguística. Para tanto, foi constituído um *corpus* estratificado socialmente de língua falada de 36 (trinta e seis) informantes da comunidade de fala pesquisada; também, dessas entrevistas sociolinguísticas foram descritas e analisadas especificamente o Módulo Linguagem, verificando como os falantes pesquisados avaliam sua própria fala e a de outrem e, posteriormente, na mesma comunidade, foi-se aplicado um instrumento de avaliação, atitude e percepção linguísticas. Neste sentido, procurou-se estudar os fenômenos aqui descritos considerando a dimensão objetiva, ao se tomar o fato linguístico propriamente dito - /ʎ/ e /l/ e suas variantes linguísticas, quanto também a dimensão subjetiva, ao considerar o falante – suas características socioculturais e correlatos subjetivos. De modo geral, a análise quantitativa demonstrou que o uso dos segmentos laterais /ʎ/ e /l/, além de constituírem um processo de variação social, também, são fenômenos estilísticos, mas de natureza diferentes o que levou-se, consequentemente, a realizar o teste de avaliação, atitude e percepção linguísticas apenas envolvendo /ʎ/ e suas formas variantes. No que diz respeito aos achados da análise do Módulo Linguagem, pôde-se verificar que os resultados assinalam o papel central dos informantes nos processos aqui discutidos, revelando aspectos relacionados às dimensões avaliativas, representativas, atitudinais e de significado social; e, finalmente, com relação aos resultados oriundos da aplicação do instrumento, sobretudo, a partir das reações subjetivas coletadas, permitiram chegar a dois padrões sociodialetais de uso: marcado socialmente x não marcado socialmente e sinalizados por variantes linguísticas distintas, respectivamente, representados por [l, j, Ø] indicando o Nordeste/rural e [ʎ] relacionada ao Nordeste/urbano; e ainda, possibilitaram propor uma escala gradacional de aceitação (EGA, cf. a Figura 7); também, sugerem que o uso de /ʎ/ e suas variantes independem do sexo do informante e foram avaliadas como de falantes ‘educados’, ora foram associadas ao falar amigável, confiante, familiar; ora, porém, quanto às formas linguísticas de baixo prestígio social, foram vinculadas aos profissionais braçais e reconhecidas para uso em contexto de menor monitoração estilística, enquanto que [ʎ] foi relacionada aos falantes de *status*, como por exemplos, engenheiros e professores e, para uso em situações de maior formalidade. E quanto à faixa etária, essas variantes foram percebidas simultaneamente como de jovens e adultos e, o experimento registou, de um lado, altíssimas taxas de rejeição às formas [l, j, Ø], as quais variaram de 81% a 93% de rejeição e, por outro lado, indicou índices positivos quanto ao uso de [ʎ]: com 79% de aprovação.

Palavras-chave: Variação. Avaliação/percepção. Estilo. Líquidas laterais

ABSTRACT

This thesis analyzes the social and stylistic variation of the side net /ʎ/ and /l/ the Portuguese of Brazil, as in the realizations of /ʎ/ ~ [l, j, Ø] and those of /l/ ~ [w, j, Ø, ʎ], and at the same time, examines the aspects of evaluation, attitude and language perception linked to them. The examined speaking community is the city of Jacaraú in Paraíba state, located in the middle region of Paraíba Forest, northern coastline of Paraíba. The theoretical contributions that underlie the analysis come from the Sociolinguistics Quantitative Labovian inspiration (Labov, 1963, 1966, 2008 [1972], 2001) and research of Campbell-Kibler (2006) and Clopper & Pisoni (2005), addressing language issues highlighting the cognitive ability of speakers / listeners to indicate with some precision, sociodialectal differences and, in Garrett contributions, Coupland & Williams (2003), Oppenheim (1982), Sarnoff (1970) and Bisinoto (2000) that show the procedural aspect and sociolinguistic related to attitudes and language assessment. Thus, it was been a socially stratified *corpus* of spoken language of 36 (thirty six) informants speaking community searched; Also, these sociolinguistic interviews were described and specifically analyzed the Language Module, checking how the speakers surveyed assess their own speech and that of others, and later in the same community, an evaluation instrument was-applied, attitude and language perception. In this sense, we tried to study the phenomena described herein considering the objective dimension, by taking the linguistic fact itself - /ʎ/ and /l/ and its linguistic variants, as well as the subjective dimension, considering the speaker - its characteristics sociocultural and subjective correlates. In general, quantitative analysis demonstrated that the use of side segments /ʎ/ and /l/, besides constituting a social process variation, too, are stylistic phenomena, but of different nature which is led hence perform the evaluation test, attitude and language perception involving only /ʎ/ and its variant forms. With regard to the Language Module analysis of the findings, it could be verified that the results point to the central role of informers in the processes discussed here, revealing aspects of the evaluative dimensions, representing, attitudinal and social significance; and finally, regarding the results arising from the application of the instrument, especially from subjective reactions collected, have resulted in two sociodialectal usage patterns: marked socially x not socially marked and indicated by different linguistic variants, respectively, represented by [l, j, Ø] to the Northeast / rural and [ʎ] related to the Northeast / urban; and also made it possible to propose a gradational scale of acceptance (EGA, see Figure 7); also suggest that the use of /ʎ/ and its variants are independent of the informant and sex were assessed as speakers 'polite', now they were associated with talking friendly, confident, family; now, however, as the linguistic forms of low social prestige, were linked to professionals who do several handy works and recognized for use in the context of minor stylistic monitoring, while [ʎ] was related to the status of speakers, for example, engineers and teachers, for use in more formal situations. About age, these variants were perceived as both youth and adults, and the experiment recorded on the one hand, very high rejection rates the forms [l, j, Ø], which ranged from 81% to 93% of rejection and, on the other hand, indicated positive results about the use of [ʎ]: 79% approval.

Keywords: Variation. Evaluation / perception. Style. Lateral liquid.

RESUMEN

En esta tesis se analiza la variación social y estilística de la red lateral /ʎ/ y /l/ el portugués de Brasil, los logros de los /ʎ/ ~ [l, j, Ø] y en la /l/ ~ [w, j, Ø, ʎ], y, al mismo tiempo, examina los aspectos de la evaluación, la actitud y la percepción del lenguaje vinculados a ellos. La comunidad de habla examinada es la Ciudad de Jacaraú, Paraíba, ubicada en la mesorregión de la Mata Paraibana, en litoral de Paraíba. Las aportaciones teóricas que subyacen en el análisis provienen de la inspiración sociolingüística cuantitativa Labovian (Labov, 1963, 1966, 2008 [1972], 2001) y la investigación de Campbell-Kibler (2006) y Clopper y Pisoni (2005), frente a las cuestiones lingüísticas destacando la capacidad cognitiva de los hablantes / oyentes para indicar con cierta precisión, sociodialetais diferencias y, en contribuciones Garrett, Coupland y Williams (2003), Oppenheim (1982), Sarnoff (1970) y Bisinoto (2000) que muestran el aspecto procesal y sociolingüística relacionado con las actitudes y la evaluación del idioma. Así, se ha pasado un *corpus* socialmente estratificado de la lengua hablada de 36 (treinta y seis) informantes de la comunidad de habla investigada; Además, basado en estas entrevistas sociolingüísticas fueron descritas e analizadas específicamente el Módulo de Idioma, comprobando cómo los hablantes encuestados evalúan su propia voz y la de los demás, y más tarde en la misma comunidad, se aplicó un instrumento-evaluación, la actitud y la percepción del lenguaje. En este sentido, tratamos de estudiar los fenómenos descritos en el presente documento teniendo en cuenta la dimensión objetiva, tomando el hecho lingüístico en sí - /ʎ/ y /l/ y sus variantes lingüísticas, así como la dimensión subjetiva, teniendo en cuenta el hablante - sus características correlatos socio-culturales y subjetivos. En general, el análisis cuantitativo demostró que el uso de segmentos laterales /ʎ/ y /l/, además de constituir una variación proceso social, también, son fenómenos estilísticos, pero de diferente naturaleza que se llevaron, por lo tanto realizar la prueba de evaluación, la actitud y la percepción del lenguaje que involucra sus formas variantes única /ʎ/ y. Con respecto al análisis Módulo de Idioma de los resultados, se pudo constatar que los resultados apuntan al papel central de informadores en los procesos descritos aquí, revelando aspectos de las dimensiones de evaluación, lo que representa, la importancia de actitud y significado social; y, por último, con respecto a los resultados derivados de la aplicación del instrumento, sobre todo a partir de reacciones subjetivas recogidas, han dado lugar a dos sociodialetais patrones de uso: no marcada socialmente x marcados y señalizados mediante diferentes variantes lingüísticas social, respectivamente, representado por [l, j, o] para el noreste / rural y [ʎ] relacionada con el noreste / urbana; y también hizo posible proponer una escala de gradación de aceptación (EGA, véase la Figura 7); también sugieren que el uso de /ʎ/ y sus variantes son independientes del informante y el sexo se evaluaron como hablantes 'educados', ahora estaban asociados con hablar amigable, seguro, familiar; Ahora, sin embargo, como las formas lingüísticas de bajo prestigio social, estaban vinculados a los profesionales de trabajo brazal y reconocida para su uso en el contexto del seguimiento estilístico de menor importancia, mientras que [ʎ] estaba relacionado con el estado de los hablantes, por ejemplo, ingenieros y profesores, para su uso en situaciones más formales. Con respecto a la edad, estas variantes fueron percibidas como los jóvenes y los adultos, y el experimento grabó por una parte, muy alta tasas de rechazo de las formas [l, j, o], que iban del 81% al 93% de rechazo y, en la otra parte, mostró resultados positivos para el uso de [ʎ]: aprobación 79%.

Palabras clave: Variación. Evaluación / percepción. Estilo. Líquidas laterales.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
RESUMEN	10
 LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICO, MAPA, FIGURAS, ESPECTROS ESTILÍSTICOS, MATRIZES FONOLÓGICAS, ABREVIATURAS E SIGLAS, E SÍMBOLOS	16
LISTA DE QUADROS	16
LISTA DE TABELAS	17
LISTA DE GRÁFICO	19
LISTA DE MAPA	20
LISTA DE FIGURAS	21
LISTA DE ESPECTROS ESTILÍSTICOS	22
LISTA DE MATRIZES FONOLÓGICAS	23
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	24
LISTA DE SÍMBOLOS	26
 INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO: AS LÍQUIDAS LATERAIS	31
1.0 INTRODUÇÃO	31
1.1 VISÃO HISTÓRICA E ESTRUTURALISTA DAS LÍQUIDAS LATERAIS /l/ e /ʎ/	31
1.1.1 Aspectos históricos e atuais das líquidas laterais /l/ e /ʎ/	31
1.1.2 Visão estruturalista acerca dos fonemas /ʎ/ e /l/ no Português	32
1.2 VISÃO GERATIVISTA: UMA NOVA FORMA DE ENXERGAR O FONEMA	33
1.3 ESTUDOS VARIACIONISTAS	35
1.3.1 Estudos do /ʎ/ na perspectiva sociolinguística	35
1.3.2 Estudos variacionistas do segmento lateral alveolar /l/	38
1.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	43

CAPÍTULO II: A TEORIA DA VARIAÇÃO: ESTUDO DA LÍNGUA FALADA	45
2.0 INTRODUÇÃO	45
2.1 AVALIAÇÃO (SÓCIO) LINGUÍSTICA	45
2.2 O PAPEL DO FALANTE/OUVINTE	48
2.3 A NATUREZA DA ATITUDE LINGUÍSTICA.....	53
2.4 ESTRUTURA DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS: VISÃO TRIPARTIDA	57
2.5 O ESTUDO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS	60
2.5.1 Abordagem Direta.....	60
2.6 SITUANDO A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	62
2.7 ESTUDO DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA.....	65
2.7.1 Modelo Laboviano: Estilo como atenção dada à fala.....	66
2.8 PROPOSTA METODOLÓGICA LABOVIANA PARA ANÁLISE DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	68
2.8.1 Labov (2001): <i>The Decision Tree</i>	69
2.9 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	74
 CAPÍTULO III: DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	 76
3.0 INTRODUÇÃO	76
3.1 LOCAL DE PESQUISA	76
3.2 ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA: MÉTODO PADRÃO DE COLETA DO VERNÁCULO.....	80
3.3 TESTE DE AVALIAÇÃO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGUÍSTICAS (INSTRUMENTO).....	81
3.3.1 Seleção dos juízes-ouvintes.....	82
3.3.2 Produção dos Estímulos	83
3.3.3 Seleção e disposição dos adjetivos.....	85
3.3.4 Criação do Instrumento em uma Plataforma Digital	87
3.4 TIPOS DE ANÁLISES	88
3.4.1 Análise Quantitativa.....	88
3.4.2 Análises Qualitativas	88
3.4.2.1 Módulo Linguagem	89
3.4.2.2 Análise Estilística (Variável Contextual/Situacional)	92
3.5 <i>CORPUS</i>	94
3.5.1 Seleção dos informantes para a entrevista	95

3.6 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS	96
3.6.1 Variáveis Independentes	98
3.6.1.1 Variáveis Sociais (Variáveis Externas)	98
3.6.1.2 Variáveis Linguísticas (Variáveis Internas).....	100
3.6.1.2.1 Contexto fonológico seguinte.....	102
3.6.1.2.2 Contexto fonológico precedente	102
3.6.1.2.3 Tonicidade.....	102
3.6.1.2.4 Classe de palavra	103
3.6.1.2.5 Número de sílabas do vocábulo.....	103
3.6.1.3 Variáveis Estilísticas (Variáveis Contextuais).....	104
3.7 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	105

CAPÍTULO IV: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ASPECTOS DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA E SOCIAL

4.0 INTRODUÇÃO.....	106
4.1 ANÁLISE QUALITATIVA (ANÁLISE ESTILÍSTICA)	106
4.1.1 Grupo A.....	107
4.1.2 Grupo B	113
4.1.3 Grupo C	119
4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS	126
4.2.1 Considerações acerca das variáveis sociais, estilística e linguísticas sobre a variável /N/	128
4.2.1.1 Variáveis Sociais (Externas)	129
4.2.1.1.1 <i>Nível de Escolaridade.....</i>	129
4.2.1.1.2 <i>Faixa Etária</i>	130
4.2.2 Variáveis Estilísticas (Contextuais)	131
4.2.2.1 Estilo	131
4.2.2.2 Contexto.....	132
4.2.3 Variáveis Linguísticas (Internas ou Estruturais)	134
4.2.3.1 Contexto Fonológico Precedente (Anterior).....	135
4.2.3.2 Contexto Fonológico Seguinte (Posterior)	136
4.2.3.3 Tonicidade	137
4.2.3.4 Classe de Palavra dos Vocábulo.....	138
4.2.3.5 Número de Sílabas dos Vocábulo.....	139

4.3.1 Considerações acerca das variáveis sociais, estilística e linguísticas sobre da variável /l/ pós-vocálica	140
4.3.1.1 Variável Social	140
4.3.1.1.1 <i>Nível de Escolaridade</i>	140
4.3.2 Variável Estilística.....	142
4.3.2.1 Contexto.....	142
4.3.3 Variáveis Linguísticas (Internas ou Estruturais)	144
4.3.3.1 Contexto Fonológico Precedente (Anterior).....	144
4.3.3.2 Contexto Fonológico Seguinte (Posterior)	146
4.3.3.3 Tonicidade	148
4.3.3.4 Classe de Palavra dos Vocábulo.....	149
4.3.3.5 Número de Sílabas dos Vocábulo.....	151
4.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	152

CAPÍTULO V: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS - O CASO DO FALAR PARAIBANO	154
5.0 INTRODUÇÃO.....	154
5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	154
5.1.1 Grupo 1M (JFO, ABS, ABS)	154
5.1.2 Grupo 2F (MLGS, JS, MLS)	155
5.1.3 Grupo 3F (EOCP, MLF, MSN)	158
5.1.4 Grupo 4M (JAO, JMS, JGS)	164
5.1.5 Grupo 5M (RMM, LMS, RPA)	167
5.1.6 Grupo 6F (TPN, RSF, VPC)	172
5.2 COMPARAÇÕES DOS RESULTADOS JÁ ALCANÇADOS ENTRE AS AMOSTRAS	177
5.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO.....	178

CAPÍTULO VI: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGÜÍSTICAS	179
6.0 INTRODUÇÃO.....	179
6.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS DA FICHA SOCIODEMOGRÁFICA DOS JUÍZES-OUVINTES	179
6.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS VARIANTES EXAMINADAS	182

6.2.1 Descrição e análise da variante [ʌ].....	182
6.2.2 Descrição e análise da variante [l]	186
6.2.3 Descrição e análise da variante [j]	191
6.2.4 Descrição e análise da variante [Ø].....	196
6.3 ANÁLISE GERAL DOS DADOS E PROPOSIÇÃO DA ESCALA GRADACIONAL DE ACEITAÇÃO (EGA).....	201
6.3.1 Discussão Geral dos Resultados	201
6.3.2 Proposição da Escala Gradacional de Aceitação.....	205
6.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS.....	212
ANEXOS	
APÊNDICES	

LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICO, FIGURAS, MAPA, ESPECTROS
ESTILÍSTICOS, MATRIZES FONOLÓGICAS, ABREVIATURAS E SIGLAS,
E SÍMBOLOS

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro comparativo acerca do uso das variantes mais frequentes de /l/ pós-vocálico por regiões do Brasil	43
Quadro 2: Configuração interna dos contextos na <i>The Decision Tree</i> (LABOV, 2001).....	70
Quadro 3: Perfil Sociocultural dos Informantes para Análise do Módulo Linguagem.....	91
Quadro 4: Comparação dos Estilos-contextos entre Labov (2001) e Freire (2011)	92
Quadro 5: Descrição de informantes para análise estilística	93
Quadro 6: Perfil Sociocultural dos Informantes Selecionados	96
Quadro 7: Quadro Comparativo entre os resultados dos Grupos A, B e C	126
Quadro 8: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 1M.....	157
Quadro 9: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 2F	162
Quadro 10: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 3F	164
Quadro 11: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 4M.....	168
Quadro 12: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 5M.....	172
Quadro 13: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 6F	177
Quadro 14: Resultados da Resultados da Escala Semântica da variante [ʎ]	182
Quadro 15: Resultados da Resultados da Escala Semântica da variante [l]	186
Quadro 16: Resultados da Resultados da Escala Semântica da variante [j]	191
Quadro 17: Resultados da Resultados da Escala Semântica da variante [Ø]	196
Quadro 18: Quadro comparativo entre os resultados das variantes de /ʎ/.....	203

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de [ʎ] e [w] por Estilos (Grupo A)	108
Tabela 2: Distribuição das variantes [ʎ] e [w] segundo o sexo (Grupo A).....	110
Tabela 3: Ocorrências de variantes de baixo prestígio segundo o estilo-contexto (Grupo A).....	112
Tabela 4: Distribuição de [ʎ] e [w] por Estilos (Grupo B)	115
Tabela 6: Ocorrências de variantes de baixo prestígio segundo o estilo-contexto (Grupo B)	116
Tabela 7: Distribuição de [ʎ] e [w] por Estilos (Grupo C)	121
Tabela 8: Distribuição das variantes [ʎ] e [w] segundo o Sexo (Grupo C)	122
Tabela 9: Ocorrências de variantes de baixo prestígio segundo o estilo-contexto (Grupo C)	125
Tabela 10: Distribuição geral de /ʎ/ no corpus pesquisado.....	127
Tabela 11: Distribuição geral de /l/ pós-vocálico no corpus pesquisado	127
Tabela 12: Efeito da variável nível de escolaridade do falante sobre o uso de /ʎ/	129
Tabela 13: Efeito da variável Faixa Etária sobre a variação da lateral palatal /ʎ/.....	130
Tabela 14: Efeito da variável Estilo sobre o uso de /ʎ/	131
Tabela 15: Efeito da variável Contexto sobre o uso de /ʎ/.....	132
Tabela 16: Efeito da Variável Contexto Fonológico Precedente sobre o uso de /ʎ/	135
Tabela 17: Efeito da Variável Contexto Fonológico Seguinte sobre o uso de /ʎ/.....	136
Tabela 18: Efeito da Variável Tonicidade sobre o uso de /ʎ/	137
Tabela 19: Efeito da Variável Classe de Palavra dos Vocábulos sobre o uso de /ʎ/	138
Tabela 20: Efeito da Variável Número de Sílabas dos Vocábulos sobre o uso de /ʎ/	139
Tabela 21: Efeito da Variável Nível de Escolaridade do falante sobre o uso de /l/	141
Tabela 22: Efeito da variável Contexto sobre o uso de /l/	142
Tabela 23: Efeito da Variável Contexto Fonológico Precedente sobre o uso de /l/	144
Tabela 24: Efeito da Variável Contexto Fonológico Seguinte sobre o uso de /l/.....	146
Tabela 25: Efeito da Variável Tonicidade sobre o uso de /l/	148
Tabela 26: Efeito da Variável Classe de Palavra dos Vocábulos sobre o uso de /l/	149
Tabela 27: Efeito da Variável Número de Sílabas dos Vocábulos sobre o uso de /l/	151
Tabela 28: Perfil Sociocultural dos juízes-ouvintes	180
Tabela 29: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [ʎ]	183

Tabela 30: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários de [ʎ].....	184
Tabela 31: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [ʎ].....	185
Tabela 32: Percepção quanto ao uso de [ʎ].....	185
Tabela 33: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [l]	188
Tabela 34: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários de [l]	189
Tabela 35: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [l]	189
Tabela 36: Percepção quanto ao uso de [l].....	190
Tabela 37: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [j]	192
Tabela 38: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários de [j]	193
Tabela 39: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [j]	194
Tabela 40: Percepção quanto ao uso de [j].....	195
Tabela 41: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [Ø]	198
Tabela 42: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários da variante [Ø]	199
Tabela 43: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [Ø].....	200
Tabela 44: Percepção quanto ao uso de [Ø].....	200

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Grau de Saliência Fônica entre as vogais	146
--	-----

LISTA DE MAPA

Mapa 1: Mapa do Estado da Paraíba com a localização da Cidade de Jacaraú - PB.....	77
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Círculo Permanente de Práticas Variacionistas.....	51
Figura 2: Escala Gradacional de Aceitação	53
Figura 3: <i>The Decision Tree</i> para análise estilística na fala espontânea em uma entrevista sociolinguística	71
Figura 4: Modelo de Escala de Diferença Semântica de Sete Pontos	86
Figura 5: <i>The Decision Tree</i> para o falar paraibano, relacionada ao fonema /k/ e suas variantes	133
Figura 6: <i>The Decision Tree</i> para o falar paraibano, relacionada ao fonema /l/, em coda silábica, e suas variantes	143
Figura 7: Escala Gradacional de Aceitação	205

LISTA DE ESPECTROS ESTILÍSTICOS

Espectro Estilístico 1: Descrição Estilística do Grupo A.....	107
Espectro Estilístico 2: Descrição Estilística do Grupo B	113
Espectro Estilístico 3: Descrição Estilística do Grupo C	119

LISTA DE MATRIZES FONOLÓGICAS

MATRIZ 1: Matriz fonética de traços do segmento /ʎ/.....	34
MATRIZ 2: Matriz fonética de traços do segmento /l/	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC = Acre

ALiB = Projeto Atlas Linguístico do Brasil

APERJ = Projeto do Atlas Etno-Linguístico dos Pesadores do Estado do Rio de Janeiro

BA = Bahia

CE = Ceará

CD = *Compact Disc*

Cf. = Confira

d.C. = Depois de Cristo

EGA = Escala Gradacional de Aceitação

FO = Frequência Fundamental

HZ = Frequência de ondas e vibrações

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Km² = Quilômetro quadrado

MG = Minas Geras

MT = Mato Grosso

NO = Nenhuma ocorrência

NURC = Projeto Norma Urbana Culta

OCP = *Obligatory Contour Principle*

P. = Página

PB = Português do Brasil

PB = Paraíba

PE = Pernambuco

PR = Paraná

Proling = Programa de Pós-Graduação em Linguística

RJ = Estado do Rio de Janeiro

RN = Estado do Rio Grande do Norte

TO = Tocantins

TP = Teste de Percepção

UEPB = Universidade Estadual da Paraíba

UFRS = Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC = Universidade Federal de Santa Catarina

UFP = Universidade Federal do Paraná

UFU = Universidade Federal de Uberlândia

VALPB = Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba

VARISUL = Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil

WAV = *Waveform áudio Format*

WLH = Weinreich, Labov & Herzog

LISTA DE SÍMBOLOS

> = originou de

// = Representação fonológica

[] = Representação fonética

~ = variação, mesmo valor referencial

+ = Presença de Traço Fonológico

- = Ausência de Traço Fonológico

→ = Realiza-se como

l^w = Labialização

ɭ = Palatalização

ɮ = Dentalização

Ø = Apagamento fonético

λ = Segmento lateral palatal

ɭ = Segmento lateral velarizado

j, w = glides, semivogais

% = Frequência, porcentagem

[ɹ] = Tepe

[h] = Aspirada

[ɻ] = Retroflexa

INTRODUÇÃO

As línguas não só variam e mudam, mas também são avaliadas e percebidas socialmente de modo diferente. Desse modo, neste trabalho, a tese é a de que existe não apenas um processo de variação social envolvendo as líquidas laterais /ʎ/ e /l/ do português do Brasil (doravante, PB), mas há o fenômeno de variação estilística e, que esses processos variacionistas são percebidos e avaliados diferentemente e, assim, geram atitudes linguísticas diversificadas na comunidade de fala pesquisada.

O presente trabalho ancora-se nos postulados da Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972], 2001, 2010) e nos trabalhos de análise de atitude (FRAGA, 2008, 2009; HORA, 2011; TAVARES & SANTOS, 2012), estilo (LABOV, 2001), percepção e avaliação linguísticas (CAMPBELL-KIBLER, 2006). Essas abordagens estabelecem que as regras variáveis estão sujeitas à avaliação linguística e social, simultaneamente.

Esta pesquisa teve sua origem na época do curso do Mestrado, quando se abordou apenas a variação da lateral palatal /ʎ/ em dados de fala espontânea de informantes da comunidade de Jacaraú – PB. Na dissertação, procurou-se identificar quais os fatores internos e externos condicionaram o uso do segmento em análise. Porém, já se percebia que se poderiam anexar outras dimensões para se estudar o fenômeno em questão, como, por exemplo, incorporar à análise variacionista questões relacionadas ao estilo, à atitude e à percepção linguísticas referentes aos segmentos laterais do português /ʎ/ e /l/.

Assim, o trabalho proposto tem como tema o comportamento variacionista dos segmentos /ʎ/ e /l/ e aspectos relacionados ao estilo, atitude e percepção linguísticas.

Pesquisas sociolinguísticas sobre o /ʎ/ e /l/ sugerem que esses segmentos estão sujeitos a processos de regras variáveis. Com relação à lateral palatal /ʎ/, por exemplo, diversos estudos têm revelado que esse segmento apresenta a realização de variantes concorrendo entre si, respectivamente, [ʎ], [l], [j], [lj] e [Ø] (ARAGÃO, 1994, 1997, 1999, 2008; CASTRO, 2006, OLIVEIRA & MOTA, 2007; BRANDÃO, 2007; CHAVES & MELO, 2009). Constituem exemplos do fenômeno que será aqui analisado ocorrências como: fa/ʎ/a ~ fa[ʎ]a, mu/ʎ/er ~ mu[l]é, ve/ʎ/ice ~ ve[Ø]ice, apare[ʎ]o ~ apare[j]o, dentre outras.

Já, no que diz respeito à variável /l/, no PB, essa variável é realizada como [l] alveolar, [ɫ] velar, [w] vocalizada, [Ø] apagada, [h] aspirada, [lʷ] labializada, dentre outras (QUEDNAU, 1993; TEIXEIRA, 1995; DAL MAGNO, 1998; MOURA, 1999; TASCA, 1999; ESPIGA, 2001; QUANDT, 2004; HORA, 2006; SÁ, 2006, 2007). São exemplos ilustrativos dessas

variantes as realizações como: ma/l/ ~ ma[l], vo/l/tou ~ vo[r]tou, ma/l/dade ~ ma[w]dade, su/l/ ~ su [Ø].

Por sua vez, a dimensão estilística permite a verificação de usos sociais da língua. Desse modo, reconhece-se que a variação estilística constitui a chave de acesso aos processos que formam a natureza do significado social dos usos linguísticos.

Em relação aos aspectos de atitude, avaliação e percepção, entende-se que a língua se torna, nas relações interpessoais, veículo de informação acerca de seus usuários/falantes, e, ao mesmo tempo, provoca o surgimento de comportamentos e atitudes variados. Neste sentido, percebe-se que a avaliação de usos linguísticos pode evidenciar traços que compõem a realidade sociolinguística da comunidade de fala examinada. E indica a capacidade que o falante/ouvinte tem de expressá-las, reproduzi-las e avaliá-las em determinados contextos.

Em resumo, a partir do que se afirmou anteriormente, propõe-se, como objetivo geral deste trabalho, descrever e analisar a variação social e estilística dos segmentos laterais /ʎ/ e /l/ do PB e, ao mesmo tempo, dos aspectos de estilo, atitude, avaliação e percepção linguísticas vinculadas a eles.

Os objetivos específicos da presente investigação são descritos a seguir:

- a) Traçar o perfil sociolinguístico dos falantes no que diz respeito ao uso das variáveis /ʎ/ e /l/ e da manifestação de atitudes, avaliação e percepções a elas vinculadas;
- b) Descrever a influência das variáveis sociais, estruturais e estilísticas sobre as variáveis /ʎ/ e /l/ na variedade paraibana;
- c) Estabelecer comparações, em nível regional, nacional ou internacional, com estudos já realizados, salientando as divergências dialetais e as semelhanças com o fenômeno de atitudes linguísticas na comunidade investigada;
- d) Identificar que estereótipos, marcadores e/ou indicadores, nos termos labovianos, estão vinculados às variáveis analisadas, de modo a compreender os aspectos da variação do fenômeno em questão;
- e) Determinar, por meio das análises quantitativa e qualitativa, aspectos das dimensões avaliativa, atitudinal e perceptiva dos fenômenos em estudo.

Para a consecução dos objetivos acima, a presente investigação procura responder as seguintes questões norteadoras:

1. Que traços avaliativos compõem a variação, atitude e percepção linguísticas dos falantes investigados em relação ao objeto de estudo?
2. Como os falantes pesquisados avaliam sua própria fala e a de outros informantes?

3. Como as variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade), estilísticas e linguísticas interferem no comportamento dialetal dos paraibanos?
4. Ao se comparar os resultados obtidos com outros estudos já realizados, o que se torna específico do dialeto paraibano?

Assim, foi constituído um *corpus* de fala espontânea de 36 (trinta e seis) informantes, estratificado segundo sexo, faixa etária e nível de escolaridade e todos oriundos da variedade linguística falada em Jacaraú-PB, comunidade de fala que está localizada na mesorregião da Mata Paraibana, litoral norte do Estado da Paraíba.

As hipóteses específicas que norteiam o desenvolvimento do trabalho encontram-se arroladas a seguir:

(a) Quanto à análise sociolinguística:

- As variantes [ʎ] e [w] tendem a ser mais frequentes na fala dos informantes do sexo feminino, de falantes de maior nível de escolaridade e adultos e, a depender dos fatores de natureza linguística; as variantes [l], [j] e [Ø] da variável /ʎ/ e as variantes [Ø], [j] e [r] da variável /l/ são processos mais frequentes na fala de informantes do sexo masculino, ou de nível de escolaridade mais baixo e de jovens.
- A variante [ʎ] ocorre em falantes mais idosos, independentemente do sexo e do nível de escolaridade.
- As variantes [ʎ] e [w] são mais produtivas do que as suas formas variantes co-ocorrentes, sobretudo, porque figuram no quadro do sistema fonológico padrão do PB.

(b) Quanto à análise estilística:

- Seguindo a perspectiva formulada por Labov (2001), e, sobre o escopo da entrevista sociolinguística, as variantes [j], [l], [Ø] e [ʎ] são mais produtivas nos contextos de fala casual, enquanto que as variantes [ʎ] e [w] ocorrem mais produtivamente na fala monitorada.

(c) Quanto à análise de avaliação, atitude e percepção linguísticas:

- Tanto falantes quanto ouvintes distinguem diferenças dialetais/sociolinguísticas.
- As variantes de maior prestígio social - [ʎ] e [w] - serão avaliadas e reconhecidas como próprias de falantes educados, escolarizados e para uso em contexto formal; enquanto que as formas linguísticas de menor prestígio serão associadas a informantes não educados e não escolarizados e para uso em contexto casual.

- Cada variante analisada está associada diretamente a uma determinada faixa etária, a traços/características do falante, como por exemplo: familiar, professor, trabalhador braçal, etc. e a um determinado lugar de origem.
- As variantes linguísticas de maior prestígio social estão vinculadas à fala feminina, e as variantes de menor prestígio, à fala masculina.

A tese é constituída de 6 (seis) capítulos. O referencial teórico está descrito em dois capítulos. No primeiro, abordam-se questões relacionadas ao objeto de estudo: as líquidas laterais e são apresentados os aspectos teóricos relativos à variação e às variantes das líquidas laterais /ʎ/ e /l/. No segundo capítulo, descrevem-se questões relacionadas à Teoria da Variação Linguística, como um aporte de estudos da língua falada, assim, discutem-se alguns conceitos e categorias de análises, tais como, avaliações sociolinguísticas, atitude, percepção linguística e variação estilística.

No terceiro capítulo, detalha-se a metodologia, apresentando os diversos aspectos envolvidos na realização do trabalho.

No quarto capítulo, descreve-se e analisa-se como as variáveis estudadas se comportam no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*) e não vernacular (*Careful Speech*). E, também, são apresentados os resultados estatísticos a partir da análise quantitativa fornecida pelo Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

Já no quinto capítulo, faz-se uso das descrições dos dados oriundos da aplicação do estudo de atitude direta. Assim, objetiva-se a realização de análise qualitativa, procurando verificar como o modelo de componente triplo (cognitivo, afetivo e comportamental) da estrutura das atitudes linguísticas é evidenciado nos dados colhidos.

No sexto capítulo, descreve-se a análise qualitativa dos dados a partir da aplicação de um instrumento de análise avaliativa, atitudinal e perceptual com o uso de uma escala de diferenças semânticas.

Na última parte desta tese, encontram-se as considerações finais do trabalho, quando serão retomados os resultados apresentados e discutidos. Além disso, serão sinalizados trabalhos futuros que poderão ser uma consequência deste estudo.

Em seguida, são apresentadas as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I: OBJETO DE ESTUDO: AS LÍQUIDAS LATERAIS

1.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, o objetivo é descrever alguns aspectos teóricos relacionados às líquidas laterais, indo de uma revisão relacionada a aspectos históricos às análises já realizadas sob a perspectiva variacionista.

Para tanto, este capítulo está estruturado em quatro seções: na 1ª seção, são apresentadas as informações relativas aos aspectos históricos e estruturais das líquidas laterais /l/ e /ʎ/; na segunda seção, tem-se a noção de fonema; na seção 3, são descritos os trabalhos já realizados sobre esses segmentos sob a abordagem variacionista. Na seção 4, são apresentadas as conclusões deste capítulo.

1.1 VISÃO HISTÓRICA E ESTRUTURALISTA DAS LÍQUIDAS LATERAIS /l/ e /ʎ/

1.1.1 Aspectos históricos e atuais das líquidas laterais /l/ e /ʎ/

O segmento /l/, no período clássico, apresentava dois valores: em final de sílaba ou de palavra, realizava-se como [ɫ], e, já em início de sílaba ou de palavra era realizado de forma palatalizada (FARIAS, 1957). Também, nessa posição, era considerado um segmento geminado.

No consonantismo clássico do Latim, o /l/ está inserido na classe das líquidas. E as líquidas já recebiam o nome de soantes desde o Latim Vulgar. Esse segmento realizava-se como [w] nas línguas românicas: *alteru* > *autru* > outro, constatação verificada a partir da sua pronúncia velar (WILLIAMS, 1973).

Os estudos históricos atestam que o som /l/ sofria síncope: no meio de palavras *filu* > *filo* > fio, ou no final de sílaba: *insumul* > *insumu*, como, também, constata a existência do “l” simples e o “ll” geminado no Latim Clássico (MATTOS e SILVA, 2013 [2006]).

Verifica-se que, no falar lusitano, o /l/ pós-vocálico se ressilabifica, passando a ataque de uma nova sílaba, a exemplo de *mal* > *male*; *Manuel* > *Manuéli* ou mantém-se na coda, mas com pronúncia alveolar velarizada, que também é atestada no PB, principalmente entre falantes mais antigos e do Sul do Brasil, como em *ma[ɫ]*.

Diversos gramáticos assumem que a sequência “l” + vogais /e, i/ favoreceu a criação de /ʎ/ (CARVALHO & NASCIMENTO, 1971; WILLIAMS, 1973).

O fonema /l/ está inserido no quadro moderno do Português como lateral alveolar. E, como também ocorre com os demais segmentos do PB, ao ocupar a posição de coda silábica, está sujeito a processos variáveis, como apagamento, vocalização e velarização, etc.

Já o segmento /ɫ/ é fruto de um processo de palatalização ocorrido no Latim, resultante de mudanças fonéticas: -ly, -lly, gl, pl > /ɫ/; cl, pl, gl > /ɫ/: *oculo* > *oclo* > olho; l (e, i) + vogal > /ɫ/: *palea* > palha; *folia* > folha; bl, gl, tl precedidos de vogal > /ɫ/: *tribulu* > *triblu* > trilho (CARVALHO & NASCIMENTO, 1971).

A pronúncia de /ɫ/ já era verificada no Latim Bárbaro (Séc. IX). E, desde o Latim Imperial, o /ɫ/ figura entre as consoantes laterais do Galego-Português (WILLIAMS, 1973; TEYSSIER, 2007[1980]).

O segmento /ɫ/ está inserido no Português moderno como lateral palatal (CAGLIARI, 1974). Contudo, essa visão não é consensual. Para Pontes (1972), Camara Jr. (2007[1953]) e Silva (2005), o que há, na verdade, é um segmento alveolar (ou dental) palatalizado: [ɫ] ~ [lj]. E, assim, como ocorre com o /l/ pós-vocálico, o segmento /ɫ/ está sujeito a processos variáveis.

1.1.2 Visão estruturalista acerca dos fonemas /ɫ/ e /l/ no Português

Camara Jr. (2005 [1970]), com relação à produção articulatória dos segmentos laterais palatais /ɫ/ e /l/, afirma: “a sua ponta toca os dentes superiores, ficando os seus lados caídos, ou, com o mesmo movimento dos lábios, o médio-dorso central da língua se estende no médio-palato, respectivamente, para as laterais /l/ e /ɫ/” (CAMARA Jr, 2005 [1970], p. 49). Assim, o critério para oposição distintiva entre os segmentos /l/ e /ɫ/ está fundamentalmente na posição em que tais fonemas ocupam ao serem produzidos articulatoriamente.

No que diz respeito à posição que esses segmentos ocupam na estrutura silábica do português, percebe-se, a partir das informações de Camara Jr., que entre os segmentos /ɫ/ e /l/ pode ocorrer neutralização, em proveito do segundo membro desse par. E que o segmento /l/ figura no quadro das consoantes portuguesas que ocupam também a posição pós-vocálica. Especificamente, com relação ao segmento /l/ e aos outros [/s/, /N/ e /r/] em posição de coda silábica, em português, Camara Jr. (2005 [1970], p. 48) afirma: “apresentam uma articulação um tanto enfraquecida pelo ambiente vocálico em cujo meio se acham.”

Camara Jr. também descreve o processo de vocalização do fonema /l/ afirmando:

/l/ pós-vocálico é posterior por alofone posicional. Isto quer dizer que, além do movimento da ponta da língua junto aos dentes, há um levantamento do dorso posterior da língua para junto do véu palatino, dando o que provavelmente os

gramáticos latinos chamavam o l pinguis ou ‘gordo’. Daí decorre uma mutação, que em linguística diacrônica se chama ‘vocalização’ da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, e elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar, e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. O resultado é um /u/ assilábico, e mal torna-se homônimo de mau, vil de viu e assim por diante (2005 [1972], p. 51).

Camara Jr. (1985[1979]), ao abordar questões relacionadas aos segmentos /λ/ e /l/, descreve o processo de palatalização ou “molhamento” do segmento /l/. Ele afirma:

Deu-se exclusivamente em posição intervocálica; por isso, os exemplos de /λ/ no português moderno em posição inicial são alguns esparsos empréstimos, como o do espanhol lhama, um animal andino [...]. A molhada /λ/ é o reflexo - 1) ou de um grupo de constritiva labial ou oclusiva surda seguida de /l/, em posição intervocálica (*speculum* > *speclum* > espelho, *scopulum* > *scoplum* > escolho; 2) ou de /l/ seguido de secundário /i/ assilábico (*palea* > /*palia*/ > palha (1985[1979], p. 50-54).

É interessante destacar que Camara Jr., ao especificar o processo de palatalização no português, ressalta que “a palatização foi sempre uma mudança condicionada por ambientes fonológicos particulares, e o mesmo se deve dizer do processo de lenização” (1985[1979], p. 50).

Neste sentido, constata-se que os segmentos líquidos laterais palatais - /λ/ e /l/ - são fonemas constitutivos do quadro consonântico atual do português, sendo o 1º membro desse par resultado da evolução fonético-fonológica que ocorreu no sistema consonantal do Português ao evoluir do latim vulgar.

A concepção de fonema ganhou novo entendimento na Linguística ao ser introduzida uma nova forma de enxergá-lo oriunda dos estudos linguísticos de base gerativista. Na seção seguinte apresenta-se de forma geral essa concepção em relação às líquidas laterais do PB.

1.2 VISÃO GERATIVISTA: UMA NOVA FORMA DE ENXERGAR O FONEMA

Os estudos gerativistas são orientados pela concepção de língua como faculdade mental (CHOMSKY, 1965), tendo em Chomsky o seu maior expoente; e seu foco de abordagem estava centrado na dimensão sintática da língua. Mas, foram nas descrições e análises do componente fonológico que essa concepção foi mais difundida.

Os gerativistas saem de um modelo fonêmico de se abordar os aspectos fonológicos - o qual era predominante na visão estruturalista, ou seja, ao assumir que o fonema constitui a unidade sonora indivisível da língua e, eles introduzem uma nova forma de se compreender o componente fonológico: os traços distintivos. Essa concepção foi organizadamente apresentada e formalizada em Chomsky & Halle (1968), sobretudo, ao sistematizarem a noção de traços

distintivos que se vinha alinhando nos estudos linguísticos desde as propostas de Trubetzkoy (1969[1939]), Jakobson, Fant & Halle (1952) e/ou com a de Jakobson & Halle (1956).

Assim, com relação às líquidas laterais do PB, e, partindo da ideia de que, para Chomsky & Halle, os segmentos são concebidos como matrizes de traços, exemplificam-se, com as matrizes 1 e 2, esses dois segmentos do português:

Matriz 1: *Matriz fonética de traços do segmento /ʎ/*

$$\begin{bmatrix} + \textit{lateral} \\ - \textit{anterior} \end{bmatrix}$$

Matriz 2: *Matriz fonética de traços do segmento /l/*

$$\begin{bmatrix} + \textit{lateral} \\ + \textit{anterior} \end{bmatrix}$$

(Fonte: Própria do autor).

Assim, a diferença central entre os segmentos /ʎ/ e /l/, nesse modelo, reside nos traços [-anterior] para /ʎ/ e [+anterior] para /l/. Essa diferença, posteriormente, poderá fornecer informações acerca da natureza fonológica desses segmentos e aspectos gerais ao se realizarem em processos variáveis. Deste modo, a oposição, no modelo Gerativista, ocorre por meio de traços distintivos que se agrupavam em classes naturais e não pela oposição de pares mínimos de fonemas como preconizava o Estruturalismo de vertente saussuriana.

Assim, para a fonologia de base estruturalista, que considerava o fonema como unidade mínima e que permite a segmentação do contínuo da fala, o conceito de fonema está relacionado à noção de oposição manifestada pelas oposições de pares mínimos, como por exemplo, em ma/ʎ/a e ma/la/, que, se substituídos, alteram significados conforme o contexto.

Ainda, pode-se perceber que a noção de traços distintivos, agora formalizada em matrizes de traços e de acordo com a abordagem de Chomsky & Halle (1968), vai além daquela concepção de fonema¹ oriunda do Estruturalismo, sobretudo, porque é possível indicar, com certa precisão, a motivação fonológica para que determinadas regras se apliquem nas línguas. Além de permitir generalizações e maior compreensão da manipulação de regras fonológicas.

¹ Os estudos fonológicos estão em constante reformulação, por isso não é possível em uma seção captar toda a dinamicidade que há nessa área com relação ao termo fonema, sobretudo, se pensar que além da noção de fonema e de traços distintivos ainda há outros conceitos associados, tais como os de nuvem de exemplares (SILVA, 2002) ou de Sistemas Adaptativos Complexos (OLIVEIRA *et al.*, 2015) no interior dos estudos linguísticos.

Mesmo com essas propostas, o componente social fora excluído dos mecanismos de explicação dos usos linguísticos pelo modelo gerativista, aspecto que só passou a ser incorporado com a realização dos estudos variacionistas.

1.3 ESTUDOS VARIACIONISTAS

1.3.1 Estudos variacionistas do segmento /λ/

Silva (1997) realizou pesquisa com falantes do município de Iguatu (CE), visando interpretar os processos fonológicos pertinentes à substituição da soante palatal /λ/, estabelecendo sua representação autossegmental e, ao mesmo tempo, adotando alguns dos princípios da Sociolinguística Quantitativa. Nessa pesquisa, a amostra de informantes foi constituída de 30 (trinta) informantes residentes no município acima mencionado, sendo metade da zona rural e metade da zona urbana e, para a coleta de dados, foi realizada uma seção de entrevistas, uma situação de produção oral estimulada por figuras e uma situação de leitura de uma listagem de palavras. Os dados das ocorrências dessa pesquisa indicam a predominância do segmento /λ/, com 84,7% de ocorrências, seguido, respectivamente, pelas variantes [j, l, Ø], com 7,4%; 5,4% e 2,5%. Constata-se a predominância da manutenção do segmento /λ/ no dialeto investigado. Entende-se que esse possível favorecimento possa estar ocorrendo devido ao fato de esse segmento ser considerado a variante padrão.

Brandão (2007) realizou o estudo da variação do /λ/ na variedade popular de 13 (treze) comunidades do Estado do Rio de Janeiro sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. Nessa pesquisa, os 78 (setenta e oito) informantes são todos masculinos, residentes em áreas rurais ou semiurbanizadas, analfabetos ou com, no máximo, 4 (quatro) anos de escolaridade e distribuídos por três faixas etárias. A referida amostra obteve os seguintes dados: para a variante [λ], 2514 ocorrências: 72%; para a variante [l], 181 dados, ou 5%; para a forma vocalizada, 174 realizações que correspondem a 5% e para [Ø], 21 ocorrências, 1%.

De acordo com Brandão, as variáveis condicionantes das variantes são: do segmento /λ/, o contexto subsequente e a presença da nasal palatal no vocábulo; do [j], o contexto antecedente, a localidade, a faixa etária e a tonicidade da sílaba. Ressalta a autora que foram essas as variáveis selecionadas pelo Goldvarb X.

Segundo Brandão, de acordo com a distribuição dos dados das variantes do /λ/ no dialeto fluminense do Norte e Noroeste do Rio de Janeiro, chega-se a dois padrões básicos de variação idioletal: o primeiro, não marcado socialmente, e o segundo, marcado socialmente,

representados respectivamente pelas variantes [λ] e [l] quando seguidas de [i] e/ou [lj], e no segundo grupo, [j] e a [l] diante de vogais diferentes de [i].

Chaves & Melo (2009) realizaram estudo sobre a variação do /λ/ em quatro bairros de Rio Branco (AC). Os dados foram obtidos por meio de aplicação de questionário fonético-lexical e de entrevistas de base sociolinguística. O *corpus* foi formado por 72 (setenta e dois) informantes distribuídos igualmente por sexo, faixa etária e escolaridade, e, após codificação, foram realizadas rodadas no Varbrul (2000) para produzir os índices estatísticos e probabilísticos de variação. No estudo em questão foram analisados apenas os fatores linguísticos envolvidos na variação do /λ/.

De acordo com as referidas autoras, as variáveis contexto antecedente (fator vogais /ó, ô/) e contexto subsequente (fator vogais /ã, a/), com pesos relativos, respectivamente, (0.60) e (0.81) foram selecionadas como influenciadoras da regra por elas analisada; além dessas variáveis, a tonicidade da sílaba também foi controlada, e o fator sílaba tônica, com peso relativo de (0.60), mostrou-se relevante para permanência do segmento lateral palatal no dialeto rio-branquense. Ainda, segundo as autoras, a despalatização do /λ/ ocorre com mais frequência entre falantes não escolarizados e oriundos de regiões não urbanas. Os dados da pesquisa indicam a predominância do uso da variante [λ]: com 1750 realizações, ou 78,7%; seguida, respectivamente, por [j, l, Ø, lj, λj]: 1%; 3,9%; 0%; 11,4% e 5%.

Freire (2011) realizou estudo comparativo entre outros resultados de Freire (2011), obtidos no Estado da Paraíba, e os resultados de Brandão (2007), alcançados em 13 comunidades do Estado do Rio de Janeiro, sobre o mesmo processo linguístico: a variação do segmento lateral palatal /λ/, ressaltando as convergências e divergências entre os estudos acerca da variação desse fonema. Com os achados dos dois estudos, em número de ocorrências, a primeira constatação que se estabelece é a do predomínio de uso da lateral palatal /λ/ intervocálica nos dois trabalhos em análise. Essa afirmação é corroborada pelos índices exibidos em cada estudo, respectivamente, (66,7%) e (72%). Em relação à sequência de realização das variantes do segmento /λ/, nos dois trabalhos, dá-se, assim: em Freire (2011), uso da variante [λ], da variante [j], da variante [Ø] e finalmente da variante [l]. Já em Brandão (2007), ocorre o uso da variante [λ], seguido das variantes [l, j] e da variante [Ø].

Entende-se que o falar do Estado do Rio de Janeiro, devido à posição social, econômica e política que ocupa no cenário nacional, é de maior destaque do que a posição atualmente ocupada pelo Estado da Paraíba. Nos dois trabalhos, pôde-se observar que o uso da variante [j] é bem mais elevado nos falantes da terceira faixa etária. Entende-se que esse favorecimento possa estar ocorrendo devido ao fato de que, geralmente, os informantes mais idosos tendem a

ser menos preocupados com o uso padrão da língua e podem não mais estar sofrendo pressões das exigências do mercado de trabalho e podem estar no final de uma carreira profissional.

O primeiro confronto, entre os dois estudos, em relação aos fatores estruturais, e com valor de aplicação da variante [j], revelou resultados diferentes quanto aos fatores selecionados pelo Goldvarb X como favorecedores para aplicação da regra variável em análise. Em Freire, os fatores apontados como os que possibilitam a realização do [j], da variável contexto fonológico seguinte, é o fator vogal dorsal com (0.61) de aplicação de peso relativo; e da variável número de sílabas do vocábulo, são os fatores trissílabos e polissílabos com (0.59) e (0.57), respectivamente, de valores probabilísticos para realização do [j]. Já em Brandão, a variante semivocalizada, [j], é favorecida, no contexto fonológico antecedente, pelo fator vogal [+ aberta] com (0.61) de aplicação; e na variável tonicidade da sílaba, foi o fator postônica, com (0.55) que está sendo condicionadora do fenômeno em discussão.

A partir do confronto dos resultados encontrados nos estudos em análise, percebe-se que as vogais coronais [e, i, ε] são as mais favorecedoras para aplicação do uso da variante [l]. Esses achados vêm justamente confirmar a estreita relação fonológica existente entre o segmento /l/ e os traços distintivos das vogais que mais probabilisticamente ocupam a posição seguinte a esse segmento. Com relação à variante [Ø], apresentou baixo índice de ocorrência em Brandão (2007). Segundo a autora, há, no *corpus* por ela examinado, apenas 21 (vinte e um) casos de cancelamento do segmento /λ/, o que corresponde a 1% do total de ocorrências, de que são exemplos: mi[Ø]orava e mi[Ø]o. Já em Freire (2011), há 115 (cento e quinze) casos de apagamento do /λ/, correspondente a 8,2% do total de número de ocorrências no *corpus* paraibano.

Freire (2012) também realizou estudo comparativo do comportamento do fonema lateral palatal /λ/ em duas comunidades de fala que são vizinhas limítrofes: Nova Cruz, que está localizada na região agreste do Estado do Rio Grande do Norte, e Jacaraú, que está situada na mata paraibana.

Desse modo, após a submissão dos dados ao programa estatístico Goldvarb X, encontraram-se 204 (duzentas e quatro) ocorrências das variantes do fonema /λ/ no dialeto paraibano e 165 (cento e sessenta e cinco) ocorrências no dialeto norte-rio-grandense, assim distribuídas: na variedade paraibana: 161 ocorrências da variante [λ], 78.9%; 9 ocorrências da variante [l], 4.4%; 32 ocorrências da variante [j], 15.7%, e 4 ocorrências da variante [Ø] que corresponde a 1% do total; e na variedade norte-rio-grandense: 152 ocorrências da variante [λ], 92.1%; 8 ocorrências da variante [j], 4.8%; 5 ocorrências da variante [l] que corresponde a 3.0% do total.

Já, com relação às variáveis selecionadas como influenciadoras de aplicação da regra variável em análise, os resultados dos fatores foram diferenciados para as duas comunidades examinadas: no dialeto paraibano, das três variáveis consideradas relevantes para a análise, duas foram escolhidas pelo Goldvarb X (sexo e nível de escolaridade), mas faixa etária não foi: parece que o uso do segmento /λ/ entre os diferentes grupos de idade não é um fator relevante em relação ao uso desse segmento para os falantes analisados; o que contrariamente ocorreu nos dados da variedade norte-rio-grandense: o fator idade (26-49 anos) foi a única variável social selecionada e apontando que o uso do fonema /λ/ não exhibe distinção entre informantes do sexo masculino ou feminino e entre analfabetos e escolarizados.

E, já em relação às variáveis linguísticas, os achados também tomam direções distintas nas duas comunidades de fala: para a variedade paraibana foi selecionada a variável contexto fonológico seguinte (vogal labial) e para o falar norte-rio-grandense, a variável contexto fonológico precedente (vogal coronal).

1.3.2 Estudos variacionistas do segmento lateral alveolar /l/ pós-vocálico

Sêcco (1977) realizou estudo acerca do /l/ implosivo na variedade linguística falada em Ponta Grossa – PR. De acordo com o autor, esse segmento fonológico apresentou as seguintes variantes linguísticas: a forma velarizada [ɫ] (sa[ɫ]), zero fonético (su[Ø]) e a variante vocalizada [w] depois de /u/ ou antes de /k, b/.

Quednau (1993) estudou o /l/ na fala de informantes de quatro regiões do Rio Grande do Sul e constatou que a variante vocalizada [w] é a mais frequente entre os metropolitanos do que a forma velarizada [ɫ]. De acordo com a autora, a vocalização do /l/ é praticamente categórica na capital gaúcha (com peso relativo de 0.95) e no interior e fronteiras é pouco recorrente. Esses resultados, segundo Quednau, pode explicar a relação capital x interior no que diz respeito ao comportamento dessa variável analisada. Também, para a autora, as variáveis sexo e faixa etária não foram relevantes para o condicionamento da regra em análise.

Teixeira (1993) realizou um estudo de caráter bibliográfico sobre alguns aspectos da fonologia portuguesa e, destacando processos de variação e mudança linguística, abordou alguns aspectos teóricos envolvidos na variação das laterais /λ/ e /l/. Segundo a autora, as consoantes correspondentes a esses fonemas foram assim denominadas de líquidas pelos gramáticos da Antiguidade que comparavam o seu som ao fluir das águas. Ainda, de acordo com Teixeira, o surgimento do fonema lateral palatal /λ/ no português está vinculado a um processo de assimilação.

Para a pesquisadora, Nascentes (1955) já atesta a existência da variante semivocalizada [w] no lugar de /l/ nas classes baixas, enquanto a classe culta usava preferencialmente a forma alveolar [l]; e que a vocalização de /l/ difundiu-se pelas classes sociais altas, tornou-se norma padrão² e perdeu seus *status* de marcador social. Percebe-se que a autora, discutindo questões relacionadas ao julgamento social que determinada variedade linguística recebe, conclui que, assim como os comportamentos humanos são julgados como adequados, ou não, pela sociedade, também ocorre a mesma coisa com o uso linguístico.

Teixeira (1995), também, estudou o falar baiano, no que diz respeito à variável lateral alveolar /l/, em uma comunidade rural de Saco Fundo, no município de Monte Santo/BA. De acordo com a autora, as variantes linguísticas encontradas para essa variável foram: a líquida velarizada [ɫ], a líquida lateral alveolar [l] seguida das semivogais [j] e [w] e o zero fonético [Ø].

Dal Magno (1998) analisou o comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país, com os dados do VARSUL (Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil)³, oriundos da transcrição da fala de 96 informantes, estratificados por grupo étnico, idade, escolaridade e sexo. As variantes encontradas foram: semivocalizada [w], nas capitais, e velarizada [ɫ] e semivocalizada [w] nas demais regiões. Segundo a autora, quanto maior é a escolaridade do informante, mais frequente é vocalização de /l/ e que os informantes mais idosos demonstraram ser mais conservadores: usam mais a velarizada [ɫ], 70%, em posição contrária estão os informantes mais jovens, com 20%. Ainda, segundo a autora, o Estado do Paraná realiza mais a variante vocalizada que o Estado de Santa Catarina e que as variáveis linguísticas importantes foram: sílaba tônica para a variante [w], palavras com duas sílabas e contexto fonológico precedente para /l/ com as vogais [u], [E] e [o].

Quandt (2004) analisou ocorrências da lateral anterior /l/ em posição pós-vocálica, em 78 inquéritos do Projeto APERJ (Projeto do Atlas Etno-linguístico dos Pescadores do Estado

2 A noção de norma padrão não é tão consensual no interior dos estudos linguísticos, sendo algumas vezes associada, por exemplo, à norma culta. Ou convivendo com outras terminologias: norma popular brasileira (LUCCHESI, 2002), ou variedade padrão escrita (AZEREDO, 2011), dentre outras. Assim, reconhece-se que há diversas imbricações epistemológicas e teóricas envolvendo essas definições. Para efeito deste trabalho, assume-se que a norma padrão diz respeito ao falar resultante de processos sociohistóricos, de uso idealizado socialmente e que, geralmente, constitui formas normalizadas por instrumentos linguísticos (gramáticas e dicionários, por exemplo); já a norma culta refere-se ao uso efetivo da língua por falantes urbanos escolarizados, sem necessariamente buscar valoração normativa e/ou prescritiva sobre esse uso. Para aprofundamento destas questões remete-se a Faraco (2008).

³ O VARSUL destina-se a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas da região sul do país. Nele, estão em parcerias quatro universidades: UFRS, PUC-RS, UFSC e UFP. Conta com 3 (três) bancos de dados: Banco de Dados do VARSUL, Amostra Digital VARSUL e Banco de Dados Diacrônico. Atualmente é coordenado pela Prof. Dra. Gisela Collischonn.

do Rio de Janeiro)⁴, da fala do norte-noroeste fluminense. E encontrou durante a audição as seguintes variantes: vocalização [w], velarização [ɮ], lateral alveolar [l], tepe [ɿ], aspirada [h], aproximante retroflexa [ɻ] e cancelamento [Ø].

Hora (2006) estudou a vocalização da lateral /l/ no falar pessoense, a partir do *corpus* do VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba)⁵. Segundo o autor, 3703 ocorrências foram obtidas, cuja realização se distribui nas seguintes variantes: 3.109 para a variante semivocalizada [w], 583 para o zero fonético [Ø], 8 para a aspirada [h] e 2 para a forma velarizada [ɮ]. Assim, segundo Hora (2006, p. 42), “os dados obtidos na cidade de João Pessoa evidenciam, claramente, a preferência pela forma vocalizada – [w] – da lateral, em detrimento das demais.”

Segundo o autor, as variáveis condicionadoras desse processo sociolinguístico são respectivamente: sexo (fator: feminino, com 0.53 de peso relativo), faixa etária (fatores: de 26 a 49 anos, com 0.58, e informantes de 15 a 25 anos, com índice de 0.55 de favorecimento), escolarização (+ de 11 anos, com 0.63), contexto fonológico precedente (fatores: vogal [e], com 0.60, e vogal [a], com 0.66), extensão do vocábulo (fatores: dissílabo, com 0.58, e monossílabo, com 0.52) e tonicidade (fator:ônico, com 0.56). Hora, retomando Callou, Leite & Moraes (1998), que estudaram o processo de vocalização da lateral /l/ em dados do Projeto NURC (Projeto Norma Urbana Culta)⁶, constata que esse processo parece ter tido início entre os séculos VI e VII d.C.

Sá (2007) também promoveu o estudo do segmento fonológico /l/ ancorado nos pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 2008[1972]) e na Teoria da Otimidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993) associada à proposta de Anttila (1997). Segundo o autor, o *corpus* foi constituído por 582 ocorrências, sendo 426 para a variante semivocalizada [w], 73%; 22 para a fricativa glotal [h], 3%; 130 para o zero fonético [Ø], 22%; e quatro variantes de [j], menos de 1% das ocorrências. As variáveis selecionadas como condicionadoras da regra da vocalização do /l/ foram: localização (fator: zona urbana, com 0.61 de peso relativo), contexto fonológico precedente (fator: vogal baixa [a], com 0.73), tonicidade (fator: sílaba tônica, com 0.61 de

⁴ Esse projeto visa à análise de aspectos da fala dos pescadores da comunidade fluminense/RJ.

⁵ Esse projeto iniciou suas atividades em 1993, sob a coordenação do Prof. Dr. Dermeval da Hora, e constitui uma proposta de pesquisa da realidade linguística da comunidade de fala de João Pessoa. Seu *corpus* é composto por uma amostra de 60(sessenta) informantes, estratificado socialmente por sexo, faixa etária e anos de escolarização. E tem como base os pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]), e volta sua atenção para os aspectos fonético-fonológicos e gramaticais.

⁶ Esse projeto visa o estudo da variante culta do português falado no Brasil, documentado em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Foi idealizado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, no início da década de 1970. Atualmente, vê-se o reflexo desse projeto na produção da Gramática do Português Falado que já conta com várias edições abordando temas vinculados com a fonologia, morfologia, sintaxe e organização textual-interativa.

índice de aplicação), classe de palavra (fatores: verbo, com 0.88, e outro, com 0.64) e contexto fonológico seguinte (fator: nulo, como no exemplo do autor: *jornal*, com 0.65).

Ainda, segundo o autor, “tanto a vocalização quanto o apagamento do /l/ ocorrem independentemente de sexo, faixa etária e escolaridade.” (SÁ, 2007, p. 100) E quanto aos resultados alcançados com base na Teoria da Otimidade, permitiu-se entender que “as restrições variam de posição para que o candidato mais recorrente atinja a forma ótima da língua, podendo ser plenamente variável, desde que harmonicamente” (SÁ, 2007, p. 101).

Collischonn & Quednau (2008) apresentam uma análise de cunho variacionista da realização de /l/ pós-vocálico em localidades do VARSUL e com amostras de Quednau (1993). Encontram-se as seguintes variantes para a lateral /l/: lateral alveolar [l], velarizada [ɫ], semivocalizada [w], zero fonético [Ø] e tepe [r]. Assim, percebe-se que a análise realizada nessa investigação com a somatória de outras pesquisas já concluídas pode exibir um quadro bastante completo da distribuição das variantes do segmento fonológico estudado nas diversas comunidades de fala e sua relação com as restrições sociais e estruturais.

Segundo as autoras, “o português brasileiro caracteriza-se pela realização predominante da lateral pós-vocálica como semivogal” (2008, p. 01). Com relação aos resultados, de acordo com as autoras, ao distribuir as variantes por localidades, constatou-se que Londrina, Pato Branco e Curitiba apresentaram altos índices de vocalização; Irati e Lages, baixos índices de vocalização e, em São José do Norte, baixíssimos índices de vocalização foram encontrados. As variáveis linguísticas selecionadas, porque se trata de estudo comparativo apenas das variáveis internas, foram: acento (fator: [e] pretônico, com 0.57 de peso relativo), contexto fonológico precedente (fator: [E] vogal média-baixa anterior, com 0.63 de índice de aplicação da regra variável).

Ainda, segundo as autoras, “a vocalização seja realmente um fenômeno motivado pela estrutura silábica e não pelo contexto adjacente (ou seja, não é um fenômeno assimilatório)” (2008, p. 09). E constatam, em seus dados, que “o uso da semivogal prevalece sobre o uso das outras variantes, embora pareça estar em ascensão também na região Sul: 61% para [w] e 39% para as outras variantes” (2008, p. 10-11). Assim, confirmam o apontamento de Callou *et al.* (2002, *apud* COLLISCHONN & QUEDNAU, 2008), ao afirmarem que o processo de vocalização de /l/ é geral em todo país.

Moura (2009) realizou estudo da variação da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica no falar de Araguatins (TO) ancorado na Teoria da Variação. De acordo com o autor, a variante velarizada [ɫ] é utilizada preferencialmente no sul e a vocalizada [w] no resto do país. Após a coleta de dados obtiveram-se 3256 ocorrências, sendo 2961 da lateral

semivocalizada [w] 91%, e 295 de zero fonético [Ø], 9%. O autor também salienta que foram encontradas duas ocorrências da variante [ɫ] e seis ocorrências da variante aspirada [h] que foram eliminadas durante o tratamento matemático final da investigação.

De acordo com Moura (2009), o programa Goldvarb/2001 selecionou as seguintes variáveis como favorecedoras da aplicação da regra variável: contexto fonológico precedente (fatores: vogal médio-baixa anterior [E] com peso relativo de 0.68, como em *anel*, *bacharel*, e a vogal baixa [a] com 0.74 de probabilidade de aplicação: *Natal*, *carnaval*, *planalto*); tonicidade (fator: pretônica, com 0.61 de peso relativo, em ocorrências lexicais como no item: *palmas*); extensão do vocábulo (fatores: dissílabo, com 0.69 e monossílabo, com 0.84); contexto fonológico seguinte (fatores: coronais [*balde*, *alto*, *álgebra*, *tal xarope*], com 0.58 de peso relativo, e pausa [exemplo: *Brasil* ‡, etc., com 0.74]; já as variáveis sociais: sexo (fator: feminino, com 0.70); anos de escolarização (fator: alta '10 anos ou +', com 0.62) e faixa etária (fator idosos: com 0.57).

Pinho & Margotti (2010) realizaram análise da lateral /l/, apoiada nos suportes teóricos da fonologia gerativa padrão e da Geolinguística Pluridimensional⁷, com base nos dados do Projeto ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil) de todas as capitais brasileiras envolvidas no Projeto. Selecionaram 200 entrevistas da amostra total do ALiB. Os autores constataram que a lateral velarizada [ɫ] predomina em determinadas regiões do Sul, e a variante vocalizada [w] é mais recorrente nas outras regiões.

Ao analisarem as variantes do fonema em discussão, Pinho & Margotti afirmam que, em relação à vocalização de /l/, “ocorre um processo de neutralização entre dois fonemas quando esses ocorrem em final de sílaba” (2010, p. 68) e, quanto ao apagamento do /l/ se dá, mais frequentemente, após a vogal /u/ e após a vogal /o/, mesmo que seja menos frequente, e exemplificam com as ocorrências: *sul* ~ *su*[Ø], *soldado* ~ *so*[Ø]*ddado*. Ao discutirem os resultados encontrados, os autores afirmam que “a vocalização predomina no português brasileiro, com um total de 88%” (2010, p. 77).

Assim, concluem os autores, “o português do Brasil tende, muito em breve, por isso, a substituir a variante velarizada pela vocalizada, já que na fala dos mais novos é a vocalização que predomina” (2010, p. 71). Com relação às outras variantes, os percentuais são os seguintes: variante velarizada [ɫ], 0,41%, apenas na região Sul; a lateral alveolar [l], também, 0,41%, apenas na região Sul, mas, especificamente, em Porto Alegre; zero fonético [Ø], 7,04%, maior

⁷ Justifica-se, a inserção desse trabalho nesta seção, especificamente, pela abordagem Geolinguística realizada.

frequência nas regiões Norte e Nordeste; [rótico], com 0.87%, no Centro-Oeste; variante [RP]⁸, com 3.45%; e a forma vocalizada [w], com 87,81%.

Ainda, segundo os autores, as variáveis linguísticas relevantes para a aplicação da regra variável são: contexto fonológico anterior (fatores: vogais anteriores e central) favorecendo a forma vocalizada [w]; contexto fonológico anterior (fator: vogais posteriores altas), favorecendo a variante zero fonético [Ø], principalmente, diante de /u/. Ao explicarem as mudanças entre as formas variantes, os autores afirmam que “a transformação do /l/ em /u/ passa por um estágio intermediário, como se afirmou anteriormente, em que o fonema se apresenta velarizado: [l] → [ɫ] → [w]” (2010, p. 81-82).

Pinho & Margotti apresentam algumas considerações finais: as variantes [ɫ] e [w] são mais frequentes no PB, em detrimento das variantes [Ø] e [r] que são menos frequentes; os dados apontam para a polarização entre o Nordeste e o Sul: este, caracterizando-se como conservador [ɫ, l], enquanto aquele, inovador, com [w], assim, evidencia-se a variação diatópica; o fenômeno analisado indica que, em Porto Alegre, a mudança está ocorrendo em tempo aparente; e que há mudança na configuração silábica com o uso da variante vocalizada [w], além de ampliarem as ocorrências de ditongos e a redução de sílabas travadas no PB.

1.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

A partir do que foi exposto neste capítulo, algumas constatações podem ser depreendidas acerca dos fonemas laterais /ɫ/ e /l/ do PB.

Com relação aos aspectos relacionados às gramáticas históricas analisadas, pôde-se perceber que o segmento lateral alveolar /l/ sempre fez parte do inventário fonológico da língua latina e já demonstrava indícios de sua natureza variável; enquanto que o segmento lateral palatal /ɫ/ constitui uma inovação criada pelas línguas românicas – resultado da transformação sofrida por fonemas consonantais seguidos de vogal -, sobretudo, após a reestruturação dos sistemas consonantais dessas línguas.

Além disso, verificou-se que esses segmentos estão sujeitos a processos de variação linguística. Há diversas variantes concorrendo entre eles: para o segmento lateral alveolar /l/, as formas velarizada [ɫ], semivocalizada [w], apagada [Ø], principalmente; já no segmento

⁸ Os autores enumeram e discutem as ocorrências de /l/ em coda silábica, mas todavia, quanto a essa variante denominada de [RP], não verifica-se indicação, no texto, de que se refere essa forma variável, apenas das formas vocalizada, velarizada, apagada e dos róticos.

lateral palatal /ɮ/, ocorrem as variantes palatal [ɮ], a alveolar [l], a semivogal [j] e o zero fonético [Ø], dentre outras.

Entende-se que as variantes encontradas para os segmentos fonológicos das líquidas laterais /ɮ/ e /l/ do PB podem revelar a organização distribucional da fala dos informantes brasileiros. Por exemplo, com relação ao segmento lateral alveolar /l/, pôde-se verificar que há o predomínio da forma velarizada [ɮ] apenas, ainda, na região Sul do país, enquanto que, nas demais regiões, ocorre o uso da variante semivocalizada [w]. O quadro 1 exibirá a distribuição das variantes do segmento /l/ pós-vocálico por regiões do Brasil⁹.

Quadro 1: Quadro comparativo acerca do uso das variantes mais frequentes de /l/ pós-vocálico por regiões do Brasil

Regiões	Variantes						
	[w]	[ɮ]	[Ø]	[j]	[h]	[r]	[l]
Norte	X						
Nordeste	X						
Sul ¹⁰	X	X					
Centro-Oeste					X	X	
Sudeste	X						

(Fonte: Próprio do autor).

Reconhece-se, em consonância com o que foi resenhado acima, que a variação dos segmentos fonológicos /ɮ/ e /l/ pode ser concebida como variação social (diastrática) ou como regional (diatópica).

Contudo, ainda, verificou-se que faltam estudos que contemplem os aspectos estilísticos, avaliativos e/ou perceptuais que envolvem os processos de variação desses segmentos. Neste sentido, o presente trabalho procura inserir e apontar algumas questões relacionadas a esses aspectos sociolinguísticos.

⁹ Optou-se, neste trabalho, em não exibir a distribuição do uso de /ɮ/ por regiões brasileiras, como se está fazendo com /l/ pós-vocálico, porque em Freire (2011, p. 32) há um mapa com a distribuição de /ɮ/ por estados e Estados.

¹⁰ A distribuição sociolinguística das variantes de /l/ pós-vocálico, na região sul do país, reflete a própria configuração diferenciada que há naquela região, como por exemplo, as questões de fronteira territorial e de contato linguístico com outros países que lá existem. Assim, ainda não é possível fazer afirmações categóricas quanto às variantes do segmento /l/ pós-vocálico lá presentes. Neste sentido, verifica-se que se tomar o estudo de Quednau (1993), no RS, a variante [w] é praticamente categórica na capital e a variante velarizada [ɮ] é mais frequente no interior e regiões de fronteiras; Dal Magno (1998) que compartilha dessa visão, acrescenta que a variante velarizada [ɮ] é mais presente na fala de idosos daquela região e que as capitais do sul produzem mais a forma vocalizada [w]. Esse achado é corroborado com os resultados de Collischonn & Quednau (2008) que apontam a variante [w] em ascensão no sul do país, com 61% de frequência enquanto que as demais variantes atingiram o percentual de 39%. Sendo assim, o quadro 1 não pretende encerrar o assunto, postulando a distribuição nele exibida como sendo a única possível, mas, apenas exibir uma visão panorâmica das variantes de /l/ em cada sílaba pelo país.

CAPÍTULO II: A TEORIA DA VARIAÇÃO: ESTUDO DA LÍNGUA FALADA

2.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, serão apresentados alguns dos aspectos relacionados à Teoria da Variação¹¹ (LABOV, 1963, 1966, 2008[1972], 2010). Assim, entende-se que é necessário compreender alguns aspectos conceituais vinculados aos termos avaliação sociolinguística, ao papel do falante/ouvinte sobre os fenômenos variáveis ou ainda compreender questões relacionadas à atitude linguística e à variação estilística, discutindo-os e problematizando-os à luz dos estudos linguísticos.

Para a organização temática, o capítulo está estruturado em 9 (nove) seções: na 1ª, abordam-se aspectos relativos à avaliação sociolinguística. Já na 2ª seção, visa-se analisar o papel do falante/ouvinte nos processos relacionados à temática abordada na tese, os quais denominam-se de práticas sociolinguísticas; logo, depois, na 3ª seção, retomam-se alguns conceitos de atitude linguística e de termos afins; na 4ª seção, discute-se a visão de estrutura tripartite das atitudes linguísticas; na 5ª seção, descreve-se a abordagem direta para o estudo de atitudes linguísticas; em seguida, na 6ª parte, procura-se situar a variação estilística no cenário dos estudos variacionistas: (i) o que é a variação estilística? (ii) Qual seu papel nos processos de variação e/ou de mudança linguística? (iii) Como abordá-la? (iv) Como relacioná-la com a variação social, com aspectos avaliativos e atitudinais e com o fenômeno linguístico analisado? já na 7ª seção, apresenta-se a abordagem de investigação da variação estilística de cunho laboviana; na 8ª seção, descreve-se a proposta metodológica laboviana para análise de variação estilística; e na última seção, são apresentadas as conclusões principais do presente capítulo.

2.1 AVALIAÇÃO (SÓCIO) LINGUÍSTICA

A avaliação é uma prática recorrente em diferentes contextos da sociedade e recai sobre diversos e múltiplos comportamentos sociais. Sendo a língua um comportamento social, também não poderia ser diferente: está sujeita à avaliação de quem fala, de um lado, e de quem a escuta, do outro lado; revelando aspectos desse complexo processo no qual reações subjetivas evidenciam como uma variedade linguística é avaliada, positiva ou negativamente.

¹¹ Ressalta-se que, neste trabalho, os termos Teoria da Variação e Sociolinguística Quantitativa são tomados no mesmo sentido.

Assim, no contexto linguístico, Weinreich, Labov & Herzog (doravante, WLH), (2006 [1968]), ao discutirem os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, elencaram cinco princípios que possibilitam discutir e descrever como os processos de variação e/ou mudança acontecem, se difundem, se encaixam e são avaliados socialmente nas comunidades de fala. Esses princípios foram abordados como *problemas*, pelos próprios autores, que buscam consolidar o que seus estudos dialetais estavam propondo. São eles, a saber: o Problema dos Fatores Condicionantes, o Problema da Transição, o Problema do Encaixamento, o Problema da Avaliação e o Problema da Implementação.

Volta-se a atenção para o Problema da Avaliação, que é o foco desta seção. Segundo WLH (2006 [1968]), a teoria da mudança deve demonstrar quais são os correlatos subjetivos (avaliação subjetiva) exibidos pelos ouvintes/falantes acerca da variedade linguística compartilhada pelos membros da comunidade de fala, pois essas avaliações podem contribuir para a propagação ou para interrupção de um dado fenômeno sociolinguístico.

O pressuposto subjacente ao presente estudo é que qualquer variedade linguística, dialeto, língua, etc., é objeto de avaliação sociolinguística. Assim, afirma Campbell-Kibler (2006, p. 49)¹² “clearly, the evaluation of the utterance as a whole is a conscious act. But it is clear how conscious the influence of specific variable is¹³.”

Neste sentido, a avaliação constitui não apenas uma prática sobre os usos da língua, mas, sobretudo, sobre seus usuários. Assim, semelhante à atitude linguística, torna-se uma prática sociolinguística, uma vez que não só são considerados aspectos relacionados à língua, mas também questões vinculadas ao próprio falante, seu lugar de origem, a outros fatores externos, como, por exemplo, sexo, idade, escolaridade, etnia, classe social, profissão, dentre outros.

Descrever essa estrutura sociolinguística, relacionando-a a aspectos atitudinais e/ou avaliativos, remete a uma questão central nos estudos linguísticos na atualidade: o processo de avaliação sociolinguística ocorre de maneira consciente ou inconsciente? Parece que encontrar respostas plausíveis para essa questão é um dos desafios de uma análise sociolinguística, pois, nesse ínterim, diferentes atitudes, avaliações, percepções, etc. podem ser indexadas ao objeto em análise.

Ainda pensando nos aspectos avaliativos, baseia-se no fato de que a apreciação sociolinguística de dialetos, variedades e/ou de variantes está vinculada à capacidade cognitiva

¹² Todas as traduções que figurarem neste trabalho foram por nós realizadas.

¹³ “Claramente, a avaliação da expressão vocal assim como um todo é um ato consciente. Mas é claro como consciente é a influência de variável específica.”

do falante e, ao mesmo tempo, a valores socialmente impostos. Neste sentido, a emissão de julgamentos, de atitudes sociolinguísticas, de comportamentos, etc., é originária desses dois campos.

Com relação aos fatores cognitivos, Labov (2010, p. 02) definiu-os, assim:

As factors that influence the acquisition of the linguistic system that conveys information on status of affairs – on what is being said rather than on the manner or style of expression. The study of the cognitive effects of sound change calls for measure of listener's abilities to identify the phonemes in the stream of speech and so to retrieve the words intended by the speaker¹⁴.

Verifica-se, a partir da literatura específica, que os fatores cognitivos, alinhados aos fatores culturais e sociais, possibilitam a revelação acerca de informações e características sociais dos informantes, das relações de destinatários ou de apresentação e usos de itens linguísticos nas comunidades de fala.

Assim, propõe-se, neste estudo, que a avaliação sociolinguística seja compreendida como o resultado exibido e/ou falado acerca do posicionamento que o falante/ouvinte tem não só sobre o que se ouve/fala, mas também sobre de quem ouviu/falou e de suas características sociais, tais como sexo, idade, nível de escolaridade, profissão, dentre outras. Desse modo, esse processo é, simultaneamente, constituído por duas dimensões formadoras: *dimensão objetiva*, que toma o fato linguístico como fonte reveladora do ato de avaliar (por exemplo, uma variante linguística); e a *dimensão subjetiva*, a qual toma como referência o falante (por exemplo, suas características sociodemográficas).

O processo avaliativo acerca da língua irá revelar a existência de diferentes variedades linguísticas e não apenas de uma variedade que, geralmente, é denominada de *standard*, padrão. Essa realidade permite refletir acerca dos significados que são transmitidos e/ou das consequências e implicações que se acarretam sobre o processo de avaliação sociolinguística.

Assim, nos termos de Garrett, Coupland & Williams (2003, p. 154), os significados das avaliações sociais constituem fatos multidimensionais e apontam “social evaluation of the various stories involved much more than reacting to the stereotyped meanings of speakers's dialects” (2003, p. 149)¹⁵. E, desse modo, a avaliação sociolinguística resulta de uma série de fatores e, assim, constitui um fenômeno bastante complexo.

¹⁴ “Como fatores que influenciam a aquisição do sistema linguístico que transmite informações sobre o estado de coisas - sobre o que está sendo dito, em vez da forma ou estilo de expressão. O estudo dos efeitos cognitivos da mudança de som para medida das habilidades do ouvinte com o intuito de identificar os fonemas no fluxo da fala e, assim, recuperar as palavras pretendidas pelo falante.”

¹⁵ “Avaliação social das várias histórias envolvendo muito mais do que a reação aos significados estereotipados de dialetos dos falantes.”

Os estudos sociolinguísticos que focalizam o exame de avaliação sociolinguística têm se apropriado de um conjunto de instrumentos, técnicas e/ou escalas de diferenças semânticas para verificar aspectos sociais, pessoais, linguísticos, psicológicos, dentre outros, que podem ser vinculados aos usos da língua (FOULKES, KHATTAB & YEGER-DROR, 2010).

Diversas podem ser as dimensões, os adjetivos e/ou categorias utilizados em um instrumento de avaliação sociolinguística. Contudo, um dado item do julgamento pode ser mais saliente em uma dada comunidade de fala do que em outra, e assim, demonstra dimensões que agem diferentemente em comunidades diferentes, uma vez que os padrões sociolinguísticos existentes nessas comunidades não pertencem a um indivíduo “x”, mas à toda comunidade que ali compartilha diferentes aspectos sociolinguísticos. O processo de adjetivação, o qual é utilizado em escalas de diferenças semânticas, por exemplo, é um dos meios de aferição ou de medição de atitude e de avaliação sociolinguísticas e, ao mesmo tempo, pode indicar que a avaliação sociolinguística é divergente, em outras palavras, os grupos diferem quanto ao valor atribuído de uma dada variedade dialetal.

Na seção seguinte, pretendem-se abordar os efeitos de sentidos que há entre esses termos e o processo de variação linguística destacando o papel do falante/ouvinte.

2.2 O PAPEL DO FALANTE/OUVINTE

As questões que abordam esse tópico direcionam para a pergunta: qual o papel do falante/ouvinte no processo de variação linguística ou em fenômenos de natureza sociolinguística? Parece que tanto essa pergunta quanto as possíveis respostas constituem questões centrais para a teoria sociolinguística.

As respostas possíveis para essa indagação são distintas e várias, dependendo do posicionamento teórico-metodológico assumido pelo investigador. Na presente investigação, um princípio subjacente à toda análise é o de que falantes e ouvintes desempenham papéis de agentes, ou seja, de sujeitos no processo de comunicação. Sendo assim, assume-se que as propostas formuladas por Labov (1963; 2008 [1972]), Campbell-Kibler (2006), Fraga (2009), e Hora (2011) evidenciam o papel central que têm os informantes em relação à habilidade de avaliar os usos linguísticos e seus usuários, como também a de exibir atitudes linguísticas.

Como se ressaltou na seção anterior, WLH (2006 [1968]), ao discutirem a fundamentação empírica para uma teoria da mudança linguística, já destacaram o problema da agentividade do falante, sobretudo, ao postularem os 5 (cinco) princípios empíricos, especificamente, o da avaliação, que põe em xeque o caráter de passividade dos falantes,

anteriormente proposto para Linguística Estruturalista, e ressaltam que “correlatos subjetivos” e “nível de consciência social” constituem partes centrais do processo de avaliação sociolinguística por parte de quem o produz e/ou de quem o avalia.

Nessa esteira de concordâncias teóricas, no que diz respeito à pergunta inicialmente levantada, Campbell-Kibler (2006, p. 167) estabelece: “one central answer to this problem lies in the reactions of listeners, which provide a brake on speaker agency, limiting speakers to performance that other can interpret¹⁶.”

Porém, essa não é a realidade consensual no interior da Linguística. Há autores que se opõem à possibilidade de se analisarem processos de natureza avaliativa e/ou atitudinal de aspectos linguísticos. E, assim, descartam ou não reconhecem o papel preponderante do falante/ouvinte. Para esses autores, o problema reside na própria variação do contexto de fala espontânea que é também variável. Os sistemáticos estudos sociolinguísticos já realizados têm amenizado essas questões.

Assim, refletir sobre o papel do falante/ouvinte nos processos sociolinguísticos, leva-se a perguntar qual é a fonte e/ou o apoio para a realização desses fenômenos? Desse modo, segundo Campbell-Kibler (2006, p. 169): “the structured feedback from listeners helps shape the process of construction and this feedback is informed by the listeners’ previous experiences, language ideologies, linguistic knowledge and emotional outlook.”¹⁷

Por sua vez, Hoenigswald (1966, *apud* GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003, p. 45) afirma que o foco investigativo dos aspectos envolvendo a díade falante/ouvinte não deve cair sobre o que “vai acontecer na língua”, ou “no que se passa em línguas”, mas, sobretudo, sobre como as pessoas, no caso presente, falantes/ouvintes, reagem ao que se passa (são persuadidas ou não) ou até mesmo sobre como conversam.

Neste sentido, assume-se, neste trabalho, que o falante produz reações subjetivas acerca do que ouve ou sobre aquilo que ele mesmo produz linguisticamente. Assim, desse modo, pode ser considerado sujeito desse processo. E essas reações, que constituem comportamentos, desencadeiam uma série de atitudes linguísticas favoráveis ou desfavoráveis do ponto de vista de quem avaliou e esboçou avaliações sociolinguísticas diferentes. Um exemplo dessa realidade pôde ser vislumbrado na pesquisa de Labov (1963) em *Martha’s Vineyard* em relação à centralização dos ditongos /ay/ e /ow/, na qual os informantes exibiram

¹⁶ “Uma resposta central para este problema está nas reações dos ouvintes, que fornecem um freio a órgão falante, limitando os falantes ao desempenho que outro pode entender.”

¹⁷ “O retorno estruturado dos ouvintes ajuda a moldar o processo de construção e esse retorno é informado por experiências anteriores dos ouvintes, ideologias linguísticas, conhecimentos linguísticos e perspectivas emocionais.”

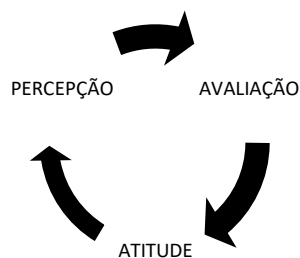
atitudes sociolinguísticas conforme fossem a avaliação e a reação aos usos variáveis desses ditongos e, ainda, de acordo com o sentimento de pertencimento àquela comunidade de fala.

Sendo assim, o uso de uma variante linguística em detrimento de outra(s) carrega informação predominantemente sociolinguística acerca do falante. A preferência pelo uso de uma forma linguística em relação à outra já constitui, no entender deste trabalho, uma atitude sociolinguística que teve sua origem em processos outros de avaliação e/ou de emissão de reações subjetivas. Os diversos estudos variacionistas têm demonstrado a existência da dimensão ativa dos falantes nas avaliações sociolinguísticas.

A capacidade de reconhecimento de variedades dialetais para Garrett, Coupland & Williams (2003), já atestada por diferentes tradições de pesquisas (Dialetologia, Sociolinguística, Psicologia Social, etc.), está vinculada à competência sociolinguística do falante. Desse modo, eles afirmam que “recognizing a dialect is inseparable from that same cluster of affective and evaluative processes” (GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003, p. 90)¹⁸.

Essas questões permitem discutir a noção de percepção linguística. Todavia, reconhece-se que a literatura linguística referente a essa temática é ampla e diversificada (CLOPPER & PISONE, 2005; por exemplo). Neste trabalho, assume-se que a percepção linguística está relacionada à capacidade cognitiva que os falantes têm em reconhecer diferenças linguísticas produzidas por eles mesmos e/ou por outros informantes em diferentes contextos das diversas esferas comunicativas. Assim, atribuem-se valores diferenciados ao que foi percebido (variante linguística com prestígio x variante linguística com desprestígio social, por exemplo). E essas práticas levam necessariamente os falantes a exibir atitudes sociolinguísticas, formando uma atividade circular, conforme é ilustrado na figura 1, ou seja, eles percebessem diferenças dialetais, avaliam essas diferenças emitindo reações subjetivas e, em seguida, exibem atitudes.

¹⁸ “Reconhecer um dialeto é inseparável desse mesmo agrupamento de processos afetivos e avaliativos.”

Figura 1: Círculo Permanente de Práticas Variacionistas

(Fonte: Própria do autor).

Neste sentido, há uma estreita relação entre a variação linguística e a percepção, uma vez que sobre processos variáveis, desencadeiam-se estereótipos, preconceitos, avaliação, atitudes, dentre outros. Desse modo: “dialect variation is clearly one of the indexical properties that is perceived and encoded in everyday Language situations and its impact on speech perception deserves further investigation”¹⁹ (CLOPPER & PISONE, 2005, p. 332).

Por isso, admite-se que, sobre qualquer uso linguístico, há imposições e expectativas de padrões de atitudes esperados pela sociedade. E as investigações de percepção linguística podem evidenciar aspectos da realidade das comunidades de fala pesquisadas.

Ainda pensando nas questões dos papéis desenvolvidos por falante/ouvinte, pode-se verificar que os julgamentos sociais estão associados com às experiências vividas por eles em suas comunidades de fala e permitem elicitar algumas atitudes linguísticas lá exibidas. Pensando assim, assegura-se que ambos, falante e ouvinte, são sensíveis à variação linguística e que diversos fatores podem demonstrar essa realidade. Por exemplo, a realização da adjetivação descritora (presente em uma escala de diferença semântica e/ou em um instrumento de avaliação) pode constituir um recurso utilizado por informantes para evidenciar que são capazes de descrever padrões sociolinguísticos gerais da natureza de práticas variacionistas em comunidades de fala e/ou em contextos comunicativos diferentes.

A adjetivação descritora consiste em um recurso utilizado pelo pesquisador ao verificar que atitudes, percepção e/ou avaliação linguísticas são exibidas por uma determinada comunidade ou por um grupo amostral, acerca de sua própria variedade linguística e/ou a outrem. Para tanto, com o auxílio de uma escala de diferenças semânticas e com valores previamente articulados, o pesquisador enumera uma sequência de adjetivos (adjetivos qualificativos, como bonito, feio, amigável, familiar, dentre outros), oriundos de outras

¹⁹ “Variação dialetal é claramente uma das propriedades indexical que são percebidas e codificadas em situações cotidianas da língua e seu impacto sobre a percepção de fala merece investigação adicional”.

investigações ou de sua própria intuição de pesquisador, que possam ser atribuídos à língua que será alvo de investigação. Em seguida, aplica-se um cálculo para verificar seus efeitos, tal como no modelo proposto por Fasold (1996). Essa questão será retomada na metodologia ao se propor a figura 4 e o Apêndice I deste trabalho.

Assim como constituem membros de comunidades sociolinguísticas diferentes, falante/ouvinte estão inseridos em um processo que apresenta significado social, sobretudo, ao reconhecerem, com certa precisão, aspectos dialetais na sua própria variedade linguística e/ou em outras variedades. Por isso que Garrett, Coupland & Williams (2003) afirmam que os informantes utilizam diferentes formas para expressar sua avaliação a partir daquilo que há em seus repertórios lexicais: gírias, itens tabus, palavrões, vocábulos específicos de um determinado campo de pesquisa, dentre outros, que, aliados a outros componentes, indicam que falante/ouvinte exibem um saliente conhecimento acerca de variedades linguísticas.

Já, a partir dos trabalhos de Clopper (2010), percebe-se que essa capacidade avaliativa, seja de informação linguística ou não linguística, que está armazenada na memória dos falantes/ouvintes, está ligada aos estereótipos e representações que histórica e culturalmente são compartilhados na comunidade de fala.

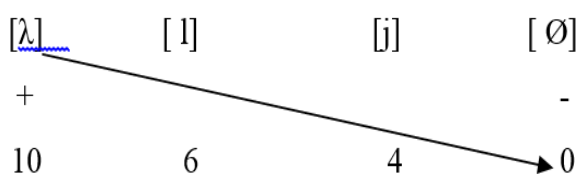
Segundo Clopper & Pisoni (2005, p. 333-334): “diverse studies reveal that naive listeners are aware of linguistic variation to the extent that they can imitate it, use it to identify where people are from and to make judgments about social characteristic of the talkers.”²⁰ Neste sentido, e, em consonância com a citação anterior, percebe-se que a percepção de falante/ouvinte é tão precisa que chega, segundo Labov (2010), a se apoiar em qualidades fonéticas para realizar a identificação da origem de um dado informante ou para reconhecer e distinguir os traços linguísticos que fornecem pistas para realizar a classificação dialetal. Por exemplo, para Clopper & Pisoni (2005), o falante nativo é capaz de, explicitamente, identificar categorias sociais e linguísticas em dados de fala, separando o dialeto familiar do dialeto não familiar.

Assim, entende-se, também, que o informante é capaz de atribuir prestígio ou não a essa variedade linguística avaliada. Em outras palavras, ele pode atribuir diferente valor social ao uso das variedades linguísticas averiguadas, o que para os variacionistas constitui uma assunção da realidade das línguas.

²⁰ “Diversos estudos revelam que os ouvintes ingênuos estão cientes de variação linguística na medida em que eles podem imitá-lo, usá-lo para identificar onde as pessoas são e para fazer julgamentos sobre a característica social dos locutores.”

Neste sentido, por exemplo, com relação ao segmento /λ/, se estabelece que a variante [l] pode gozar de mais prestígio do que as variantes [j, Ø], o que gera uma escala gradacional de aceitação, conforme se reproduz na figura 2. Contudo, entende-se que essa percepção ainda precisa ser averiguada com maior rigor.

Figura 2: Escala Gradacional de Aceitação



(Fonte: Própria do autor).

Sendo assim, entende-se que, sobretudo o segmento /l/, por compartilhar maior semelhança fonológica com o segmento /λ/ do que com as variantes [j, Ø] e associado a essa constatação, também se pode vincular questões de avaliação, estigma e preconceito aos modos como essas variantes são reproduzidas. Parece que, na fala rápida e cotidiana dos falantes, o uso de [l] no lugar de [λ] está se tornando mais frequente e até mais aceito, realidade que não se verifica com as outras duas variantes. Todavia, se admite que só os dados permitirão esboçar as devidas generalizações e estipular as especificações de cada variante e de cada fator da idade do informante, verificando se há relações diretas ou indiretas entre eles.

Uma vez apontada a capacidade ativa de falante/ouvinte, pode-se verificar que há uma série de processos (cognitivos, sociais, afetivos, linguísticos, psicológicos, culturais, etc.) que estão vinculados a essa capacidade. Desse modo, a parte seguinte deste capítulo está destinada à descrição de aspectos relacionados à atitude linguística.

2.3 A NATUREZA DA ATITUDE LINGUÍSTICA

O conceito de atitude linguística, segundo Garrett, Coupland & Williams (2003), surgiu dentro da área da Psicologia Social e migrou para os estudos linguísticos, tornando-se uma noção essencial, semelhante ao que fez Labov (1966) ao aplicá-la na análise coletiva da comunidade de fala *Martha's Vineyard* ao estudar a centralização dos ditongos /aw/ e /ay/.

A literatura linguística apresenta diferentes definições de atitude linguística, e cada qual traz efeitos de sentidos diversos que provocam consequências teórico-metodológicas sobre

esse constructo. Entende-se que isso, também, ocorra devido à própria natureza da atitude linguística.

Considerando o conceito de atitude, Oppenheim (1982, p. 39) afirma:

A construct, an abstraction which cannot be directly apprehended. It is an inner component of mental life which expresses itself, directly or indirectly, through such more obvious processes as stereotypes, beliefs, verbal statements or reactions, ideas and opinions, selective recall, anger or satisfaction or some other emotion and in various other aspects of behavior.²¹

Por outro lado, Sarnoff (1970 *apud* GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003, p. 2-3) estabelece que atitude “is a disposition to react favourably or unfavourably to a class of objects.”²² E, Henerson *et al.* (1987 *apud* GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003) associam a noção de atitude aos conceitos de afetos, sentimentos, valores e crenças exibidos pelos falantes.

Na esteira das definições, Allport (1935, p. 839) conclui que:

Attitudes are never directly observed, but, unless they are admitted, through inference, as real and substantial ingredients in human nature, it becomes impossible to account satisfactorily either for the consistency of any individual's behavior, or for the stability of any society.²³

Desse modo, percebe-se que as definições de atitudes descritas por Allport (1935) e Oppenheim (1982) compartilham entre si aspectos ao apontarem a impossibilidade de se observar a atitude; enquanto que a conceituação de Sarnoff (1970) alia atitude com a noção de avaliação. Ainda se pode verificar que a definição feita por Oppenheim (1982) apresenta de forma mais detalhada e abrangente os aspectos relacionados à atitude linguística, sobretudo, por vincular a atitude a uma série de processos.

Entende-se que, na literatura específica, os estereótipos têm constituído um conceito analítico central de investigação e de descrição linguística, utilizado por vários estudiosos da área (GARRETT, 2010). Assim, Garrett aponta que “stereotypes are cognitive shortcuts²⁴” (2010, p. 04).

²¹ “Uma construção, uma abstração que não pode ser diretamente apreendida. É um componente interno da vida mental que se expressa, direta ou indiretamente, através de tais processos mais óbvios como os estereótipos, crenças, declarações verbais ou reações, ideias e opiniões, recordação seletiva, raiva ou satisfação ou alguma outra emoção e em vários outros aspectos de comportamento.”

²² “É uma disposição para reagir favoravelmente ou desfavoravelmente a uma classe de objetos.”

²³ “Atitudes nunca são diretamente observadas, mas, a menos que eles admitam, através da inferência, como ingredientes reais e substanciais na natureza humana, torna-se impossível explicar de forma satisfatória tanto para a consistência do comportamento de qualquer indivíduo quanto para a estabilidade de toda a sociedade.”

²⁴ “Estereótipos são atalhos cognitivos.”

Dessa forma, percebe-se que a diversidade de atitudes linguísticas pode ser inferida ou elencada mediante o reconhecimento dos estereótipos, que circulam ou que são produzidos e transmitidos continuamente. E, ao mesmo tempo, estão em voga na comunidade de fala que fora alvo de um estudo atitudinal de seus traços linguísticos.

Outrossim, com referência à conceituação descrita por Sarnoff (1970), verifica-se que o componente avaliativo fica latente e se sobressai em relação aos demais e parece constituir fundamentalmente a natureza da atitude linguística.

Garrett (2010, p. 01) afirma que “language attitudes permeate our daily lives. They are not always publicly articulated and, indeed, we are not always conscious of them.”²⁵ Assim, a exibição de atitudes linguísticas (positivas ou negativas) é uma realidade que o falante manifesta, baseando-se em uma série de percepções, reações, estereótipos, etc., que circulam na comunidade de fala na qual ele está inserido.

As definições até aqui apresentadas revelam a complexidade conceitual que envolve a definição clara e precisa de atitude linguística, o que aponta para diferentes abordagens desse fenômeno que ocorre nas sociedades.

Bisinoto (2000), ao identificar e analisar as atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Cáceres - MT e dos imigrantes dessa região, apresenta uma definição de atitude que parece apropriada para análise de outras atitudes que ocorrem na variedade linguística brasileira, ou, pelo menos, incorpora à definição de atitude uma série de elementos que auxiliam na análise de descrição desse fenômeno. Para a autora:

Ao lado da variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto ao prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2000, p. 36).

Neste sentido, as crenças e atitudes linguísticas podem constituir meio de representação que os falantes possuem de si ou possuem dos outros em relação ao ato de falar. Desse modo, entende-se que a análise dessas crenças e atitudes pode evidenciar como isso ocorre na prática cotidiana de linguagem, confirmando o que aponta Fernández (1998) ao dizer

²⁵ “Atitudes linguísticas permeiam nossas vidas diárias. Elas nem sempre são articuladas publicamente e, na verdade, nem sempre estamos conscientes delas.”

que a língua se torna, em seu uso, como um símbolo de relacionamento de um grupo, ou entre grupos socialmente estabelecidos.

A discussão conceitual acerca de atitudes linguísticas é bastante produtiva nas análises sociolinguísticas e remete a diferentes significações. Assim, Campbell-kibler (2010) propõe que a expressão “atitude linguística” seja percebida como resultado de um processo dinâmico oriundo da ação dos falantes, de ouvintes ou das situações de interações. Desse modo, segundo os dados da autora, o uso da variável inglesa (-ing), em percepções sociais de discursos de professores, candidatos políticos ou de profissionais experientes, está vinculado aos falantes que foram avaliados como mais educados e mais inteligentes; enquanto que a variante (-in) foi associada ao falante da classe trabalhadora, e está vinculada aos falantes avaliados como menos educados e menos inteligentes.

Sendo assim, pode-se verificar que há uma estreita relação entre a variável estudada e a exibição de atitudes, avaliação e crenças linguísticas, tornando esse processo um fenômeno bastante complexo e permeado de diferentes fatores (sociais, linguísticos, culturais, estilísticos, psicológicos, dentre outros) que interagem mutuamente entre si e são responsáveis pelo condicionamento parcial ou total do uso linguístico.

Para os propósitos do presente trabalho, entende-se que atitude linguística constitui de um lado, uma “atitude sociolinguística”, e do outro lado, um processo complexo e dinâmico que, inerentemente, ocorre nas comunidades de fala e pode ser verificado por meio dos componentes da estrutura interna das atitudes, conforme se discutirá na seção seguinte deste capítulo.

Contudo, reconhece-se que há dificuldade em mensurar a atitude linguística do falante. Mesmo que se apóiem em conceitos amplamente definidos nos estudos linguísticos, que consideram como base uma “predisposição a um comportamento”, verifica-se que os resultados apontarão para tendências e/ou valores aproximados das definições já cristalizadas.

O termo atitude mantém uma relação problemática com outros termos relacionados, que podem até estar unidos, mas constituem categorias conceituais diferentes. De acordo com Garrett, Coupland & Williams (2003), diversos são os termos que estão vinculados à noção de atitude: hábitos, valores, crenças, opiniões e ideologias. Entende-se que há especificidade entre eles.

Nessa discussão conceitual, a relação entre atitude e comportamento não é harmoniosa, a sintonia entre esses processos não é tão alinhada quanto ao que se parece verificar no senso comum. Ainda, segundo Garrett (2010, p. 08), “links between people’s attitudes towards language varieties and their own behaviour are likely to differ according to the complexity of

domains in which language is used.”²⁶ E os vínculos existentes entre esses termos podem constituir meios de se depreender a manifestação de determinadas atitudes. Para Kaufmann (2011, p. 125), “como é difícil ou até mesmo impossível medir atitudes diretamente, sendo elas disposições mentais, baseamo-nos, frequentemente, na observação do comportamento relevante.”

Neste sentido, compreende-se, neste trabalho, que a atitude linguística pode ser tomada como o ato do que pensa e faz o falante com a língua em diferentes contextos da interação comunicativa, o que irá revelar que não só se usa a língua. Assim esta não é só instrumento de ação-interação, mas, sobretudo, o que o falante faz e diz algo com ela. E é, justamente, esse ato que se propõe como atitude linguística.

A literatura tem interpretado que a atitude linguística pode ser manifestada em diferentes níveis da estrutura organizativa da gramática dos falantes: linguístico, *codeswitching*, sotaque, dentre outros. Assim, os estudos de atitudes linguísticas possibilitam a análise de diferentes dimensões que constituem a realidade dos fenômenos ligados à exibição de atitudes e de comportamentos linguísticos.

Nesta pesquisa, tem-se entendido que os processos de avaliação, percepção e/ou de atitude linguísticas, em quaisquer níveis que forem analisados, constituem sempre uma tarefa complexa e que envolve diferentes fatores e apresenta diversas dimensões que agem concomitantemente. Desse modo, no intuito de amenizar essa complexidade, neste trabalho, pretende-se realizar análise de um questionário direto e a aplicação de um instrumento de avaliação e percepção linguísticas e, assim, obter dados que possibilitem explicar melhor as questões relacionadas às atitudes, percepção e avaliação.

Na próxima seção, discutem-se os aspectos relacionados ao modelo do componente triplo da estrutura da atitude linguística.

2.4 ESTRUTURA DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS: VISÃO TRIPARTIDA

Os estudiosos da área de atitudes linguísticas têm-se demonstrado categóricos ao afirmar que a estrutura interna das atitudes linguísticas é constituída por três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental (ROSENBERG & HOVLAND, 1960; KOTHANDAPANI, 1971; AYZEN & FISHBEIN, 1980; BRECKLER, 1984; GARRETT,

²⁶ “Ligações entre as atitudes das pessoas para variedades de linguagem e seus próprios comportamento são variáveis de acordo com a complexidade dos domínios em que a linguagem é usada.”

COUPLAND & WILLIAMS, 2003; CAMPBELL-KIBLER, 2006; GARRETT, 2010; KAUFMANN, 2011).

De forma detalhada, esses componentes internos podem ser verificados da seguinte forma: por exemplo, em relação ao componente cognitivo, o falante pode demonstrar crenças, conhecimentos, pensamentos, etc. acerca de uma determinada variedade/variante linguística. Assim, para esse informante, aprender Inglês possibilita conhecer a cultura americana ou a ter um determinado emprego. Já no que diz respeito ao elemento afetivo, podem-se demonstrar emoções e sentimentos por meio da avaliação positiva ou negativa, como do tipo: entusiasticamente passar a ler literatura americana. E por fim, todo falante age e reage diante de formas linguísticas, ou seja, tem uma conduta ou comportamento para concretizar sua atitude. Desse modo, economizará dinheiro para fazer um curso de Inglês.

O modelo do componente triplo na estrutura da atitude linguística evidencia a complexidade que reside em torno da natureza das atitudes linguísticas.

Dessa forma:

They are cognitive in that they contain or comprise beliefs about the world. They are affective in that they involve feelings about an attitude object. And they are systematically linked to behaviour, because they predispose us to act in a certain way (GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003, p. 03).²⁷

Neste sentido, entende-se que esses três elementos interagem entre si, possibilitando a identificação de reações, traços, influências, processos sociopsicológicos, etc., que atuam durante a exibição de atitudes linguísticas vinculadas a quem as produz, as percebe ou a quem as avalia nas mais diversas situações de interação interpessoal ou intergrupar da comunicação.

Em outras palavras:

Attitudes are affective in that they involve feelings the attitude object. This affective aspect of attitude is a barometer of favourability and unfavourability, or the extent to which we approve or disapprove of the attitudes is usually augmented by an assessment of intensity: for example, whether we mildly disapprove of something or we and truly detest it. Thirdly, the behavioural component of attitudes concerns the predisposition to act in certain ways, and perhaps in ways that are consistent with our cognitive and affective judgments (GARRETT, 2010, p. 23).²⁸

²⁷ “São cognitivos na medida em que compreendem as crenças sobre o mundo. São afetivos na medida em que envolvem sentimentos sobre uma atitude. E estão sistematicamente ligados ao comportamento, porque nos predis põem a agir de uma determinada maneira.”

²⁸ “As atitudes são afetivas na medida em que envolvem sentimentos de atitude. Este aspecto afetivo da atitude é um parâmetro favorável e desfavorável, ou na medida em que aprova ou desaprova as atitudes geralmente é agravado por uma avaliação da intensidade: por exemplo, se nós ligeiramente reprovamos algo ou realmente detestamos isso. Em terceiro lugar, o componente comportamental de atitudes diz respeito a predisposição para agir de determinada maneira, e talvez de forma que sejam consistentes com nossos julgamentos cognitivos e afetivos.”

Ainda, segundo Garrett (2010, p. 23), a visão tripartida dos componentes das atitudes linguísticas, nos estudos atuais, é vista como causas e alvos das atitudes e não apenas como elementos constitutivos internamente; haja vista que há uma literatura específica que mostra tensões entre esses elementos (HANSON, 1980; AYZEN & FISHBEEN, 1980; BRECKLER, 1984; CARGILE *et al.*, 1994; ERWIN, 2001).

Isto sugere que:

As a result, attitudes are diverse and sometimes contradictory, shifting based on how they're measured, the context of measument and a range of interpersonal factors. Although measures of these three components (affect, cognition and behavior) do correlate under many circumstances, under others they don't (HADDACK and HUSKINSON, 2004), making it difficult to be sure exactly what the stable, underlying character of attitudes is, or if one exists. (CAMPBELL-KIBLER, 2006, p. 57).²⁹

A discussão conceitual acerca da natureza das atitudes linguísticas, também, leva-se a questionar: elas são inatas ou adquiridas? Garrett (2010) afirma que elas são apreendidas e não resultantes de processos inatos e aponta duas fontes nucleares da origem das atitudes: “two importante sources of attitudes are our personal experiences and our social enviroment, including the media.”³⁰

Assim, entende-se que o componente social exerce significativo correlacionamento nos usos linguísticos e, apoiando-se no princípio de que o falante é capaz de explicitamente (ou não) identificar aspectos sociolinguísticos na fala de outros informantes, conclui-se que o contexto exerce papel central na exibição de atitudes e comportamentos.

A variável contexto tem sido apontada pela literatura linguística como sendo um fator importante na explicação de atitudes e de comportamentos sociolinguísticos diferentes (CARRANZA & RYAN, 1975; GILES, WILSON & CONWAY, 1981; PRICE, FLUCK & GILES, 1983; BRADAC & WISEGARWER, 1984; CARGILE *et al.* 1994). Segundo Garrett (2010), os traços do comportamento linguístico podem ser avaliados diferentemente de acordo com o contexto interacional dos envolvidos. O referido autor ilustra essa realidade sociolinguística com os exemplos do estudo de Carranza & Ryan (1975) que, devido ao

²⁹ “Como resultado, as atitudes são diversas e às vezes contraditórias, mudando com base em como elas são medidas, o contexto de determinada gama de fatores interpessoais. Embora as medidas destes três componentes (afeto, cognição e comportamento) se correlacionem em muitas circunstâncias, em outras eles não o fazem (HADDACK & HUSKINSON, 2004), tornando-se difícil saber o que é estável, o que é um caráter subjacente de atitudes, se é que existe.”

³⁰ “Duas fontes importantes de atitudes são as nossas experiências pessoais e nosso ambiente social incluindo a mídia.”

contexto (ambiente doméstico x ambiente escolar), os julgadores avaliaram diferentemente inglês padrão e falantes mexicanos espanhóis, no qual os resultados encontrados evidenciam que a variedade linguística dos mexicanos espanhóis era mais favorável para uso no contexto familiar, enquanto que a variedade inglesa foi apontada como mais favorável para o ambiente escolar.

Em consonância com essas afirmações, defende-se que a investigação sociolinguística de atitudes linguísticas demonstre os *links* existentes na visão tripartida da estrutura interna desse fenômeno societal, ao mesmo tempo, em que explicita os aspectos mais salientes.

A discussão seguinte irá detalhar os principais aspectos da abordagem direta de se investigar atitudes linguísticas.

2.5 O ESTUDO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Segundo Garrett (2010), as três abordagens centrais de estudo e de análise das atitudes linguísticas apontadas pela literatura específica são: *Societal Treatment* (ou *Content Analysis*)³¹, *Direct Measures*³² e *Indirect Measures* (ou *Speaker Evaluation Paradigm* ou *Matched Guise Technique*)³³. As três abordagens constituem meios de se elicitar as atitudes linguísticas que são exibidas em diferentes contextos comunicativos. De acordo com Garrett, Coupland & Williams, 2003, p. 13), não basta em uma pesquisa de atitude linguística “descobrir” as atitudes ou apontar seus efeitos, mas a questão central “is to understand what it is that determines and defines these attitudes.”³⁴

Como o presente trabalho adotará a Abordagem Direta, na subseção seguinte serão apresentados alguns aspectos teóricos dessa perspectiva.

2.5.1 Abordagem Direta

Com relação à abordagem direta, Garrett (2010, p. 39) afirma: “people are simply asked questions directly about language evaluation, preference, etc. They are invited to articulate explicitly what their attitudes are to various language phenomena.”³⁵

³¹ “Tratamento Societal (ou Análise de Conteúdo).”

³² “Medidas diretas.”

³³ “Medidas Indiretas (ou Paradigma de Avaliação do Falante ou Técnica de Pares Falsos).”

³⁴ “É compreender o que é e o que determina e o que define essas atitudes.”

³⁵ “As pessoas são simplesmente perguntadas diretamente acerca da avaliação linguística, preferências, etc. Elas são convidadas para articular explicitamente quais são suas atitudes várias sobre o fenômeno linguístico.”

No trabalho pioneiro de Labov (1966) já se pôde ver o uso dessa abordagem ao apontar as atitudes linguísticas dos informantes pesquisados. Ao se tomar atitudes linguísticas coletivas como fez Labov (1966), entende-se que, por meio de uma abordagem direta, podem-se examinar aspectos desse fenômeno recorrente nas línguas naturais e nas sociedades.

Para Garrett, Coupland & Williams (2003, p. 24), a abordagem direta pode ser: “is characterized by a high degree of obtrusiveness, and by the fact that is the informants themselves who are asked to report their attitudes.”³⁶ Assim, os autores destacam as duas principais dimensões que formam a abordagem direta de se pesquisar atitudes linguísticas por esse modelo: a menor indiscrição e que são os próprios informantes que registram suas atitudes.

Desse modo, de um lado, amenizam-se problemas relacionados à própria coleta de dados e/ou à presença do pesquisador na comunidade pesquisada, uma vez que, geralmente, as técnicas utilizadas pela abordagem direta são realizadas paralelamente à aplicação de outros procedimentos como, por exemplo, uma entrevista sociolinguística, na qual um módulo irá conter o questionário direto, enquanto que os outros tratam de outros aspectos e questões; do outro lado, esse modelo também possibilita que o pesquisador não precisará inferir ou hipotetizar acerca das atitudes linguísticas: elas estarão registradas, foram emitidas pelos próprios falantes e coletadas pelas várias técnicas que compõem essa perspectiva.

Na abordagem direta de análise de atitude linguística, diversas técnicas e procedimentos podem ser utilizados para se coletar os dados, tais como: enquetes, entrevistas, questionários, respostas escritas, boca a boca, pesquisas, escalas de avaliação de atitudes, dentre outros, que explicitam diretamente a atitude do informante pesquisado.

Ainda, segundo Garrett, Coupland & Williams (2003, p. 25), a vantagem em se utilizar a abordagem direta, em uma investigação de atitude linguística, consiste em “have facilitated research into more languages, language varieties and linguistic features than have been covered by societal-treatment analysis.”³⁷

Em estudo já realizado, Freire (2014) pôde destacar como achado central que o papel principal dos informantes nos processos variáveis é uma realidade que se evidencia ao se empregar a abordagem direta, revelando aspectos relacionados às dimensões avaliativas, representativas, atitudinais, de significado social, dentre outros, que revelam diferentes interfaces agregadas direta ou indiretamente aos usos linguísticos que ocorrem nas mais

³⁶ “É caracterizado pelo alto grau de menor indiscrição e pelo fato de que são os próprios informantes solicitados a informar suas próprias atitudes”.

³⁷ “Facilitaram a investigação em mais línguas, variedades de línguas e características linguísticas do que têm sido tratado por meio da análise de tratamento social.”

diversas comunidades de fala. E, também, vislumbrar que as elocuções, produzidas durante as entrevistas sociolinguísticas, podem constituir uma fonte segura de exame de atitudes linguísticas, sobretudo, porque a discussão desses aspectos possibilita construir um pano de fundo para análise de fenômenos variáveis e/ou de mudança linguística existentes nas línguas.

Para a presente investigação, pretende-se empregar o uso dessa técnica ao se analisar as respostas dadas pelos informantes pesquisados quando estes responderem o Módulo Linguagem da entrevista sociolinguística que será utilizada. No capítulo que tratará dos aspectos metodológicos, é necessário detalhar as questões específicas.

Em oposição a essa perspectiva de estudo estão as abordagens indireta e de tratamento social. Verifica-se que são modelos que têm recebido muitas críticas e reformulações ou, ainda, principalmente, no caso da abordagem de tratamento social, há muita dificuldade em formar *corpora* adequados para investigação, diferentemente do que ocorre com a abordagem direta, conforme se constata nos diversos estudos já realizados.

2.6 SITUANDO A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Todo e qualquer processo de variação, seja ele de natureza social ou estilística, é condutor de significado social ou, nos termos de Eckert (2000), porta significado social, ou mesmo que tenha significado localmente identificado, pode ser relacionado dentro de situações específicas e sistematicamente relacionado a padrões mais gerais encontrados em diferentes investigações.

Como já se assinalou anteriormente, a variação estilística passou despercebida ou não foi investigada a contento pela leva produtiva e significativa dos estudos linguísticos que incorporaram o elemento social e/ou estilístico como condicionador de regra variável.

Labov (2008[1972], em seu clássico trabalho seminal que trata do isolamento de estilos contextuais que favorecem a identificação de processos variáveis de natureza estilística, reconhece que “os linguistas sempre tiveram consciência dos problemas de variação estilística. A prática normal é pôr essas variantes de lado” (2008[1972], p. 91). Contudo, admite-se que os resultados alcançados de uma análise estilística possibilitam compreender uma série de aspectos relacionados ao falante, ao local onde compartilha normas dialetais, ao contexto de interação comunicativa, ao seu destinatário e/ao tópico abordado, dentre outros.

Deste modo, ninguém tem dúvidas: a noção de estilo é central em uma análise sociolinguística. Mas, em que consiste o estilo? Que dimensões e/ou nuances o constituem? Diversas são as respostas encontradas no interior dos estudos linguísticos e que remetem

necessariamente a diferentes aparatos teórico-metodológicos, como se verificará na seção seguinte. Por enquanto, procura-se situar a variação estilística como mecanismo eficiente de análise e de descrição de usos espontâneos da fala.

Neste sentido, segundo Hora & Wetzels (2011, p. 148), “o estilo é visto como uma restrição que pode favorecer ou não a escolha de uma dentre as diferentes variantes que constituem uma variável.” Desse modo, a tarefa do pesquisador é isolar e/ou reconhecer os contextos favorecedores ou desfavorecedores da realização da regra variável em estudo na comunidade de fala observada.

Assim, percebe-se que a análise sociolinguística não basta apontar a correlação existente entre usos linguísticos e fatores (internos e externos), mas constitui-se no esforço complexo da tarefa descritiva que envolva aspectos diversos relacionados aos usos estilísticos, ao significado social, mesmo que passe pela localização de categorias sociodemográficas (idade, gênero/sexo, classe social, níveis de escolaridade, local de origem, profissão, etc.), ou que se remete às noções de prestígio ou estigma, ao significado local, dentre outros, é necessário desvelar aspectos da natureza da variação estilística.

Por sua vez, Campbell-Kibler (2006, p. 196) assim descreve estilo: “style may exist as a way for listeners (and therefore speakers) to understand variation and organize its social baggage”.³⁸ E mais adiante em sua análise, a referida autora vai apresentar o estilo como “cognitive construct” (2006, p. 203)³⁹. Assim, inicialmente, sua definição estilística se aproxima daquele formulada por Labov (2008 [1972], 2001).

Pensar nos aspectos relacionados à variação estilística dentro de uma teoria, que toma a língua em seu contexto social de uso, remete-se necessariamente à discussão das questões vinculadas à variação estilística intrafalante ou à variação estilística entre falantes. Segundo Görski (2011), essas questões dependem fundamentalmente das motivações que estão subjacentes aos modelos que abordam distintamente esses dois tipos de variação estilística. Assim, por exemplo, para Labov, a atenção dada ao vernáculo – mesmo reconhecendo a existência do Paradoxo do Obseador - constitui o mecanismo central para o uso preferencial de determinado estilo, enquanto que para Bell (1984) será o(s) destinatário(s) envolvido(s) na interação verbal.

Neste sentido, Hora & Wetzels (2011, p. 149) afirmam “a variação estilística envolve variação na fala de falantes individuais mais do que entre grupos de falantes, ela está mais

³⁸ “Estilo pode existir como uma maneira para os ouvintes (e, conseqüentemente, falantes) para compreender a variação e organizar sua bagagem social.”

³⁹ “Construto cognitivo.”

presente intrafalante do que entre falantes.” Verifica-se nas afirmações desses autores a nítida filiação à proposta laboviana de análise de variação estilística, de um lado; e, do outro lado, permite-se compreender que a descrição dos aspectos estilísticos variáveis pode ir além da ancoragem na noção de comportamento e reconhecer outras questões relacionadas aos contextos sociais da língua (contexto, tópico, destinatário(s) presente(s) ou ausente(s), identidade, práticas sociais diversas, dentre outras).

Com relação à segunda pergunta direcionada a esta seção: qual o papel do estilo nos processos de variação e/ou de mudança linguística?, algumas constatações podem ser inicialmente esboçadas e, em um segundo momento, de acordo com os dados que serão analisados, podem ser reelaboradas teoricamente.

Percebe-se que, de acordo com Hora & Wetzels (2011), a noção de estilo e sua relação com práticas variacionistas estão diretamente inseridas na proposta de restrições (fatores sociais, estruturais e estilísticos) descrita por WLH (2006 [1968]), ao apresentarem os princípios empíricos de uma teoria da mudança linguística.

De outro lado, ainda se verifica que essa relação está presente por meio da própria constituição interna da Sociolinguística, pois como assevera Cardoso (2012, p. 02): “a sociolinguística opera com a mudança em propagação, não com a mudança em sua origem, pois assim lhe é permitido pela abordagem quantitativa.” Assim, desse modo, reconhece-se que há certa complexidade envolvida em qualquer processo de variação, seja ela de natureza social e/ou estilística, que pode ser detalhada por meio de análises estilísticas.

Nesta direção, outra citação de Labov (2010, p. 208) é esclarecedora à discussão aqui realizada: “the behaviour of individual cannot be understood without knowledge of the larger community that her or she belongs to.”⁴⁰ Neste sentido, concebe-se que a investigação de processos variacionistas de natureza social e/ou estilística ou, ainda, que envolva análise de atitudes, percepção e avaliação ou de outros aspectos está envolvida em processos que são bastante complexos em seus mecanismos internos e/ou externos. Assim, a variação e a mudança estão imbricadas, e o estilo constitui o mecanismo de verificação e/ou de atuação destes processos ou daqueles relacionados às análises atitudinais e avaliativas dos usos linguísticos.

Essa imbricação é atestada por diferentes estudiosos da língua. Por exemplo, Eckert (2005, p. 01) afirma “there has been an emerging focus on variation not as a reflection of social

⁴⁰ “O comportamento do indivíduo não pode ser entendido sem o conhecimento da comunidade maior a que ele pertence.”

place, but as a resource for the construction of social meaning.”⁴¹ Assim, entende-se que a análise da variação estilística permite identificar os meios ou processos dessa construção de significado social que há nos usos de diferentes fenômenos linguísticos. Outra afirmação da autora corrobora as ideias até aqui ventiladas: “the relation between variables and categories that allows variation to be a resource not simply for the indexing of place in the social matrix but for the construction of new places and of nuanced social meanings” (ECKERT, 2005, p. 22).⁴²

A variação estilística constitui a chave de acesso aos processos que formam a natureza do significado social dos usos da língua. E assim, pode-se constatar como Labov (2008[1972], p. 135) fez após a análise no *Lower East Side*, “descobrir um padrão regular de comportamentos governando a ocorrência dessas variáveis [r/] na fala de muitos indivíduos.” Assim, essa é uma das tarefas empreendedoras da análise de variação estilística.

Na seção seguinte, descreve-se a perspectiva de abordagem da variação estilística segundo Labov (2001). E, desse modo, pretende-se responder a terceira pergunta norteadora deste capítulo: como abordar a variação estilística?

2.7 ESTUDO DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Nesta seção, será apresentada a abordagem de variação estilística proposta por Labov (2008 [1972], 2001): a abordagem estilística baseada no grau de atenção prestado à fala. Entretanto, pensar em variação estilística também se remete a outros modelos teóricos. São eles: a perspectiva denominada de *Audience Design* (BELL, 1984, 1999) e o modelo de natureza identitária ou de prática estilística, de Eckert (1989, 2000, 2001, 2005, 2008). Verifica-se que, de um lado, essas propostas constituem três formas diferentes de captar e analisar a variação estilística, com metodologias, naturezas e motivações próprias. Como o foco de análise desta investigação recai sobre a proposta laboviana, neste trabalho, será descrita apenas a perspectiva de cunho laboviano.

Na subseção seguinte, vai-se apresentar abordagem de variação estilística, aquela formulada por Labov.

⁴¹ “Tem existido um foco emergente sobre a variação não como uma reflexão de lugar social, mas como forma de construção de significado social.”

⁴² “A relação entre variáveis e categorias que permite a variação a ser um recurso não simples para a indexação de lugar na matriz social, mas para a construção de novos lugares e de significados sociais.”

2.7.1 Modelo Laboviano: Estilo como atenção dada à fala

Para Labov (2008[1972]; 2001), a noção de estilo está diretamente vinculada ao grau de atenção ou de monitoramento que o falante confere à fala (ao vernáculo), que, por sua vez, remete-se necessariamente às noções de prestígio ou de estigma que determinados estilos linguísticos recebem ao serem avaliados socialmente. Essa atenção dada à fala realiza-se num *continuum* de descontração e formalidade, formando o que Eckert (2004, p.44) denominou de “Eixo da Formalidade”. Assim, percebe-se que, a partir desta noção de estilo, a abordagem laboviana é predominantemente de natureza psicolinguística, o componente cognitivo, desse modo, é o mais saliente da estrutura da troca estilística no vernáculo. E esse mecanismo cognitivo é responsável por “ligar o social aos fatores linguísticos” (HORA, 2014, p. 23).

Mas, o que é que se entende por vernáculo ou estilo vernacular? Com a palavra, Labov (2008[1972], p. 244): “[...] Este é o ‘vernáculo’ – o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para análise da estrutura linguística”.

Então, qual seria o objetivo da análise da variação estilística em dados de fala espontânea colhidos em uma comunidade de fala? Ainda, segundo Labov (2001), a finalidade da investigação de estilos reside justamente em distinguir, em uma entrevista de base sociolinguística, quais estilos, lá presentes, são pertencentes à fala casual⁴³ (*casual speech*) e quais outros são classificados como fala cuidada/monitorada (*careful speech*), nos termos labovianos, “*casual from careful speech*”.

Desse modo, percebe-se que a realização do procedimento metodológico “entrevista sociolinguística” ocupa um lugar de destaque na abordagem laboviana, pois será o recurso por meio do qual o investigador irá obter os dados para distinção do que é vernacular do que não é vernacular em seus dados. A entrevista sociolinguística sempre foi alvo de críticas, basta verificar as questões relacionadas a ela e ao que foi cunhado como “Paradoxo do Observador”. Sendo um instrumento formal de coleta de dados, a presença do entrevistador que, geralmente, é estranha à comunidade de fala observada, bem o próprio contexto e procedimentos de sua realização configuram seu aspecto formal, porém, reconhece-se que é possível distinguir

⁴³ Ressalta-se, contudo, que se está consciente que a dicotomização casual e formal (assim como oral e escrito, por exemplo), deve ser tomada no *continuum*, considerando vários fatores interagindo simultaneamente, sobretudo, aqueles relacionados às condições de produção, a atenção dada à fala etc. que, variando, alteram o estilo de fala dos falantes. Neste sentido, os pólos casual e formal não devem ser entendidos como um produto, fechado e acabado, mas, sim, como processos e, evitando “qualquer rigidez de dicotomização” (NEVES, 2012a, p. 136-137).

passagens, trechos ou módulos (contextos/estilos) que se vinculam diretamente com o que se convencionou chamar de estilo vernacular.

Neste sentido, o empreendimento a ser feito pelo sociolinguista pesquisador, uma vez que definiu seu objeto de investigação e com as entrevistas realizadas, “é controlar o contexto e definir os estilos de fala que ocorrem dentro de cada contexto, de modo que essa hipótese da variação regular possa ser testada” (LABOV, 2008[1972], p. 101).

A noção de contexto em Labov para análise da variação estilística é recorrente e central, pois, serão nele que é preciso isolar os contextos (situações) que pertencem ao vernáculo e os dos não vernáculos. Há várias interpretações para a categoria contexto na obra do pesquisador americano. Görski (2011) discute-o e redireciona-o, porém, neste trabalho, ele será adotado como constituindo as partes ou módulos que formam e estruturam uma entrevista sociolinguística e que podem exibir os diversos comportamentos do falante e/ou aspectos relacionados às questões atitudinais, perceptuais e avaliativas que giram em torno dos usos sociolinguísticos.

Por exemplo, para coleta de dados na cidade de Jacaraú-PB, Freire (2011) utilizou-se de uma entrevista constituída por nove módulos, respectivamente: Identificação, Infância, Vizinhaça, Diversões, Religião, Problemas Sociais, Perigo de Morte, Esportes e Linguagem. Estes, por sua vez, eram divididos em questões relacionadas diretamente à temática do módulo (Para maiores detalhes ver o Anexo A). Desse modo, e, a partir da concepção laboviana aqui descrita, assume-se que esses módulos viabilizam a análise estilística do processo de variação dos segmentos /ʃ/ e /l/ na referida comunidade de fala.

Percebe-se que essa proposta está articulada aos interesses da pesquisa sociolinguística variacionista, pois “o interesse de Labov é, como vimos, por estruturas sociolinguísticas. Ele busca depreender padrões regulares de uso linguístico na comunidade, incluindo padrões de alternância estilística, cuja ocorrência pode ser predita por regras” (GÖRSKI, 2011, p. 04).

Dessa maneira, reconhece-se que “the study of style-shifting in social groups has been an auxiliary main findings of the community patter.” (LABOV, 2001 p. 86).⁴⁴ Assim, entende-se que esse empreendimento auxilia no ato de lançar luzes sobre a teoria social da língua e tem possibilitado, de um lado, reconhecer a configuração sociolinguística de diversas variáveis linguísticas que são produzidas durante os processos de variação estilística e/ou social; e, de outro lado, ainda, segundo Labov (2001 p. 86), possibilita o alcance de uma série de achados que permite conhecer aspectos da natureza desses tipos de variações.

⁴⁴ “O estudo de estilo de mudança em grupos sociais tem sido um auxílio principal nas descobertas do padrão de comunidade.”

Para Labov, eles são num total de seis empreendimentos, assim descritos: ocorre uma simetria entre variação; o contexto de uso da língua é significativo, ou seja, o princípio de Bell (1984) é central; o grupo social de maior prestígio pode exibir declínio no seu estilo, assim, os usos sociais da língua são dinâmicos; ocorre reinterpretação estilística, então, comunidades de fala alteram seus estilos ao entrarem em contato com o estilo de outras comunidades de fala; a avaliação dos novos estilos ocorre em propagação e não na origem da mudança/variação linguística e, finalmente, a variação estilística está ligada ao grau de consciência social do uso da variante investigada.

Neste sentido, por exemplo, como a variação /k/ ~ /l, j, Ø/ é atribuída a falantes de baixa classe social ou de baixa escolaridade, a sujeitos que moram no Nordeste brasileiro e até mesmo a informantes do sexo feminino, etc. (FREIRE, 2011), entende-se que esse processo de variação pode não ter sucesso na comunidade de fala mais abrangente, como na comunidade de fala dos brasileiros em geral e não ser plenamente implementado, pois esse processo é alvo de altos níveis de estigmas e de preconceitos pelos falantes de maior escolaridade, ou ocupantes de cargos de prestígio socioeconômico, etc. Essa proposição é corroborada pela afirmação de Bortoni-Ricardo (2014, p. 68-69):

Da mesma forma, se a origem da variante está associada a grupos sociais de prestígio, ela vai carregar esse prestígio. Alternadamente, se ela é oriunda de grupos estigmatizados, manterá esse caráter. O mais comum, nas regras variáveis em línguas usadas em comunidades urbanas e tecnológicas, é que uma regra variável se constitua de variantes próprias da variedade padronizada da língua e variantes de caráter popular, sem prestígio.

No decorrer desta subseção, observou-se que a finalidade da proposta de variação estilística em Labov constitui uma iniciativa ou modo como a variação intrafalante ocorre organizadamente dentro de uma entrevista sociolinguística. Todavia, Labov reconhece que há outros modelos que podem, também, captar a variação estilística.

2.8 PROPOSTA METODOLÓGICA LABOVIANA PARA ANÁLISE DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Os estudos labovianos descrevem dois modelos de abordagem de variação estilística em entrevistas: Labov (2008 [1972]) e Labov (2001). O primeiro modelo metodológico centra-se na análise de estilos-contextos segmentados, os quais Labov denominou de estilos A, B, C, D e D'; sendo o estilo A subdividido em cinco categorias. Já o segundo modelo, denominado de "*The Decision Tree*" (LABOV, 2001), baseia-se em dois parâmetros norteadores do uso da

fala (fala casual e fala cuidada) e está apoiado em uma escala de objetividade. Deste modo, há de se concluir que os modelos labovianos de análise estilística são predominantemente pautados em contextos: assim, são abordagens contextuais, de um lado; e, do outro, percebe-se que ocorre um refinamento teórico-metodológico na obra do próprio autor, possibilitando um novo rearranjo metodológico.

Como adota-se, neste trabalho, a segunda proposta de Labov (2001), vai-se, na subseção seguinte, examinar os aspectos relacionados ao 2º modelo de variação estilística formulado por Labov (2001): *The Decision Tree*.

2.8.1 Labov (2001): *The Decision Tree*

A segunda proposta metodológica laboviana para análise da variação estilística está descrita em Labov (2001): “*The Anatomy of style-shifting.*” Verifica-se que o modelo continua contextual e se avança em relação à primeira abordagem, o de 2008[1972], sobretudo, no detalhamento dos tipos de contextos em que o estilo monitorado será realizado ou o estilo casual. Para tanto, o estudioso americano manipula o tópico da entrevista sociolinguística, explicitando que alguns tópicos (contextos, módulos, partes, etc.) podem desviar (ou chamar) a atenção do falante ao que é falado e, assim, emergir estilos variados dos usos linguísticos.

Esse modelo teórico-metodológico de investigação da variação estilística foi inicialmente desenvolvido pelo referido autor no Projeto Variação e Mudança Linguística, na *Philadelphia*, no qual se investigaram as distinções estilísticas, fala casual x fala monitorada, acerca de três variáveis sociolinguísticas: /dh/, /ing/ e /Neg/.

Essa nova proposta de análise está organizada em oito critérios contextuais (ou categorias/estilos) que, por sua vez, subdividem-se em quatro contextos denominados de “fala casual” e em mais quatro categorizados de “fala cuidada/monitorada”. E todos seguem uma ordem decrescente de objetividade (sequência) num modelo arbóreo. Esses contextos que constituem módulos internos de uma entrevista sociolinguística formam eixos que norteiam o pesquisador na tarefa de controlar e definir os contextos que favorecem ou não o uso do estilo casual ou do estilo monitorado. O quadro 2, a seguir, exhibe a configuração desses contextos:

Quadro 2: Configuração interna dos contextos na *The Decision Tree*⁴⁵ (LABOV, 2001)

CONTEXTOS	ESTILOS/DESCRIÇÃO
Eixo “Casual Speech”	Fala vernacular.
<i>Narrative</i>	Narrativas de caráter pessoais.
<i>Group</i>	Fala direcionada a uma 3ª pessoa ou a alguém fora da cena da realização da entrevista.
<i>Kids</i>	Discutem-se tópicos voltados para infância, jogos e experiências vividas durante a fase infantil da vida dos informantes.
<i>Tangent</i>	Assunto que diverge daquele proposto pelo entrevistador e representa um forte interesse do entrevistado abordar.
Eixo “Careful Speech”	Fala monitorada
<i>Response</i>	Corresponde à 1ª sentença de cada resposta da entrevista.
<i>Language</i>	Refere-se às questões acerca de gramática, atitudes linguísticas. Remete-se aos aspectos avaliativos e perpetuais dos informantes, verificando seu grau de reconhecimento de fenômenos sociolinguísticos.
<i>Soapbox</i>	Expressões de opiniões generalizadas, por exemplo, acerca de discursos sobre crimes, corrupção ou sobre questões políticas e comportamentos das minorias.
<i>Residual</i>	Vincula-se aos trechos da entrevista que não se enquadram em nenhum dos estilos anteriormente descritos.

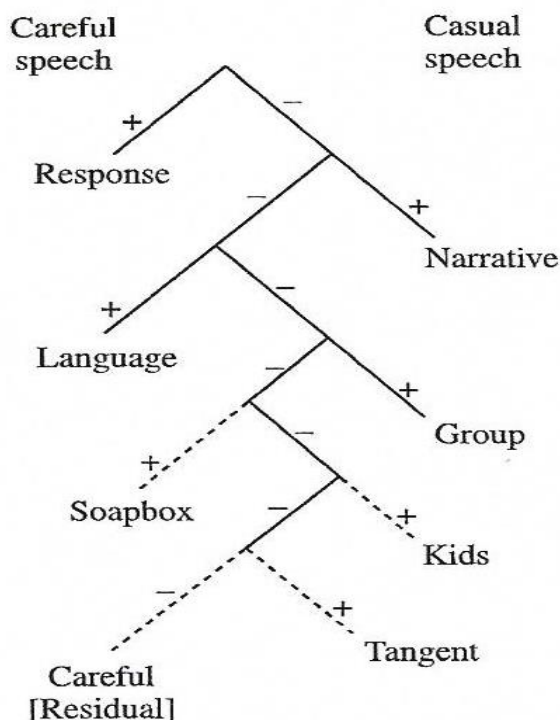
(Fonte: Adaptado de LABOV, 2001, p. 90-93).

Segundo Labov (2001), os contextos que mais favorecem o uso do estilo denominado de “casual” são: os contextos que envolvem a fala não como uma resposta a uma pergunta, a conversa sobre os tópicos relacionados à infância, jogos ou experiências vividas durante a infância e questões discutidas sobre perigo de morte. Nesse modelo de investigação da variação estilística de Labov, esses contextos correspondem ao estilo *Narrative* na *The Decision Tree*.

Esquemáticamente, os oito contextos estilísticos formam uma árvore, conforme se pode visualizar na reprodução da figura 3.

⁴⁵ Ressalta-se que optou-se por manter a nomenclatura original, mesmo que no Português hajam termos equivalentes para tradução.

Figura 3: *The Decision Tree* para análise estilística na fala espontânea em uma entrevista sociolinguística.



(Fonte: LABOV, 2001, p. 94).

A figura 3⁴⁶ representa os trechos ou módulos que formam uma sequência textual na entrevista sociolinguística, na qual cada nó da árvore corresponde a um contexto favorecedor ou não do uso de determinada variante linguística. O primeiro nó da árvore corresponde à primeira sentença que é dita pelo informante logo após a pergunta feita pelo pesquisador; logo, em seguida, são realizadas perguntas relacionadas à história pessoal do falante e, assim, sucessivamente, cada nó corresponde a um determinado contexto. Na verdade, esse modelo mostra como ocorre o “passeio da fala do informante” por uma entrevista sociolinguística: ora, priorizando o estilo vernacular (*Casual Speech*), nos nós: *Narrativa*, *Infância*, *Vizinhança/Comunidade* ou em *Tangent*; ora, fazendo emergir o estilo monitorado (*Careful Speech*), nos nós: *Resposta*, *Linguagem*, *Soapbox* e *Residual*.

Ainda, de acordo com esse modelo representado na figura 3, para Labov (2001), os quatro primeiros nós da árvore (*Response* e *Language*, para fala com maior audiomonitoramento; e, *Narrative* e *Group*, no eixo da fala vernacular) são os que apresentam

⁴⁶ Diversos são os estudos já realizados no PB utilizando esse modelo. Para maiores detalhes consultar Görski, Coelho & Souza, (2014).

maior objetividade e, assim, maior segurança para o pesquisador, quanto ao uso preciso da variante ao se analisar a variação estilística. Sendo assim, a tarefa do pesquisador é isolar as ocorrências das variantes linguísticas analisadas de acordo com suas realizações nos contextos, ou seja, nos nós que formam a árvore e, conseqüentemente, atribuir os valores conforme a sequência de ordem/objetividade proposta por Labov (2001).

Assim, o modelo proposto por Labov (2001) pode constituir uma ferramenta descritiva confiável de verificação do audiomonitoramento que o falante faz da própria fala durante a realização de uma entrevista sociolinguística, visto que essa abordagem oferece um caminho descrito a ser perseguido pelo pesquisador. A *The Decision Tree*, na verdade, apresenta de forma metodológica a maneira de captar a frequência de uso de determinadas variantes linguísticas que ocorrem num *continuum* de variação: do estilo mais monitorado ao menos monitorado e vice-versa e, assim, pode-se atribuir uma explicação ao significado social do uso dessas formas. E, sobretudo, se a ela acrescentar outros instrumentos de mensuração ou de análise de usos linguísticos, como por exemplo, associar simultaneamente à descrição e à análise uma abordagem não só quantitativa, mas qualitativa, como se pretende fazer neste trabalho.

Diante do exposto, pode-se ainda questionar: qual a finalidade desse procedimento técnico? Labov defende que ele: “is designed to filter out a subsection that is plainly distinct from main body of speech by its topical and contextual character” (2001, p. 93).⁴⁷

Neste sentido, e, em consonância com o seu modelo anterior, o pesquisador americano reafirma que a entrevista sociolinguística é uma ferramenta capaz de captar a variação estilística em dados da fala espontânea, de um lado; seus achados têm demonstrado que essa técnica de separação de estilos contextuais tem uma significativa base nas atividades de fala que ocorrem em uma comunidade de fala, do outro lado; e, assim, tem exibido resultados confiáveis e seguros, podendo ser replicada em estudos posteriores. Desse modo, ele consegue atrelar variação social, realizada por meio da análise de variáveis fonológicas e fatores sociais, com variação estilística, identificando os contextos de monitoramento ou não de uso dessas variáveis investigadas.

Segundo Görski (2011), uma das críticas a esse modelo está relacionada à mistura de critérios que compõem a noção de contexto adotada por Labov em sua proposta, pois essa definição estilística laboviana passeia por diferentes estâncias da configuração da *The Decision Tree*, por exemplo, os contextos *Response*, *Group* e *Tangent* compartilham aspectos do

⁴⁷ “É projetado para filtrar uma subseção que é claramente distinta do corpo principal do discurso de seu caráter tópico e contextual.”

envolvimento com o ato conversacional (alternância de turnos) e estão em eixos estilísticos diferentes; o contexto *Narrative* tem uma dimensão textual, quanto é, também, o contexto *Tangent*; e, *Language* e *Kids* remetem-se a assuntos e tópicos, como ocorre com o contexto-estilo *Soapbox*. Assim, talvez seja necessário rever a noção de contexto utilizada pelas entrevistas sociolinguísticas. Voltar-se-á a essa questão posteriormente.

Já para Hora & Wetzels (2011), diversas são as críticas formuladas ao modelo laboviano da *The Decision Tree*: (i) dificuldade de mensurar a atenção dada à fala; (ii) dificuldade de operacionalizar a separação do que é fala casual e fala cuidada nos estilos-contextos; (iii) natureza unidirecional da proposta; e (iv) o falante é concebido como passivo.

Contudo, a questão da passividade do falante parece que é questionável, haja vista que, entendendo que o falante não é usuário de um estilo único, mas variado, e que a *The Decision Tree* propõe ou indica a possibilidade do falante usar estilos diferentes de acordo com a organização interna da entrevista sociolinguística por meio de módulos (contextos) que obedecem a critérios sob um eixo e, ao mesmo tempo, seguem uma escala de objetividade que pode expressar a intenção do falante, compreende-se que a passividade pode ser excluída ou atenuada. A questão pode ser revista frente aos dados que serão analisados posteriormente.

Particularmente, entende-se que outra crítica, que pode ser atribuída ao modelo de análise estilística de Labov (2001), diz respeito à dificuldade de operacionalização quanto à divisão de alguns critérios-contextos que formam a árvore, o que pode tornar o modelo bastante subjetivo e, assim, não corresponder satisfatoriamente às suas ideias iniciais quando foi formulado. Por exemplo, com relação ao Módulo *Response* que, de acordo com a proposição do autor, é fácil reconhecer onde se inicia esse galho na árvore, porém, não é explicitado detalhada e didaticamente onde se termina esse estilo-contexto. Assim, questões relacionadas ao tamanho ou mesmo especificação de um critério que fixasse ou norteara o pesquisador poderiam facilitar a investigação. Sendo assim, neste trabalho, adotou-se um critério que, possivelmente, amenizará parte dessas questões e que será discutido posteriormente ao apresentar a metodologia.

Ainda, com relação às críticas, o próprio Labov (2001) admite limitação metodológica em seu modelo. Para o autor, não é possível verificar se decisões individuais baseadas na classificação da árvore estão contribuindo para diferenciação estilística. Porém, ressalta-se que o foco do autor não é o estilo individual (como propôs Eckert, 2000, 2008), mas o comportamento sociolinguístico de uma comunidade de fala. Todavia, reconhece-se que o modelo laboviano continua produtivo, e achados, aparentemente, contraditórios ou preliminares não invalidam a proposta no seu conjunto.

Neste sentido, pretende-se adotar essa proposta de análise estilística e investigar o comportamento das variáveis /ʌ/ e /l/, verificando se essas variáveis exibem variação regular em estilos e contextos diferentes no *corpus* a ser estudado. Também, ao se ancorar nesse modelo, visa-se, conforme os dados permitirem, propor revisão de alguns aspectos da abordagem laboviana e/ou apontar novas categorias de análise que possam submergir. Já se verificou, conforme se assinalou anteriormente, que há uma série de críticas ao modelo, daí ser necessário refinamento conceitual e metodológico da proposta.

Na seção seguinte, apresentam-se as sumarizações esboçadas neste capítulo.

2.9 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

De modo ainda geral, algumas constatações podem ser apresentadas neste final de capítulo. Com relação à avaliação, pôde-se perceber que essa prática consiste no resultado exibido ou falado acerca do posicionamento que o falante/ouvinte tem, não só sobre o que ouve, mas também de quem ouve/fala e de suas características sociais, tais como: sexo, idade, nível de escolaridade, profissão, dentre outras. Sendo assim, a avaliação subjetiva dos usos linguísticos está no cerne das questões sociolinguísticas.

Nele, também, procurou-se inicialmente arrolar algumas definições de atitudes linguísticas. Verificou-se que há na literatura específica uma série de conceituações e definições envolvendo essa temática. Isso ocorre devido à complexidade conceitual relativa à própria natureza constitutiva das atitudes linguísticas. Contudo, para os propósitos desta investigação, assumem-se as definições propostas por Oppenheim (1982), a de Sarnoff (1970) e a de Bisinoto (2000) que evidenciam os aspectos processual e sociolinguístico relacionados às atitudes linguísticas. Assim, pode-se depreender que elas constituem fenômenos sociais e concretizadas por meio dos usos sociolinguísticos.

Reconheceu-se que a tarefa de investigação estilística foi e continua sendo um desafio teórico-metodológico no interior da Linguística, apesar dos avanços e da existência de diferentes modelos de pesquisa existentes. Tanto Bell (1984) quanto Labov (2008 [1972]) reconhecem que a dimensão estilística da variação ainda não recebeu o espaço que lhes é cabível nas análises sociolinguísticas ou, por ser posta em segundo plano, ou em consequência a essa, pela ausência de técnicas precisas que possibilitem a mensuração de estilos diferentes.

Neste trabalho, seguindo a perspectiva formulada por Labov (2001), as variantes [j], [l] e [Ø] vão ocorrer mais nos contextos pautados pelo eixo da fala casual (*Narrative, Group*,

Kids e *Tangent*), enquanto que as variantes [ʌ] e [w] serão favorecidas pelo eixo da fala cuidada (*Response*, *Language*, *Soapbox* e *Residual*).

No capítulo seguinte, será traçado o percurso metodológico desenhado para a presente investigação

CAPÍTULO III: DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

3.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, será traçado o desenho metodológico percorrido durante as etapas de pesquisa, coleta de dados, constituição do *corpus*, etc.

Quanto à organização e distribuição deste capítulo, ele está assim organizado: na 1ª seção, descreve-se o local de pesquisa (aspectos históricos, geográficos, culturais, etc. da comunidade de fala examinada) a partir de consultas bibliográficas e da apresentação de enxertos das próprias entrevistas com os informantes selecionados, nos quais estes expressam seus pontos de vista e/ou sentimentos de pertença àquela comunidade e, finalmente, apresenta-se a justificativa para escolha da cidade de Jacaraú – PB como *lócus* de pesquisa; a 2ª seção está reservada à discussão de questões vinculadas à entrevista sociolinguística.

Na 3ª seção apresentam-se os aspectos relacionados ao teste de avaliação, atitude e percepção linguística (Instrumento); já, na 4ª seção, descrevem-se os tipos de análises que serão realizadas neste estudo; na 5ª seção discorre-se sobre a formação e constituição do *corpus* e suas respectivas amostras; na 6ª seção serão descritas as variáveis (dependente e independente) que serão investigadas, os fatores propostos como condicionadores (sociais, estruturais e estilísticos); e, na 7ª seção, apresentam-se as conclusões deste capítulo.

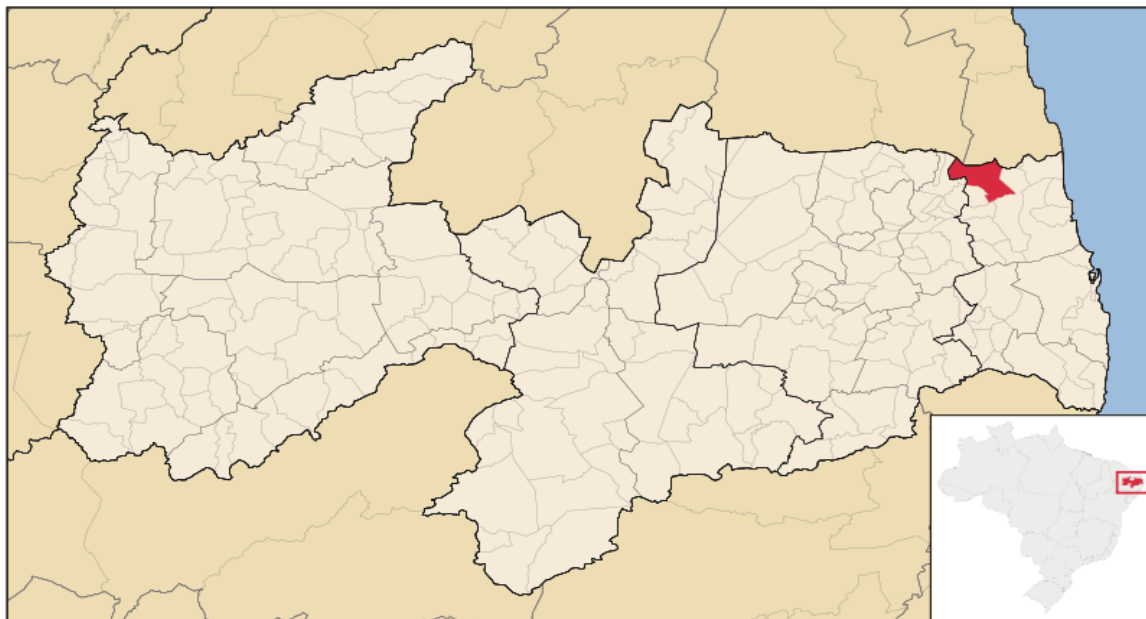
3.1 LOCAL DE PESQUISA

Optou-se por iniciar este capítulo pela descrição dos diferentes aspectos que constituem a comunidade de fala, *lócus* de investigação, nesta tese, por entender que, além ou depois de assumir uma perspectiva teórico-metodológica para ancorar uma explicação científica de um dado fenômeno - um processo variável envolvendo segmentos fonológicos do PB, /λ/ e /l/ - e, uma vez delimitado o objeto de investigação, pensa-se logo: onde encontrá-lo? No nosso caso, em uma comunidade de fala, especificamente, a cidade de Jacaraú – PB. É sobre ela que os próximos parágrafos tratarão. A compreensão dos aspectos que serão abordados aqui poderá fornecer elementos que auxiliem direta ou indiretamente na explicação do uso das líquidas laterais /λ/ e /l/ e de suas variantes nessa comunidade.

A cidade de Jacaraú – PB está localizada no Estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil, especificamente, na mesorregião da Mata Paraíba, do Litoral Norte (Microrregião) e pertence à região metropolitana do Vale do Mamanguape e está a 96 (noventa e seis) Km de

distância da capital paraibana, João Pessoa. Limita-se geograficamente ao Norte, com o Rio Grande do Norte (Montanhas - RN), ao Leste e Sul com as cidades de Mamanguape – PB e Curral de Cima – PB, respectivamente, e a Oeste com os municípios de Pedro Régis – PB e Caiçara – PB (Wikipédia, 2014). O mapa 1, a seguir, ajuda a visualizar geograficamente parte dessas informações.

Mapa 1: Mapa do Estado da Paraíba com a localização da Cidade de Jacaraú- PB



(Fonte: IBGE, 2014).

Segundo as informações do IBGE (2000-2010), a população residente do município de Jacaraú – PB, em 2010, corresponde ao total de 13.942 (treze mil, novecentos e quarenta e dois) habitantes, sendo destes 6.918 (seis mil, novecentos e dezoito) do sexo masculino e 7.024 (sete mil e vinte e quatro) do sexo feminino. E a área total da unidade territorial de Jacaraú – PB abrange 253.009 Km² (duzentos e cinquenta e três mil e nove quilômetros quadrados). Ainda, segundo o referido órgão de pesquisas estatísticas, a população residente alfabetizada deste município é de 8.778 (oito mil, setecentos e setenta e oito) habitantes, assim, 5164 (cinco mil, cento e sessenta e quatro) munícipes, de acordo com o último senso, são analfabetos.

Com relação ao surgimento do povoado, atualmente, cidade, segundo o IBGE (2014), ele surgiu às margens de uma lagoa, situação semelhante a vários municípios que tiveram seus primeiros núcleos populacionais organizados em torno de rios, lagoas, barreiros, enfim, nas proximidades da água. Essa prática se dava graças aos benefícios proporcionados pela água e pelas terras férteis que há nas proximidades dessas fontes naturais para o desenvolvimento de atividades ligadas à agricultura. Naquele momento, Jacaraú era um ponto de pousada para

tropeiros que viajavam de Mamanguape - PB para Nova Cruz - RN, tornando-se, assim, um lugar adequado para o consumo de água e a única opção nos períodos de estiagem para consumo.

Os primeiros residentes e/ou famílias que povoaram Jacaraú foram: Joaquim Braz, Antônio Fernandes (sendo o maior dono das terras do núcleo populacional), Antônio Cané, Pedro Mandu, Luiz Tenório e Antônio Felipe dos Santos (IBGE, 2014).

Verifica-se que, desde sua primeira organização populacional, Jacaraú estabelece ligações, sobretudo, comerciais, com as cidades limítrofes, especificamente, com o município de Nova Cruz - RN, possibilitando assim o contato dialetal entre duas cidades que estão em divisas de Estado. Este fato chama a atenção. Logo a frente, volta-se a esse tópico quando se tratar da justificativa por essa cidade como *lócus* de investigação.

Ainda, de acordo com o IBGE (2014), Jacaraú foi distrito de Mamanguape - PB, sendo criado município pela Lei Municipal Nº 11, de 21.12.1908 e permaneceu nesse estado até 1960, quando ocorreu, no Brasil, um aumento significativo do número de municípios que tiveram suas emancipações políticas (IBGE, 2011), e Jacaraú foi elevado à categoria de município pela Lei Estadual Nº 2.604, de 01.12.1961 e instalado definitivamente em 28.01 do ano subsequente. Desde 2007, Jacaraú é constituída por dois distritos: a sede – Jacaraú - e o distrito de Timbó.

A respeito do local de pesquisa, é ainda ilustrativo comparar o que alguns informantes têm a dizer acerca de sua própria comunidade de fala. Neste sentido, os excertos reproduzidos a seguir, apresentam “Jacaraú por Jacaraú.” Ressalta-se que esses excertos correspondem a trechos das respostas formuladas pelos informantes selecionados e que foram dadas por eles às perguntas: (I) O(a) senhor(a) gosta de morar aqui em Jacaraú? (II) O(a) senhor(a) pensar em sair de Jacaraú? A letra (E) corresponde à fala do entrevistador e a letra (I) à do informante⁴⁸:

(1) I: adoro...gosto muito...

E: por quê?...

(2) I: rapaz...porque Jacaraú é tão calmo...é uma cidade...qui...ei::::...apesar de hoje....porque existe....é::::...muitas pessoas morando de fora...mai é....o povo mesmo de Jacaraú...é um povo ordeiro...pacato....é um povo qui....gosta de fazer amizade...eu gosto muito de Jacaraú...eu gosto muito de Jacaraú...muito mesmo... (JSS, + de 50 anos, Ensino Superior, masculino).

VPC, uma jovem que nasceu e se criou em Jacaraú, à época da entrevista tinha 16 anos e já cursava Direito, na UEPB, afirma:

⁴⁸ Os excertos dos informantes citados serão, neste trabalho, sempre identificados com as letras iniciais do seu respectivo nome escritas em maiúsculas.

(3) I: aqui é uma cidade bem pacata::...é::...é::...não oferece muitas oportunidades de emprego né...mai a gente faz o possível...para...pra acrescentar nos estudos e sair daqui...mai...enfim...mesmo assim...eu não pretendo me ausentar definitivamente desta cidade... (VPC, 15 a 25 anos, + 8 anos de escolaridade, feminino).

Já MBOS apresenta uma visão diferente da dos informantes anteriores, preferindo a zona rural dessa cidade em detrimento da área urbana:

(4) I: gosto...mai...a gente tem troço lá...trabaia lá.... a gente...passa o sabo e domingo...eu gosto mai do sítio...

E: por quê?

(5) I: porque eu acho bom...lá é mais calmo...mai quieto...mai tranquili...aqui é muita zuada...sei lá...porque acho bom lá...a 40 e tantos anos que a gente morou lá... né?... (MBOS, + 50 anos, analfabeta, feminino).

Finalmente, os dois últimos excertos reproduzem o sentimento de pertença local dos falantes jacarauenses ao serem perguntados se pensavam em morar em outra localidade. Eles estabelecem;

(6) I: não...só quando Deus me tirar...porque...mandar...quando chegar a hora...mai eu gosto muito da minha cidade...pra ir com a minha idade...não tenho mai onde procurar...o tempo de sair já passou...era... (JAS, + 50 anos, + 8 anos de escolaridade, masculino).

(7) I: aqui é meu patamar...eu comprei aqui...todo mundo aqui mais eu...gosto também...de todo...quanto...não tenho intrigado...pra começar...não tenho e não desejo intrigado que possui...Deus me defenda de intrigado...aqui eu acho bom (JFO, + 50 anos, analfabeto, masculino).

(8) I: (risos)...porque eu gosto dele...gosto...apesar das coisas que acontece em todo lugar...lugar acontece....eu gosto de morar nele... (MLS, + 50 anos, + 8 anos de escolaridade, feminino).

Assim, pode-se verificar, a partir das informações contidas nos excertos reproduzidos anteriormente, que há “o ethos da solidariedade típico das pequenas comunidades interioranas” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 145), compartilhado na comunidade de fala aqui investigada, pois observa-se que os falantes parecem estabelecer laços de boa convivência com a vizinhança, a comunidade é avaliada positivamente e qualificada como “pacata” ou de “povo ordeiro”, quem já alcançou novos níveis de escolaridade quer mesmo assim nela permanecer e reconhece que, apesar dos sinais ou efeitos de processos de urbanização das cidades, conjectura-se o trânsito movimentado, aumento da violência e/ou do consumo de drogas que podem estar implícitos na fala desses informantes, a cidade de Jacaraú é boa de se morar.

3.2 ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA: MÉTODO PADRÃO DE COLETA DO VERNÁCULO

Com relação à entrevista (sociolinguística), neste trabalho, será sempre referida como *entrevista sociolinguística* com vistas a minimizar o sentido que esse termo é portador em outras áreas do conhecimento, na bibliografia especializada, destaca-se, ainda hoje, o livro de Tagliamonte (2006), no qual, especificamente, em seu capítulo 3 (*The Sociolinguistic Interview*), trata de aspectos específicos da composição, realização e análise da utilização desse procedimento metodológico de coleta de dados.

Neste sentido e, compreendendo que a entrevista sociolinguística constitui o procedimento padrão de coleta de dados que expressa o uso social da língua, esse foi o primeiro método a ser realizado na comunidade de fala que é alvo de investigação sociolinguística aqui proposta.

Para tanto, elaborou-se um roteiro composto por módulos, a partir das sugestões, tanto expressas em Tagliamonte (2006) quanto em Guideline Questions (Do Appendix B, adaptado dos trabalhos labovianos, *apud* TAGLIAMONTE, 2006), iniciando com questões mais gerais, como os primeiros módulos, até questões mais específicas, como se verifica nos últimos módulos da entrevista sociolinguística. A entrevista sociolinguística utilizada nesta pesquisa é formada por 9 (nove) módulos (contextos), e cada módulo é organizado por questões específicas voltadas a ele. São eles, a saber: Identificação, Infância, Vizinhança, Diversão, Religião, Problemas Sociais, Perigo de Morte, Esportes e Linguagem (Para visualizar todos os módulos e perguntas ver o Anexo A).

Todavia, ressalta-se que essa é a orientação da proposta de trabalho utilizada, mas que outras perguntas e/ou temáticas foram feitas ou não aos informantes, conforme fosse o andamento de execução dessa técnica; e, desse modo, outras perguntas poderiam ser introduzidas; assim foi feito, também, de modo contrário, ao se avaliar que uma determinada pergunta de um dos módulos poderia constranger o falante, optou-se por não realizá-la, como por exemplo, a pergunta 9 (nove) do Módulo Religião/Condutas que trata da atual liberdade sexual dos jovens. Em algumas entrevistas se verificou que alguns informantes se sentiam incomodados ao respondê-la, sobretudo, os mais idosos, então mudava-se tópico ou se introduzia uma nova pergunta.

A entrada à comunidade de fala aqui examinada ocorreu por meio de terceiros, conforme tem apontado a literatura especializada. Para tanto, o contato se deu por meio de Rodrigo Farias que, à época, era aluno regular do Proling/UFPB e membro da referida

comunidade de fala. E, também, para realização do Instrumento de Avaliação, Atitude e de Percepção, novamente, obteve-se o contato de pessoas residentes em Jacaraú.

Antes das realizações das entrevistas sociolinguísticas, também, elaborou-se uma Ficha Social (Ver Anexo B) que seguiu o modelo adotado pelo VALPB (HORA & PEDROSA, 2001) e que pudesse, de antemão, fornecer pistas socioculturais dos possíveis informantes e que tais informações auxiliariam na estruturação e composição dos módulos a serem produzidos para a pesquisa. Neste sentido, foram aplicadas 100 (cem) Fichas Sociais à comunidade de Jacaraú, sendo pessoas próximas ao mediador de acesso àquela comunidade, tais como membros do ambiente de trabalho, indivíduos que congregavam na mesma denominação religiosa, parentes e pessoas anônimas que se encontravam nas ruas daquela comunidade durante o período de aplicação desse questionário, garantindo assim o lado aleatório da organização da metodologia e, ao mesmo tempo, possibilitando que qualquer informante tenha as mesmas chances matemáticas de ser selecionado para composição das amostras.

Esse procedimento metodológico foi realizado nas casas residenciais dos próprios informantes, marcado anteriormente, gravado em minigravador digital, módulo WAV 4 bit, modelo RR-US430 e, atualmente, essas entrevistas sociolinguísticas estão armazenadas eletronicamente em CDs. Procurou-se garantir aos informantes um ambiente descontraído (no sentido de menos formal) e a posse da palavra durante todo o tempo da realização de cada entrevista sociolinguística, minimizando assim o paradoxo do observador e, possibilitando a emersão do uso vernacular pelos informantes pesquisados.

Ressalta-se, também, que se teve o cuidado com a qualidade técnica da própria produção acústica que se colhia, na medida do possível, desse modo, solicitava-se aos informantes que desligassem aparelhos de TV, telefones, rádios e que se acomodassem num ambiente mais silencioso das residências onde as entrevistas sociolinguísticas seriam realizadas. Cada entrevista sociolinguística realizada ocorreu em um tempo médio de 1 (uma) hora, salvo as circunstâncias pessoais e/ou ambientais quando não permitiram a sua realização.

Na seção seguinte, abordam-se questões relacionadas ao instrumento de avaliação, atitude e percepção linguísticas que foi utilizado neste estudo.

3.3 TESTE DE AVALIAÇÃO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGUÍSTICAS (INSTRUMENTO)

O segundo procedimento metodológico adotado neste trabalho foi a aplicação de um teste (Instrumento) de verificação de avaliação, atitude e percepção linguísticas, no qual visa-se elicitare reações avaliativas dos juízes-ouvintes acerca da variedade linguística paraibana.

Assim sendo, elaborou-se um instrumento de avaliação, atitude e percepção linguísticas⁴⁹ que possibilitasse, no primeiro momento de sua aplicação, respostas em escalas bipolares construídas por pares de adjetivos positivos e negativos; e, em um segundo momento, a partir de questões de múltipla escolha, ainda, no mesmo instrumento, permitisse que a escolha de aspectos diversos fossem associados aos falantes examinados ou quanto à sua variedade linguística, vinculando a isso traços da personalidade desses informantes. Ou, ainda, uma questão que permitisse o avaliador comparar o que ouviu com a sua própria variedade falada.

Para fins de análise numérica, adotou-se uma escala semântica de sete pontos, sendo vinculado ao adjetivo positivo do par, na escala, o valor 7 (sete), e o 1(um) ao seu oposto. Melo (2010), Fasold (1984), dentre outros autores, já realizaram estudos com essa metodologia, a qual se mostrou satisfatória. A partir da segunda questão, no instrumento, objetivou-se depreender ou inferir diversas atitudes sociolinguísticas por meio das respostas subjetivas registradas. Esse instrumento foi organizado em 3 (três) questões fechadas e 2(duas) abertas.

A questão 1(um) refere-se aos aspectos relacionados à caracterização do falante por meio de uma escala de diferença semântica⁵⁰. A questão 2 (dois) refere-se às perguntas relacionadas à idade do falante. Em 3, busca-se identificar que traços/características da personalidade do falante são reconhecidas e/ou atribuídas ao se ouvir excertos com as variantes linguísticas em estudo e, em 4, almeja-se verificar a localização do falante ao vincular a ele uma dada variante linguística escutada. E, por fim, a última questão do instrumento a ser aplicado pretende comparar o trecho que foi ouvido com a própria variedade dialetal dos juízes-ouvintes perguntando se eles falam de modo semelhante ao que ouviram. E tiveram a possibilidade de registrar uma opção por eles indicadas.

Os juízes-ouvintes ouviram quantas vezes quiseram os estímulos produzidos e que continham as variantes linguísticas em análise e, após ouvi-los, registraram no instrumento de avaliação suas reações subjetivas, conforme descreveu-se na seção anterior.

3.3.1 Seleção dos juízes-ouvintes

A literatura especializada tem insistido que os ouvintes desempenham papel central nos processos de avaliação, atitude e percepção linguísticas. Assim, como já discutido nos capítulos anteriores, assume-se que os juízes-ouvintes participam diretamente na tarefa de

⁴⁹ Para maiores detalhes veja-se o Apêndice I, deste trabalho.

⁵⁰ Para visualizar a descrição das escalas e de cada questão que compõe o Instrumento, novamente, remete-se ao Apêndice I.

elicitar reações avaliativas acerca de variedades linguísticas examinadas, construindo *representações sociolinguísticas* (FREIRE, 2014). Neste sentido, parte-se do pressuposto de que tanto falantes quanto ouvintes têm certa habilidade em distinguir diferenças dialetais/sociolinguísticas e, ao mesmo tempo, podem associar determinados traços da personalidade do falante a uma dada variedade linguística. Neste caso, vinculando o uso da variante [ʎ] a traços característicos dos falantes paraibanos por meio de avaliação qualificativa exibida em escalas de diferenças semânticas e/ou em questões de múltipla escolha.

Neste estudo, as amostras dos juízes-ouvintes foram constituídas por falantes residentes na mesma comunidade de fala, na qual foram realizadas as entrevistas sociolinguísticas, como, por exemplo, com estudantes, professores e outros profissionais da comunidade. Para tanto, a realização do teste tomou duas direções. Na primeira, priorizando informantes da área da Educação (alunos universitários, professores, funcionários de escola, etc.), foi encaminhado via *e-mail* para ser realizado com informantes residentes em Jacaraú, caso contrário, seriam descartados. A seleção e o encaminhamento dos juízes-ouvintes foram organizados pelo próprio pesquisador deste trabalho com auxílio de 5(cinco) informantes que residem em Jacaraú. Para tanto, escolheram-se da listagem de contatos de *e-mails* desses informantes, pessoas residentes na comunidade para serem avaliadores.

Já, na segunda direção, objetivando alcançar o maior número de avaliadores e de diferentes segmentos da comunidade de fala pesquisada, também, foram enviados *e-mails* contendo o *link* do teste para outros moradores da cidade e, realizado o contato pessoal com possíveis juízes-ouvintes: do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, profissionais da Saúde (Hospital Municipal), Secretaria Paroquial da Igreja Católica e/ou com pessoas encontradas aleatoriamente e que foram abordadas no centro da cidade de Jacaraú.

Os critérios que nortearam esta organização das amostras dos juízes-ouvintes foram linguísticos e sociais, uma vez que se assume que o nível de escolaridade, associado a outros fatores, como sexo, profissão e local de origem, dentre outros, são fatores importantes no condicionamento do uso da língua. Além do mais, foram informantes da própria comunidade de fala que avaliaram e registraram percepções acerca do processo variável já verificado nessa comunidade.

Contudo, reconhece-se que há uma problemática que envolve a utilização de juízes-ouvintes estudantes, sobretudo, aquela relacionada à possível perda da naturalidade, já que esses sujeitos podem responder aquilo que o pesquisador queria coletar, mas seus efeitos foram amenizados tornando a aplicação do instrumento e o ambiente de realização mais naturais possível.

Para fins de conhecimento dos aspectos sociodemográficos, os juízes-ouvintes preencheram, antes de participarem do teste, um questionário. Para maiores detalhes, pode-se recorrer ao Anexo C deste trabalho.

Essa metodologia tem sido amplamente adotada durante a realização dos sistemáticos estudos pautados na perspectiva sociolinguística e/ou em áreas afins. E os resultados alcançados são bastante satisfatórios, possibilitando reconhecer aspectos existentes entre variação linguística e outros processos envolvendo avaliação, atitude e percepção. Sob esta visão, podem ser consideradas as obras de Preston & Niedzielski (2010), Pisoni & Remez (2005), Fasold (1984) que constituem referências teórico-metodológicas envolvendo as temáticas descritas.

3.3.2 Produção dos Estímulos

Os juízes-ouvintes ouviram estímulos que foram produzidos contendo as variantes linguísticas encontradas nas entrevistas sociolinguísticas realizadas em Jacaraú – PB. Para realizar o recorte e montagem dos arquivos de áudio fez-se uso de software Praat (BOERSMA & WEENINK, 2015, versão 5.4.1.7).

Assim, foram produzidos estímulos nos quais se podiam ouvir a realização de uma das quatro variantes da lateral palatal / λ /: [λ , l, j, Ø]. Esses estímulos foram gravados em ambiente fechado, com aparelho digital TASCAM – DR – 2d Linear PCM RECORDER, com dois informantes paraibanos, sendo 1(um) do sexo masculino e o outro do sexo feminino, respectivamente, AWDA e ICN, de modo que cada um gravou a realização da mesma variante. Esses informantes são falantes da variedade pessoense.

Optou-se por produzir os estímulos em virtude da qualidade técnica que oferecem para serem utilizados em um teste de avaliação, atitude e percepção, uma vez que, de um lado, foram juízes-ouvintes não profissionais que realizaram a tarefa de examinar os áudios. Assim, precisa-se de estímulos que tenham excelente qualidade sonora e sem ruídos e, do outro lado, geralmente, as entrevistas sociolinguísticas, que foram realizadas, captam, também, ruídos diversos, barulhos do vento, diferentes vozes, sons, etc. que podem interferir no processo de avaliação e percepção de excertos retirados delas.

Neste sentido, a opção por recorte de estímulos também se justifica por alguns motivos. O primeiro: que sendo estímulos específicos que contêm variantes do fenômeno analisado, prende-se a atenção dos juízes-ouvintes sobre um processo específico em detrimento de ouvir uma longa seção de áudio ou até mesmo de um módulo inteiro das entrevistas sociolinguísticas que poderiam distrair a atenção do avaliador e não se alcançar o esperado; o

segundo: é de natureza técnica, é um procedimento fácil de ser realizado. Para tanto, utilizou-se do Programa Praat, o qual permite o recorte digital da produção de áudio sem provocar alterações na qualidade técnica e sociolinguística do material sonoro utilizado neste estudo.

Os estímulos utilizados no instrumento aqui adotado podem ser visualizados nas transcrições a seguir:

Exemplo 1: “fa[λ]o”.

Exemplo 2: “traba[j]a”.

Exemplo 3: “mu[l]é”.

Exemplo 4: “fi[Ø]a”.

(Fonte: FREIRE, 2011).

Esses estímulos foram distribuídas alternadamente no Instrumento de Avaliação, Atitude e Percepção, a fim de que os juízes-ouvintes avaliassem, de forma rotativa, as realizações linguísticas que ouviram.

3.3.3 Seleção e disposição dos adjetivos

Os adjetivos que compuseram a escala de diferença semântica aqui utilizada são oriundos de dois contextos. O primeiro baseia-se numa série de estudos que já tem seu uso cristalizado no interior dos estudos sociolinguísticos, tais como: Campbell-Kibler (2006), Garrett, Coupland & Williams (2003), Fasold (1984), dentre outros, que oferecem uma listagem produtiva de qualificadores (adjetivação descritora). E, assim pôde-se revelar as reações que os juízes-ouvintes têm do uso linguístico ou a identificação de traços que caracterizam os falantes da língua e, ao mesmo tempo, “a influência entre variação linguística e cognição social” (GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003, p. 07).

A segunda fonte, que é diretamente derivada da anterior, é a realização de estudos já realizados pelo próprio autor deste trabalho (FREIRE, 2014), bem como de sua sensibilidade de pesquisador, dos quais se podem reconhecer alguns adjetivos utilizados pelos próprios informantes para avaliarem a própria variedade linguística e a de outros falantes. Porém, reconhece-se que os trabalhos de Freire são, ainda, de caráter exploratórios.

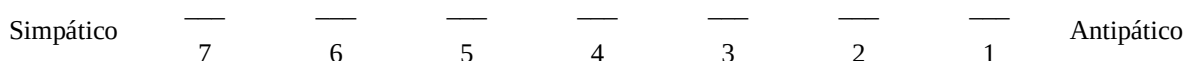
Com relação à disposição desses adjetivos no instrumento de avaliação, o critério adotado baseou-se na escolha de itens que possibilitassem respostas das mais gerais às mais específicas, distribuídos em uma coluna construídos por pares de adjetivos. De modo geral,

entende-se que as escalas de diferenças semânticas, organizadas em diferentes configurações, podem evidenciar aspectos socioculturais da variedade linguística examinada, uma vez que se assume que diferentes variedades linguísticas exigem diferentes estilos empregados.

Assim, por exemplo, dialetos regionais, geralmente, são vinculados aos falantes sem ou com baixa escolaridade, moradores de sítios (zona rural), pessoas de baixa renda, etc. Nesta direção, a adjetivação descritora adotada, neste estudo, pôde captar parte da avaliação, percepção, do *status*, dentre outros, dos quais a variedade paraibana é detentora e, associando a outros estudos realizados, pôde-se chegar a resultados satisfatórios que corroborem a tese aventada para esta investigação.

Com relação ao sistema de pontuação dos escores dos adjetivos presentes no instrumento aqui utilizado adotou-se aquele formulado por Fasold (1996). A figura 4, a seguir, exibe uma típica escala de diferença semântica de sete pontos. Para o qual, uma vez assinalados os valores numéricos em cada espaço da escala, sendo 7 (sete) o espaço da escala mais próximo do adjetivo positivo e 1 (um) o mais negativo, assim, sucessivamente. Em seguida, tabulam-se as respostas dadas pelos juízes-ouvintes marcando um traço para cada resposta obtida na respectiva escala.

Figura 4: Modelo de Escala de Diferença Semântica de Sete Pontos



(Fonte: FASOLD, 1996, p. 234).

Fasold (1996) ilustra a tabulação a ser utilizada nessa escala da seguinte forma: se em uma investigação, a escala sete recebe cinco avaliações, a seis recebe 13 (treze), já a cinco é marcada vinte vezes, a quatro onze vezes, a três apenas duas marcações e a dois uma vez somente, em seguida, deve-se multiplicar a quantidade de marcas em cada escala pelo número dessa escala seguindo sua ordem de disposição e só depois somar os resultados, conforme ilustra a operação:

$$(7 \times 5) + (6 \times 13) + (5 \times 20) + (4 \times 11) + (3 \times 2) + (2 \times 1) = 35 + 78 + 100 + 44 + 6 + 2 = 265$$

Agora, é só dividir esse total pelo número de juízes-ouvintes que participaram da realização do teste e obterá um valor estatístico que será tomado como valor médio de análise quantitativa. No exemplo de Fasold, $265 \div 52 = 5.09$, então, o valor médio favorecedor será 5 (cinco), desse modo, a avaliação abaixo de 5 (cinco) será tomada como negativo, caso contrário, 5 (cinco) ou, a partir dele, será reconhecida como positiva.

Todavia, ressalta-se que se está consciente da problemática que gira em torno da validade dos achados. Para tanto, os resultados oriundos da aplicação do teste (instrumento) não foram considerados isoladamente, mas em conjunto com outros resultados que foram obtidos através de realização de outras técnicas, como o uso do Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) e da análise do Módulo Linguagem das entrevistas sociolinguísticas.

3.3.4 Criação do Instrumento em uma plataforma digital

Neste trabalho foi utilizada a plataforma Surveygizmo (www.surveygizmo.com) que é um software específico para realização de pesquisas utilizando a internet. O referido programa iniciou suas atividades em 2005, com Christian Vanek (fundador), em Massachusetts/EUA e, foi desenvolvido para auxiliar pesquisadores na realização de aplicação de questionários, enquetes, avaliação, etc. utilizando a rede mundial de computadores. O recurso, também, permite ao pesquisador programar seu procedimento de pesquisa de forma específica e de acordo com os postulados teórico-metodológicos adotados pelo pesquisador, uma vez que disponibiliza um banco de opções e modelos de questões para montagem de técnicas e procedimentos de investigação de forma variada.

Optou-se, também, por essa forma de aplicação do teste porque permitiu a otimização do tempo e, como o instrumento ficou disponível na internet, pôde ser acessado em qualquer lugar e por diferentes públicos. Assim, exibiu maior poder de alcance. E, atualmente, graças aos avanços tecnológicos e à popularização das mídias digitais, o acesso pôde ser feito em diferentes lugares simultaneamente sem precisar que o pesquisador portasse um conjunto de acessórios e aparelhos para coleta de dados.

Após a confecção e formatação do Instrumento na plataforma Surveygizmo, iniciou-se o período de realização de aplicação, o qual foi antecedido de pré-teste para avaliação de sua funcionalidade e operacionalização. Logo, em seguida, de 25.04.16 a 31.05.16 ocorreu a etapa de efetivação, a qual foi acompanhada diariamente pelo próprio pesquisador que realizou os *downloads* dos arquivos gerados após o preenchimento do Instrumento pelos juízes-ouvintes.

3.4 TIPOS DE ANÁLISES

Entende-se que qualquer investigação científica pode-se enriquecer largamente com a realização simultânea de análises diferentes realizadas com os dados colhidos pelo pesquisador. Seja a análise quantitativa ou qualitativa fornece resultados que auxiliam diretamente na compreensão do fenômeno observado, sobretudo, quando bem aliadas à luz da teoria adotada, permitindo ao pesquisador postular generalizações e/ou especificações acerca do que se observou.

Neste sentido, a presente investigação se enquadra nessa direção, pois se realizou diferentes análises com os dados coletados, como se descrevem nas subseções a seguir.

3.4.1 Análise Quantitativa (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005)

Tem-se verificado, desde seu surgimento, que a Sociolinguística utiliza-se de um modelo matemático formulado para explicar o efeito de frequência de uma determinada regra variável (CEDERGREN & SANKOFF, 1974). Percebe-se, ainda, na obra desses referidos autores que essa abordagem baseada em dados estatísticos e probabilísticos é fornecida para dar suporte ao conceito de regra variável e auxiliar na explicação de um fenômeno variável (BRESCANCINI, 2002; TAGLIAMONTE, 2006; GUY & ZILLES, 2007). Essa visão é compartilhada por muitos estudiosos variacionistas (SCHERRE, 1992/1993; por exemplo).

Na análise quantitativa, os dados obtidos foram submetidos à análise estatística com uso do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), o qual forneceu o peso relativo que foi tomado como parâmetro de aplicação ou não das regras variáveis analisadas. Esse programa toma como medida de aplicação o valor de peso relativo que se aproxima de 1,00 e considera neutros os que se aproximam de 0,50 e desfavorecedores da aplicação da regra variável os que estiverem próximos de 0,00.

3.4.2 Análises Qualitativas

Neste trabalho, foram realizadas também análises qualitativas dos dados obtidos. Entende-se que uma investigação dialetal/sociolinguística se enriquece com a realização simultânea de análises diferentes. Para tanto, foi analisado o Módulo Linguagem que compõe a estrutura interna das entrevistas sociolinguísticas realizadas em Jacaraú – PB, com a finalidade

de averiguar aspectos da atitude linguística dos informantes pesquisados a partir de uma abordagem direta.

3.4.2.1 Módulo Linguagem

O Módulo Linguagem das entrevistas realizadas em Jacaraú – PB é constituído por quatro questões diretas. São elas, a saber:

- a) Você conhece alguém que fala diferente de você?
- b) O que você acha da sua forma de falar?
- c) O que você mudaria na sua forma de falar?
- d) O que é falar certo para você?

Também, desse questionário foi possível inferir as representações sociolinguísticas que os falantes jacarauenses exibem em relação à sua própria fala e a de outrem, identificando alguns aspectos presentes no processo de avaliação, ou seja, foi possível reconhecer as reações subjetivas (ou parte delas) quanto aos usos linguísticos dos falantes pesquisados.

Entende-se que essa proposta se insere na proposição laboviana quanto aos objetivos gerais da Teoria da Variação. Pois, para Labov (1984 *apud* HORA, 2011, p. 04), uma das tarefas centrais da análise variacionista “é construir um registro de atitudes abertas em relação à língua, aos traços linguísticos e aos estereótipos” que ocorrem nas comunidades de fala.

Todavia, ressalta-se que se está ciente da problemática que gira em torno do binômio atitude/comportamento (KAUFMANN, 2011; GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003), uma vez que necessariamente uma atitude não implica em um comportamento, porém assume-se que é possível identificar indícios e/ou pistas que permitem apontar generalizações e, quem sabe até especificações. Mesmo não sendo termos coincidentes, todavia, são relevantes para a consolidação de uma teoria da língua sob uma perspectiva social.

Além disso, trabalhos anteriores (FREIRE, 2012, 2014) têm demonstrado que é possível a execução dessa empreitada para alcançar resultados satisfatórios nessa área de estudos que, cada vez mais, vem ganhando espaço no interior da Sociolinguística, seja na perspectiva interacional e/ou quantificacional (MELO, 2010; HORA, 2011; CYRANKA, 2014).

A análise foi feita a partir dos enunciados oriundos das respostas dadas às perguntas anteriormente listadas. Para tanto, selecionaram-se 18 (dezoito) informantes dos que compõem

o *corpus* deste trabalho. Eles foram divididos em grupos/amostras. Assim, o conjunto dos informantes foi dividido em 6 (seis) amostras ou grupos, conforme a descrição a seguir:

Grupo 1M: informantes JFO, ABS, ABS⁵¹. Este grupo é constituído pelos falantes mais idosos do sexo masculino.

Grupo 2F: informantes MLGS, JS, MLS. Este grupo é constituído pelos falantes mais idosos do sexo feminino.

Grupo 3F: informantes EOCP, MLF, MSN. Esta amostra é formada por informantes adultos do sexo feminino.

Grupo 4M: informantes JAO, JMS, JGS. Este grupo é formado por informantes adultos do sexo masculino.

Grupo 5M: informantes RMM, LMS, RPA. Este grupo é o grupo dos que representam os informantes mais jovens e todos são do sexo masculino.

Grupo 6F: informantes TPN, RSF, VPC. São os informantes mais jovens do sexo feminino.

No quadro 3, pode-se verificar o perfil sociocultural dos informantes que constituem as amostras investigadas.

⁵¹ Não é repetição de informantes. Os dois informantes têm as mesmas iniciais.

Quadro 3⁵²: Perfil sociocultural dos informantes selecionados para Análise do Módulo

Linguagem

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA	PROFISSÃO/ESCOLARIDADE
JFS	M	+50 anos	Aposentado/analfabeto
ABS1	M	+50 anos	Aposentado/analfabeto
ABS2	M	+50 anos	Aposentado/analfabeto
MLGS	F	+50 anos	Dona de casa/ 1 a 8 anos
JAS	F	+50 anos	Professora/+ de 8 anos
MLS	F	+50 anos	Dona de casa/+ de 8 anos
EOCP	F	26 a 49 anos	Dona de casa/ 4 a 8 anos
MLF	F	26 a 49 anos	Dona de casa/ 1 a 8 anos
MSN	F	26 a 49 anos	Dona de casa/ 1 a 8 anos
JAO	M	25 a 49 anos	Vendedor autônomo/ 1 a 4 anos
JGS	M	25 a 49 anos	Vendedor autônomo/ 1 a 4 anos
RMM	M	15 a 25 anos	Sem trabalho definido/1 a 3 anos de escolaridade
RPA	M	15 a 25 anos	Sem trabalho definido/1 a 3 anos de escolaridade
TPN	F	15 a 25 anos	Estudante/ 1 a 3 anos
RSF	F	15 a 25 anos	Comerciário/ + de 8 anos
VPC	F	15 a 25 anos	Estudante/ + de 8 anos
JMS	M	25 a 49 anos	Sem trabalho definido/1 a 3 anos de escolaridade
LMS	M	15 a 25 anos	Sem trabalho definido/1 a 3 anos de escolaridade

(Fonte: Próprio do autor).

⁵² Ressalta-se que a descrição do perfil sociodemográfico dos informantes deste quadro refere-se exclusivamente aos que foram escolhidos para análise do módulo Linguagem. O quadro 6, por sua vez, somado a este descreve o perfil sociocultural dos demais informantes que compõem o *corpus* geral deste trabalho.

Entende-se que a comparação dos dados entre essas amostras e a divisão por grupos ou categorias de análise aqui adotadas justificam-se, porque, assim, foi possível encontrar resultados que permitiram postular generalizações quanto às reações subjetivas dos falantes. Os resultados de cada grupo foram organizados separadamente em quadros que sumarizam os achados das avaliações, atitudes e percepções de cada amostra.

3.4.2.2 Análise Estilística (Variável Contextual/Situacional)

A análise da variação estilística foi realizada segundo a proposta de Labov (2001), anteriormente já detalhada na subseção 2.8.1 do capítulo anterior.

Segundo esse modelo de investigação estilística, o uso do vernáculo ou do não vernáculo vai emergir na entrevista sociolinguística conforme o contexto (categoria/estilo) ou o módulo que estiver sendo desenvolvido durante a realização da entrevista sociolinguística, possibilitando a identificação da “*casual speech*” e da “*careful speech*” nos contextos empregados. Comparando a divisão contextual proposta por Labov e a que se adotou nesta investigação, se obtém o seguinte quadro comparativo:

Quadro 4: Comparação dos Estilos-contextos entre Labov (2001) e Freire (2011)

LABOV (2001)	FREIRE (2011)
Estilos-contextos	Módulos
<i>Narrative</i>	Identificação
<i>Kids</i>	Infância
<i>Group</i>	Vizinhança
<i>Narrative</i>	Diversão
<i>Soapbox</i>	Religião
<i>Soapbox</i>	Problemas Sociais
<i>Narrative</i>	Perigo de Morte
<i>Soapbox</i>	Esportes
<i>Language</i>	Linguagem

(Fonte: Próprio do autor).

Verifica-se que há certa simetria entre as duas propostas de análise. Todavia, ressalta-se que o modelo laboviano ainda aponta a existência de mais 3 (três) estilos-contextos: *Residual*, *Tangent* e *Response*. Contudo, esses contextos só podem ser observados quando se fizerem as transcrições das entrevistas, pois, com relação aos contextos-estilos *Residual* e *Tangent* podem ser realizados ou não, isso depende do andamento interno da própria entrevista. Assim, são teórico-metodologicamente previsíveis, mas não há uma regra obrigando-os a serem realizados. *Residual* diz respeito aos trechos das entrevistas que não se enquadram nos sete

estilos-contextos descritos por Labov, e *Tangent* vincula-se ao assunto que diverge daquele proposto pelo entrevistador e que representa forte interesse do entrevistado.

Para tanto, ao se transcreverem as entrevistas sociolinguísticas aqui utilizadas, as variantes analisadas foram registradas em Espectro Estilístico Individual (ver Anexo D), o qual permitiu separar os estilos (“*Casual Speech* e *Careful Speech*”) que favorecem a emersão dos usos linguísticos das variantes estudadas. Em seguida, foram construídos espectros estilísticos para cada grupo de análise (Denominados Grupo A, B, C), respectivamente, informantes jovens e de baixa escolaridade, informantes adultos e de escolaridade até 8 (oito) anos e informantes mais idosos e com mais de 8 (oito) anos de escolaridade e separados igualmente por sexo. As ocorrências linguísticas encontradas foram agrupadas e analisadas conforme as variáveis sociais adotadas.

Como se trata de análise qualitativa dos dados, novamente entende-se que não foi necessária a descrição do total das ocorrências de todos os informantes que compõem este *corpus*, mas apenas uma parte dele. Para tanto, selecionaram-se 18 (dezoito) informantes, estratificados igualmente por sexo, idade e nível de escolaridade para compor as amostras que foram descritas e analisadas, conforme se observa no quadro 5.

Quadro 5: Descrição de informantes para análise estilística

VARIÁVEIS	FATORES	QUANTIDADES
SEXO	Masculino	9
	Feminino	9
FAIXA-ETÁRIA	15-25 anos	3
	26-49 anos	3
	+49 anos	3
ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO	Analfabetos, 1 ou 3 anos	3
	4 a 8 anos	3
	+ de 8 anos	3

(Fonte: Próprio do autor).

Mais especificamente para o presente estudo, assume-se que os contextos-estilos apoiados no eixo da fala vernacular (*Narrative*, *Kids*, *Group* e *Tangent*) favorecem a emergência das variantes [l, j, Ø, ɫ, r], enquanto que os contextos-estilos vinculados ao eixo da fala monitorada (*Response*, *Language*, *Soapbox* e *Residual*) possibilitam o uso mais frequente das variantes [λ, l]. Essa análise, também, permitiu reconhecer aspectos da identidade linguística dos informantes pesquisados como marca diferenciadora dos falantes (FERNÁNDEZ, 1998).

3.5 CORPUS

Para realização desta pesquisa da entrevista foi constituído um *corpus* formado por 36 (trinta e seis) informantes oriundos da comunidade de fala jacarauense (Jacaraú – PB). Ele se apresenta estratificado social e igualmente por 3 (três) variáveis sociolinguísticas que classicamente têm sido consolidadas no interior dos estudos linguísticos como condicionadoras de uso linguístico:

- a) Informantes: 36 (trinta e seis)
- b) Sexo: 18 (dezoito) masculino e 18 (dezoito) feminino
- c) Anos de Escolarização: 12 (doze) analfabetos, 1 ou 3 anos; 12 (doze), 4 a 8 anos; 12 (doze), com + 8 anos
- d) Faixa etária: 12 (doze) (15-25 anos); 12 (doze) (26-49 anos); 12 (doze) (+49 anos)

Assim, estratificado o *corpus*, durante os 11 (onze) meses de pesquisa de campo, foram gravadas aproximadamente 350 (trezentos e cinquenta) horas de entrevistas pessoais de base laboviana. Em seguida, as entrevistas foram armazenadas eletronicamente e transcritas para realização da análise das variáveis assumidas como relevantes sociolinguisticamente.

As entrevistas sociolinguísticas foram coletadas durante o período que compreende abril de 2009 a maio de 2010. Delas, apenas 4 (quatro) não foram realizadas pelo próprio pesquisador, mas por outro discente (Rodrigo Farias) que, na época também, era aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling/UFPB) e foi quem nos introduziu na respectiva comunidade de fala.

Ressalta-se que a distribuição dos falantes por grau de escolarização sofreu uma reorganização daquela formatada para Freire (2011), nela os informantes se agrupavam, também, em 3 (três) fatores, mas diferentemente da que se descreveu nesta seção. Para a atual análise, foi preferível agrupar no primeiro fator dessa variável: os informantes de 0 a 3 (três) anos de escolarização; no segundo grupo, estão os que têm 4 (quatro) a 8 (oito) anos de escolaridade e, no último, todos os falantes com mais de 8 (oito) anos de escolaridade. Nas amostras de Freire (2011), assim estavam distribuídos os informantes quanto ao grau de instrução escolar: 1º grupo, informantes analfabetos; 2º grupo, informantes de 1 a 8 anos e no último grupo, aqueles com mais de oito anos de escolarização.

Entende-se que a atual configuração adotada quanto à distribuição dos falantes por nível de escolaridade pode fornecer uma melhor percepção e efeito da variável escolaridade sobre o uso das líquidas laterais / λ / e / l /, sobretudo, por reconhecer que não há significativas diferenças de frequência entre os dados produzidos por informantes analfabetos e os de 1 a 3 anos de escolaridade, por exemplo.

3.5.1 Seleção dos informantes para a entrevista sociolinguística

Os informantes selecionados para compor o *corpus* obedeceram dois critérios básicos:

- a) Ser natural de Jacaraú (Paraíba) ou morar nessa comunidade desde os cinco anos de idade;
- b) Nunca se ter ausentado de Jacaraú por mais de dois anos consecutivos.

Esses critérios direcionaram a escolha para informantes pertencentes exclusivamente à comunidade de fala observada e possibilitaram reconhecer aspectos do vernáculo desses falantes quanto ao uso dos segmentos / λ / e / l / e captar dimensões de seu comportamento, de atitudes e da avaliação linguísticas.

Outrossim, uma vez que se buscaram compreender nuances relacionadas ao uso dos fenômenos anteriormente listados, foi necessário circunscrever a seleção dos informantes que compartilhassem as mesmas normas sociolinguísticas. Daí a necessária noção de comunidade de fala aqui, também, adotada.

Os informantes foram selecionados aleatoriamente a partir da aplicação de uma Ficha Social (Ver o Anexo B), uma espécie de questionário sociodemográfico aplicado a diversos falantes da comunidade de fala observada. De outro lado, a Ficha Social constituiu o primeiro contato dos entrevistadores com os informantes selecionados para estratificação das amostras. Para esta pesquisa, foram aplicadas aproximadamente 100 (cem) Fichas Sociais.

Assim, entende-se que esse número pôde indicar uma quantidade representativa de toda a comunidade pesquisada, uma vez que não é possível estender a pesquisa à totalidade dos informantes daquela comunidade, que agregava 13.942 (treze mil, novecentos e quarenta e dois) habitantes residentes (IBGE, 2010), por diversas razões óbvias e, desse modo, ancora-se no pressuposto do “*Principle of Accountability*” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 12-13). Dessa forma:

“[...] an accountable analysis demands of the analyst an exhaustive report for every case in which a variable element could have occurred, but did not.”⁵³

O quadro 6 exibe a descrição dos aspectos sociodemográficos dos informantes selecionados para constituir as amostras investigadas. Reconhece-se que o perfil sociocultural dos informantes pode exercer influência direta ou indiretamente sobre o que se descreve neste estudo.

Quadro 6: Perfil Sociocultural dos Informantes Selecionados

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE	SEXO	FAIXA-ETÁRIA	ESCOLARIZAÇÃO/PROFISSÃO
VSM	Feminino	15-25 anos	1 a 3 anos/Dona de Casa
SN	Feminino	15-25 anos	1 a 3 anos /Dona de Casa
TS	Feminino	15-25 anos	1 a 3 anos/sem trabalho definido
EOCP	Feminino	26-49 anos	4 a 8 anos de escolaridade/Dona de Casa
MDF	Feminino	26-49 anos	4 a 8 anos de escolaridade/Dona de Casa
MNSB	Feminino	26-49 anos	4 a 8 anos de escolaridade/Dona de Casa
MLS	Feminino	+ 50 anos	+ 8 anos de escolaridade/Artesã
JAS	Feminino	+ 50 anos	+ 8 anos de escolaridade/professora
LAS	Feminino	+ 50 anos	+ 8 anos de escolaridade/professora
EJS	Masculino	15-25 anos	Analfabeto/agricultor
RPA	Masculino	15-25 anos	1-3 anos/sem trabalho definido
RMM	Masculino	15-25 anos	1-4 anos de escolaridade/sem trabalho definido
LPC	Masculino	26-49 anos	4-8 anos de escolaridade/Agente Comunitário de Saúde
JGS	Masculino	26-49 anos	4-8 anos de escolaridade/vendedor autônomo
JAO	Masculino	26-49 anos	4-8 anos de escolaridade/vendedor autônomo
JSS	Masculino	+ 50 anos	+ 8 anos de escolaridade/professor
JQN	Masculino	+ 50 anos	+ 8 anos de escolaridade/agricultor
JAS	Masculino	+ 50 anos	+ 8 anos de escolaridade/Líder sindical

(Fonte: Próprio autor).

⁵³ "Princípio da Responsabilidade:"[...] Uma análise responsável exige um relatório exaustivo para cada caso em que um elemento variável poderia ter ocorrido, mas não o fez."

3.6 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

Para o presente estudo foi considerada como variável dependente a realização dos fonemas líquidos laterais /λ/ e /l/, este em coda silábica, no PB, em suas diferentes manifestações sociolinguísticas, [λ, l, j, Ø] e [w, Ø, ɫ, r], respectivamente. Diferentes estudos já realizados a partir de arcabouços teórico-metodológicos diversos têm atestado a natureza eminentemente variável desses segmentos em diferentes comunidades de fala brasileiras (SERAINÉ, 1985; ARAGÃO, 1994, 1996, 1999; SILVA, 1997; HORA, 2006; SÁ, 2006; CASTRO, 2006; OLIVEIRA & MOTA, 2007; QUEDNAU, 2007; BRANDÃO, 2007; CHAVES e MELO, 2009; dentre outros).

Em relação às regras variáveis analisadas, consideram-se as variantes desses fenômenos as possibilidades enumeradas abaixo:

a) /λ/:

[λ] → Exemplo: Evange/λ/ o ~ Evange[λ] o.

[l] → Exemplo: Mu/λ/er ~ mu[l]é.

[j] → Exemplo: Pa/λ/a ~ pa[j]a.

[Ø] → Exemplo: Fi/λ/o ~ fi[Ø]o.

b) /l/:

[w] → Exemplo: ba/l/de ~ ba[w]de.

[Ø] → Exemplo: bo/l/sa ~ bo[Ø]sa.

[j] → Exemplo: ba/l/cão ~ ba[j]cão.

[ɫ] → Exemplo: mi/l/ ~ mi[ɫ].

As realizações dos segmentos líquidos laterais /λ/ e /l/ têm indicado diferentes direções. Por exemplo, o fonema lateral palatal /λ/, ora é apontado como um fenômeno fonético-fonológico (CAMARA Jr. 1985 [1979]), ora como um fato sociolinguístico (variação diastrática) (CAGLIARI, 1974); ainda, é vinculado ao processo de variação diatópica (BERGO, 1986), e nos termos labovianos (2008 [1972]) pode ser reconhecido como estereótipo.

3.6.1 Variáveis Independentes

Já no que diz respeito às variáveis independentes consideradas relevantes para uso e condicionamento social das variáveis dependentes, neste estudo, assume-se que 3 (três) são centrais: sociais (Externas), estruturais (Internas) e estilísticas (Situacionais/contextuais). Entende-se que essas variáveis têm ganhado consistência nos sistemáticos estudos variacionistas desde seus primórdios ainda na década de 1960, quando se realizaram os primeiros estudos pautados pelo escopo da Teoria da Variação, e ganharam força analítica nas décadas subsequentes até a atualidade.

3.6.1.1 Variáveis Sociais (Variáveis Externas)

As variáveis sociais aqui adotadas para análise referem-se a: sexo (masculino x feminino), faixa etária (15-25; 26-49; +49 anos) e nível de escolaridade (0 a 3 anos; 4 a 8 anos; +8 anos).

A variável sexo pode constituir fator de diferenciação da fala entre homens e mulheres. De acordo com Fernández (1998), essa variável, ou melhor, o seu efeito sobre as produções linguísticas, desde 1952, é alvo de observação de estudiosos da linguagem humana.

Para a Sociolinguística, as diferenças de preferências entre a fala de homens e de mulheres são sociais e não biológicas (SPOLSKY, 2008). Todavia, se reconhece que o contexto ou a configuração social atual das comunidades de fala é bastante diferente daqueles que presidiram o surgimento e a consolidação da Sociolinguística como macroárea de estudos sociolinguísticos.

As sociedades estão mais urbanizadas e o processo de comunicação/interação não é mais o mesmo, o acesso à informação e outros meios tecnológicos ganharam força nas últimas décadas. E o comportamento linguístico dos falantes pode refletir essas mudanças sociais, como também ocorreram alterações nos próprios papéis sociais desempenhados tanto por homens quanto por mulheres.

Outrossim, se voltar para duas ou três décadas atrás, há de perceber que às mulheres estavam reservadas às tarefas exclusivamente relacionadas aos cuidados domésticos e à educação dos filhos, enquanto que o homem ocupava o papel de “provedor e protetor do lar.” A distribuição das tarefas sociais foi alterada e homens e mulheres equiparados socialmente em diferentes aspectos e dimensões das organizações sociais.

Com relação à língua, entende-se que há efeitos sobre todo o sistema, porém, também, se reconhece que há uma convergência entre a fala de informantes do sexo feminino e o falar dos informantes do sexo masculino, este outrora apontado como variedade de prestígio, em certos contextos, e aquele como falar familiar. Assim, é necessário relativizar os achados envolvendo a variável sexo e analisá-la à luz da atual configuração social da comunidade de fala observada e de outros estudos já realizados.

Fernández (1998), ao explicitar questões relacionadas à variável sexo, afirma que as mulheres tendem ao uso linguístico que é avaliado como mais prestigioso, embora acrescente que esse fato pode estar relacionado à atitude positiva que essa variedade recebe na comunidade de fala a qual pertença e não necessariamente por ser produzida por falantes do sexo feminino.

Fato semelhante, também, ocorre com a variável nível de escolaridade dos informantes, a qual tem sentido os efeitos das transformações sociais que ocorreram no país, nas últimas décadas, e pesquisadores encontram dificuldades em encaixar informantes nos critérios estabelecidos para seleção de informantes com baixo grau de instrução escolar. Essa realidade é atestada pelo Projeto ALiB⁵⁴ (2014), que recebeu ajustes quanto à seleção dos informantes, conforme explicita Mota (2014, p. 91):

O desenvolvimento da pesquisa mostrou a inviabilidade desse limite, principalmente com relação aos informantes da primeira faixa etária, uma vez que os programas governamentais de ensino básico (cursos supletivos e de aceleração) vêm possibilitando, à maioria da população, o acesso ao 2º grau. Em vista disso, estendeu-se o grau mais baixo de escolarização até o ensino fundamental, que abrange as oito primeiras séries [...].

Desse modo, pensando nas pesquisas linguísticas que tomam a variável escolaridade, organizada em diferentes fatores, fica imposto um novo desafio frente aos resultados positivos de queda de taxas de analfabetismo. Parece que encontrar informantes analfabetos e que estejam na faixa etária jovem é uma realidade de décadas passadas. Os aportes teórico-metodológicos precisam se ajustar a essa nova realidade social.

Por fim, a última variável social tomada como relevante para descrição e análise dos fenômenos sociolinguísticos aqui estudados diz respeito à faixa etária dos informantes, a qual tem sido apontada em diferentes investigações como condicionadora de usos sociais da língua,

⁵⁴ O Projeto ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil) corresponde a uma iniciativa nacional que visa descrever a partir dos pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional aspectos variados da diversidade dialetal do Brasil. Em 2014, o Comitê Nacional lançou pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) os Volumes 1 e 2 deste significativo projeto. O Volume 1 descreve os aspectos teórico-metodológicos adotado pela Dialetoлогия Pluridimensional e, no Volume 2 dados referentes às ocorrências linguísticas das capitais brasileiras pesquisadas pelo ALiB.

e constitui até um consenso epistemológico no interior da Linguística assumir que determinados usos linguísticos, em diferentes níveis da gramática dos falantes, estão diretamente ligados à idade, e isso não só desencadeia processo de variação estável e de gradação etária⁵⁵, mas é responsável por promover mudança linguística (LABOV, 1964; ROMAINÉ, 1984; TARALLO, 1990, 2004[1985]; FERNÁNDEZ, 1998; WEINREICH, LABOV & HERZORG, 2006 [1968]; dentre outros).

Para a presente análise assume-se que o uso das líquidas laterais /ɺ/ e /l/, esta em posição de coda silábica e suas respectivas variantes [ɺ, l, j, Ø] e [w, ɺ, r, j, Ø] se dá, também, de acordo com a faixa etária dos informantes à qual estejam vinculados. Neste sentido, as variantes linguísticas consideradas e avaliadas como não padrão e inovadoras - [l, j, Ø] e [j, Ø, r] - tenderão a ser usadas pelos informantes mais jovens, enquanto que as variantes tidas como conservadora e padrão - [ɺ, w] – serão realizadas mais frequentemente pelos informantes mais adultos e idosos, como também, a variante [ɺ].

3.6.1.2 Variáveis Linguísticas (Variáveis Internas)⁵⁶

3.6.1.2.1 Contexto fonológico seguinte

Em relação à variável /ɺ/, foram analisados os seguintes contextos:

a) Vogal labial

Exemplos: trabalho, melhor, filho.

b) Vogal coronal

Exemplos: acolhida, mulher, trabalhei.

c) Vogal dorsal

Exemplos: palha, palhaço, quadrilha.

Estudos anteriores (VOTRE, 1978; BISOL, 1981) têm evidenciado que essa variável pode ter papel de destaque no processo de variação. Neste sentido, reconhece-se que os segmentos que ocupam a posição seguinte ao fenômeno em análise podem exercer influência no uso variável. Neste estudo, propõe-se verificar, através da observação do contexto

⁵⁵Gradação etária e mudança linguística têm sido compreendidos como processos distintos nos estudos linguísticos. Aquele, diz respeito as repetições dos usos linguísticos que são próprios de cada geração, enquanto, que este, está relacionado a um processo mais abrangente, requer técnicas de investigação e modelos específicos de explicação, por exemplo.

⁵⁶Os contextos serão identificados especificamente, nos itens lexicais, por meio de uso do recurso do sublinhado, tanto para a variável /ɺ/ quanto para /l/ pós-vocálico.

fonológico seguinte e contexto fonológico precedente, o favorecimento que a vogal possa exercer sobre a realização da lateral palatal e suas variantes.

Já, em relação à variável /l/ em posição em coda silábica, verifica-se que, no contexto fonológico seguinte, não há ocorrências desse segmento seguido das vogais, mas, sim, por consoante ou por fim fronteira de palavra (pausa).

Estudos linguísticos (SELKIRK, 1982; PEDROSA, 2014; por exemplo) apontam que a posição de coda silábica é a mais débil da organização da sílaba, possibilitando, assim, o comportamento variável desse segmento, tais como nas formas de: semivocalização, apagamento, velarização, etc. E, as análises variacionistas têm apontado a predominância da forma semivocalizada – [w] – como a mais recorrente de uso do /l/ pós-vocálico nos estudos sociolinguísticos.

Desse modo, para essa variável foram controlados os seguintes contextos:

a) Fronteira de palavra:

Exemplos: Brasill#, tall#, sexuall#.

b) Oclusiva velar vozeada:

Exemplos: algo, alguma, alguns.

c) Oclusiva velar desvozeada:

Exemplos: alcançando, alcançado, Alcântara.

d) Oclusiva dental vozeada:

Exemplos: faculdade, Ronaldo, Geralda.

e) Oclusiva dental desvozeada:

Exemplos: solta, falta, alterdo.

f) Fricativa labiodental vozeada.

Exemplos: resolveria, salvar, talvez.

g) Fricativa labiodental desvozeada:

Exemplos: alfaiate, alfabetização, alfa.

h) Fricativa alveolar desvozeada

Exemplos: impulssiva, bolsa, impulso.

i) Fricativa alveolar vozeada:

Exemplo: finalzinho.

j) Nasal labial:

Exemplos: facilmente, almoço, sexualmente.

k) Nasal dental:

Exemplos: balneário, balnear, balneabilidade.

l) Oclusiva bilabial desvozeada:

Exemplos: culpada, culpa, culpados.

m) Fricativa alveopalatal desvozeada:

Exemplos: colchão, colchonete, colcha.

3.6.1.2.2 Contexto fonológico precedente

Os segmentos fonológicos precedentes aos fonemas /ɲ/ e /ʎ/ foram classificados e analisados como:

a) Vogal labial

Exemplos: mulheres, colher, olhar.

Exemplos com /ʎ/: agricultura, cultura, desenvolvida

b) Vogal coronal

Exemplos: vermelho, velho, bilhetinho.

Exemplos com /ʎ/: façilmente, filmes, papel.

c) Vogal dorsal

Exemplos: trabalhar, palhaço, trabalhando.

Exemplos com /ʎ/: social, carnaval, pessoal.

Muitos trabalhos, sobretudo, na área da Sociolinguística Quantitativa, como o de Martins (2004) que analisou o apagamento da oclusiva dental /d/, têm controlado a variável contexto fonológico precedente visando a identificar se as vogais que estão em contexto imediatamente anterior ao fenômeno analisado exercem algum papel condicionante.

3.6.1.2.3 Tonicidade

Acreditando-se que a sílaba tônica pode favorecer a variação dos segmentos /ɲ/ e /ʎ/, controlaram-se estas variáveis da seguinte forma:

a) Segmento em sílaba tônica:

Exemplos 1: mulher, trabalhando, aconselhar.

Exemplos 2: Natal, sexuall, rurall.

b) Segmento em sílaba átona:

Exemplos 1: filho, telhas, evangelho.

Exemplos 2: fácil, salvador, difícil.

Segundo estudo realizado por Aquino (2004) sobre o uso variável do ditongo em contexto sibilante na fala pessoense, os resultados evidenciaram que a tonicidade da sílaba onde se desenvolve o glide é o fator mais influente no processo de ditongação. Essa afirmação é corroborada pelo estudo de Silva (2004) acerca do processo de monotongação, também, em João Pessoa, ao evidenciar que a variável tonicidade da sílaba constitui-se como variável condicionadora do processo por ela analisado.

3.6.1.2.4 *Classe de palavra*

Com o objetivo de verificar a relação existente entre a presença dos fonemas /λ/ e /l/ e a classe de palavra, essas variáveis foram analisadas como:

a) Categoria Lexical:⁵⁷

Exemplos 1: espelho, acolhedora, telha.

Exemplos 2: Filmes, intelectual, jornal.

b) Verbo:

Exemplos 1: trabalhei, compartilhar, humilhar.

Exemplos 2: voltar, faltam, resolver

Viegas & Oliveira (2008), ao estudarem o apagamento da vogal átona final no dialeto itaunense (MG), propõem a inserção da variável classe de palavra, partindo da hipótese de que a variação poderia ocorrer de forma diferenciada com relação a diferentes classes de palavras, figurando-se como um processo de atuação morfossintática.

3.6.1.2.5 *Número de sílabas do vocábulo*

Reconhecendo que o número de sílabas pode exercer alguma influência no processo de variação dos segmentos /λ/ e /l/, controlaram-se estas variáveis da seguinte forma:

⁵⁷ Ressalta-se que as ocorrências do pronome *lhe* foram incorporadas a este fator, visto que ele tem estreita relação morfológica com a classe Categoria Lexical (nomes).

- a) Vocábulos monossílabos e dissílabos⁵⁸;
Exemplos 1: lhe, filhos, mulher.
Exemplo 2: tal, qual, mal⁵⁹.
Exemplo 3: normal, nível, algum
- b) Vocábulos trissílabos;
Exemplos 1: manilha, conselho, trabalho.
Exemplos 2: escarcel, estável, alguma.
- c) Vocábulos polissílabos.
Exemplos 1: maravilhosa, esmigalhar, trabalhadeira.
Exemplos 2: principalmente, faculdade, ambiental.

Martins (2004), ao estudar o apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala de João Pessoa – PB, também controlou em seu estudo essa variável que foi denominada “extensão do vocábulo”, também subdividindo-a em três categorias: dissílabo⁶⁰, trissílabo e polissílabo. Esse estudo revelou que itens lexicais com mais de duas sílabas favorecem a aplicação da regra variável com relação ao fenômeno estudado pela autora.

3.6.1.3 Variáveis Estilísticas (Variáveis Contextuais)

A variável estilística foi duplamente codificada nos dados coletados. Para tanto, seguiu-se a seguinte opção metodológica de análise:

- a) Contextos:
 - (i) Narrative, Group, Kids e Tangent;
 - (ii) Response, Language, Soapbox e Residual.
- b) Estilos:
 - (i) Eixo da fala casual (*Casual Speech*);
 - (ii) Eixo da fala monitorada (*Careful Speech*).

⁵⁸ Nesta pesquisa, devido à pouca ocorrência de vocábulo monossílabos que têm a presença do segmento /ʌ/, preferiu-se juntá-los aos vocábulos dissílabos em um único grupo de fator.

⁵⁹ Devido ao número reduzido de ocorrências desses itens lexicais no *corpus* optou-se metodologicamente por agrupá-los no fator Nomes e em não criar uma nova categoria de análise. Além do mais, esses termos compartilham, numa categorização mais geral de análise linguística, traços morfológicos pertencentes aos nomes.

⁶⁰ Ressalta-se que, em nesta análise, por características próprias do fenômeno aqui analisado, este fator é acrescido de itens monossílabos apenas para a variável /l/, diferenciando-se da divisão de Martins (2004) quanto à variável /ʌ/.

Entende-se que esse procedimento captou a dimensão estilística dos usos de /λ/ e /l/, uma vez que foram realizadas rodadas multivariadas no Goldvarb X, e, ao mesmo tempo, procurou-se, ao máximo, isolar os contextos-estilos que foram favorecedores ou não do uso dessas variáveis. Diversos estudos (TAVARES, 2014; VALLE & GÖRSKI, 2014; por exemplo) seguiram esse percurso metodológico e já demonstraram que há diferenças estilísticas captadas por essa proposta. Por exemplo, em Tavares (2014), o conector *aí* foi favorecido no contexto-estilo da entrevista sociolinguística que trata de narrativa de experiência pessoal (*Narrative*), diferentemente dos conectores *e* e *então*.

3.7 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo descreveram-se os aspectos relacionados ao percurso metodológico realizado para investigação das práticas variacionistas que aqui são objeto de estudo, descrição e análise sociolinguística.

Verifica-se que as análises serão pautadas por abordagens quantitativas e qualitativas, fornecendo pistas e *insights* para postulação da tese que ora será defendida.

Todavia, reconhece-se que, se apoiando no modelo laboviano de se fazer análise variacionista, também se inovou ao se propor a realização de métodos diversos para investigação sociolinguística, permitindo ir além da prática variacionista já consolidada no interior das teorizações sociolinguísticas. Sobretudo, ao incorporar a análise quantitativa à abordagem de fenômenos sociolinguísticos por meio de instrumento de avaliação, atitude percepção linguísticas; ou, ainda, pelo uso de abordagem direta, com questões voltadas para a língua (o Módulo Linguagem, das entrevistas sociolinguísticas) ou até levando a cabo a proposta de análise estilística de Labov (2001) ao se examinar os diferentes módulos/contextos-estilos que compõem a estrutura das entrevistas sociolinguísticas, possibilitando separar os contextos nos quais se usam as variantes [λ, l, j, Ø] e [w, Ø, ɫ, r], dentro de um continuum, do mais monitorado ao menos monitorado.

Nos capítulos seguintes serão descritos e analisados os resultados alcançados neste estudo.

CAPÍTULO IV: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: ASPECTOS DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA E SOCIAL

4.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo descreve-se e analisa-se o processo de variação estilística que ocorre com as líquidas laterais do PB - /ʎ/ e /l/ pós-vocálico -, a partir das teorizações de Labov (2001).

No primeiro momento, serão descritos e analisados os dados obtidos após as transcrições das ocorrências das variáveis em discussão a partir do agrupamento dos informantes em três amostras (A, B, C) que constituem o *corpus*: o Grupo A refere-se aos informantes de baixo ou de nenhum nível de escolaridade e com idade entre 15-26 anos; já o Grupo B é constituído por informantes de faixa etária entre 26-49 anos e com até 8 (oito) anos de escolaridade e, finalmente, o Grupo C formado por falantes com +50 anos e com mais de 8 (oito) anos de escolaridade. E todas elas igualmente estratificadas por sexo.

Para tanto, serão expostos espectros estilísticos que permitirão visualizar a distribuição das ocorrências encontradas e os percentuais de acordo com os estilos considerados para análise. Também, visa-se a verificar o efeito de cada variável (sexo, idade, nível de escolaridade) sobre o uso dos fonemas alvos de investigação. É válido ressaltar que os espectros estilísticos que serão aqui utilizados, foram produzidos a partir de outros espectros estilísticos individuais⁶¹ e que foram elaborados para o registro das ocorrências das variáveis linguísticas aqui analisadas.

Em seguida, dando continuidade ao trabalho nas seções 2 e 3, realiza-se descrição e análise quantitativa das líquidas laterais por meio do Goldvarb X entre as três amostras simultaneamente. Neste capítulo, visa-se não só a discutir questões isoladas de cada amostra ou aprofundá-las, mas, sobretudo, relacioná-las entre si. E, por fim, na 4ª seção, apresentam-se as conclusões do capítulo.

4.1 ANÁLISE QUALITATIVA (ANÁLISE ESTILÍSTICA)

Nas subseções a seguir serão descritos aspectos estilísticos relacionados aos informantes que compõem as três amostras desta pesquisa.

⁶¹ Ver o Anexo D desta tese.

4.1.1 Grupo A

Espectro Estilístico 1: Descrição Estilística do Grupo A

Contextos-Estilos													
Vernacular (<i>Casual Speech</i>)							Não Vernacular (<i>Careful Speech</i>)						
Contexto	Variáveis						Contexto	Variáveis					
	/k/			/l/				/k/			/l/		
Ordem/ Sequência	[k]	[j]	[l]	[Ø]	[w]	[Ø]	Ordem/ Sequência	[k]	[j]	[l]	[Ø]	[w]	[Ø]
<i>Narrative</i>	80 (75.5%)	13 (12.3%)	11 (10.4%)	2 (1.9%)	227 (87.6%)	32 (12.4%)	<i>Response</i>	27 (81.8%)	4 (12.1%)	2 (6.1%)	NO	87 (82.1%)	19 (17.9%)
<i>Group</i>	5 (83.3%)	NO	1 (16.4%)	NO	10 (71.4%)	4 (28.6%)	<i>Language</i>	2 (40.0%)	3 (60.0%)	NO	NO	9 (90.0%)	1 (10.0%)
<i>Kids</i>	35 (85.4%)	5 (12.2%)	NO	1 (2.4)	51 (92.7%)	4 (7.3%)	<i>Soapbox</i>	108 (82.4%)	13 (9.9%)	7 (5.3%)	3 (2.3%)	139 (77.2%)	41 (22.8%)
<i>Tangent</i>	22 (71.0%)	5 (16.1%)	2 (6.5%)	2 (16.1%)	27 (79.4%)	7 (20.6%)	<i>Residual</i>	7 (46.7%)	7 (46.7%)	NO	1 (6.7%)	15 (93.8%)	1 (6.2%)

(Fonte: Próprio do autor).

O Espectro Estilístico nº 1 traz os resultados relacionados aos informantes femininos e masculinos, jovens e de baixa escolaridade ou analfabetos da variedade falada em Jacaraú. Para essa amostra, obteve-se, após rodadas no Goldvarb X, o seguinte total de ocorrências: 674 ocorrências das variantes [w, Ø], respectivamente, 565 (83.8%) e 109 (16.2%); e 368 ocorrências das variantes [ʎ, l, j, Ø], sendo 286 (77.7%) de [ʎ] e 82 realizações de [j, l, Ø], perfazendo um percentual de 22.3%. Verificou-se que os informantes deste grupo, quanto à variável /l/, realizaram apenas as variantes [w, Ø]; quanto à variável /ʎ/ realizaram as formas alternativas [ʎ, l, j, Ø]. Constituem exemplos das ocorrências encontradas as realizações: me/ʎ/or ~ me[ʎ]or; /ʎ/e ~ [l]e; pa/ʎ/a ~ pa[j]a; fi/ʎ/o ~ fi[Ø]o, dentre outras, para a variável /ʎ/ e as realizações loca/l/ ~ loca[w]; fo/l/gado ~ fo[Ø]gado, ju/l/gado ~ ju[Ø]gado, dentre outras, para a variável /l/ em posição de coda silábica.

Verifica-se que, quanto aos estilos-contextos, as variantes [ʎ] e [w] apresentam distribuição diferente. A variante [ʎ] ocorre mais no estilo monitorado (*Careful speech*) do que no estilo vernacular (*Casual Speech*), respectivamente, com índices de 80.4% e 74.4% das ocorrências e, assim, esse primeiro achado confirma o que apontam os estudos labovianos ao afirmar que a fala monitorada é superior à fala casual; já, com relação à variante [w], se dá justamente o contrário: 87.0% ocorrem no estilo casual ou não vernacular, enquanto no estilo monitorado atinge índice de 80.2%. Possivelmente, esse resultado numérico reflete a realidade sociolinguística que envolve o processo de variação dessa variável: pode ser uma variável que não é portadora de altos níveis de estigmas e ser usada independentemente do contexto-estilo. A tabela 1 auxilia na visualização desses achados.

Tabela 1: Distribuição de [ʎ, w] por Estilos (Grupo A)

VARIANTES	FATORES/ PERCENTUAL	
	Estilo Vernacular (<i>Casual Speech</i>)	Estilo Monitorado (<i>Careful Speech</i>)
/ʎ/	74.4%	80.4%
[j, l, Ø]	25.6%	19.6%
Total	100%	100%
/w/	87.0%	80.2%
[Ø]	13.0%	19.8%
TOTAL	100%	100%

(Fonte: Própria do autor).

Com relação às variantes de /ʎ/, [l, j, Ø], constatou-se que foram mais produzidas no estilo-contexto *Casual Speech* com porcentagem de 25.6% do que no estilo monitorado (*Careful Speech*): 19.6% das ocorrências. Desse modo, esses resultados confirmam a hipótese levantada para este estudo, com relação a essa variável. Ou seja, o estilo vernacular favorece a emergência de variante de baixo prestígio social. Já, no que diz respeito à variante [Ø] de /l/ pós-vocálico, pôde-se perceber mais uma vez que o maior percentual de realização se dá justamente no estilo que não era o esperado teoricamente, ou seja, 19.8% ocorrem no estilo *Careful Speech*, enquanto que 13.0% são encontrados no estilo *Casual Speech*.

Contudo, verifica-se que o percentual de apagamento de /l/ em coda, mesmo que tenha ocorrido de forma significativa no estilo de maior monitoração estilística, está relacionado a contextos - fonológicos anterior e posterior - específicos que podem exercer condicionamentos. Assim, de acordo com os dados, em relação ao contexto fonológico anterior, são as vogais labiais, seguidas da coronais e dorsal, com respectivamente, 66.0%, 22.6% e 7.1%; já, no que se refere ao contexto fonológico posterior, são favorecedoras as consoantes: oclusiva bilabial desvozeada, com 72.7%, a fricativa dental desvozeada e oclusiva dental vozeada, ambas com 50.0%, ou ainda, as consoantes fricativa labiodental desvozeada e a oclusiva velar desvozeada que atingiram o percentual de aproximadamente 43.0%.

Além do mais, entende-se que esse resultado, com relação ao uso de /l/ pós-vocálico, pode estar atrelado ao fato de ausência de avaliação negativa, estigmas e de preconceitos vinculados a esse fenômeno sociolinguístico. São exemplos das ocorrências encontradas na amostra: cu/l/tura ~ cu[Ø]tura; cu/l/pa ~ cu[Ø]pa; desenvo/l/vido ~ desenvo[Ø]vido; facu/l/dade ~ facu[Ø]dade. Outra explicação pode ser encontrada do ponto de vista fonológico. Podem-se atribuir essas realizações ao princípio fonológico denominado de OCP (McCARTHY, 1986): a tendência que há nos sistemas linguísticos de eliminar sons que compartilham certa configuração fonológica semelhante. Assim, o apagamento se dá quando a lateral é precedida por segmento vocálico alto arredondado (/u/) (LUCENA, 2014) ou, ainda, por vogal média arredondada (/o/), tais como nas ocorrências encontradas na amostra analisada: agricu[Ø]tura, dificu[Ø]dade, bo[Ø]sa, so[Ø]teira, dentre outras.

Com relação à variável sexo, os resultados encontrados apontam para a direção de que o uso de [ʎ] e [w] é predominante na fala feminina, uma vez que são apontadas como as variantes de maior prestígio social, corroborando com que têm apontado as teorizações da Sociolinguística que afirmam que os falantes do sexo feminino lideram, em termos percentuais, o uso de variantes linguísticas de maior prestígio social. Para essa amostra, os informantes femininos atingiram, respectivamente, para as variantes [ʎ, w]: 80.2% e 84.5%. Contudo, é

importante ressaltar que, com relação à variável [w], os falantes masculinos exibiram índices muito próximos daqueles alcançados pelos falantes femininos: 83.5%. Desse modo, não há diferenças significativas entre as realizações linguísticas dos informantes desta amostra. A Tabela 2 exibe os resultados referentes às ocorrências das variantes de acordo com o sexo.

Tabela 2: Distribuição das variantes [ʌ, w] segundo o sexo (Grupo A)

VARIÁVEL/VARIANTES	FATORES/ PERCENTUAL	
	MASCULINO	FEMININO
/ʌ/	75.7%	80.2%
[j, l, Ø]	24.3%	19.8%
Total	100%	100%
/w/	83.5%	84.5
[Ø]	16.5%	15.5%
Total	100%	100%

(Fonte: Própria do autor).

Quanto ao uso das variantes desprestigiadas e associadas ao sexo dos informantes pesquisados, obteve-se o seguinte resultado: são os informantes do sexo masculino os que mais realizam variantes [j, l, Ø] do fonema /ʌ/ e não os informantes femininos, respectivamente, com percentuais de 24.3% e 19.8%. Essa realidade pode ainda ser visualizada ao se verificar que, só com relação à variante [j], os informantes masculinos alcançam índice de 18.9% do total de 39 (trinta e nove) realizações dessa variante. E, quanto à variante [Ø] do fonema /l/, verifica-se que a diferença entre homens e mulheres é irrisória, respectivamente, 16.5% e 15.5%. Contudo, observou-se que a realização dessa variante está mais presente na fala dos informantes masculinos e, assim, indicando que a fala feminina pode exibir um comportamento mais conservador quanto ao uso da variável que envolve essa variante.

Também, analisam-se as variantes em estudo, associando-as aos contextos-estilos que formam o modelo de Labov (2001). A distribuição permite visualizar alguns aspectos do comportamento sociolinguístico das variáveis investigadas, uma vez que esses contextos, ou os módulos internos da entrevista sociolinguística exibem configuração que permite depreender nuances qualitativas dos informantes que compõem as amostras. Com relação à distribuição das variantes de /ʌ/ no eixo da fala não vernacular (*Casual speech*), verificou-se que as formas desprestigiadas ocorrem mais no contexto *Tangent* com índice de 29.1%, seguido por *Narrative*, 24.6%; *Group*, 16,7% e *Kids*, 14.6%.

Neste sentido, percebe-se que os achados estão alinhados com o que propõe Labov, mas que a ordem/sequência adotada pelo referido autor difere da que foi encontrada nos resultados aqui analisados. Por exemplo, para Labov, o contexto *Narrative* é o maior favorecedor do uso linguístico das variantes desprestigiadas, seguido, respectivamente, por *Group*, *Kids* e *Tangent*. De acordo com os dados analisados e distribuídos nos respectivos eixos da fala, constata-se que o contexto *Tangent* é o mais propício para o uso das variantes de /*ʌ*/. Esse contexto é favorecedor da fala vernacular, pois permite que o falante aborde na entrevista sociolinguística uma temática diferente daquela perguntada pelo entrevistador e que representa forte interesse seu. Assim, sente-se mais à vontade e, conseqüentemente, presta menos atenção à fala e, desse modo, emergem os usos linguísticos desprestigiados socialmente.

Já, no eixo da fala não vernacular (*Careful speech*), as variantes de /*ʌ*/ obtiveram os seguintes percentuais de realizações por contexto: 60.0%, em *Language*; 53.4%, em *Residual*; 18.1%, em *Response*; e 17.5%, em *Soapbox*. Mais uma vez, ao se verificar a ordem/sequência proposta por Labov, esta não se assemelha completamente àquela que foi encontrada neste estudo. Contudo, entende-se que esses achados precisam ser vistos associados aos que anteriormente foram discutidos.

Para a variante [Ø] do segmento /*l*/ em posição de coda, ao se analisar suas ocorrências pelos oito critérios- contextos propostos por Labov, no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*), obtém-se a seguinte distribuição: o contexto mais favorecedor dessa variante é *Group*, com percentual de 28.6%, seguido por *Tangent*, com 20.6%; *Narrative*, com 12.4% e *Kids*, com 7.3%; já, no eixo da fala monitorada (*Careful speech*), os contextos que favorecem o uso dessa variante são *Soapbox*, com 22.8%, em seguida, vem *Response*, com 17.9%; *Language*, com 10.0% e *Residual*, com 6.2%. Atribui-se essa diferença de ordem/sequência, verificada nos dados analisados daquela formulada por Labov, à própria configuração da comunidade de fala examinada e aos informantes, em particular, que formam o *corpus*. Há nuances e especificidades de cada falante que emergem durante o ato de fala. Assim, os achados teóricos de cada estudo necessariamente não são replicados em outras investigações. A tabela 3 sumariza esses achados numéricos.

Tabela 3: Ocorrências de variantes de baixo prestígio segundo o estilo-contexto (Grupo A)

ESTILOS-CONTEXTOS (CASUAL SPEECH)	PERCENTUAL PARA [l, j, Ø]	PERCENTUAL PARA [Ø]
<i>Tangent</i>	29.1%	20.6%
<i>Narrative</i>	24.6%;	12.4%
<i>Group</i>	16,7%	28.6%
<i>Kids</i>	14.6%.	7.3%
Estilos-contextos (Careful Speech)	-	-
<i>Language</i>	60.0%	10.0%
<i>Residual</i>	53.4%	6.2%
<i>Response</i>	18.1%	17.9%
<i>Soapbox</i>	17.5%	22.8%

(Fonte: Própria do autor).

Assim, pode-se perceber que as realizações das variantes de baixo prestígio social foram mais frequentes no estilo não vernacular (*Careful Speech*) e não no estilo vernacular (*Casual Speech*), sobretudo, com relação à variante [Ø] do segmento /l/, em posição de coda, atribui-se ao fato de serem usos linguísticos que provavelmente recebem pouca avaliação subjetiva negativa por parte dos próprios falantes, e que essa variante já faz parte do uso cotidiano dos falantes investigados e, assim, não fazem mais as distinções que geralmente alguns segmentos da sociedade fazem em alguns contextos específicos. Além do mais, deve-se considerar também que as realizações descritas no referido espectro estilístico são produções de informantes de baixíssimo ou sem nenhum nível de escolaridade, e, que, esse fator pode exercer forte condicionamento sobre os mais diversos usos linguísticos.

Além do mais, diversos estudos dialetais, sejam realizados sob a perspectiva variacionista e/ou dialetológica, têm demonstrado que as variantes de baixo prestígio social ocorrem justamente na fala de informantes de baixo e/ou de nenhum nível de escolaridade, categoria na qual estão inseridos os informantes da referida amostra analisada, demonstrando assim que a variável nível de escolaridade é uma forma relevante de se analisar dados de usos da língua.

4.1.2 Grupo B

Espectro Estilístico 2: Descrição Estilística do Grupo B

CONTEXTOS-ESTILOS													
VERNACULAR (CASUAL SPEECH)							NÃO VERNACULAR (CAREFUL SPEECH)						
Contexto	VARIÁVEIS						Contexto	VARIÁVEIS					
	/Λ/				/I/			/Λ/				/I/	
Ordem/ Sequência	[Λ]	[j]	[l]	[Ø]	[w]	[Ø]	Ordem/ Sequência	[Λ]	[j]	[l]	[Ø]	[w]	[Ø]
<i>Narrative</i>	65 (86.7%)	2 (2.7%)	5 (6.7%)	3 (4.0%)	144 (80.9%)	34 (19.1%)	<i>Response</i>	28 (93.3%)	NO	2 (6.7%)	NO	75 (82.4%)	16 (17.6%)
<i>Group</i>	10 (66.7%)	1 (6.7%)	4 (26.7%)	NO	10 (76.9%)	3 (23.1%)	<i>Language</i>	3(100%)	NO	NO	NO	11 (55.0%)	9 (45.0%)
<i>Kids</i>	43 (82.7%)	1 (1.9%)	2 (3.8%)	6 (11.5%)	45 (57.0%)	34 (43.0%)	<i>Soapbox</i>	45 (81.8%)	NO	7 (12.7%)	3 (5.5%)	129 (82.2%)	28 (17.8%)
<i>Tangent</i>	17 (48.6%)	10 (28.6%)	3 (8.6%)	5 (14.3%)	27 (77.1%)	8 (22.9%)	<i>Residual</i>	30 (88.2%)	NO	4 (11.8%)	NO	NO	NO

(Fonte: Próprio do autor).

O Espectro Estilístico nº 2 exibe os resultados da variação estilística referente aos informantes do sexo feminino e masculino, adultos e com nível de escolaridade de 4 a 8 anos. Uma vez submetidos os dados ao Goldvarb X, foram registradas 299 ocorrências de [λ, l, j, Ø], sendo que 241 são de aplicação da variante lateral palatal [λ], o que dá um total de 80.6,% de aplicações, contra as 58 não aplicações restantes, respectivamente, 19,4%; já, com relação às variantes [w, Ø] do fonema alveolar /l/ pós-vocálico: há 603 ocorrências, sendo que 463 foram realizações da variante [w], o que corresponde ao percentual de 77.6% do total, e 135 produções da variante [Ø], ou seja, 22.4%. As seguintes ocorrências ilustram parte dos dados encontrados na amostra: para o fonema lateral palatal /λ/: traba/λ/ar ~ traba[λ]ar; ve/λ/o ~ ve[j]o; mu/λ/er ~ mu[l]é; me/λ/orando ~ mi[Ø]orando, dentre outras, e as realizações: pessoa/l/ ~ pessoa[w]; adu/l/to ~ adu[Ø]to; difícil/l/ ~ difici[Ø], dentre outras, para o fonema alveolar /l/ pós-vocálico.

Pôde-se verificar que, nesta amostra em discussão, as variantes consideradas de maior prestígio social, [λ] e [w], ocorrem mais frequentemente no estilo da fala monitorada (*Careful Speech*), respectivamente, 86.9% e 81.2%. E já no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*), o Goldvarb X forneceu os seguintes percentuais, respectivamente: 76.3% e 74.1%. Esses achados estão em consonância com as hipóteses aqui levantadas e com os diversos estudos estilísticos já empreendidos.

Assim, esse alinhamento entre o uso das variantes e os resultados alcançados, neste estudo, é atribuído, principalmente, ao comportamento exibido pelos informantes que compõem a amostra, sobretudo, durante a realização da entrevista sociolinguística, pois se observou que, ao se comparar esta amostra de informantes com as outras duas, percebe-se que esses falantes, especificamente, JGS, JAO, LPC, EOCP e MDF foram os que mais demonstraram uma atitude de monitoramento da fala: falaram pausadamente, emitiam as respostas após certo período de reflexão e até em alguns contextos (módulos), davam respostas curtas ao que lhes era perguntado.

Outrossim, esses informantes já têm um maior nível de escolaridade em relação aos informantes da amostra anterior (Grupo A) e, além do mais, são todos adultos, com profissão definida, socialmente localizados no mercado de trabalho e possuem uma vida estável na comunidade de fala à qual pertencem. Tanto a escola quanto níveis avançados de letramentos exercem a função de gatilho no controle da variação linguística. Neste sentido, entende-se que toda essa gama de aspectos sociodemográficos pertencentes a esses informantes contribui para definir que comportamento sociolinguístico exibir. A tabela 4 sumariza esses achados.

Tabela 4: Distribuição de [ʎ, w] por Estilos (Grupo B)

VARIÁVEL/VARIANTES	FATORES/ PERCENTUAL	
	ESTILO VERNACULAR (CASUAL SPEECH)	ESTILO MONITORADO (CAREFUL SPEECH)
/ʎ/	76.3%	86.9%
[j, l, Ø]	23.7%	13.1%
Total	100%	100%
/w/	74.1%	81.2%
[Ø]	25.9%	18.8%
Total	100%	100%

(Fonte: Própria do autor).

Também, com relação às variantes não padrão em análise [l, j, Ø] para o fonema /ʎ/ e [Ø], para o fonema /l/, em posição de coda silábica, os resultados encontrados corroboram com as hipóteses aqui tomadas para averiguação: essas variantes ocorrem mais probabilisticamente no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*). Para o segmento /ʎ/, 23.7% no estilo não monitorado e 13.1% no estilo monitorado, enquanto que para a variante do segmento /l/: 25.9% de [Ø] no estilo não monitorado e apenas 18.8% no estilo monitorado (*Careful Speech*). Entende-se que esses índices revelam que realmente a atenção à fala constitui um mecanismo que pode refletir diferenças quanto ao uso linguístico.

A variável idade mais uma vez evidenciou-se como um fator relevante para análise de dados linguísticos. Os informantes que compõem esta amostra foram mais contidos nas suas realizações linguísticas, priorizando as formas linguísticas que gozam de maior prestígio social e, assim, produziram-nas nos contextos de maior formalidade que figuram no escopo de uma entrevista sociolinguística e realizaram as formas tidas de menor aceitação e prestígio social nos estilos-contextos que favorecem a emersão de usos linguísticos mais relacionados às formas do cotidiano e às situações de menor formalidade.

Desse modo, os usos linguísticos aqui descritos configuram ou revelam a dinâmica que há no comportamento social que têm os falantes quando atingem certa idade; naturalmente, espera-se que, quanto maior a idade do indivíduo maior seja sua estabilidade em diferentes dimensões da vida social, e essa atitude pode ser vislumbrada por diversos comportamentos sociais e, sendo a língua uma forma de comportamento social, os usos linguísticos exibem essas características.

Mas, em relação à variável sexo e, tomando as ocorrências encontradas nesta amostra, agora no que diz respeito ao uso das variantes [ʎ] e [w], ao comparar com as realizações da

amostra anterior (Grupo A), ocorre o contrário: a maior produção dessas variantes está na fala dos informantes do sexo masculino e não nos informantes do sexo feminino, como era teoricamente o esperado, com índices, respectivamente, de 90.9% e 84.9% para os falantes masculinos; e 74.6% e 65.7% para os falantes femininos. Contudo, caso se considere a frequência de realizações isoladamente, verifica-se que são os informantes femininos os que mais produzem a variante [ʎ] e não os do sexo masculino, respectivamente, 141 realizações e 100 realizações.

Alguns estudos têm apontado que as mulheres, geralmente, lideram na predominância do uso das variantes linguísticas de mais prestígio social do que os falantes do sexo masculino (LABOV, 1966; SCHERRE, 1996; OLIVEIRA & MOTA, 2007; FREIRE, 2011; dentre outros). Todavia, ao se buscarem explicações no próprio *corpus* analisado, verifica-se que, mesmo que os informantes dessa amostra se demonstraram confortáveis com a realização do evento entrevista sociolinguística, foram os que exibiram um comportamento mais contido, não se alongando com as respostas emitidas, ou direcionando maior atenção ao que era falado do que ao que foi perguntado. E, assim, percebem-se falas extremamente pausadas, calmas, dentre outros. A tabela 5 exhibe esses achados.

Tabela 5: Distribuição das variantes [ʎ, w] segundo o Sexo (Grupo B)

VARIÁVEL/VARIANTES	FATORES/ PERCENTUAL	
	MASCULINO	FEMININO
/ʎ/	90.9%	74.6%
[j, l, Ø]	9.1%	25.4%
Total	100%	100%
/w/	84.1%	65.7%
[Ø]	15.9%	34.3%
Total	100%	100%

(Fonte: Própria do autor).

Já com relação às variantes consideradas de baixo prestígio social, os dados da variável /ʎ/ indicam que elas são mais frequentes na fala feminina dos informantes analisados nesta amostra: 48 ocorrências – 25,4% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “trabalhar”, “molho”, “velho”; traba[j]ar, mo[j]o, ve[j]o); e, apenas, 10 realizações na fala masculina, o que perfaz um percentual de 9.1%; por exemplo, só para a variante [l] em realizações como mu/ʎ/er ~ mu[l]é, as informantes femininas chegam a 9.5% de realizações.

Por sua vez, a variante [Ø] do fonema /l/, em posição de coda, está também mais presente na fala dos informantes femininos da amostra: foram encontradas 73 realizações, o que corresponde a 34.3% do total da amostra, enquanto que, na fala masculina, atinge o percentual

de 15.9%. Realizações como so/l/teiro ~ so[Ø]teiro; ju/l/gar ~ ju[Ø]gar; reso/l/ver ~ reso[Ø]ver ilustram parte da realidade linguística encontrada na amostra em discussão. Outra explicação possível para os índices encontrados pode ser associada, possivelmente, à falta de consciência sociolinguística negativa que tais realizações ainda não desencadearam significativamente na comunidade de fala examinada, o que não provocou sanções, estigmas, preconceitos e estereótipos, dentre outros, sendo assim, usos correntes e/ou talvez norma sociolinguística compartilhada por esses falantes.

Agora, ao se analisarem as realizações de /ʎ/ e /l/ pelos estilos-contextos que constituem o modelo proposto por Labov (2001), obtêm-se os seguintes resultados: com relação às variantes de baixo prestígio do fonema /ʎ/, no estilo vernacular (*Casual Speech*), os contextos encontrados que mais as favorecem foram, respectivamente: *Tangent*, com 51.5%; *Group*, com 33.4%; *Kids*, com 17.2% e *Narrative*, com 13.4%. Já, no estilo monitorado (*Careful Speech*), atingiram os seguintes percentuais por contexto analisado: *Soapbox*, 18.2%; *Residual*, com 11.8% e *Response*, com 6.7%. E nenhuma realização foi encontrada para o contexto *Language*.

Já, para a variante de baixo prestígio [Ø] do fonema /l/ pós-vocálico, as ocorrências assim se deram: no estilo vernacular (*Casual Speech*), *Kids*, com 43.0%; *Group*, com 23.1%; *Tangent*, com 22.9% e *Narrative*, com 19.1%, que, também favoreceu a emergência de novas variantes: [ɭ, j, r], com percentual de 6.6%; e, no estilo monitorado (*Careful Speech*): *Language*, 45.0%; *Soapbox*, 17.8% e *Response*, com 17.6% e, verifica-se, ainda que esses dois estilos-contextos também favoreceram o uso de [ɭ, j, r]. Para o contexto *Residual* não foram encontradas realizações. A tabela 6 exhibe os resultados numéricos da distribuição das variantes de baixo prestígio de acordo com o estilo-contexto proposto na *The Decision Tree*.

Tabela 6: Ocorrências de variantes de baixo prestígio segundo o estilo-contexto (Grupo B)

ESTILOS- CONTEXTOS (CASUAL SPEECH)	PERCENTUAL PARA [l, j, Ø]	PERCENTUAL PARA [Ø]	PERCENTUAL PARA [l, j, r]
<i>Tangent</i>	51.5%	22.9%	-
<i>Group</i>	33.4%;	23.1%	-
<i>Kids</i>	17,2%	43.0%	-
<i>Narrative</i>	13.4%.	19.1%	6.6%
<i>Estilos-contextos (Careful Speech)</i>	-	-	-
<i>Soapbox</i>	18.2%	17.8%	4.9%
<i>Residual</i>	11.8%	-	-
<i>Response</i>	6.7%	17.6%	1.3%
<i>Language</i>	-	45.0%	-

(Fonte: Própria do autor).

4.1.3 Grupo C

Espectro Estilístico 3: Descrição Estilística do Grupo C

CONTEXTOS-ESTILOS															
VERNACULAR (CASUAL SPEECH)								NÃO VERNACULAR (CAREFUL SPEECH)							
Contexto	VARIÁVEIS							Contexto	VARIÁVEIS						
	/Λ/				/ʌ/				/Λ/				/ʌ/		
Ordem Sequência	[Λ]	[j]	[ɪ]	[Ø]	[w]	[Ø]	[t̪, r, j]	Ordem Sequência	[Λ]	[j]	[ɪ]	[Ø]	[w]	[Ø]	[t̪, r, j]
<i>Narrative</i>	131 (77.1%)	18 (10.6%)	16 (9.4%)	5 (2.9%)	172 (70.2%)	57 (23.3%)	9 (3.7%) de [ɪ]. 7 (2.9%) de [r]	<i>Response</i>	46 (92.0%)	2 (4.0%)	2 (1.2%)	1 (2.0%)	58 (76.3%)	17 (22.4%)	1 (1.3%) de [ɪ]
<i>Group</i>	8 (88.9%)	NO	1 (11.1%)	NO	14 (77.8%)	4 (22.2%)	NO	<i>Language</i>	2 (100%)	NO	NO	NO	6 (75.0%)	2 (25.0%)	NO
<i>Kids</i>	55 (79.7%)	1 (1.4%)	12 (17.4%)	1 (1.4%)	72 (71.3%)	29 (28.7%)	NO	<i>Soapbox</i>	65 (91.5%)	1 (1.4%)	2 (2.8%)	3 (4.2%)	53 (65.4%)	24 (29.6%)	1 (1.2%) de [j]. 3 (3.7%) de [r]
<i>Tangent</i>	44 (91.7%)	3 (6.2%)	NO	1 (2.1%)	50 (80.6%)	12 (19.4%)	NO	<i>Residual</i>	16 (84.2%)	1 (5.3%)	NO	2 (10.0%)	23 (71.9%)	9 (28.1%)	NO

(Fonte: Próprio do autor).

O Espectro Estilístico nº 3 apresenta os resultados da variação estilística dos informantes do sexo feminino e masculino, idosos e com mais de 8 (oito) anos de escolaridade. Após a submissão ao Goldvarb X, obtiveram-se os seguintes percentuais e variantes linguísticas na amostra em discussão: 438 ocorrências para o fonema lateral palatal e suas variantes, sendo desse total, 367 realizações de [ʎ], o que corresponde a 83.8% e 71 ocorrências de [l, j, Ø], o que perfaz um percentual de 16.2%; já, com relação ao fonema /l/ pós-vocálico e suas variantes: correspondem à soma de 623 realizações, sendo desse total, 448 ocorrências da variante [w], ou seja, 71.9% e 175 realizações das demais variantes encontradas na amostra desse fonema, [Ø, ʎ, j, r], o que corresponde a 28.1% desse total. São exemplos das ocorrências encontradas as realizações, respectivamente: traba/ʎ/adores ~ traba[ʎ]adores; traba/ʎ/ador ~ traba[j]ador; /ʎ/e ~ [l]e; fi/ʎ/a ~ fi[Ø]a, dentre outras; e rea/l/ ~ rea[w]; mi/l/ ~ mi[ʎ]; vo/l/tou ~ vo[r]tou; fáci/l/ ~ fáci[Ø], dentre outras.

Algumas constatações emergem desse espectro estilístico: verifica-se que outras variantes do fonema /l/ pós-vocálico surgem, respectivamente, [ʎ, j, r], que foram realizações não verificadas na amostra já descrita (Grupos A); além do mais, essas variantes foram apenas encontradas na fala de dois dos três informantes masculinos, respectivamente, JQN e JAS. E esses informantes são os mais idosos de todo o *corpus* analisado. Juntas, essas variantes correspondem ao percentual de 5.9%, sendo 10 realizações de [ʎ], 1(uma) de [j] e 10 de ocorrências de [r]. São exemplos dessas realizações as ocorrências de mi/l/ ~ mi[ʎ]; fa/l/tar ~ fa[r]tar; fa/l/tei ~ fa[r]tei; ba/l/cão ~ ba[j]cão.

Neste sentido, mesmo reconhecendo que foram em número reduzido, as realizações dessas três variantes, no total de 21 dados encontrados, verifica-se que a variável idade é saliente para o uso de fenômenos sociolinguísticos, atuando, possivelmente, como um condicionador de usos dialetais em comunidades de fala. Além do mais, corrobora com outros estudos variacionistas que, por exemplo, associam o uso da variante [ʎ], na variedade do Nordeste brasileiro, aos informantes mais idosos.

Dando continuidade à descrição e análise, percebeu-se que, novamente, a variante considerada de maior prestígio social, [ʎ], é mais frequente no estilo do eixo da fala não vernacular (*Careful Speech*), com índices probabilísticos, respectivamente, de 91.3% e 79.9% no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*); já com relação à variável /l/, em coda silábica, os percentuais encontrados entre os dois estilos são praticamente iguais, uma vez que no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*) ocorrem 72.3% e no estilo da fala monitorada ou não vernacular (*Careful Speech*), o índice é de 71.1%. A tabela 7 exhibe de forma sumarizada a distribuição das variantes [ʎ, w] por estilos analisados, na amostra do Grupo C.

Tabela 7: Distribuição de [ʌ, w] por Estilos (Grupo C)

VARIÁVEL/VARIANTES	FATORES/ PERCENTUAL	
	ESTILO VERNACULAR (CASUAL SPEECH)	ESTILO MONITORADO (CAREFUL SPEECH)
/ʌ/	79.9%	91.3%
[j, l, Ø]	20.1%	8.7%
Total	100%	100%
/w/	72.3%	71.1%
[Ø, j, r, ɹ]	27.7%	28.9%
Total	100%	100%

(Fonte: Própria do autor).

Esses resultados podem estar apontando para duas direções: a primeira, tomando como parâmetro o uso de /ʌ/, a de que o nível de escolaridade do falante constitui uma variável significativa ao se analisar usos sociais da fala, pois no caso deste estudo, as variantes de /ʌ/, respectivamente, [j, l, Ø], entendidas como estereótipos na classificação laboviana, foram evitadas no eixo da fala não vernacular (*Careful Speech*) mais do que estilo vernacular (*Casual Speech*); um indício dessa realidade nesta amostra é que todos os informantes têm mais de 8 anos de escolaridade e altos níveis de letramento, ocupam a função de professor, no caso de MLS, JAS e JS (todos informantes femininos) e, JSS e JQN (mesmo que este só concluiu o Ensino Médio na modalidade profissionalizante/Magistério) e JAS que, sendo líder sindical, participa ativamente de diversas discussões políticas que integram o cenário nacional e local.

A segunda, tomando como parâmetro o uso de /l/ pós-vocálico: possivelmente, os índices são não tão destoantes porque o uso da variante [Ø] não constitui um estigma ou estereótipo na comunidade de fala examinada, constituindo o que Tarallo (2004 [1985]) definiu como processo de variação linguística: “luta” entre duas formas alternativas que têm o mesmo referencial e que, provavelmente, ainda não despertou maior consciência sociolinguística na comunidade de fala jacarauense.

Com relação à distribuição das variantes de menor prestígio social pelos estilos analisados, as variáveis tiveram comportamentos diferentes e alcançaram os seguintes percentuais: para as variantes do fonema /ʌ/, verifica-se que ocorrem mais no estilo não monitorado (*Casual Speech*), com percentual de 20.1% contra 8.7% no eixo da fala monitorada (*Careful Speech*); já, para as variantes de /l/ pós-vocálico, os índices não indicam diferenças substanciais e significativas, pois atingiram no estilo vernacular o percentual de 27.7% e, no estilo da fala monitorada, 28.9%.

Considerando novamente a variável sexo, as variantes de maior prestígio social, [ʎ, w], ocorreram de forma mais frequente na fala dos informantes femininos do que na fala dos informantes masculinos, respectivamente, com índices percentuais de 92.0% e 76.0% para as mulheres, contra 77.7% e 68.8%, na fala masculina, para as duas variantes em discussão. Esses resultados mais uma vez confirmam as hipóteses levantadas para este estudo, sobretudo, ao associarem-se a outras investigações que apontam a predominância na fala feminina com relação aos usos sociais avaliados positivamente e portadores de maior prestígio social em comunidade de fala. A tabela 8 ilustra a distribuição das variantes de maior prestígio de acordo com o sexo dos informantes pesquisados.

Tabela 8: Distribuição das variantes [ʎ, w] segundo o Sexo (Grupo C)

VARIÁVEL/VARIANTES	FATORES/ PERCENTUAL	
	MASCULINO	FEMININO
/ʎ/	77.7%	92.0%
[j, l, Ø]	22.3%	8.0%
Total	100%	100%
/w/	68.8%	76.0%
[Ø, j, r, t]	31.2%	24.0%
Total	100%	100%

(Fonte: Própria do autor).

Ainda, com relação a esta amostra em discussão, volta-se a destacar que as informantes que a constituem são falantes com elevado grau de escolaridade (das três, uma tem curso de especialização e outra a graduação); as três exercem a profissão de professora, e mantêm contato permanente com o mundo da escrita – sabe-se que a escrita, geralmente, é uma porta fechada para o mundo da variação linguística. Assim, por hipótese teórica, os resultados são os esperados para esses informantes, pois, além de serem os falantes com maior idade, também são os que têm maior nível de escolaridade, visto que as diversas teorizações da Linguística têm demonstrado que a escola tem funcionado como gatilho no controle de uma série de processos, fenômenos ou variáveis sociolinguísticas, assim, quanto maior o grau de escolaridade do falante, maior será o seu controle dos usos sociais que fizer da língua em diferentes situações sociocomunicativas.

Esses achados podem ser associados aos encontrados com as variantes de menor prestígio ao serem distribuídas pelos eixos da fala: com relação às variantes de [ʎ], elas são mais produzidas pelos informantes do sexo masculino do que pelos informantes do sexo

feminino, respectivamente, com percentuais de 22.3% e 8.0%. Provavelmente, essas diferenças de percentuais de uso podem ser atribuídas aos informantes femininos que priorizam as formas linguísticas de maior prestígio – mesmo que também usem as formas desprestigiadas –, porque são estes que geralmente procuram usar as variantes linguísticas que mais estão associadas às formas socialmente valorizadas pela sociedade. Verificou-se, também, que a variante, nesta amostra, mais produzida é a forma alveolar [l], em realizações do tipo $\text{mu}/\text{ɬ}/\text{er} \sim \text{mu}[\text{l}]\text{é}; /ɬ/\text{e} \sim [\text{l}]\text{e}$, agora, tanto pelos informantes masculinos quanto pelos informantes femininos, perfazendo o percentual, com relação a essa variante, respectivamente, de 9.6% e 4.3%.

Já, com relação às variantes do /l/, em coda silábica, verificou-se que não há diferenças estatísticas salientes entre os falantes do sexo masculino e os do sexo feminino, no que diz respeito ao uso da variante [Ø], pois o Goldvarb X forneceu, respectivamente, os seguintes percentuais: 25.3% e 24.0%. Todavia, ao se observarem os dados de forma qualitativa, percebe-se que o uso dessa variante se dá mais na fala dos informantes masculinos, ou seja, foram contabilizadas 90 ocorrências dessa variante para os falantes masculinos, enquanto que, para os informantes femininos, 64 realizações de [Ø]. Como já foi assinalado anteriormente, o comportamento feminino ainda diferiu do dos homens ao não produzirem as outras variantes, [t, j, r]. Assim, pode-se conjecturar que as diferenças entre a fala de informantes masculinos e informantes femininos ocorrem no âmbito social e não no campo biológico, e apresentam fortes e significativos indícios de diferenças estilísticas entre eles. Haveria assim uma maior percepção das mulheres com relação às formas linguísticas desprestigiadas? São necessárias investigações posteriores.

Assim sendo, tomando as realizações das variantes em discussão, de acordo com os estilos-contextos que estruturam a entrevista sociolinguística, o Goldvarb X indicou a seguinte distribuição por percentagem: com relação às variantes do /ɬ/, no eixo da fala vernacular: *Narrative*, com 22.9%; *Kids*, com 20.2%; *Group*, com 11.1% e *Tangent*, com 8.3%. Estes estão em perfeita harmonia com as teorizações de Labov (2001), ao se verificar que foi o contexto denominado de narrativo (*Narrative*) das entrevistas sociolinguísticas que mais favoreceu a emersão das formas vernaculares do falar. Assim, depreende-se que há formas que emergem em determinados contextos e em outros não, o que configura a variação estilística e, neste caso, com relação aos usos de /ɬ/.

Quanto ao eixo da fala monitorada, os dados apontam a seguinte distribuição: *Residual*, com 15.3%; *Soapbox*, com 8.4% e *Response*, com 8.0%. Não foram verificadas realizações para o contexto *Language*. Mais uma vez os dados se aproximam das teorizações labovianas, sobretudo, ao se perceber que é no contexto de resposta (*Response*) que menos

ocorrem as variantes de baixo prestígio social, o percentual aqui encontrado reafirma essa postulação, ao exibir o menor índice na sequência/ordem do modelo laboviano, apenas 8.0% ao comparar com os demais contextos.

Já, no que diz respeito às variantes desprestigiadas de /l/ pós-vocálico, assim foram distribuídas, considerando o percentual e o contexto-estilo de realizações da variante [Ø], no estilo monitorado (*Casual Speech*): *Kids*, com 28.7%; *Narrative*, com 23.3%; *Group*, com 22.2% e *Tangent*, com 19.4%. Mais uma vez percebe-se que o contexto da narração, no qual o informante trata de tópicos relacionados à sua vida pessoal e aos aspectos da sua trajetória de vida, é favorecedor da emersão de variantes que não gozam de prestígio social. No eixo da fala monitorada (*Careful Speech*), obtiveram-se os seguintes percentuais por contexto considerado: *Soapbox*, com 29.6%; *Residual*, com 28.1%; *Language*, com 25.0% e *Response*, com 22.4%. Novamente, os dados se alinham teórico-metodologicamente com as proposições de Labov (2001), sobretudo, ao se constatar que foi no contexto de resposta (*Response*) que se obteve a menor taxa de uso das formas variantes desprestigiadas, com o percentual de 22.4% em relação aos outros contextos considerados.

Com relação às variantes [ɫ, j, r], como já se apontou, as ocorrências foram baixíssimas e os percentuais, consequentemente, também: a variante [ɫ] ocorreu no eixo da fala vernacular (*Casual Speech*), conforme apontam as teorizações variacionistas, e atingiu o percentual de 3.7% - apenas 1(uma) ocorrência no estilo do eixo da fala monitorada, no contexto *Soapbox*, com percentual de 1.3%. De modo semelhante se deu com a variante [r], que também se deu no contexto de narração, com 2.9% de percentual e no estilo monitorado, no contexto de *Soapbox*, com 3.7%. Finalmente, com a forma variante [j], esta ocorreu apenas no contexto de fala monitorada, registrando-se apenas 1(um) dado, que perfaz o percentual de 1.2%.

A tabela 9 sumariza e exibe os dados numéricos relacionados com a distribuição das variantes de baixo prestígio de acordo com os estilos-contextos descritos no modelo laboviano (2001).

Tabela 9: Ocorrências de variantes de baixo prestígio segundo o estilo-contexto (Grupo C)

ESTILOS-CONTEXTOS	PERCENTUAL PARA [l, j, Ø]	PERCENTUAL PARA [Ø]
(CASUAL SPEECH)		
<i>Narrative</i>	22.9%	23.3%
<i>Kids</i>	20.2%;	28.7%
<i>Group</i>	11.1%	22.2%
<i>Tangent</i>	8.3%.	19.4%
Estilos-contextos		
(Careful Speech)		
<i>Residual</i>	15.3%	28.1%
<i>Soapbox</i>	8.4%	29.6%
<i>Response</i>	8.0%	22.4%
<i>Language</i>	-	25.0%

(Fonte: Própria do autor).

Esses achados podem ser associados ainda mais à análise quantitativa realizada por meio do índice de peso relativo, fornecido pelo programa computacional Goldvarb X ao realizar rodadas multivariadas simultaneamente dos fatores linguísticos, sociais e estilísticos, que podem exercer condicionamento sobre o uso das variáveis em discussão. Por exemplo, como se verá nas tabelas 12 e 14, em relação às variantes [l, j, Ø] serão mais frequentes na fala de informantes de baixa escolaridade e/ou na de analfabetos e mais produzidas no eixo da fala vernacular. Essa constatação pode ser verificada pelo distanciamento que há entre os pesos relativos produzidos para cada fator considerado na análise.

O quadro 7, a seguir, exhibe de forma comparativa os resultados alcançados entre os três grupos amostrais descritos e analisados. Assim, tem-se uma visão geral dos achados.

Quadro 7: Quadro Comparativo entre os resultados dos Grupos A, B e C

A predominância do uso de [ʎ, w] se deu nos três grupos amostrais. As variantes [l, j, r] da variável /l/ pós-vocálico só ocorreram nos Grupos B e C. Portanto, na fala de informantes mais idosos, com maior nível de escolaridade e em contextos-estilos que favorecem a emergência da fala vernacular. Nos três grupos, a variante [ʎ] foi mais frequente no estilo monitorado. A variante [w] foi mais verificada, no Grupo A, no estilo vernacular. E no Grupo B, no estilo monitorado e, no Grupo C, não exibiu diferenças matemáticas significativas quanto ao estilo. Nos Grupos A e C, as variantes [ʎ, w] foram mais frequentes na fala de informantes do sexo feminino, enquanto, que no Grupo B, na de falantes do sexo masculino. As variantes de baixo prestígio de /ʎ, l/ emergiram mais nos estilos-contextos da fala casual, independentemente das amostras analisadas. As variantes de baixo prestígio de /l/ pós-vocálico, também, emergiram nos estilos-contextos da fala monitorada, sobretudo, a forma linguística [Ø]. As variáveis sociais analisadas mostraram-se relevantes, cada qual a seu modo, indicando condicionamento social.
--

(Fonte: Próprio do autor).

Até o momento, procuraram-se descrever as ocorrências encontradas a partir do ponto de vista mais qualitativo, associando os termos percentuais às características sociodemográficas dos informantes que formaram as três amostras anteriormente descritas, isoladamente, por grupos de análise e de acordo com as variáveis /ʎ/ e /l/.

Contudo, na seção seguinte, apresentar-se-ão os resultados em termos, também numéricos, mas, a partir apenas das rodadas selecionadas pelo Goldvarb X como condicionadoras dos usos linguísticos daquelas variáveis. Para tanto, os dados das três amostras (Grupos A, B e C) de cada variável em análise foram agrupados em um único arquivo e rodados no Goldvarb X.

4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

Submetidos separadamente os dois arquivos de ocorrências ao Goldvarb X, foram obtidos os seguintes resultados:

a) Variável /ʎ/: foram registradas 1105 ocorrências, sendo que 894 são de aplicação da variante lateral palatal [ʎ], o que dá um total de 80.9% de aplicações contra as 211 não

aplicações restantes das variantes [j, l, Ø], respectivamente, 19.1%. Ao se especificar a distribuição das ocorrências, obtém-se a tabela 10.

Tabela 10: Distribuição Geral de /λ/ no *corpus* pesquisado

VARIANTES	TOTAL/PERCENTUAL	EXEMPLOS
[λ]	894/80.9%	“Milho”, “trabalhando”, “melhor”; mi[λ]o, traba[λ]ando, me[λ]or.
[j]	90/8.1%	“Trabalhar”, “molho”, “velho;” traba[j]ar, mo[j]o, ve[j]o.
[l]	82/7.4%	“Mulher”, “olhe”, “folhinha”; mu[l]é, o[l]e, fo[l]inha.
[Ø]	39/3.5%	“Filho”, “filha”, “milho”; fi[Ø]o, fi[Ø]a, mi[Ø]o.

(Fonte: Própria do autor).

b) Variável /l/ pós-vocálica: foram contabilizadas 1881 ocorrências, sendo que 1464 são de aplicação da variante semivocalizada [w], o que dá um total de 77.8% de aplicações, contra as 417 não aplicações restantes, das variantes [j, l, r, Ø], respectivamente, 22.2%. Ao se especificar a distribuição das ocorrências encontradas, obtém-se a tabela 11.

Tabela 11: Distribuição Geral de /l/ pós-vocálico no *corpus* pesquisado

VARIANTES	TOTAL/PERCENTUAL	EXEMPLOS
[w]	1464/77.8%	“Falta”, “totalmente”, “legal”; fa[w]ta, tota[w]mente, leg[w].
[Ø]	396/21.1%	“Qual, cultura, julgar”; qua[Ø], cu[Ø]tura, ju[Ø]gar]
[r]	10/0.5%	“Balcão”, “voltei”, “almoço”; ba[r]cão, vo[r]ltei, a[r]moço.
[l]	10/0.5%	“Mil;” mi[l].
[j]	1/0.1%	“Balcão”; ba[j]cão.

(Fonte: Própria do autor).

Ainda, com relação às rodadas da variável /l/ pós-vocálica pelo Goldvarb X, é importante salientar que, inicialmente, o arquivo de ocorrências era formado por 1891 dados e não por 1881, conforme está descrito na tabela 12. Assim, foram eliminadas das rodadas 10 ocorrências. As realizações foram eliminadas porque o Programa Goldvarb X indicou *Singletons*⁶² e *KnockOut*⁶³ para as seguintes produções:

⁶² Esse é o termo técnico utilizado pelo Goldvarb X para indicar que houve apenas uma ocorrência do referido dado registrado no Arquivo de Ocorrências. E como o referido programa calcula e realiza análises quantitativas multivariadas é necessária a presença de mais de uma ocorrência no mesmo fator de análise para fins comparativos e estatísticos.

⁶³ Já *KnockOut* (pronunciado como Nocaute), Segundo Guy & Zilles (2007) diz respeito a um dado fator, que em um determinado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% referentes aos valores da variável dependente. No caso em destaque, houve 8 (oito) realizações de único fator, no caso o contexto fonológico

a) *Singletons*: com as realizações de [w] em “balneário” e em “colchão”, respectivamente, em contextos fonológicos seguintes, formados por uma nasal dental /n/ e a outra por fricativa alveolar desvozeada /ʃ/. Essas ocorrências foram registradas na fala dos informantes LPC e SN, respectivamente.

b) *KnockOut*: para as realizações de [w] em “Alzira, Alzira, Alzira, localzinho, localzinho, Alzira, finalzinho e legalzinho”, as quais apresentam o contexto fonológico seguinte formado por uma fricativa dental vozeada /z/. Essas produções foram verificadas nas falas dos informantes TS, VSM, EOCP, RPA e SN, respectivamente.

Sendo assim, entende-se que a melhor opção metodológica era a retirada dessas realizações do *corpus* e assim foi feito. Também, verifica-se que esse procedimento não compromete a análise geral dos dados, haja vista que se trataram de ocorrências de baixíssimas frequências ao se compará-las com outras realizações encontradas nas amostras pesquisadas.

Nas subseções seguintes, respectivamente, serão descritos e analisados os fatores sociais, estilísticos e linguísticos selecionados pelo Programa Goldvarb X que favorecem o uso das variáveis /ɺ/ e /l/.

4.2.1 Considerações acerca das variáveis sociais, estilística e linguísticas sobre a variável /ɺ/

Os fatores selecionados pelo Goldvarb X como condicionadores para aplicação da regra variável aqui estudada, por ordem de relevância, foram:

- a) Nível de Escolaridade;
- b) Estilo;
- c) Contexto; e
- d) Faixa Etária.

Sendo assim, passa-se a descrever possíveis efeitos dessas variáveis sobre o uso da variável /ɺ/.

seguinte, com a presença do segmento fricativo vozeado /z/, em todo o *corpus*, o que corresponde aos 100%, e inviabilizou a continuação das rodadas pelo Programa com a presença de tais realizações, o qual não podia realizar efeitos comparativos desse fator em outros contextos.

4.2.1.1 Variáveis Sociais (Externas)

4.2.1.1.1 Nível de Escolaridade

A variável nível de escolaridade dos informantes foi a primeira variável social selecionada como condicionadora da aplicação da regra variável em estudo, conforme pode-se verificar na tabela 12.

Tabela 12: Efeito da variável nível de escolaridade do falante sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Analfabetos, 1 a 3	286/368 = 77.7%	0.39
4 a 8 anos de escolaridade	241/299 = 80.6%	0.51
+ de 8 anos de escolaridade	364/438 = 83.8%	0.57
Total	894/1105 = 80.9%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

Verifica-se, por um lado, ao observar a tabela 12, que o fator +de 8 anos de escolaridade sendo indicado como influenciador do uso do fonema lateral palatal na variedade paraibana, com índice de peso relativo de (0.57), mesmo que esse índice esteja ainda próximo do ponto neutro. Por outro lado, as variantes desprestigiadas daquele fonema, são produzidas por informantes com menor nível de escolaridade, uma vez que o percentual de peso relativo apontado pelo Goldvarb X está muito distante do ponto neutro (0.39). Neste sentido, a distância numérica entre esses dois pesos relativos confirma essa proposição.

Assim, pode-se concluir que, quanto maior for a escolaridade do falante, mais se usará a variante que goza de maior prestígio social ou, ainda, os resultados numéricos parecem indicar ou sinalizar duas situações opostas (escolarizados x não escolarizados), criando, a partir dos pesos relativos na tabela 13, um movimento ascendente. Esses resultados são corroborados por uma gama de estudos variacionistas e/ou dialetológicos que aponta a escolaridade do falante como condicionadora dos usos dialetais (CHAVES & MELO, 2009; FREIRE, 2011; por exemplo).

Esses resultados estão também em consonância com o efeito da variável faixa etária do informante, a qual se discute em seguida.

4.2.1.1.2 Faixa Etária

A segunda variável social selecionada pelo Goldvarb X foi faixa etária dos informantes. A tabela 13 exibe os percentuais encontrados e respectivos pesos relativos.

Tabela 13: Efeito da variável faixa etária sobre a variação da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso Relativo
15-25 anos	286/368 = 77.7%	0.39
26-49 anos	241/299 = 80.6%	0.51
+ de 50 anos	364/438 = 83.8%	0.57
Total	894/1105 = 80.9%	

Input 0.848

Significância: 0.186

Os pesos relativos exibidos na tabela 13 indicam que, quanto maior for a idade do informante, maior também será o uso da variante de maior prestígio social, [λ]. Essa realidade pode ser visualizada pelo peso relativo de (0.57) atribuído ao fator + de 50 anos.

Como se assinalou anteriormente, os dados descritos nas tabelas 12 e 13 estão em sintonia, mesmo que se reconheça que foram variáveis selecionadas em rodadas diferentes pelo Goldvarb X. Portanto, são os informantes da terceira faixa etária, ou os mais idosos, os que também têm, do *corpus* constituído, o maior nível de escolaridade. Ao se voltar para os aspectos sociodemográficos desses falantes, a partir do que foi observado e relatado nas fichas sociais ou ainda discutido durante a realização das entrevistas, verifica-se que esses informantes, além de terem maior nível de escolaridade, também demonstraram maior contato com o texto escrito, pois participam ativamente de eventos e situações de letramentos e são, na maioria, professores em pleno exercício de suas funções na comunidade de fala observada.

Neste sentido, admite-se que esses aspectos exercem influência sobre o uso do fenômeno investigado e que, quanto maior a escolaridade ou a vivência em atividades de letramento e o uso de práticas sociais envolvendo o texto escrito, o uso da variante de prestígio é favorecido.

4.2.2 Variáveis Estilísticas (contextuais)

4.2.2.1 Estilo

A primeira variável estilística selecionada pelo Goldvarb X como fonte de condicionamento do uso de /λ/ foi a variável Estilo. A tabela 14 exhibe e detalha os resultados estatísticos alcançados.

Tabela 14: Efeito da variável Estilo sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Fala Vernacular (<i>Casual Speech</i>)	488/630 = 77.5%	0.27
Fala Monitorada (<i>Careful Speech</i>)	406/475 = 85.5%	0.78
Total	894/1105 = 80.9%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

A tabela 14 descreve os percentuais e pesos relativos referentes à variável Estilo. Percebe-se que o estilo de fala que se dá no eixo monitorado é o fator influenciador para o uso da variante [λ] com índice de peso relativo favorecedor de (0.78). Ou seja, o uso dessa variante ocorre mais no estilo monitorado (*Careful Speech*) do que no estilo vernacular (*Casual Speech*).

Os resultados encontrados para essa variável eram os teoricamente esperados e, assim, confirmam a hipótese central da presente investigação -, ao mesmo tempo, corroboram com as teorizações da Linguística que apontam a existência, principalmente, de dois eixos da fala: um que possibilita a emergência de variantes que gozam de pouco prestígio, por fugirem da norma social estabelecida e mais frequente na fala realizada com menos atenção a ela dedicada, e outro que favorece, de acordo como contexto de uso, formas linguísticas que estão canonicamente estabelecidas pela norma social como de maior prestígio.

Esses achados também apontam que o componente atenção dada à fala é relevante, sobretudo, porque os dados que foram analisados são dos mesmos informantes que produziram as diferentes realizações fonético-fonológicas do fonema /λ/ nos dois eixos já apontados. Além do mais, assume-se que, é praticamente impossível, durante a realização da entrevista sociolinguística aqui empreendida, a qual durou aproximadamente 1 (uma) hora, que os falantes exibissem durante toda ela um único comportamento: o de monitoramento. Na verdade, os usos

linguísticos se dão em um contínuo que varia do eixo vernacular (*Casual Speech*) ao não vernacular (*careful Speech*) e vice-versa.

Também admite-se que esses resultados, como nas realizações de *traba/λ/a ~ traba[j]a* ou em *mu/λ/er ~ mu[l]é*, estão relacionados à natureza do fenômeno variável que envolve o segmento /λ/, sobretudo, porque suas variantes podem ser consideradas um estereótipo e seu uso está associado a falantes de baixa escolaridade ou de falantes não residentes em grandes centros urbanizados.

Entende-se que, como essas formas não são portadoras de alto prestígio social, foram, em sua maioria, evitadas pelos informantes e, sendo assim, os pesos relativos exibidos para os fatores, considerados para a referida variável, lançam luzes nessa discussão, principalmente, porque são índices probabilisticamente bastante distantes, respectivamente, (0.78) para o estilo monitorado e (0.27) para o estilo vernacular.

Todavia, também se reconhece que esses achados podem estar revelando uma realidade particular da comunidade de fala examinada, ou que essa configuração sociolinguística está relacionada à natureza do fenômeno analisado. Chega-se a essa conclusão ao se observar os pesos relativos do efeito da variável contexto sobre o uso de /λ/, na tabela 16, a seguir.

4.2.2.2 Contexto

A segunda variável estilística selecionada pelo Goldvarb X como condicionadora do uso de fonema lateral palatal /λ/ foi o contexto. A tabela 15 ilustra os índices fornecidos para essa variável.

Tabela 15: Efeito da variável contexto sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Vizinhança (<i>Group</i>)	23/30 = 76.7%	0.62
Narrativo (<i>Narrative</i>)	276/351 = 78.6%	0.68
Infância (<i>Kids</i>)	132/161 = 82.0%	0.76
Total	431/542 = 49.1%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

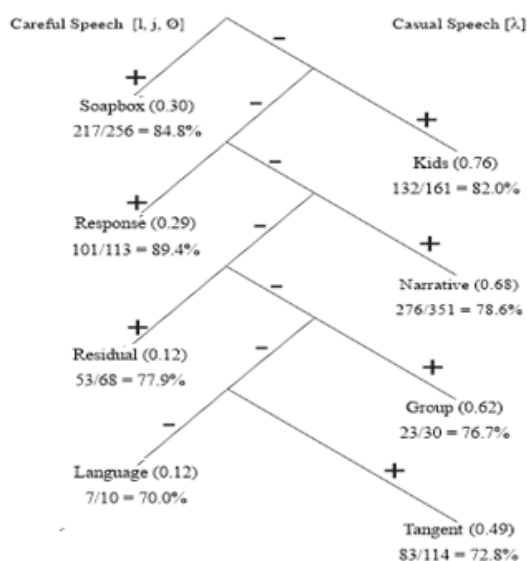
A tabela 15 apresenta os efeitos da variável contexto sobre o uso da variante [λ] na variedade paraibana. Verifica-se que os contextos, no escopo da entrevista sociolinguística, denominados de vizinhança, narrativos e infância são os fatores influenciadores do uso da já referida regra variável em discussão, todos com pesos relativos, respectivamente, (0.62), (0.68) e (0.76) de favorecimento de aplicação da regra.

Sendo assim, percebe-se que esses resultados não são os esperados teórica e metodologicamente. Ocorreu justamente o inverso. Segundo a proposta de Labov (2001), esses contextos denominados de *Group*, *Narrative* e *Kids* são pertencentes ao estilo de fala do eixo vernacular, ou seja, devem, por hipótese teórica, favorecer a emersão dos usos linguísticos menos prestigiados, no caso do presente estudo, as variantes [j, l, Ø]. Porém, de acordo com a tabela 16, a variante [λ] é a favorecida nesses contextos. Desse modo, indaga-se: por que se chegou a esses resultados destoantes da perspectiva de análise adotada?

A explicação reconhecida, mas, de forma geral e explanatória, é a de que, na comunidade de fala pesquisada, pode estar surgindo uma nova norma sociolinguística vinculada tanto ao fonema /λ/ quanto por suas variantes e, sendo uma norma sociolinguística compartilhada pelos falantes dessa comunidade, pode gozar de prestígio e aceitação independente do contexto usado.

Neste sentido, para visualizar a distribuição do uso de /λ/ nos dados pesquisados, propõe-se a figura 5 para o falar paraibano, a partir dos pesos relativos e distribuídos por estilos-contextos, com respectivos percentuais de ocorrências.

Figura 5: *The Decision Tree* para o falar paraibano, relacionada ao fonema /λ/ e suas variantes



(Fonte: Própria do autor).

Neste sentido, percebe-se que o segmento /λ/ se demonstra pouco sensível aos contextos específicos da subdivisão adotada nas entrevistas sociolinguísticas, uma vez que os resultados alcançados indicam que ocorre independentemente do contexto. Contudo, isso só ocorre ao tomá-lo isoladamente. É tanto que, quando se consideram os resultados tomando a variável estilo como eixos favorecedores de uso linguísticos variáveis, os pesos relativos já indicam que o estilo é fonte de condicionamento.

Desse modo, pergunta-se: (i) a subdivisão utilizada na entrevista sociolinguística é irrelevante? Ou, (ii) a natureza sociolinguística de cada fenômeno investigado é que determina a relevância de usos por contextos-estilos? Inicialmente, assume-se que a segunda questão se mostra mais relevante.

Esses resultados podem indicar uma direção: será que realmente ainda é um estereótipo a variação de [λ ~ j, l, Ø] na comunidade de fala investigada, já que os resultados exibidos na figura 5 foram os não esperados teoricamente? Sendo assim, entende-se e até se justifica a necessidade de se realizar o teste de avaliação, atitude e percepção linguísticas envolvendo essas variantes e, assim, confrontar os resultados de produção linguística com os de percepção.

De outro lado, também assume-se que os resultados aqui alcançados e, a partir do que exhibe a figura 5, cada fenômeno sociolinguístico tem sua configuração delineada especificamente de acordo com estratificação social de cada comunidade de fala investigada. Possivelmente, se fosse outra comunidade de fala, com outra configuração social, os resultados seriam diferentes dos que foram esboçados na tabela 16.

4.2.3 Variáveis Linguísticas (Internas ou Estruturais)

O programa Goldvarb X selecionou como variáveis linguísticas importantes no condicionamento do uso do segmento /λ/, por ordem de relevância, as seguintes variáveis:

- a) Contexto fonológico precedente (anterior);
- b) Contexto fonológico seguinte (posterior);
- c) Tonicidade;
- d) Classe de palavra dos vocábulos; e
- e) Número de sílabas dos vocábulos.

4.2.3.1 Contexto fonológico precedente (anterior)

Tabela 16: Efeito da variável contexto fonológico precedente sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Vogal Coronal	377/436 = 86.5%	0.56
Vogal Dorsal	347/405 = 85.7%	0.48
Vogal Labial	168/243 = 69.1%	0.46
Pausa	2/21 = 9.5%	0.04
Total	894/1105 = 80.9%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

Verificando a tabela 16, pode-se perceber que o fator vogal coronal, com índice de peso relativo de (0.56) é o componente da variável contexto fonológico precedente apontado pelo Goldvarb X como influenciador da aplicação da regra variável em estudo. Assim, realizações encontradas no *corpus*, como *me/λ/or*, *fi/λ/os*, *espe/λ/e*, favorecem o uso da variante [λ] na variedade investigada. Esses achados, de um lado, estão em consonância com os estudos de Aragão (2008), que afirma que, por exemplo, a vogal /E/ parece ter alguma influência sobre a permanência de /λ/, como também com o trabalho de Freire (2011; 2012) e Castro (2006); e, de outro lado, distanciam-se daqueles encontrados por Chaves & Melo (2009) que, ao estudarem a variedade rio-branquense, verificaram que são as vogais labiais /o, ô/ as favorecedoras da aplicação da regra variável de /λ/.

Verifica-se, inicialmente, que os resultados alcançados parecem ir de encontro ao que propõe o OCP (Princípio do Contorno Obrigatório; McCARTHY, 1986), o qual afirma que segmentos que compartilham configuração fonológica semelhante tendem a distanciar - no nosso caso, tanto as vogais coronais quanto o segmento /λ/ dividem o traço [Coronal], e são as vogais coronais as que estão favorecendo a manutenção do segmento /λ/ no contexto fonológico anterior. Contudo, de acordo com Clements & Hume (1995), o efeito de OCP ocorre no nível melódico dos segmentos e não no nível da sílaba, por exemplo.

Assim, entende-se que esses resultados podem ser mais bem compreendidos quando se observam os resultados encontrados para o contexto fonológico seguinte (Cf. Tabela 17), uma vez que são as vogais labiais as condicionadoras desse contexto. Assim, assume-se que são, na verdade, esses dois contextos que estão operando simultaneamente sobre a manutenção do /λ/. Desse modo, na variedade analisada, pode-se concluir que itens lexicais como *mi/λ/o*,

me/λ/or, tri/λ/o, apresentam-se como os contextos fonológicos precedente e seguinte favorecedores para permanência do segmento em análise.

Além da configuração fonológica desses segmentos em discussão, outro fator só que, de natureza quantitativa, pode estar influenciando na seleção desses contextos fonológicos como favorecedores da aplicação da regra em estudo, seja justamente a frequência de ocorrências desses contextos no *corpus*, tanto as vogais coronais, com 377/436 de aplicação, ou seja, 86.5%, quanto as labiais, com 450/507, isto é, 88.8%, correspondem aos contextos mais frequentes.

4.2.3.2 Contexto fonológico seguinte (posterior)

Tabela 17: Efeito da variável contexto fonológico seguinte sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Vogal Coronal	122/214 = 57.0%	0.24
Vogal Dorsal	322/384 = 83.9%	0.44
Vogal Labial	450/507 = 88.8%	0.65
Total	894/1105 = 80.9%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

A tabela 17 exhibe os resultados relacionados ao efeito da variável contexto fonológico seguinte sobre o uso de /λ/ na variedade paraibana. De acordo com o que apresenta essa tabela, o fator vogal labial, com índice probabilístico de peso relativo de (0.65), é o elemento influenciador da realização da regra variável em discussão. Neste sentido, ocorrências como traba/λ/o, baru/λ/o, conse/λ/o, encontradas no *corpus*, são favorecedores da permanência de /λ/ em detrimento dos outros fatores que apresentam pesos relativos desfavorecedores da aplicação da regra.

Constata-se que esses resultados são corroborados por outras pesquisas já empreendidas em outras comunidades de fala como, por exemplo, aquelas realizadas por Castro (2006) e Freire (2012), que também indicaram as vogais labiais como elementos influenciadores do uso do segmento /λ/; também o trabalho de Quandt (2014) que, ao estudar o segmento /λ/, na variedade carioca, verificou que as vogais labiais, com peso relativo de (0.52) contribuem para permanência desse segmento. Porém, distanciam-se de estudos como o de Aragão (2008), que apontam a permanência de /λ/ seguida por quaisquer tipos de vogal ou,

ainda os de Chaves & Melo (2009) e Quandt (2014), que assinalam que as vogais /ã, a/ são as favorecedoras dessa regra em estudo.

4.2.3.3 Tonicidade

Tabela 18: Efeito da variável tonicidade sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Sílaba Átona	502/600 = 83.7%	0.44
Sílaba Tônica	392/505 = 77.6%	0.56
Total	894/1105 = 80.9%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

A tabela 18 descreve os resultados relacionados à variável tonicidade. Assim, tomando como referência de análise os pesos relativos nela apresentados, percebe-se que o fator sílaba tônica é, com peso relativo de (0.56), indicado como elemento influenciador da aplicação do uso /λ/ na Paraíba. Desse modo, itens lexicais como o/λ/ando, comparti/λ/ar, mu/λ/é, encontrados no *corpus*, são favorecedores da permanência do /λ/. Também, consideram-se como fatores de favorecimentos a posição (medial/final) que a sílaba tônica ocupa e a frequência de vocábulos específicos no *corpus* analisado. Assim, por exemplo, a alta frequência de palavras como “trabalho (121 ocorrências), filhos (149 dados), trabalha (31 ocorrências), conselho (25 exemplos)”, dentre outros, em que o /λ/ ocupa a posição de sílaba átona pode estar provocando um enviesamento no entendimento dos resultados fornecidos pelo Goldvarb X.

Esses resultados alcançados são corroborados pelo estudo de Chaves & Melo (2009), que também aponta esse mesmo fator na fala rio-branquense como influenciador da regra variável que envolve o fonema /λ/. No trabalho de Quandt (2014), por sua vez, são as sílabas pós-tônicas, com índice de peso relativo de (0.55), as que mais contribuem para a manutenção de /λ/.

A explicação, por hipótese, assumida para o favorecimento do fator sílaba tônica, está, possivelmente, na influência que o acento fonológico exerce, principalmente, sobre a sílaba que o porta. Parece que é menos provável apagar segmentos e/ou processos pertencentes à sílaba tônica do que apagar segmentos da sílaba átona. Assim, assume-se que a influência do traço [+Acento] condiciona a realização de [λ] em detrimento de suas outras variantes, já que quem o possui ocupa posição hierárquica mais elevada no vocábulo em oposição às sílabas átonas.

4.2.3.4 Classe de palavra dos vocábulos

Tabela 19: Efeito da variável categoria dos vocábulos sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Nomes	569/733= 77.6%	0.42
Verbos	325/372 = 87.4%	0.63
Total	894/1105 = 80.9%	

Input 0.848

Significância: 0.186

A tabela 19 exhibe os resultados estatísticos para a variável classe de palavra dos vocábulos. A partir do que se apresenta nela, o fator verbos, com índice de peso relativo de (0.63), favorece a aplicação da regra variável em discussão em detrimento do fator nomes, com peso relativo de (0.42), como índice desfavorecedor. Neste sentido, realizações como o/λ/ar, atrapa/λ/ar, esco/λ/er são favorecedoras da realização de [λ] em oposição a te/λ/ado, ve/λ/o, pa/λ/a. Resultados semelhantes também foram encontrados na amostra da fala de informantes cariocas (QUANDT, 2014), a qual exibiu peso relativo de (0.63) de favorecimento de manutenção de [λ] nos itens lexicais que são verbos. Por outro lado, distanciam-se dos de Soares (2002) e Castro (2006), que apontam os nomes (substantivos e adjetivos) como restrições para permanência da variante [λ].

Entende-se que esse favorecimento dos itens lexicais que são verbos em detrimento dos que são nomes pode estar ligado com o que aponta Camara Jr. (2005 [1970]): para ele, em oposição aos nomes, os verbos sempre exibem maior valor dinâmico de sua significação, podem expressar realidades localizadas no tempo e, geralmente, são bem mais frequentes na fala.

Voltando-se a atenção para as ocorrências do *corpus* investigado, verifica-se que a própria do semântica dos verbos mais frequentes pode estar influenciando a permanência de [λ]. Por exemplo, nesta análise, a forma verbal mais recorrente foi o item “traba[λ]o” (no total de 121 realizações), que, se tiver as formas variantes [Ø, l] priorizadas, podem-se gerar formas linguísticas incomunicáveis e/ou que se distanciam radicalmente da semântica do verbo trabalhar.

4.2.3.5 Número de sílabas dos vocábulos

Tabela 20: Efeito da variável número de sílabas dos vocábulos sobre o uso de /λ/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Polissílabos	131/166 = 78.9%	0.37
Dissílabos	409/543 = 75.3%	0.47
Trissílabos	354/396 = 89.4%	0.59
Total	894/1105 = 80.9%	
Input 0.848		
Significância: 0.186		

Finalmente, com relação às variáveis linguísticas que favorecem o uso de /λ/ na variedade paraibana, a tabela 20 apresenta os achados estatísticos do efeito da variável número de sílabas dos vocábulos pesquisados. Verifica-se que o fator trissílabos foi selecionado como elemento favorecedor da aplicação da regra, com índice de peso relativo de (0.59) em oposição aos fatores polissílabos e dissílabos, que exibem, respectivamente, (0.37 e 0.47), pesos relativos desfavorecedores do uso da regra em discussão.

Contudo, pode-se verificar ligeiro enviesamento nos dados da tabela 20, uma vez que há percentuais de frequência semelhantes, mesmo com pesos relativos que justifiquem a distância, e os fatores não foram selecionados pelo Goldvarb X. Segundo Guy & Zilles (2007, p. 106), há casos em que não é obrigado necessariamente que análise univariada (porcentagens e frequências) e análise multivariada (pesos relativos) apresentem a mesma resposta. Aqui, mais uma vez, associam-se os resultados da tabela 20 à alta frequência de itens lexicais que podem estar provocando essa distribuição desequilibrada entre frequências/porcentagens e pesos relativos. Por exemplo, no *corpus* em estudo, realizações com /λ/ em vocábulos como “trabalho, trabalha, malhação, melhorar e conselho” foram altamente frequentes.

Desse modo, realizações como ma/λ/ação, me/λ/orar, bata/λ/ão são favorecedoras do uso de /λ/, em termos probabilísticos do que as realizações com duas ou com mais de quatro sílabas: o/λ/e, fa/λ/a; traba/λ/adores, pa/λ/açada, respectivamente. Esses resultados são corroborados com o estudo de Aragão (1999) que, ao analisar o Atlas Linguístico da Paraíba, apresentou resultados semelhantes, apontando a permanência preferencial de [λ] em itens lexicais com três sílabas, assim como também o de Freire (2011).

Diversos estudos têm indicado que a quantidade de massa fônica do vocábulo em que está inserido o segmento em análise favorece o apagamento ou a manutenção de fonemas

(HORA, 2006, por exemplo). De acordo com Ferreira (2011), a vocalização de $[\lambda \sim j]$ e o apagamento $[\lambda \sim \emptyset]$ são favorecidos em vocábulos que portem duas sílabas (dissílabos). Assim, percebe-se que, segundo os dados exibidos na tabela 21, os resultados são corroborados pelo que apontou Ferreira (2011), uma vez que os dissílabos e polissílabos, no *corpus* em estudo, alcançaram pesos relativos desfavorecedores da manutenção da variante $[\lambda]$. E, associando os resultados encontrados e considerando o teor do que propõe a abordagem da “massa fônica”, e ao se comparar em uma escala gradacional, composta por posição inicial, medial e final, o fator, no *corpus* investigado, trissílabo ocuparia a posição do meio, não é só quem tem menos massa fônica, mas, também, não é quem tem maior quantidade ou extensão.

A subseção seguinte está reservada para descrição e análise estatística dos dados relacionados à variável /l/ em posição de coda silábica.

4.3.1 Considerações acerca das variáveis sociais, estilística e linguísticas sobre da variável /l/ pós-vocálica

Os fatores selecionados pelo Goldvarb X como condicionadores para aplicação da regra variável aqui estudada, por ordem de relevância, foram:

- a) Nível de escolaridade; e
- b) Contexto.

4.3.1.1 Variável Social (externa)

4.3.1.1.1 Nível de escolaridade

A única variável social selecionada pelo programa estatístico Goldvarb X como fonte de condicionamento para o uso de /l/ pós-vocálico, na variedade paraibana, foi nível de escolaridade dos informantes. A tabela 21 apresenta os resultados numéricos alcançados referentes a essa variável.

Tabela 21: Efeito da variável nível de escolaridade do falante sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Analfabetos, 1 a 3	552/659 = 83.8%	0.61
4 a 8 anos de escolaridade	464/599 = 77.5%	0.48
+ de 8 anos de escolaridade	448/623 = 71.9%	0.40
Total	1464/1881 = 77.8%	
Input 0.899		
Significância: 0.866		

Ao observar-se a tabela 21, verifica-se que o fator analfabetos, 1 a 3 é favorecedor da aplicação da regra variável em discussão, ao apresentar o peso relativo de (0.61) como elemento influenciador do uso do fonema alveolar /l/ na posição de coda silábica na variedade paraibana.

Sendo assim, constata-se que esses resultados não eram os esperados por hipótese de trabalho, uma vez que os informantes menos escolarizados são os que mais produziram a variante de maior prestígio social, [w], em detrimento dos falantes com maior escolaridade, sobretudo, por entender, como já se sublinhou na subseção anterior, o efeito que tem a variável nível de escolaridade sobre os usos sociais da língua. Contudo, admite-se que cada fenômeno sociolinguístico deve ser compreendido à luz da sua especificidade e de sua configuração interna.

Por outro lado, esses resultados estão em consonância com outras investigações empreendidas por estudos dialetais, como, por exemplo Sá (2007), que também analisou o /l/ e constatou que tanto a variante vocalizada [w] quanto à forma apagada [Ø] ocorrem independente do sexo, da faixa etária e do nível de escolaridade dos falantes. Porém, esses mesmos resultados não são corroborados pelos estudos de Hora (2006) e Moura (2009), os quais apontam, dentre outros, a variável escolaridade como fonte influenciadora dessa variável em estudo.

Então, quais seriam as possíveis razões para os achados exibidos na tabela 21? Há algumas respostas que poderão lançar luzes ou indicar pistas sensíveis que se desdobrarão em outras investigações. Entende-se que o processo de variação que envolve realizações como *cu/l/tura* ~ *cu[Ø]tura*; *so/l/teiro* ~ *so[Ø]teiro*; *desenvo/l/vimento* ~ *desenvo[Ø]vimento*, dentre outras, não constitui, nos termos labovianos, um estereótipo, ou seja, uma variável portadora de altos níveis de estigma, preconceito e rejeição.

Para tanto, verifica-se que há um contexto fonológico favorável para a realização dessa variante, conforme assinala Lucena (2014): é um fenômeno que ocorre em margem (coda) da

sílaba; ou, como aponta Pedrosa (2014), essa é uma posição de debilidade ou fragilidade e, assim, favorece o apagamento de segmentos ou, ainda, está relacionado com o que apontam Collischonn & Quednau (2008), ou seja, é um fenômeno motivado pela estrutura silábica.

Essas proposições podem ainda ser mais bem compreendidas à luz do efeito da variável contexto sobre o uso de /l/ pós-vocálico, o que se passa a fazer na subseção seguinte, sobretudo, ao se analisar o peso relativo para o contexto Narrativo (*Narrative*).

4.3.2 Variável Estilística (contextual)

4.3.2.1 Contexto

A variável contexto foi selecionada pelo Goldvarb X como condicionadora do uso de /l/ na variedade paraibana. A tabela 22 exhibe os resultados encontrados para essa variável em discussão.

Tabela 22: Efeito da variável contexto sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Complementar (<i>Residual</i>)	65/78 = 83.3%	0.69
Narrativa (<i>Narrative</i>)	541/678 = 79.8%	0.54
Tangente (<i>Tangent</i>)	104/131 = 79.4%	0.51
Total	710/887 = 47.1%	
Input 0.899		
Significância: 0.866		

A tabela 22 exhibe os resultados do efeito da variável contexto sobre o uso de /l/ em posição de coda silábica, na variedade paraibana. Verifica-se que o contexto complementar – ou, na terminologia adotada por Labov (2001), *Residual* -, é o fator favorecedor de aplicação da regra variável em estudo, na Paraíba, com índice de peso relativo de (0.69), seguido, mesmo que, neste caso, o índice esteja muito próximo do ponto neutro, do contexto narrativo (*Narrative*), com peso relativo de (0.54).

O contexto *Residual* faz parte, no modelo arquitetado por Labov (2001), da fala que ocorre no eixo do monitoramento. Segundo Labov, o *Residual* diz respeito às perguntas que não estavam previamente inseridas nos módulos internos da entrevista sociolinguística e sobre qual o falante exibe maior atenção à fala. Nos dados coletados, esse contexto foi introduzido no final das entrevistas realizadas, sobretudo, ao se verificar que ainda faltava certo tempo para

fechar o que estava previamente estabelecido. Assim, foram inseridas novas perguntas de acordo com o andamento de cada entrevista.

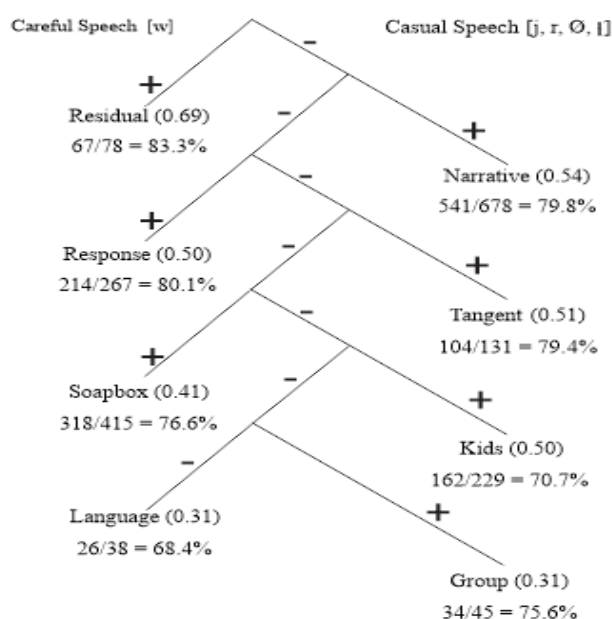
Dessa forma, tomando como referência o peso relativo de (0.69) atribuído pelo Goldvarb X a esse fator, constata-se que esses resultados eram os esperados teoricamente, já que a forma variante de maior prestígio social, [w], ocorre justamente no contexto pertencente ao eixo da fala monitorada (*Careful Speech*).

Todavia, como já registrado no parágrafo anterior, o contexto narrativo (*narrative*) também é favorecido, ligeiramente, com o índice de peso relativo de (0.54) de aplicação da regra. Conquanto, o contexto Narrativo, na proposta laboviana, está inserido no eixo da fala casual e não no eixo da fala monitorada. Ou seja, esse contexto deveria, por hipótese teórica, favorecer o uso das formas variantes de menor prestígio social.

Neste sentido, entende-se que esse resultado, na verdade, aponta para aquilo que se vem desenhando no decorrer da análise aqui empreendida, ou seja, que o uso das formas variantes de /l/ independe provavelmente do contexto por ser um processo sociolinguístico que ainda não é alvo de estigmas, preconceitos e estereótipos na comunidade de fala examinada.

Assim sendo, para maior visualização desses achados, propõe-se a figura 6, para o falar paraibano, com relação à variável /l/ pós-vocálica, a partir dos pesos relativos e distribuídos por estilos-contextos, com respectivos percentuais de ocorrências.

Figura 6: *The Decision Tree* para o falar paraibano, relacionada ao fonema /l/, em coda silábica, e suas variantes



(Fonte: Própria do autor).

Os pesos relativos indicam que a aplicação da regra variável em discussão acontece em contextos-estilos específicos: *Residual*, para o estilo monitorado, e *Narrative* e *Tangent*, para o estilo do eixo da fala vernacular. E, assim, alinham com o que propôs Labov (2001). Daí entender, diferentemente do que se propõe para o segmento /λ/, com relação à variável /l/ não ser necessária a realização de teste de avaliação, atitude e percepção para essa variável, uma vez que a variação estilística não ocorre no conjunto dos ramos/nós que compõem a árvore formulada por Labov, mas apenas em contextos específicos.

4.3.3 Variáveis Linguísticas (internas ou estruturais)

O programa Goldvarb X selecionou como variáveis linguísticas importantes no condicionamento do uso do segmento /l/, por ordem de relevância, as seguintes variáveis:

- a) Contexto fonológico precedente (anterior);
- b) Contexto fonológico seguinte (posterior);
- c) Tonicidade;
- d) Classe de palavra dos vocábulos; e
- e) Número de sílabas dos vocábulos.

4.3.3.1 Contexto fonológico precedente (anterior)

Tabela 23: Efeito da variável contexto fonológico precedente sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Vogal Coronal	281/376 = 74.7%	0.34
Vogal Labial	112/347 = 32.3%	0.50
Vogal Dorsal	1071/1158 = 92.5%	0.75
Total	1464/1881 = 77.8%	
Input 0.899		
Significância: 0.866		

Verifica-se que, de acordo com a tabela 23, o fator vogal dorsal, com peso relativo de (0.75), constitui a restrição influenciadora da aplicação da regra variável em análise. Sendo

assim, realizações como jorna[w], carnavá[w], capita[w] são favorecedoras da permanência da realização da variante vocalizada [w] na variedade paraibana.

Porém, as elevadas frequências entre os fatores vogal coronal e vogal labial podem estar provocando um enviesamento no entendimento desses resultados e que merecem ressalvas quanto à confiabilidade da seleção estatística. Assim, por hipótese e, após rever as ocorrências analisadas, entende-se que o favorecimento do fator dorsal, além da altíssima frequência desse contexto no *corpus* (92.5%) já atestada, também, associam-se os resultados da tabela 23 à alta frequência e distribuição de itens lexicais, tais como “pessoal, alguma, faltar”, respectivamente, com 67, 58 e 54 ocorrências; enquanto, que as ocorrências envolvendo os fatores vogal labial e coronal exibiram distribuição por diferentes vocábulos que não atingiram percentuais altos, como nos itens, respectivamente, “julgar” com 6 ocorrências ou “voltado” com 8 ocorrências, e “papel” com 10 realizações e “impossível” com 3 em todo *corpus*.

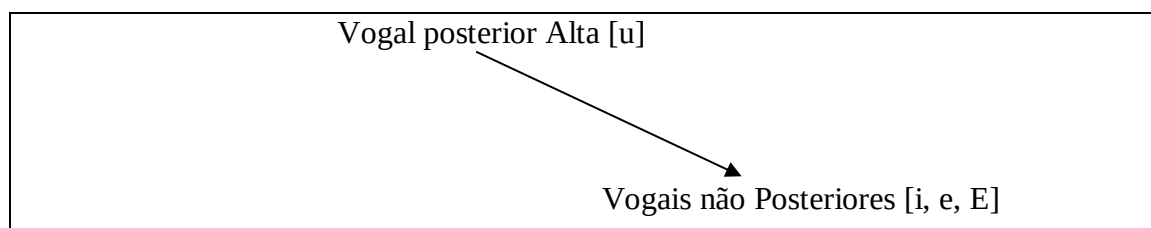
Esses achados estão em sintonia com outros estudos variacionistas que também abordaram o uso de /l/ pós-vocálico (Hora, 2006; SÁ, 2007). De acordo com essas investigações, a presença da vogal dorsal /a/ constitui uma restrição condicionadora; contudo, no trabalho de Hora (2006), a vogal /e/ também é apontada como favorecedora da realização dessa regra variável em análise; por outro lado, as pesquisas empreendidas por Moura (2009), além de constatarem que a vogal central favorece a aplicação da regra, também a vogal média baixa anterior /E/, com índices de pesos relativos, respectivamente, de (0.74) e (0.68).

Na esteira dessa discussão, Pinho & Margotti (2010) também verificaram, nos dados do ALiB, que a vogal média baixa anterior influencia o uso dessa variável, assim como vogal central /a/; neste sentido, esse resultado corrobora com nossa investigação. Dal Magno (1998) aponta que, além da vogal /E/, as vogais /u, o/ influenciam a realização dessa regra em estudo; e para Collischonn & Quednau (2008), apenas a vogal média baixa anterior /E/ é a influenciadora do uso da variante /w/.

Assume-se que os resultados exibidos na tabela 23 podem ser compreendidos à luz do Princípio da Saliência Fônica (NARO & LEMLE, 1977; HORA, 2006), que define que formas linguísticas mais salientes fonicamente tendem a ser mantidas ou preservadas pelos falantes. Assim, os resultados enquadram-se nele, porque a variante vocalizada [w] do /l/ pós-vocálico é preservada quando há a vogal dorsal [a] no contexto fonológico anterior e os pesos relativos atribuídos às outras vogais apontam que há mais apagamento do /l/ em coda silábica quando existe outro tipo de vogal, por exemplo, as vogais posteriores, confirmando, desse modo, o que outros estudos têm apontado.

Percebe-se, ainda, que a vogal dorsal [a], selecionada como restrição favorecedora de manutenção de [w] em oposição às demais variantes encontradas, e a vogal posterior [u] há certo distanciamento na configuração fonológica. Assim, ocorre a tendência em preservar a forma vocalizada. Verificando atentamente a tabela 23, percebe-se que há a gradiência proposta por Hora (2006), uma vez que a vogal posterior [u] está com índice de peso relativo de (0.50), uma probabilidade neutra estatisticamente, enquanto que as vogais coronais com (0.34). Neste sentido, do ponto de vista fonológico, reconhece-se que o traço [-alto] da vogal [a] se mostrou relevante para condicionar uso da forma vocalizada de /l/. O gráfico 1 exibe, de forma representacional, a gradiência proposta por Hora (2006) e que favorece o uso da variante de prestígio aqui analisada.

Gráfico 1: Grau de saliência fônica entre as vogais



(Fonte: Próprio do autor).

Também, assume-se, neste trabalho, que o favorecimento de vogal dorsal [a] em detrimento das demais deve-se ao fato de sua presença, condicionando a realização da forma vocalizada do fonema /l/ pós-vocálico, permitir a criação de ditongos de vogais não altas, conforme atestam Sá (2007) e Quednau (1993).

4.3.3.2 Contexto fonológico seguinte (posterior)

Tabela 24: Efeito da variável contexto fonológico seguinte sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Oclusiva Velar Vozeada	140/160 = 87.5%	0.53
Oclusiva Dental Desvozeada	180/228 = 62.5%	0.63
Nasal Labial	185/190 = 97.4%	0.77
Total	505/638 = 33.9%	

Input 0.899

Significância: 0.866

A tabela 24 descreve os resultados do efeito da variável contexto fonológico seguinte para aplicação da regra variável de /l/ pós-vocálico. Percebe-se que há três contextos fonológicos favorecedores do uso da variante [w] na variedade paraibana, apesar de que um dos fatores apresenta índice de peso relativo muito próximo do ponto neutro. Assim, neste estudo, a consoante nasal labial /m/, com traço [labial], com peso relativo de (0.77), seguida de consoante [coronal], /t/, com peso relativo de (0.63), constitui restrições favorecedoras de uso da variante [w]. Por exemplo, em realizações como fi[w]me, gera[w]mente, a[w]ma e fa[w]ta, vo[w]tando, adu[w]to], respectivamente, e com relação ao fonema oclusivo velar vozeado, nas realizações de a[w]guém, a[w]gum, a[w]go.

Todavia, reconhece-se que a seleção e os pesos relativos da tabela 24 não são de natureza completamente confiáveis estatisticamente. Desse modo, são necessárias ressalvas ao se considerarem esses resultados. Novamente, volta-se a explicação para o condicionamento pela forma como se deu a distribuição e a frequências dos itens lexicais que comporam o *corpus*. Assim, por exemplo, só para a consoante oclusiva velar vozeada /g/, no item a[w]guma foram constatadas 58 ocorrências; para nasal labial /m/, no vocábulo principa[w]mente, 38 exemplos e para a oclusiva dental desvozeada /t/, em fa[w]tar, foram contabilizadas 54 ocorrências.

Essa realidade pode se tornar ainda mais explicativa quando se verificou que no *corpus*, em determinados contextos, foram observadas baixíssimas realizações, como por exemplo, no caso da oclusiva bilabial desvozeada /p/, com apenas 3 (três) ocorrências, preenchendo o contexto fonológico seguinte de /l/: cu[w]pada, cu[w]pa, cu[w]pados.

Esses resultados assemelham-se em parte com aqueles alcançados por Sá (2007), que verificou que contexto de labial, com peso relativo de (0.75), e o dorsal, com índice de peso relativo de (0.60), são as restrições condicionadoras da variante [w] e distanciam-se, em parte, dos da investigação de Moura (2009), uma vez que, no estudo de Moura, no falar de Araguatins (TO), além da Pausa ser o fator, com índice de peso relativo de (0.75), segmentos coronais (0.58 de peso relativo) e, entre eles, /t/, e os segmentos dorsais, com (0.50), influenciam o uso da variante [w].

Contudo, verifica-se que os resultados alcançados e exibidos na tabela 25, ao indicar que segmento nasal labial /m/ é o fator condicionador da manutenção da forma linguística [w], poderiam entrar em choque com o que propõe o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), ou seja, que há na língua a tendência em distanciar segmentos que compartilham os mesmos traços fonológicos. Porém, concorda-se com Sá (2007), que afirma que consoantes labiais tendem ao favorecimento da realização de [w]. Ainda assim, como já se assinalou, os efeitos do OCP devem ser constatados no nível melódico de cada segmento.

Além do mais, constata-se, ao observar as ocorrências, que a presença do segmento labial se dá em contextos muito específicos, os quais podem estar contribuindo para a manutenção da forma vocalizada. Assim, por exemplo, são realizações encontradas no *corpus* que ilustram esses contextos: gera[w]mente, principa[w]mente, fina[w]mente, rea[w]mente, tota[w]mente, anua[w]mente dentre outras; e em termos de frequência, o contexto que envolve a nasal labial /m/ foi apontado na quarta posição, perdendo, respectivamente, para o segmento /t/, a pausa e /g/; já, em termos percentuais, alcançou 97.4% de aplicação em 185/190 em todo o *corpus* analisado.

Neste sentido, associando o contexto específico, itens lexicais formados com o advérbio terminado em *mente* e a alta frequência desses vocábulos no *corpus*, assume-se que estão agindo como restrições condicionadoras dessa variante, conforme atesta Sá (2007) ao afirmar que palavras sufixadas, na fala vernacular, tendem a sofrer o enfraquecimento de /l/ e, assim, realizarem-se como [w], o que não acontece nas palavras sem sufixos.

4.3.3.3 Tonicidade

Tabela 25: Efeito da variável tonicidade sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Sílaba Tônica	925/1030 = 89.8%	0.68
Sílaba Átona	539/851 = 63.3%	0.28
Total	1464/1881 = 77.8%	
Input 0.899		
Significância: 0.866		

De acordo com a tabela 25, que exhibe os resultados do efeito da variável tonicidade sobre a aplicação da regra variável em discussão, verifica-se que o fator sílaba tônica, com peso relativo de (0.68), é exibido como o elemento favorecedor do uso da variante [w] em detrimento do fator sílaba átona, que exhibe índice desfavorecedor de aplicação. Neste sentido, ocorrências como federá[w], pá[w]ma, á[w]to⁶⁴ constituem exemplos de realizações encontradas no *corpus* investigado do contexto favorecedor.

Esses resultados são corroborados com os achados de outros pesquisadores (DAL MAGNO, 1998; HORA, 2006; SÁ, 2007), que indicam a sílaba tônica como restrição

⁶⁴ O acento gráfico foi utilizado apenas para identificar a sílábica tônica desses vocábulos. Assim, de acordo com as normas ortográficas atuais do Português, ele não deve ser empregado nesses itens lexicais.

favorecedora da aplicação dessa regra variável e distanciam-se dos apresentados por Collischonn & Quednau (2008) e Moura (2009), que apontam a sílaba pretônica como fator influenciador dessa mesma regra. Mesmo assim, percebe-se que a formulação de uma restrição por fidelidade posicional mostra-se relevante, uma vez que silábicas pretônicas são, hierarquicamente, superiores às átonas.

Também, entende-se que embora ocorra o favorecimento da sílaba tônica para aplicação da regra em estudo, também, está diretamente relacionado a posição – medial/final - que o segmento /l/ pós-vocálico ocupa no vocábulo.

Assim, entende-se que o acento fonológico constitui um elemento que favorece a permanência dessa variante, porque requer um maior esforço para produção e articulação e, assim, possibilita a realização dessa forma variante, uma vez que a sílaba que porta o acento fonológico ocupa hierarquicamente a posição mais alta no vocábulo; assim, o traço [+Acento] favorece a manutenção de [w], enquanto que o traço [-Acento] propicia a realização das outras variantes.

Esses resultados também são confirmados com os que foram descritos na tabela 18, em relação ao uso de /λ/, que também é favorecido na sílaba tônica.

4.3.3.4 Classe de palavra dos vocábulos

Tabela 26: Efeito da variável categoria dos vocábulos sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Nomes	1324/1675= 79.0%	0.47
Verbos	140/206 = 68.0%	0.70
Total	1464/1881 = 77.8%	

Input 0.899

Significância: 0.866

A tabela 26 apresenta os resultados do efeito da variável classe de palavras dos vocábulos sobre o uso de /l/ pós-vocálico, na variedade paraibana. Constata-se que o fator verbos, com índice probabilístico especificado em peso relativo de (0.70), sendo apontado como restrição interna favorecedora dessa regra em estudo, em detrimento do fator nomes, que exhibe peso relativo (0.47), desfavorecedor de aplicação. Assim, realizações como reso[w]ver, descu[w]par, a[w]moçando, encontradas no *corpus*, são exemplos da realização dessa regra na comunidade de fala investigada.

Os resultados da tabela 26, também, são considerados com ressalvas. Verifica-se que a elevada frequência do fator nomes pode estar provocando um enviesamento no entendimento da seleção estatística feita pelo Goldvarb X. Afim de explicar melhor esses achados, realizou-se o cruzamento entre as variáveis tipos de vocábulos e número de sílabas do vocábulo, porém os resultados não foram significativos, pois os percentuais produzidos pelo programa exibiu índices de 87% e 88% entre verbos dissílabos e nomes dissílabos.

Desse modo, reconhecendo que pode ocorrer distribuição desequilibrada entre fatores em uma análise multivariada e que há restrições da própria língua que favorecem um fator em detrimento de outro, neste momento, a hipótese mais plausível para o enviesamento dos dados em discussão está relacionada a presença de itens lexicais mais recorrentes, como por exemplo: no vocábulo *fi[w]me* com 44 realizações.

Esses resultados estão em sintonia com os achados de Sá (2006) que, ao investigar a realização dessa regra variável no falar de Arcoverde (PE), também verificou que o fator verbos, com aplicação de peso relativo de (0.88), é o fator de maior favorecimento de realização dessa regra.

Sendo assim, assume-se que o item lexical verbos é constituído por uma natureza lexical diferente da dos nomes. Por exemplo, Mollica & Mattos (1989) afirmam que as formas linguísticas verbais são mais propensas à vocalização do que os nomes; Camara Jr. (2005[1970]) ressalta que verbos, em oposição aos nomes, demonstram maior valor dinâmico de sua significação e expressam realidades localizadas no tempo e ocorrem mais frequentemente na fala culta dos informantes.

Também, entende-se esse favorecimento dos verbos está relacionado à própria semântica dos verbos presentes no *corpus*, por exemplo, nesta análise foi a forma “*fa[w]tar*” (no total de 54 ocorrências), em que, se ocorresse o apagamento de /l/ em coda, e associado a outro fenômeno sociolinguístico que pode-se dar nesse vocábulo – o apagamento da marca de infinitivo, poder-se-iam gerar resultados linguístico que não favorecem a comunicação.

Novamente, confirma-se o efeito dessa variável ao se verificar que na tabela 19, em relação ao uso de /ʌ/, os itens lexicais que pertencem à categoria dos verbos também são favorecedores da aplicação da regras variáveis em discussão.

4.3.3.5 Número de sílabas dos vocábulos

Tabela 27: Efeito da variável número de sílabas dos vocábulos sobre o uso de /l/

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Dissílabos	648/782 = 87.5%	0.62
Polissílabos	241/363 = 66.4%	0.49
Trissílabos	407/572 = 71.2%	0.45
Monossílabos	132/164 = 80.5%	0.19
Total	1464/1881 = 77.8%	
Input 0.899		
Significância: 0.866		

Por fim, tem-se a tabela 27. Nela, pode-se perceber que os itens lexicais como ta[w]vez, a[w]go, rural[w], ou seja, vocábulos, que têm duas sílabas, foram considerados pelo Goldvarb X como o fator mais importante para aplicação da regra em estudo, com peso relativo de (0.62). Neste sentido, na variedade linguística analisada, a permanência de [w] é favorecida em itens lexicais que tenham duas sílabas em detrimento dos que têm apenas uma, três ou mais sílabas.

Porém, reconhece-se que é necessário fazer ressalvas em relação à confiabilidade da seleção estatística descrita na tabela 27, porque há certo enviesamentos nos dados. Para solucionar esse desvio, primeiro realizou-se o cruzamento entre variáveis, como já descrito anteriormente, mas os resultados não foram satisfatórios; em seguida, procedeu-se com amálgama de fatores da variável número de sílabas, contudo o programa não selecionou essa variável nas novas recodificações.

Neste sentido, e admitindo que o programa Goldvarb X reconhece desvios de distribuição de dados e que sobre a língua existem restrições próprias que a direcionam, a presença de palavras que foram bastante frequentes e recorrentes nos dados pode estar provocando o enviesamento.

Esses achados são corroborados com os resultados encontrados em Hora (2006), em que esse mesmo fator exibiu peso relativo de (0.58); pelos estudos de Moura (2009), com índice de (0.69), porém, nesse estudo, há outro fator apontado como relevante para aplicação da regra variável, com peso relativo de (0.84): o fator monossílabo.

Compreende-se que esses resultados estão de acordo com o que propõe a abordagem da massa fônica (HORA, 2006), ou seja, a quantidade de matéria sonora que constitui cada

vocábulo e, na qual está o segmento fonológico em análise, contribui para a manutenção, apagamento ou substituição de segmentos. Assim, e, de acordo com o que se vê na tabela 28, o tamanho dos itens lexicais está influenciando diretamente no uso da variante [w], sobretudo, porque o fator monossílabo, sendo constituído pelas palavras que contêm a menor massa fônica, é justamente o que mais favorece o apagamento, uma vez que exibiu o menor índice de peso relativo (0.14), seguido, respectivamente, pelos outros dois fatores que também exibem pesos relativos desfavorecedores da regra variável em estudo.

Na seção seguinte, apontam-se as conclusões gerais deste capítulo.

4.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, realizaram-se a descrição e análise do processo de variação estilística e social que envolve os fonemas /λ/ e /l/, este último em coda silábica. Algumas conclusões emergiram.

A primeira e central, que confirma a tese aqui proposta, diz respeito ao uso sociolinguístico da lateral palatal /λ/. Uma vez que estudos anteriores já tinham apontado que o processo de variação que envolve esse segmento configura-se uma variação social, condicionada por restrições linguísticas (internas) e sociais (externas, especificamente, as que classicamente se vêm abordando). Nesta investigação, foi-se além, pois, além de se confirmar que se trata de um processo de variação social, também se conclui que se trata de um fenômeno de variação estilística, sobretudo porque sua realização ocorre diferentemente no eixo da fala casual (*Casual Speech*) quanto no eixo da fala monitorada (*Careful Speech*).

Contudo, com relação ao fonema alveolar /l/, em posição de coda, constatou-se que se trata de um processo de variação social e estilística na comunidade fala investigada. Embora, os resultados matemáticos indicam que não ocorrem diferenças estilísticas nos eixos da fala examinados, mas, apenas em determinados contextos da entrevista sociolinguística. Possivelmente, porque não se trata de um estereótipo, mas, provavelmente, sim, de um indicador.

Com relação à metodologia adotada, *The Decision Tree* (LABOV, 2001), entende-se que é necessário salientar que algumas dificuldades foram registradas na sua operacionalização, realidade também reconhecida pelo próprio Labov e por outros estudiosos (GÖRSKI, COELHO & SOUZA, 2014). A primeira diz respeito ao contexto *Response* (Resposta): onde termina de fato a resposta? Ou seja, qual o tamanho efetivo da resposta enquanto contexto estilístico? Em Labov (2001), isso não fica muito claro. Contudo, para execução metodológica,

neste trabalho, compreende-se que esse contexto corresponde ao início da resposta dada pelo informante, na sentença emitida, e vai até onde formar um sintagma verbal.

A segunda está relacionada com os contextos que formam a ordem/sequência proposta por Labov (2001) e que, também, segundo Görski & Valle (2014), podem ser reagrupados ou até separados, sem perda de prejuízo dos efeitos de sentidos sobre a análise estilística, como, por exemplo, *Tangent* e *Narrative* são de naturezas narrativas, mas estão no modelo laboviano em galhos da árvore separados. Contudo, neste trabalho, optou-se em analisar separadamente, porque, mesmo que compartilhem aspectos da narração simultaneamente, constituem interesses diferentes, aquele diz respeito aos interesses dos informantes, possibilitando que vaguem por assuntos que eles querem, enquanto que, no *Narrative*, as perguntas estão previamente articuladas pelo entrevistador.

Na tentativa de amenizar esses problemas, optou-se por agrupá-los conforme foi descrito no Quadro 4, não obstante, priorizando alguns aspectos compartilhados pelos módulos da entrevista sociolinguística aqui realizada e o que propõe a perspectiva laboviana.

No capítulo seguinte, que aborda aspectos relacionados à avaliação, à atitude e representação sociolinguísticas dos falantes pesquisados quanto ao próprio falar e de outrem, as questões e os resultados, aqui alcançados, serão retomados comparativamente.

CAPÍTULO V: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS - O CASO DO FALAR PARAIBANO

5.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, objetiva-se descrever as avaliações, atitudes e representações sociolinguísticas que os falantes da comunidade de fala de Jacaraú - PB exibem em relação à sua própria fala e a de outrem, identificando os aspectos presentes no processo avaliativo de sua própria fala e/ou na fala de outros falantes, sobretudo, porque, de acordo com Fraga (2008, p. 113), “a forma da fala é um indício de informações sociais e, mesmo que, em si, não seja nem boa nem ruim, constitui-se objeto de avaliação.” Neste sentido, parte-se do pressuposto de que as línguas constituem objetos de discursos cotidianos e esses discursos podem ser de natureza descritiva e avaliativa (SCHLIEBEN-LANGE, 1993).

Assume-se, neste trabalho, que eles estarão presentes nos enunciados emitidos no módulo linguagem, das entrevistas sociolinguísticas aqui analisadas. Cunha-se, desse modo, a expressão *representações sociolinguísticas* para referir-se a um conjunto de ideais, estereótipos, preconceitos, processos psicológicos, avaliativos, dentre outros, que, de um lado, evidenciam que o falante é capaz de averiguar falares; e do outro, indicam atitudes linguísticas que podem ser exibidas pelos informantes.

Para a devida análise, o capítulo foi estruturado da seguinte maneira: na 1ª seção, ter-se-ão descrição e análise dos dados por amostra investigada. Para tanto é preciso analisar os dados por grupos amostrais (Grupos 1M, 2F, 3F, 4M, 5M e 6F); na 2ª seção, os resultados são analisados de forma comparativa entre as amostras; e, na 3ª seção, serão esboçadas algumas considerações finais.

5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados encontrados a respeito das avaliações, atitudes e representações sociolinguísticas de falantes na variedade paraibana serão descritos e analisados a seguir por grupos amostrais, conforme foi descrito na metodologia (Cf. 3.4.2.1). Entende-se que a comparação dos dados entre essas diferentes amostras poderá levar a resultados que permitam a generalização desses achados e, assim, demonstrar a concepção dos informantes do município investigado quanto à emissão de juízos de valor acerca da língua.

5.1.1 Grupo 1M (JFO, ABS, ABS). Este grupo é constituído pelos falantes mais idosos do sexo masculino

Quanto à pergunta “você conhece alguém que fala diferente de você?”, um dos membros do grupo 1M reconhece que as pessoas de Jacaraú não falam diferentemente entre si, só quem é de outro Estado, como o Rio Janeiro. Assim, se os falantes de Jacaraú não falam de forma diferente, eles compartilham traços dialetais semelhantes. Portanto, possivelmente, quaisquer variantes linguísticas de fenômenos variáveis, na comunidade referida, serão avaliadas positivamente. Também verifica-se que o grupo revela questões de percepção linguística, porém, pouca consciência quanto às diferenças da fala quando comparada com a fala dos outros, enquanto que outro membro admite explicitamente a existência da diferença linguística. O que o grupo 1M pensa pode ser ilustrado pelas transcrições das falas de ABS2 e ABS1, respectivamente, nos trechos 1 e 2⁶⁵:

TRECHO (1): se eu conheço alguém?... NÃO... todo mundo fala a mesma maneira da minha língua como eu falo com você como qualquer um... entendeu?... porque nessa rua aqui eu gostaria de contar para você... falasse diferente se chegasse algumas pessoas nascidas e criadas no Rio... começasse falar as línguas diferentes e hoje daí ()... todos os meus amigos nascidos e criados aqui... começa de criança e chega dez, doze e dezoito... entendeu?... é a mesma língua... a mesma coisa... a mesma fala... entendeu?... dela e a minha são iguais... das pessoas... (ABS2).

TRECHO (2): SIM... o qui eu acho... cada uma pessoa tem um sutaque diferente... uma conversa diferenci... eu acho que sim... ehn::... eu acredito... qui::... tem pessoas que fala diferente de mim... que sabe se expressar melhor... tem pessoa que sabe se explicar melhor... e cada um é cada um... (ABS1).

Percebe-se que as afirmações desses informantes podem remeter à noção de visão de mundo descrita por Calame-Griaule (1984 *apud* CHIANCA, 2014), pela qual as pessoas percebem a realidade que as circunda e atribuem-lhe um determinado valor social. Porém, esses falantes indicam essas situações de formas diferentes, no fragmento do trecho 1, o informante generaliza, enquanto que, no trecho 2, o outro falante especifica.

Já, quanto à segunda pergunta “o que você acha de sua forma de falar?”, verifica-se que o grupo 1M confunde o ato de falar como sendo espontâneo, comunicativo, carismático. Para isso, pode-se ver o trecho 3:

⁶⁵ Os trechos aqui transcritos foram reproduzidos em sua totalidade tal como foram enunciados pelos respectivos informantes, não sendo, desse modo, suprimidos, alterados ou acrescentados novos termos e /ou expressões nas transcrições em análise, mesmo que eles estejam terminando com o sinal gráfico de reticências (...) nos enunciados reproduzidos em todo o trabalho.

TRECHO (3) eu::... de falar... eu não sou muito de falar não... sou mais de ouvir... né?... eu não sei como (eu) estou dando essa entrevista... aqui pra você... porque eu não sou muito de falar... acredito que nem sabia... eu não sou muito de:::.... falar não... (JFO).

Quanto à terceira pergunta, “o que você mudaria em sua forma de falar?”, o referido grupo apresenta desejo de mudança, que pretende alterar seu modo de falar, relaciona falar com “estrutura” e reconhece que as pessoas falam diferentemente. Assim, os usos linguísticos variam conforme seja o contexto usado. Associa a fala dele com a fala do entrevistador: diga-se passagem são duas variedades distintas para o informante. Entende-se que isso demonstra a capacidade de avaliar usos sociais da língua, de um lado; e, do outro lado, verifica-se que, ou, ainda, se deseja mudar a expressão do seu falar: falar palavras bem explicadas. Seriam diferentemente pronunciadas ou com valor da norma padrão? Essa é a impressão que tem quando os informantes se referem às palavras “bem pronunciadas, bonitas, corretas”. Os trechos 4 e 5 sintetizam essas avaliações:

TRECHO 4: não... eu queria não muda/... eu queria... cumé... que minha estrutura chegasse a uma linguagem melhor... eu queria falar por u menos assim... porque realmente a fala de uma pessoa que é... por exemplo.... a sua... a sua... não é como a minha... eu às veze... a pessoa que não tem estrutura... a linguagem é diferente... entendeu?... você é diferente da minha... porque você – vamos dizer assim -- ... você está chegando na altura que você pensa em chegar... você está quase.... entendeu?... e não vai comparar com um coitado que não sabe dizer esse palavriado direito... (ABS1).

TRECHO 5: no meu modo de me expressar... né?... as palavras... né?... porque as pessoas... acho muito bonito as pessoas que se expressam com aquele:::.... tem um diálogo bonito... sabe se expressar... acho muito bonito... eu gostaria... se eu pudesse... se pudesse mudar era... se expressar assim pra falar... né?... falar palavras bem explicadas... saber compreender e saber o que era que eu estava falano... (ABS2).

Finalmente, quanto à última pergunta (o que é falar certo para você?), o grupo 1M reconhece a existência da diferença linguística e compara com outros aspectos (tamanho dos dedos, aumento e diminuição de vocábulos, ou, em relação à existência de denominações religiosas diferentes, como: igrejas católica x protestantes, por exemplo). Percebe-se assim que o informante se apoia em situações cotidianas ou que estão próximas de sua convivência para expressar sua atitude relacionada aos usos da língua. O trecho 6 exhibe a avaliação de FJO:

TRECHO 6: não pode falar tudo de um jeito só... não que os dedos não é igual... tem uns que fala () um fala tanto... tem os mudo no meio que não pode falar... ()... hum... um certo fala certo e outro fala errado... porque um dia é verdade e outro é mentira... aí já tá errado... é ou não é?... falar certo é tudo falar uma palavra só... é certo... mai se eu disser uma faltando uma letra?... ou adiantando uma letra tá errado... é que nem a igreja católica... a::a:::.... igreja evangélica... tem mais nome de que a::a:::.... igreja evangélica... é ou não é?... é ou não é?... repare essa palavra... (FJO).

Ou, ainda, admite que o falar “errado” esteja ligado a determinadas palavras, à formalidade e a problemas de pronúncia. Quem não estuda fala mal e quem estuda fala bem. O grupo 1M também reconhece que há um falar “errado” e outro “certo” e que todos os falantes, escolarizados ou não, produzem-no. Que efeitos isso indica para a análise dos dados? Esse ponto será retomado posteriormente. Os trechos 7 e 8 resumizam o que o grupo avaliou:

TRECHO 7: sim... não... o mesmo tempo sim... o mesmo tempo não... porque se dependendo da palavra errada... qui a pessoa vai falar... entendeu?... porque se a pessoa vai falar uma palavra erradas... que aquela palavra não cumbina com aquela... que você falou... realmente está errada a palavra... entendeu?... mas se você vai falar uma palavra certa... por mais que você fale enrolado e você fale puxando... completando aquela palavra certa... você é a mesma palavra dum... pessoa que tem formatura.... com certeza.... não... engaisgando a palavra errada... memo que a palavra faça esforço... porque sua pessoa que tem estrutura... tem formalidade... a palavra é mais rápida de falar de que a palavra de uma pessoa que tem... é pouco meio enrolado... falei errado alguma coisa?... (ABS1).

TRECHO 8: falar certo são palavras corretas... né?... e falar errado são palavras erradas... que às vezes a gente fala palavra errada que não era pra falar... até pessoas formadas diz coisas que não deveria falar... e a gente escuta palavra de pessoas que são formadas que a gente nem gostaria de ouvir ... (ABS2).

Esses achados apontam para o que os estudos labovianos chamam de reações subjetivas. Por exemplo, segundo Hora (2011, p. 15), as reações subjetivas constituem as diversas avaliações que tanto falantes quanto ouvintes realizam acerca de diferentes categorias sociais e, dentre elas, da língua que ouvem ou que falam. Assim, começa-se a constatar que os falantes e ouvintes têm papel central nos processos de avaliações linguísticas e atitudinais, especificamente, sobre aqueles relacionados às variedades linguísticas.

Assim, para os informantes do grupo 1M, os resultados alcançados permitem ser esboçados o quadro 8⁶⁶.

Quadro 8: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 1M

Jacarauenses e cariocas falam diferentemente;
 Jacarauenses não falam diferentemente entre si;
 Associa falar como ato espontâneo, comunicativo;
 Deseja mudar o modo de falar: adquirir novas “estruturas”; e
 “Falar errado” está associado com quem não estuda e vice-versa; e, também, está ligado a determinadas palavras, à formalidade e a problemas de pronúncia.

(Fonte: Próprio do autor).

⁶⁶ Os quadros 8 a 13 constituem resultados sumarizados das respostas dos informantes ao Módulo Linguagem das entrevistas sociolinguísticas descritas e analisadas neste trabalho.

5.1.2 Grupo 2F (MLGS, JS, MLS). Este grupo é constituído pelos falantes mais idosos do sexo feminino

Quanto à primeira pergunta: “você conhece alguém que fala diferente de você?”, verifica-se que o grupo 2F reconhece e até exemplifica com usos relacionados às variantes abóbora e jerimum, ou seja, exhibe um exemplo de variação lexical e com o falar do RN, RJ e da PB. Verifica-se que foi algo muito frequente a comparação entre as variedades linguísticas paraibana e carioca nos dados analisados. Mas, percebe-se, no trecho 9, que a resposta da informante JS é inicialmente contraditória, porém, em seguida, ela admite a existência da variedade linguística ao associar os modos de pensar e de falar, e comparando-se com o ato de pensar, já que ninguém pensa igual, também, não se fala igualmente:

TRECHO 9: Não... não... tem só algumas falano assim... alguns... sinônimos... algumas coisas assim... uhn... a não ser do Rio de Janeiro... pronto... lá tem uma:::... no Goiás... lá é prata... aqui também é... por isso que eu acho que não é diferente... (JS).

TRECHO 10: Conheço... tem muita gente que fala... ()... que pensa que ninguém é obrigado a pensar igual... né?... então... tem muita gente que pensa diferente... eu... eu... tem coisas que eu acredito e tem... tem coisas... a mesma coisa... outra pessoa não credita... né?... aí... (MLS).

Assim, verifica-se que este grupo é o segundo grupo que reconhece e chama a atenção para o falar diferente do falar da Paraíba com aqueles que ocorrem entre os Estados Rio de Janeiro e de Goiás. Segundo Hora (2011), uma das causas dessa consciência do falante está relacionada ao fato de se ter já conhecimento dessas variedades linguísticas, haja vista que muitos paraibanos foram à procura de trabalho naqueles Estados, ou mantiveram contato com falantes de lá ou ainda pela ligação com parentes e/ou porque lá já residiram, no Rio de Janeiro; e a outra causa para esses aspectos em comum é que todos esses “modos” de falar podem ser classificados na categorização de Labov (2008[1972]) como estereótipos, ou seja, categorias que apresentam o mais alto grau de consciência social ou estima.

Neste sentido, percebe-se que essa consciência do falante realmente ocorre, também, ao se constatar que as informantes JS e MLS são professoras e, sendo assim, devem ter conhecimentos pedagógicos e linguísticos que permitem discutir essas questões, adquiridos na época da formação inicial, ou mesmo na formação continuada ou ainda durante o exercício do magistério.

Já, quanto à segunda pergunta (o que você acha da sua forma de falar?), o grupo 2F avalia explicitamente seu modo de falar, atribuindo adjetivos específicos (ligeiro, pausado, desarrumado, direitinho) e usa ênfase para indicar sua avaliação (observem-se as palavras

transcritas em maiúsculas). Assim, de um lado, percebe-se que o falante cunha ou etiqueta designações referentes à língua ou a uma variedade dialetal usada por ele próprio ou por seu interlocutor; e, do outro lado, que a adjetivação descritora pode ser um recurso utilizado pelo falante para evidenciar que é capaz de avaliar a realidade linguística sua e de seus interlocutores, ou, ainda, reconhece que precisa mudar seu modo de falar para outro “mais desenvolvido”. Esses achados podem ser sumarizados na fala das informantes JS e MLS, nos trechos 11 e 12, respectivamente:

TRECHO 11: AFÉ MARIA... desarrumado deMAIS... porque eu falo muito ligeiro e se me aperturbar... pronto... e não sai nada não... eu falo muito ligeiro... uhn... faço muita pausa... pra... pra falar... se der pra falar... a gente tem que ter modos pra falar... a gente tem dia... até que fala mais direitinho... mais tem hora qui desarrumado mesma... né?... tem os momentos de falar mais alto... mais alterado... né?... mais... mais baixo... com-pas-sa-do... né?... sentindo o que a gente tá falano... porque a gente tem que falar o que o outro ENTENDA... não... não falar di... de dentro pra fora... come é?... de dentro pra fora e não de fora pra dentro... eu não falo muito... eu me acho assim... não sei se as pessoas acha... (JS).

TRECHO 12: eu... eu... às vezes ((risos))... eu queria melhorar... porque... eu queria ser... ter... eu acho muito bonito as pessoas que... é bem desenvolvida... eu não sou... eu sei que não sou desenrolada... então eu queria melhorar isso... (MLS).

Com relação ao trecho 12, o que isso significa? O que geralmente se quer alargar? Entende-se que é aquilo que está bom, mas pode ficar melhor. Assim, a informante MLS avalia seu modo de falar como bom, mas tem consciência ou entende que precisa melhorar, é tanto que usou o termo ‘melhorar’ para indicar essa realidade. Novamente, pode-se associar esse dado ao fato de MLS ser professora e ter nível de escolaridade elevado.

Para a terceira pergunta (o que você mudaria na sua forma de falar?), verifica-se que o grupo demonstrou que precisa mudar. A resposta da informante JS está de acordo ou confirma o que falou na resposta anterior, contudo, é uma resposta muito curta. O trecho 13 apresenta a resposta da informante JS:

TRECHO 13: pronto... eu falar:::... mais sossegado... mais calmo... (JS).

Quanto à última pergunta, “O que é falar certo para você?”, os membros do grupo apontam que o falar certo está vinculado com quem estudou muito, ao nível de escolaridade do falante. Então, a informante MLGS (trecho 14) fala “errado” por ter baixo grau de escolarização:

TRECHO 14: no tem o português... Cuma é?... SIM... minha leitura é pouca... muita veze... minha leitura é pouca... não as palavras que digo certa... né?... mai aquelas mesmo a pessoa corrigi... né?... é mesmo... ((risos))... isso é certo mesmo... a minha

leitura foi pouca... eu só estudei até:.... ir pra... segundo ano... primário... né?... minha mãe todo ano era um menino... cadê eu estudar?... não podia não... aí trabalhei... trabalho... mais dou graças a Deus saber ler minha bíblia... rezo o meu terço.... e agradeço... muito obrigado... pela noite... (MLGS).

Essa ocorrência leva-se a pensar na noção de representação cultural que as variedades linguísticas exibem, sobretudo, as que têm menor prestígio social. Para tanto, retoma-se a noção de representação proposta por Benadava (1982, *apud* CHIANCA, 2014). Segundo Benadava, a definição de representação está relacionada com a série de imagens de origem cultural. No que concerne ao falar paraibano: que representações se têm dele? Por exemplo, que, geralmente, o povo paraibano fala errado. Essa representação, por sua vez, tem origem em questões culturais e históricas: um falar é considerado errado por ser produzido por analfabetos, por exemplo. Os próprios falantes usam essas informações e/ou são veiculadas por material impresso, eletrônico e digital. Essa discussão também leva a pensar num conjunto de estereótipos que histórica e culturalmente é creditado ao paraibano.

Entende-se que a noção de variedades linguísticas pode ajudar nessa discussão em oposição à definição de língua, como concebiam o Estruturalismo e/ou o Gerativismo evitando, possivelmente, uma série de preconceitos que, ao longo dos séculos, vem sendo imposta ao falar, sobretudo, ao falar de pessoas oriundas de classes sociais menos favorecidas e/ou de Estados da federação brasileira que não são beneficiários de tradição e prestígio socioeconômico, como o Estado da Paraíba. Esses dados, inicialmente, começam a apontar que o falante tem consciência que variedades linguísticas [falares, sotaques, etc.] diferentes têm prestígio ou *status* social diferente nas comunidades de fala ou segundo o estilo adotado.

Também, pode-se verificar que a consciência do falante vai além do simples ato de reconhecer ou de nomear. Ele aponta e até exemplifica com as variantes *abóbora* e *jerimum*, que, geralmente, são variantes lexicais que ocorrem em dois lugares diferentes, no Rio de Janeiro e na Paraíba, por exemplo, para designar o mesmo produto agrícola. O trecho 15 resume esses achados:

TRECHO 15: tá... certo... a linguagem da gente... do nosso dia a dia... porque ele é:.... falar certo:.... pra mim é isso... eu tenho... eu tenho... ()... por exemplo... porque tem uma maneira da gente falar... já... já pra outros estados... tem outra... outro linguajar como diz o povo... mais é isso... que nem sempre falar certo... é correto também não... porque o português da gente... né?... assim... uma palavra tem muitos... muitos sinônimos... aqui pode ser um... lá no Rio Grande do Norte... pode ser outro... ()... abóbora não é certo?... e não é errado... jerimum... alguém pode até ignorar... mas... vá no dicionário que você vê a palavra... né?... que é a mesma coisa... tem o mesmo sentido... a não ser... como seja manga que se come e a manga da blusa... é... é os homônimos... parece que é.... mais... é isso... eu acho que deve ser assim... por aí né?... (JS).

Desse modo, pode-se vislumbrar que duas variedades linguísticas são percebidas como distintas. Essa consciência está presente nos informantes deste grupo. Particularmente, referindo a esse episódio descrito no trecho 15, a informante JS tem consciência de que o entrevistador é do Rio Grande do Norte, enquanto que ela é paraibana. Assim, ela marca isso na sua entrevista explicitando que entrevistador e informante usam variedades linguísticas distintas, ou seja, que ambos podem apresentar aspectos lexicais, fonológicos, prosódicos, sintáticos, etc. diferentes entre os dois Estados. Assim, há um processo de remissão ao uso linguístico como uma atividade identitária (LABOV, 1966; BLOM & GUMPERZ, 1998[1972, 1986]).

Ainda ocorrem casos em que se associa o ato de falar “certo” com o fato de falar a verdade, não mentir, por exemplo. Essa realização ocorreu com vários falantes das amostras aqui organizadas. Os trechos 16 e 17 exibem esses resultados.

TRECHO 16: falar certo?... dizer a verdade... porque é... falar certo pra mim não é só o português... é falar a verdade... pra mim é o mais... certo... (MLS).

TRECHO 17: falar certo?... é a verdade... a verdade é uma coisa muito certa... sincera... você sabe... a verdade pra mentira é bem diferente... que a verdade é a gente confia... você sabe que mentira é uma parte de desconfiança... mesmo apesar do que eu sou uma pecadora ainda... todos nós somos pecador... somos falhos... mas eu não sou muito com esse tal de mentira... às vezes a gente menti... porque acontece se eu disse assim pra você... eu que não tou mentindo realmente eu estou mentindo... às vezes acontece que vamos supor... assim... você conta uma história... às vezes... eu chego ali... vou contar a mesma história... não tenho nem certeza... (MLF).⁶⁷

O que isso indica? Influência das tradições culturais ou de outro comportamento particular dos informantes examinados? Entende-se que as duas alternativas podem indicar direções a serem assumidas mesmo que, momentaneamente, pois verifica-se que as informantes que associam o ato de falar certo com a atividade de não mentir são falantes que têm uma explícita adesão religiosa a uma determinada denominação religiosa que há na comunidade de fala investigada. Do outro lado, observando o perfil sociocultural das informantes MLS e MLF, verifica-se que o comportamento adotado por elas pode estar ligado aos aspectos sociais: são adultas, uma com mais de 50 anos e outra na faixa dos 26 aos 49 anos e são donas de casa. Assim, esses aspectos podem influenciar na maneira como avaliaram as questões realizadas pelo entrevistador.

Desse modo, podem ser sumarizadas as seguintes avaliações para o grupo 2F, no quadro 9:

⁶⁷ Ressalta-se que a informante MLF não faz parte desta amostra. A sua citação aqui se justifica pela ocorrência de associar o ato de falar certo com ato de falar a verdade.

Quadro 9: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 2F

Paraibanos, potiguares e cariocas falam diferentemente, ilustrou-se essa realidade com os itens *jerimum* e *abóbora*, que, geralmente, ocorrem na variedade paraibana e carioca, respectivamente;
 Ninguém pensa igual e também não fala igual;
 Paraibanos, cariocas e goianos falam diferentemente;
 Avalia a sua fala como “ligeira, pausada, desarrumada e direitinha”;
 Deseja um modo “mais desenvolvido” de falar;
 Falar certo é associado com quem estudou muito; e
 Falar certo é assemelhado com o ato de falar a verdade, não mentir.

(Fonte: Próprio do autor).

5.1.3 Grupo 3F (EOCP, MLF, MSN). Esta amostra é formada por informantes adultos do sexo feminino

Em termos gerais, para a primeira pergunta (você conhece alguém que fala diferente de você?), o grupo 3F respondeu negativamente e com um categórico “não.” Sendo assim, esse achado contraria, inicialmente, parte das teorizações da Linguística, pois se admite e até se parte do pressuposto de que o falante tem conhecimento distintivo de variedades dialetais. Os grupos 1M e 2F já ilustraram essa proposição teórica. No entanto, atribui-se esse comportamento ao modo como as informantes desta amostra se exibiram durante toda a entrevista: comportamento mais retraído, menos interacional em relação aos demais informantes do *corpus*. Essa realidade pode ser vista pelo tamanho das respostas que deram às perguntas realizadas. Foram respostas curtas e bastante objetivas.

Quanto à segunda pergunta (o que você acha da sua forma de falar?), percebe-se que o grupo 3F afirma que fala “errado”, mas está satisfeito com seu modo de falar, ou seja, ocorre, inicialmente, avaliação negativa do próprio falar:

TRECHO 18: eu falo muito errado... mai eu gosto né?... (EOCP).

Ou, ainda, demonstra consciência acerca do seu falar e admite falar correto, em certos momentos, e errado, em outros. Avalia, com certa precisão, seu modo de falar e até o adjetiva. Desse modo, os estudos de atitudes linguísticas constituem ferramentas para se compreender a importância social da língua e de suas variedades e demonstram a consciência avaliativa do seu falar, pois caracterizam como ‘normal’, exibindo assim uma avaliação positiva. Os trechos 19 e 20 sintetizam esses achados:

TRECHO 19: eu sou tímida... sei lá... tem hora que a gente fala coisa que a gente se vigia de falar... algo que a gente fala que não é pra falar... tem coisa que a gente fala certo... fala errado... tem hora que a gente se corrige (...)... mas é assim... (MLF).

TRECHO 20: acho que a gente fala normal... ((risos)) (MSN).

Para a terceira pergunta (o que você mudaria na sua forma de falar?), o grupo 3F aponta que o estudo pode melhorar o modo de “falar correto”. Neste sentido, conseqüentemente, para o grupo 3F, há um modo de “falar errado.” Então, daí ocorrer a justificativa da avaliação negativa anteriormente realizada: é preciso melhorar. A transcrição do trecho 21 ilustra a realidade do grupo:

TRECHO 21 Ah:::... eu ia estudar pá... pá... pá falar mais correto... (EOCP).

Assim, percebe-se que certos usos linguísticos são associados a determinados traços ou características do falante dessa variedade dialetal; geralmente, o falar considerado *standard* (*padrão, culto*)⁶⁸ é vinculado a pessoas da classe social alta, brancas, bonitas, inteligentes, ocupantes de cargos de alto nível social; já o *non-standard* (*não padrão, coloquial*), ao falante de classe socioeconômica baixa, negra, etc. e, no Brasil, também ao nordestino. Desse modo, os estudos de atitudes linguísticas podem evidenciar as diferentes dimensões, às quais estão associadas às variedades padrão e não padrão dos usos da língua.

Com relação à última pergunta realizada (o que é falar certo para você?), o grupo 3F associa o “falar errado” com informantes analfabetos e o falar correto com quem estuda. Assim, esse achado confirma-se com o que foi dito na resposta anterior do grupo e discutido nos dois últimos parágrafos anteriores. Desse modo, se há variedades, como por exemplo, padrão e não padrão concomitantemente nas comunidades de fala, elas estarão sujeitas à avaliação diferenciada pelo falante e serão utilizadas em contextos diferentes. Também, verifica-se que esses resultados remetem necessariamente à noção de estilo. Assim, admite-se que as atitudes linguísticas constituem fenômenos sociais. O trecho 22 da informante EOCP ilustra esse achado:

TRECHO 22: a palavra certa... correta... sem dizer coisa errada... as pessoas que não tem estudo fala errado... quem já estuda... tudo... às vezes já fala mais certo... né?... (EOCP).

Percebe-se que, sobretudo, a informante EOCP relaciona suas afirmações com o nível de escolaridade. Ao se verificarem as fichas sociais desses informantes que compõem esta

⁶⁸ Ressalta-se que se está consciente da problemática teórico-metodológica que envolve os termos *standard*, padrão e culto, de um lado; e *non-standard*, não padrão e coloquial, do outro. Há uma complexidade conceitual em que subjaz esses termos que, de forma mais abrangente, só será compreendida à luz da abordagem de estudo assumida pelo pesquisador. Contudo, optou-se por utilizar esses termos, aqui, mais por possibilitar maior percepção metodológica ao indicarem usos diferentes que são feitos da língua.

amostra, constata-se que as três informantes desta amostra são falantes de baixa escolaridade e têm no máximo o Ensino Médio.

Ou, ainda, percebe-se que o grupo 3F indica que o “falar correto” é a variedade falada pelos portugueses. Então, neste sentido, aqui no Brasil, fala-se errado, já que fala-se outra variedade! O trecho 23, a seguir, leva a pensar no velho mito de que a variedade do Português falado na Europa é que é legítima e empregada corretamente, enquanto que as outras variedades linguísticas dessa língua (africana, americana, etc.), por exemplo, são “falares errados” e deturpados.

TRECHO 23: não... eu acho que os portugueses... eles... é::... certa mesmo é o portugueses... né?... geralmente... nós... é... falar as palavras sejam certa... falar... falar o explicado... né?... não... (MSN).

Neste sentido, o grupo 3F apresentou as avaliações e atitudes linguísticas sintetizadas no quadro 10.

Quadro 10: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 3F

Não reconhece que as pessoas falam diferentemente; Admite que “fala errado”, mas está satisfeito. Essa satisfação é percebida pelo uso do adjetivo “normal”; Caracteriza o modo de falar como “normal”; Indica que o estudo pode melhorar o modo de “falar correto”; Falar errado está vinculado aos analfabetos e falar certo, com quem estudou muito; e Falar correto é usar a variedade do português de Portugal.
--

(Fonte: Próprio do autor).

5.1.4 Grupo 4M (JAO, JMS, JGS). Este grupo é formado por informantes adultos do sexo masculino

Quanto à primeira indagação (você conhece alguém que fala diferente de você?), o grupo 4M avalia com precisão, remete à divisão do Brasil em regiões e afirma que o falar está ligado à cada região. No primeiro momento, nega a resposta, mas, depois, a admite positivamente; e, ainda, aponta a tendência de avaliação linguística que ocorre entre as regiões Sul/Sudeste avaliando os falantes do Nordeste e vice-versa, confirmando o que aponta Hora (2011). Para o grupo 4M, a região Sul do país fala diferente do Nordeste e indica até a razão de ela ser: devido a aspectos culturais e/ou de localização do Estado do falante. Assim, a língua em uso exhibe traços que caracterizam os seus falantes. A análise de atitudes linguísticas pode evidenciar essa realidade dialetal. Os trechos 24 e 25 sintetizam esses achados.

TRECHO 24: não conheço... sei que existe o modo... cada um tem seu modo de falar... de se expressar... muda de região para região... homi... a região... eu acho é a região SUL, Sudeste... né?... Nordeste é diferente... (JAS).

TRECHO 25: AH::... eu conheço muita gente... cada um fala de seu jeito de falar... né?... então... tem... rapaz não tenho nem noção não ()... não sei se é por causa de::... algum estado... alguma coisa assim... você VÊ que já tem aí lugares do Sul que fala bem diferente da gente... acho que é devido a cultura dele... alguma coisa assim... (JAO).

Verifica-se que o membro do grupo 4M, JGS reconhece, com precisão, diferenças dialetais e enumera-as: nordestinos, gaúchos e cariocas falam de modo diferente. Usa até palavras para enfatizar sua percepção. Essa percepção fica evidente no reconhecimento do aspecto prosódico apontado pelo informante: ‘chiando’ (assoprando, que ocorre na fala carioca) e que caracteriza o sotaque daquela comunidade de fala (HORA, 2011, p. 33). Entende-se que esses achados levam a pensar nos processos de estereótipos, nos termos de Labov (2008 [1972]). Além disso, percebe-se que o grupo 4M demonstra aspectos de questões relacionadas à consciência do falante acerca de sua própria fala e da de outrem, conforme se pode ver no trecho 26:

TRECHO 26: assim::... mas... assim... só... assim... as pessoas qui... SEI... eu já vi... assim... pessoas do... do... PRONTO... o nordestino... ele... ele tem uma maneira de falar... né?... já... o mineiro... eu já vi mineiro falano... ele tem outro jeito de falar ou... os gaúchos... também... né?... o pessoal do Rio... ele já tem aquele negócio... assim de... mais chiado... assim... eu já vi... já presenciei já... (JGS).

Hora (2011), analisando a variação dialetal e questões de atitude no falar pessoense, também encontrou indícios que sinalizam a consciência do falante acerca de fenômenos variáveis que ocorrem na língua ou relacionados aos processos de estereótipos. Ainda, segundo esse autor, seus informantes também foram capazes de indicar diferenças linguísticas entre os falantes gaúchos (com a realização do “esse”) e o falar carioca com o chiado ou “assoprado” e a palatalização dos segmentos oclusivos dentais /t, d/. Assim, os dados aqui encontrados e os de Hora (2011) apontam para a direção que tanto falante quanto ouvinte têm consciência da realização de processos sociolinguísticos que ocorrem nos usos da língua.

Quanto à segunda pergunta (o que você acha da sua forma de falar?), membros do grupo 4M expressam dificuldades para avaliar seu próprio falar, indo na contramão dos outros informantes que não demonstram tanta dificuldade em avaliar seu próprio falar. É tanto que exibem respostas curtas para o que foi indagado, conforme ilustram os trechos 27 e 28, respectivamente:

TRECHO 27: rapaz... sei lá... meu jeito de falar é um pouco tímido... parece que sim... (JAO).

TRECHO 28: não sei... é difícil... né?... o modo de falar?... tem... (JGS).

Por outro lado, o membro JGS avalia positivamente seu modo de falar, pois, para ele, tudo se dá de acordo com a cultura, Estado e o lugar onde se reside. As pessoas falam diferentemente, mas não errado. Assim, percebe-se que se sobressai certa consciência das diferenças linguísticas, quase que igual à de um pesquisador dos estudos sociolinguísticos, conforme é apresentado no trecho 29:

TRECHO 29: eu acho assim... dependendo do... porque é... da cultura de cada membro... né?... do estado... do... eles acham que tão falano certo... né?... e... a gente acha qui a gente tamos falando certo... acho que depende do local assim... mas qui... acho que todos eles estão certo... agora... eu... eu acho assim... (JGS).

Entende-se que esses apontamentos levam ao que Goffman (1998, p. 14) tem referido como regras culturais que existem em diferentes situações sociais de interação e, dentre elas, o uso da língua. Para o estudioso da interação, regras culturais estabelecem como os indivíduos devem se conduzir em virtude de estarem em agrupamento e estas regras de convivência, quando seguidas, organizam socialmente o comportamento daqueles presentes à situação. Dessa forma, confirma-se o que apontam os estudos labovianos ao defender que a língua constitui um tipo de comportamento social.

Assim sendo, verifica-se que os falantes não só compartilham entre si um conjunto de categorias sociais, culturais e comportamentais relacionados aos aspectos do vestir, da realização de cerimônias, jogos esportivos, práticas religiosas, jurídicas e/ou políticas, danças, músicas, dentre tantos outros, mas também, e sobretudo dividem e compartilham traços de uma dada variedade linguística.

Com relação à terceira pergunta (o que você mudaria na sua forma de falar?), o grupo 4M exibe uma atitude positiva em relação ao seu falar, pois o avalia como ‘normal e bom’, embora o considere ‘puxado’ e queria um meio de “aperfeiçoar” seu falar. Essas conclusões podem ser vistas nos trechos 30 e 31, respectivamente:

TRECHO 30: rapaz... eu... eu... no meu jeito de falar?... eu acho qui... pra mim assim... o:::... se eu pudesse assim:::... eu mudava... assim:::... o jeito de... porque a gente ()... às vezes fala um pouco... meio puxado... assim... eu queria... se eu pudesse mudar... se existe um meio assim de... da pessoa estudar... a:::... falar o jeito de falar... mai... eu... eu acho que falo normal... pra mim... tá bom... assim mesmo... (JGS).

TRECHO 31: não é:::... o seguinte... pra mim é:::... quem não acha bom melhorar o modo de falar... de estar... o modo de:::... estar... (JAO).

Finalmente, quanto à última pergunta (o que é falar certo para você?), o grupo associa o “falar errado” com pessoas sem escolarização, oriundas da zona rural e classe social baixa.

Esse dado também aparece nos resultados de Hora (2011, p. 31): “falar bonito e melhor está associado à escolaridade. Analfabeto fala feio.” Segundo Garrett, Coupland & Williams (2003), parece que há uma tendência de associação estereotipada de baixa competência ou baixa realização com dialetos de baixo prestígio social, sobre os quais recaem uma severa avaliação social de diferentes e diversos segmentos da sociedade. Verifica-se que, nesse processo de associação, essa etapa é uma das mais perniciosas, porque gera uma série de outros processos dentre os quais o do preconceito linguístico. Os trechos 32 e 33 sintetizam parte desses resultados.

TRECHO 32: falar certo:..... - tá engrossando agora... ((risos)... falar certo assim... eu acho qui... ahn:..... hoje em dia... as pessoa fala mais errado... é aquelas pessoas que nunca foram a uma sala de aula... pessoas assim... analfabetos... pessoas... dependendo também assim... da... da... do ()... a gente vê aquelas pessoas... pobrezinhas... qui mora no sítio... fala errado... né?... tudo errado... assim... mai... assim... pra mim... falar errado... são essas coisas mesmo... as pessoas que... não tiveram... um bom estudo:..... e... aquelas pessoas pobres... que não costuma frequentar... a sala de aula... eu acho que essas pessoas... falam mais errado... (JGS).

TRECHO 33: AH:..... existe... isso é claro... existe isso ai é claro... é o denominador muito... muitíssimo... errado... fala muito... na nossa região aqui não é só... na nossa região que fala demais... até no setor de periferia... setor atrasado... pronto... aí... até já sabe que o pessoal não tem cuidado... nunca teve educação... vai à escola... faz um primário... um primário mal feito e lá vai... e quando você tem um primário quando não é bem feito... você tá no meio ambiente que... só o pessoal fala certo... você procura falar certo... não é isto?... quando a pessoa fala errado... a pessoa só procura aquele ritmo... aquele caminho de falar errado... (JAO).

Assim, para o grupo 4M, o falar “errado” ocorre em várias regiões do Brasil e não só na Paraíba; está vinculado a pessoas sem estudo e o cidadão aprende o certo quando estiver em determinados ambientes. As teorizações da Linguística têm apontado que “a língua padrão é associada à educação e poder no cenário nacional” (BLOM & GUMPERZ, 1998 [1972, 1986], p. 55,). Verifica-se, desse modo, que há representações sociais que circulam nas comunidades de fala e, sobretudo, a de atribuir o “bom falar” a um alto nível de escolarização dos falantes. Esse achado foi encontrado nas outras amostras também.

Para o grupo 4M, foram identificadas as seguintes avaliações, atitudes e percepções exibidas no quadro 11.

Quadro 11: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 4M

Cada falar está ligado a cada região do Brasil: Sul/Sudeste x Nordeste (vice-versa), por exemplo;
 Aponta fatores para a diversidade linguística: aspectos culturais e/ou a localização do Estado do falante;
 Nordestinos, gaúchos e cariocas falam diferentemente;
 A fala carioca é identificada com a forma de falar ‘chiando’, assoprando. Remete-se à palatalização de /t, d/ naquela variedade linguística;
 Expressa dificuldades em avaliar a própria forma de falar, mas é “normal e boa”, embora a considere ‘puxado’;
 As pessoas falam diferentemente, mas não errado;
 Quer ‘aperfeiçoar’ a fala;
 Falar errado está vinculado às pessoas sem escolarização, oriundas da zona rural e da classe social baixa;
 e
 O falar errado ocorre em várias regiões brasileiras e não só na Paraíba.

(Fonte: Próprio do autor).

5.1.5 Grupo 5M (RMM, LMS, RPA). Este é o grupo dos que representam os informantes mais jovens e todos são do sexo masculino

Quanto à primeira pergunta (você conhece alguém que fala diferente de você?), o grupo 5M apresenta certa precisão avaliativa do falar e também atribui à escola a responsabilidade pela mudança de formas linguísticas, ao lugar, à região, à cultura, etc.; assim, pode-se perceber que a escola se constitui como que o gatilho da conservação da língua dita padrão (uniforme e invariante), conforme têm apontado as diversas investigações sociolinguísticas e dialetológicas. O trecho 34, da fala de RPA, apresenta esses achados:

TRECHO 34: CONHEÇO... eu acredito... que tudo muda de acordo com a cultura... com a vida em sociedade... com a formação do indivíduo... é... o Brasil... vamos::... ter como exemplo... muda o sotaque de região por região... então... isso é o que nos faz diferente... isso é o que nos faz viver bem... isso é::... tão bom... viver em um lugar desse... podemos observar... tu uma forma diferente de se pronunciar... da cidade pra zona rural... da pessoa que está estudando para a que não está estudando... então... ha uma diferença... eu acredito que eu mesmo... quando comecei a cursar... uma faculdade... e cheguei ao ensino... antes da faculdade cheguei ao ensino médio... eu vi que mudei muito... ja mudei bastante... na minha forma de se expressar... por exemplo... então... poderia dizer... assim... é... SAI DO MEIO... não... hoje... já... LICENÇA... POR FAVOR... já tenho outra característica... então... ME DAI::... não... já não existe isso... por favor... então... vai mudando a nossa forma de vida... (RPA).

Esses achados nos apontam para o que Tylor (1871 *apud* CHIANCA, 2014, p. 01) tem defendido acerca de cultura: “um conjunto complexo incluindo os saberes, as crenças, a arte, os modos, o direito, os costumes assim como toda disposição ou uso adquirido pelo homem vivendo na sociedade.” Assim, pensando nos aspectos culturais relacionados à língua (ou melhor, ao uso), pode-se vislumbrar que sobre ela recai um complexo e profundo processo de representações e/ou de avaliações sobre a própria fala e sobre a fala de outrem.

Percebe-se, por um lado, que, para o grupo 5M, o “falar certo” está ligado ao contexto comunicativo dos interactantes, apontando que o uso de variantes linguísticas diferentes se dá conforme o locutor, o locutário, a finalidade, o contexto, etc.; também se constata que, para os informantes desta amostra, o “falar certo” não se vincula exclusivamente à norma culta da língua. Desse modo, o grupo admite a existência de variedades linguísticas. Percebe-se, também, por outro lado, que esses achados remetem à noção estilística proposta por Bell (1984), na qual o falante usa sua variedade conforme for o seu destinatário. O trecho 35 ilustra esses achados.

TRECHO 35: português... assim... outra língua?... no português... ichi... eu conheço bastante... pai mesmo... pai fala diferente de mim... coisa que eu falo... pai diz “tai ficando doido menino”... um bucado de coisa que ele fala diferente de mim... se eu for dizer aqui... fala demais... fala demais... coisa diferente... coisa... mais assim... é normal ele falar diferente... por causa... não vou criticar aqui... fala diferente... no português... não vou criticar... no brasileiro... por causa que cada um tem uma criação... minha criação... minha criação foi bem avançada para a criação dele... foi no meio do sítio... no cercado... povo velho... aquele tempo o povo não sabia o que era nada... era ()... ((aumenta o tom da voz)) VAI PEGAR UM NEGÓCIO... ALI... MENINO... CORRE... PEGA... DABO... CHEGA PRA CÁ MOLESTA... o povo bem ignorante... bem rígido... bem ()... qualquer negócio que fazia chamava um nome... fala tudo errado... MAL... MAI MUIÉ... COMO TU FAI ISSO AI?... CHEGA CÁ MUIÉ... povo veio... não vou criticar o lado dele... falar errado não... (RMM).

Retomando o texto de Blom & Gumperz (1998 [1972, 1986], p. 39) e de acordo com os resultados até aqui demonstrados, assume-se que “o pressuposto mais razoável é de que a diversidade linguística entre o dialeto [variedade, para este trabalho]... seja condicionada por fatores sociais”. Desse modo, assim como há variedades de domínios para se usar a língua, esse uso se dará de acordo com cada domínio (familiar, escolar, amizade, trabalho, religião, político, etc.) ou, ainda, de acordo com o grau de atenção prestado à fala.

Essa discussão leva a refletir sobre a noção de ideologia padrão (HORA, 2011) e, ao mesmo tempo, à noção de atitude proposta por Oppenheim (1982). Segundo Hora (2011, p. 20), um dos efeitos do processo de padronização da língua que, por sua vez, é oriundo da ideologia da língua padrão, é a existência entre os falantes da noção de que há uma forma “correta ou canônica” da língua; mesmo que as prescrições de correção sejam externas à língua, “elas são consideradas pelos falantes como regras inerentes à própria língua.”

Oppenheim (1982), na definição de atitude linguística que adotou, reconhece que as crenças constituem componentes desse complexo processo e, desse modo, entende-se que elas podem ser identificadas por meio de algumas das reações subjetivas dos falantes ao interagirem. Neste sentido, a partir das crenças dos falantes, são exibidos comportamentos e atitudes, tanto

para o falante quanto, conseqüentemente, para o seu falar. E essas crenças remetem necessariamente ao componente cognitivo da visão tripartite da atitude linguística.

Com relação à segunda pergunta (o que você acha da sua forma de falar?), um dos membros do grupo 5M reconhece aspectos fisiológicos da identificação e da diferença entre a fala masculina e fala feminina. Isso leva-se necessariamente à bibliografia específica da área linguística. A literatura especializada tem apontado que a frequência fundamental (FO) de homens e de mulheres é diferente: homens com 120 HZ e mulheres com 220 HZ, constituindo a forma estimativa básica e padrão que pode ocorrer na fala humana (FOLUKES, KHATTAB & YEGER-DROR, 2010).

O grupo também avalia seu modo de falar positivamente e adjetiva-o como “interessante, pouco diferente, explosivo”. Assim, evidenciam-se aspectos da precisão e da percepção do falante sobre o falar, no trecho 36:

TRECHO 36: meu jeito de falar:::... EITA... ((risos))... meu jeito de falar... a minha voz... não sei se você já percebeu... um pouco grossa... né?... ((risos))... na gravação vai ficar uma coisa assim... bem... bem explosiva... mais... às vezes... eu acho interessante meu jeito de falar... eu acho um pouco diferente do... do... dos outros... assim... devido a essa... ahn... até roquidão também... que às vezes eu fico um pouco rouco e quando eu vou falar... mi-se-ri-cór-dia... mais... é isso... (RPA).

Para a terceira pergunta (o que você mudaria na sua forma de falar?), o grupo 5M avalia seu modo de falar positivamente, é tanto que não mudaria; pelo contrário, iria acrescentar ou evitar o uso de palavras repetidas ao falar. As transcrições nos trechos 37 e 38 ilustram essa realidade:

TRECHO 37: eu mudaria:::... rapaz... eu mudaria sim... sempre tem algo que precisa ser melhorado... né?... eu acho que... eu evitaria:::... eu gostaria de evitar um pouco... repetições... né?... de... de palavras de... de evitar... sempre batendo ali na... na... naquela mesma tecla... além... sabe?... eu tenho esse costume de tá repetindo... eu repito muito palavras... então... eu preciso ainda exercitar essa parte de... da... da linguística... ainda... de poder falar um pouco mais... diretamente... né?... focalizando... (RPA).

TRECHO 38: eu procuraria... observar... com mais cautela... as pessoas que ia dizer... ou seja... usar outros termos... que seja não de ()... (RMM).

No que diz respeito à última pergunta (o que é falar certo para você?), o grupo 5M apresenta precisão vocabular na avaliação. Para o primeiro informante, o “falar certo” está ligado ao contexto comunicativo dos interactantes e ainda afirma que, no processo de comunicação, é necessário o uso de “variantes” (“você tem que procurar palavras...”) adequadas para atingir seu objetivo comunicativo ao interagir. Para outro informante, o “falar errado” é atribuído ao contexto de origem ou familiar do falante. Assim, o lugar de origem do falante é o

responsável pelo uso de variantes de prestígio ou não. O grupo 5M reforça a visão de regionalidade que há nos dados encontrados. Os trechos 39 e 40 exemplificam parte desses achados, respectivamente:

TRECHO 39: falar certo eu acredito que seria hoje... de uma linguagem que todos entendesse... principalmente... dependendo do ambiente que se esteja... você pra chegar... em uma comunidade... rural:... você tem que procurar palavras... que as famílias que lá estão... entenda... você não pra chegar... em uma equipe que tenha... médicos... professores... mestres.... tem que falar a linguagem deles... então... acredito que o certo... não estar em você... falar... só na norma culta... ser culto demais... é você saber se pronunciar de acordo com o ambiente... (RPA).

TRECHO 40: não... eu acho que é... um falar tudo certo... só que falta... foi por causa da criação dele... a criação de todos eles... que tem bastante que fala do jeito DELES... foi a criação deles... pronto... fosse hoje... às vezes eu fico pensando lá em casa...-- coisa da minha cabeça -- ... ele fosse na minha criação... ele deveria falar certo... ()... tem coisa que ele tá falando certo de tanto ele conviver com a gente... vendo a gente falar que ele fala certo... ela tá conversando com o povo do tempo dele... ele não tá falando como ele falava antes... eu fico só pensando...-- tá vendo... ele... às vezes fica bravo... mais falando certo ainda -- ... mas ele tá... tentando... entrar naquele... pronto... ele tá... num dia desse... ele nunca fala sobre isso... falando com uns cara lá... eu estava no quarto... escutando ele falar... “a tecnologia hoje tá muito avançada”... tá vendo como ele é?... de repente ele pegou fácil... fácil é só querer... que vai pegar... com o português é... (RMM).

Assim, o grupo 5M atribui o “falar certo”, de um lado, ao modo como a pessoa é criada e, do outro, ao contato com outros falantes mais proficientes.

Esses resultados podem refletir a existência de processos diferentes na variabilidade cultural e na maneira como informantes (jovens e adultos/idosos) selecionam itens lexicais para representar-se ou representar o outro sociolinguisticamente. Nos dados do presente trabalho, verifica-se que a seleção vocabular e de itens lexicais mais precisa e direta ocorre até o momento nos informantes mais jovens.

Entende-se que a noção de representação cultural de cada item lexical pode estar ligada a diferentes aspectos que existem na comunidade de fala e/ou em grupo dessa comunidade. Por exemplo, em Philips (1998 [1976, 1984]), que trata de algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala de dois grupos indígenas, pode-se verificar que a noção de representação do item lexical ‘velho’ difere daquela que, geralmente, é constatada na cultura brasileira, pois, naquela cultura, percebe-se que o termo ‘velho’ associa-se com o mais experiente, autoridade, que fala e os outros o ouvem com respeito e admiração; na cultura brasileira, por outro lado, recai sobre o cidadão velho/idoso uma série de estereótipos e representações negativas, conforme parece constar na fala do informante RMM (Trecho 35) ao dizer: “*povo veio.*”

Os informantes do grupo 5M exibiram reações de avaliação, atitude e de percepção resumidas no quadro 12:

Quadro 12: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 5M

Atribui à escola, ao lugar, à região e à cultura a responsabilidade pela mudança de formas linguísticas;
 Apresenta maior seleção lexical-comunicativa;
 “Falar errado” está ligado ao contexto comunicativo;
 As diferenças linguísticas ocorrem conforme o locutor, o locutário, a finalidade e o contexto;
 O “falar certo” não se vincula exclusivamente à norma padrão;
 Reconhece aspectos fisiológicos da fala masculina (questão da frequência fundamental);
 Não mudaria o modo de falar (avaliação positiva), mas faria acréscimos e tiraria repetições;
 O lugar de origem é que determina o uso de variedade linguística de prestígio ou não;
 O “falar certo” é associado ao modo como a pessoa é criada e ao contexto com falantes mais proficientes;
 e
 Falantes mais idosos falam errado.

(Fonte: Próprio do autor).

5.1.6 Grupo 6F (TPN, RSF, VPC). São os informantes mais jovens do sexo feminino

Quanto à primeira pergunta (você conhece alguém que fala diferente de você?), o grupo 6F avalia positivamente seu modo de falar. Exibe uma atitude valorativa ao falar paraibano, pois se reconhece nele, manifestando um sentimento de vínculo e de pertencimento. Admite que os Estados do Rio de Janeiro e Paraíba constituam falares diferentes. Desse modo, remete à noção de duas comunidades de fala diferentes, uma vez que podem não compartilhar entre si normas sociolinguísticas e vai além, chega até a apontar o respeito como questão central para convivência das variedades linguisticamente diferentes. Neste sentido, segundo Blom & Gumperz (1998 [1972, 1986], p. 40), a identificação com o lugar de origem remete à “visão deles significa pertencer a um grupo caracterizado por uma ascendência comum”. O trecho 41 sumariza esses achados.

TRECHO 41: eu acho que é uma forma de respeito... tem que respeitar o sotaque de cada um... não é porque eu vou no Rio que vão me chamar de matuta... é porque é meu jeito de falar... mesmo jeito se eles chegarem aqui... pia o carioquinha... eu acho que é uma questão de respeito... que tem que que respeitar o seu sotaque... eu sou paraibana... nasci na Paraíba... se eu chegar no Rio... o povo fala tudo cantano... eu não posso ter vergonha... ele infelizmente vão ter que respeitar... e eu não ter vergonha... (TPS).

As teorizações na área da Linguística (PRESTON, 2010; CLOPPER, 2010; HORA, 2011; dentre outros) têm apontado que o falante/ouvinte tem certa habilidade para identificar traços dialetais. O ouvinte nativo faz esse processo naturalmente, seja a variedade linguística familiar ou não; a ocorrência de processo de identificação e/ou representação do falar de uma dada comunidade de fala está diretamente ligada às pressões sociais que a influenciam. Por exemplo, o trabalho pioneiro de Labov (1963) em *Martha's Vineyard*, quando analisou a

ocorrência da variação fonológica da vogal dos ditongos ‘aw’ e ‘ay’, constatou que o comportamento linguístico do falante local variava conforme fosse seu sentimento à ilha;

Aqui, no Brasil, um estudo realizado por Calmon (2013) com fim de mapear o uso dos pronomes *você*, *ocê*, *cê* e *te* na fala de informantes da cidade de Vitória, no Espírito Santo, apresenta uma analogia com o que foi relatado no trabalho de Labov (1963), no qual os falantes dessa comunidade de fala usam “a forma *você* como elemento de afirmação social e cultural, como se tivessem a intenção de se diferenciarem linguisticamente dos mineiros, que chegam às praias de Vitória na estação de veraneio ou que vêm morar no município” (CALMON, 2013, p. 85).

Ainda, quanto ao grupo 6F, pode-se verificar precisão vocabular do informante e de expressões e que parecem refletir a própria dinamicidade dos jovens. Esse mesmo comportamento também se constatou na amostra anterior formada por jovens do sexo masculino. O grupo 6F reconhece a existência de falares diferentes e atribui causas, especificando, por exemplo: contexto, ambiente e ao lugar onde se vive. Dessa forma, pode-se perceber que realmente a língua constitui comportamento social (LABOV, 2008 [1972]). O fragmento 42 sintetiza esse apontamento:

TRECHO 42: SIM... várias... várias pessoas que falam diferente... porque... é... eu acho... é... tem muito o contexto... de... do ambiente... onde se vive... o lugar... coisa e tal... e... de acordo com... com o que você... coleta:: as informações... as vozes::... é::... que você sempre está... em contato... você adquiri pra você... mas do seu jeito... né?... acredito dessa forma... (VPC).

Com relação à segunda pergunta (o que você acha de sua forma de falar?), o grupo 6F associa seu falar com o ato de falar muito, ser comunicativo ou com quem tem desenvoltura para se expressar fluentemente e baseia-se em avaliações de outros informantes. Parece satisfeito com seu falar, avalia a sua fala como ‘rápida, comete erros’, pois fala coloquialmente e não na “forma correta”, assim, demonstrando que os falantes têm noção de que existe uma forma que fora elevada socialmente a um alto *status*, enquanto que há outras que são avaliadas negativamente, sobretudo, nas sociedades ocidentais (ALKMIM, 2001). Mesmo assim, consegue se comunicar com seus interlocutores adequadamente, pois tem ‘facilidade e é desenrolada’. Os trechos 43 e 44 ilustram os achados:

TRECHO 43: pessoal diz que eu sou muito comunicativa... ((risos))... que eu falo demais... sei lá... eu acho todo mundo tem... ninguém é perfeito... eu sou faladeira... (TPS).

TRECHO 44: eu acho que... sou... uma pessoa desenrolada... na... na... pra falar... mais que falo muito rápido... e quando fico nervosa... mais ainda... mais uma pessoa ainda que tem uma facilidade de... conversar::... ainda vamos dizer que oralmente eu

cometa muitos... muitos erros ortográficos... é... ortográficos né?... não da forma correta de se falar o português... eu reconheço isso... falo coloquialmente... bastante vezes... e qui... mais... no geral... me acho uma pessoa qui... tenho uma:::... consigo passar uma mensagem... acho que o importante é isso... (RSF).

Esses achados apontam para o que Hora (2011, p. 19) tem-se referido ao discutir a ideologia da língua padrão. Observa esse autor que há “culturas de língua padrão” que exercem influências significativas sobre a própria língua quanto aos seus falantes, por exemplo, o processo de padronização que ocorre sobre ela e que até se estende a outras categorias da sociedade. Sobre o falante, esse efeito se dá, principalmente, no campo avaliativo e representativo dos usos sociais da língua, na diferenciação que faz, ou sobre os valores sociais que atribui a cada variedade linguística dita padrão e não padrão.

Percebe-se que o problema da noção de correção linguística pode ser mais ainda problemática quando se pensar que essas noções são constitutivas da própria língua, quando, na verdade, se reconhecem que são oriundas de imposições externas à língua, vindas de diferentes segmentos ou instituições sociais que compõem as sociedades, tais como: universidades, igrejas, documentos oficiais de governos, academias de letras, dentre outros.

Alkmim (2001), ao descrever aspectos relacionados às variedades linguísticas e à estrutura social, sublinha que as sociedades de tradição ocidental atribuem um prestígio socioeconômico singular às variedades linguísticas que são rotuladas de padrão. Os efeitos dessa tradição podem ser observados nos mais diversos comportamentos linguísticos exibidos nas comunidades de fala em diferentes contextos comunicativos. Essa realidade é tão presente que, na fala da informante RSF (Trecho 44), esta se refere a erros ortográficos cometidos na fala, algo impossível de acontecer. É o efeito da ideologia da língua padrão que povoa o imaginário do falante.

Encontrou-se, também, nesse grupo, o caso em que o informante se apoia ou explicita isso no discurso de outro para avaliar seu falar. Para ele, sua fala não é da Paraíba, mas há traços de regionalidade ao se expressar. O trecho 45 exhibe parte desse resultado.

TRECHO 45: a minha forma de falar... devido ao que as pessoas me FALAM... qui é diferente do:::... da... Paraíba... que a Paraíba tem muito aquele... oxente... né?... aquela coisa do pu-xa-do... mais... é... minha... minha de expressar... é muito regional... (TPS).

Percebe-se que a informante identifica a marca ‘*oxente*’ como sendo da Paraíba e qualifica seu falar como ‘puxado’, indicando aspecto de sua entonação, o que a diferencia de outros falantes. Esses aspectos evidenciam a competência que há nos falantes de avaliar seu próprio falar e o falar de outrem; e, pensando no conjunto de achados que as amostras aqui

utilizadas apontam, percebe-se que indicam ou revelam que os falantes têm consciência da existência de uma série de processos fonológicos, gramaticais, prosódicos, paralinguísticos e retóricos que ocorrem nos usos sociais da língua (HORA, 2011).

Para a terceira pergunta (o que você mudaria na sua forma de falar?) no grupo 6F percebe-se o uso de itens lexicais precisos e da área da Linguística. Ressalta-se que esse achado ocorreu apenas com os informantes mais jovens, tanto masculinos quanto femininos. Isso indica algumas direções que norteiam esta investigação: a primeira, a de que esses informantes têm uma maior rede social, pela qual estão em contato com diferentes informações, objetos, processos, comportamentos, etc., que são próprios da faixa etária em que estão inseridos; a segunda, entende-se que há um efeito da escola sobre esses falantes, pois, ao se verificar o quadro de perfil sociocultural dos informantes femininos (Cf. Quadro 5), constata-se que algumas são estudantes com, no mínimo, oito anos de escolaridade. E, os sistemáticos estudos sociolinguísticos já têm evidenciado que a escola constitui um gatilho nos processos variáveis que ocorrem na língua.

Um dos informantes desse grupo admite que fala a variedade coloquial, mas quer uma outra ‘mais correta’ e com ‘normas’, o que revela a influência dos aspectos da existência da ideologia da língua padrão mais uma vez sobre os informantes, conforme atesta o trecho 46:

TRECHO 46: primeiro... mudaria... a questão da dicção... tentar falar... mais devagar... e também falar mais corretamente... assim... tentar deixar a forma coloquial... e falar um pouco mais... de acordo com a língua portuguesa... com as normas... acho que mudaria isso... (RSF).

Portanto, o grupo 6F avalia a sua fala positivamente, é tanto que não pretende mudar, pois se define como ‘satisfeito’. O trecho 47 ilustra esse achado:

TRECHO 47: não... não mudaria não... tou... satisfeita... (TPS).

Finalmente, quanto à última pergunta “o que é falar correto para você?”, o grupo 6F vincula o “falar certo” à noção de competência comunicativa. Mesmo assim, percebe-se que o “falar errado”, por sua vez, liga-se ao nível de escolaridade do falante e que esse falar foi apreendido por contato com outros falantes que também falam errado. O trecho 48 sintetiza esse achado:

TRECHO 48: falar certo::... falar::... é... compreender... ou seja... não... não... importa... a... o nível de escolaridade de uma pessoa... desde que você saiba... entender... desde que você... entenda o que ela quer lhe expressar... e... se ela tá falando... é... na... na norma culta... ERRADO... de acordo com a... ortografia... de acordo com a gramática... está falano errado... mais... creio... em partes não é porque

ela quer... é por conta do nível de escolaridade... por conta da... das pessoas com quem ela tem mais contato... e... enfim... isso... (VPC).

Percebe-se que o grupo 6F associa seu falar certo com um determinado modo, o qual não foi indicado explicitamente nas enunciações analisadas nesta amostra, mas que deve ser “bem certo”. Neste sentido, verifica-se mais uma vez a ocorrência da noção de correção relacionada à língua. Constata-se que essa informante tinha anteriormente admitido que falava segundo a variedade paraibana, mas, agora, entra em contradição com sua primeira resposta, pois não fala o sotaque paraibano, porque esse modo de falar pode prejudicar o falante em alguma situação comunicativa. Seu falar é avaliado como quem fala “mais ou menos.” O trecho 49 expressa parte dessa realidade:

TRECHO 49: falar certo?... falar as coisas bem certo... eu acho que eu falo mais ou menos... eu não falo o sotaque paraibano... para quem fala errado acaba com... (...)... da pessoa... eu acho que falo mais ou menos... (TPS).

Assim, verifica-se que há uma representação criada pelos informantes acerca da variedade linguística utilizada pelo falante, seja ela ligada ao ambiente familiar ou de origem, seja para interagir com outros falantes em contextos comunicativos mais formais e que se reverbera em atitudes e avaliações sociolinguísticas. Os usos linguísticos não são apenas avaliados como normal, anormal, bonito, feio, adequado, não adequado, com ou sem sotaque, etc., mas, sobretudo, criam imagens de seus falantes. Os falantes, por sua vez, demonstram-se capazes de avaliar tanto seu próprio falar, quanto também o dos outros usuários da língua.

Nota-se que a informante se refere ao termo “sotaque” para caracterizar o falar paraibano. Entende-se que o sotaque faz parte da identidade sociocultural de qualquer falante: caracteriza-o ou denuncia sua comunidade de origem; daí a referida informante afirmar que não fala o sotaque paraibano, pois é avaliado negativamente na sua ou por outras comunidades de fala.

Chianca (1999, p. 05), ao discutir aspectos relacionados ao ato de interagir em sala de aula, assinala algumas interjeições que marcam a regionalidade do falante: emprega-se “uai” em Minas Gerais, “sô” no Rio Grande do Sul, “oxente” no Nordeste, onde se pode acrescentar também o item “visse”. Estes constituem aspectos verbais que fazem parte da configuração sociolinguística desses falantes.

Nesta direção, podem-se resumir as representações, atitudes e avaliações dos falantes pesquisados no quadro 13:

Quadro 13: Resultados das avaliações, atitudes e percepções do Grupo 6F

Cariocas e paraibanos falam diferentemente, pessoas do Rio de Janeiro falam cantando;
 As pessoas têm sotaques diferentes;
 Atribui causas às diferenças linguísticas: contexto, ambiente, lugar onde se vive;
 Caracteriza sua fala como “rápida, com erros e coloquial”;
 “Falar bem ou certo” é falar muito, ser comunicativo ou ter desenvoltura retórica;
 Mora na Paraíba, mas não fala o modo do paraibano;
 Identifica marca “oxente” como sendo da fala paraibana;
 Caracteriza seu falar como “puxado”;
 Faz uso de itens lexicais precisos;
 Fala coloquialmente, mas quer uma forma “mais correta” e com “normas”;
 “Falar errado” é associado ao baixo nível de escolaridade;
 “Falar certo” é vinculado a falar e ser entendido em diferentes contextos de interação; e
 Aprende-se a falar errado convivendo com outras pessoas que falam errado.

(Fonte: Próprio do autor).

Na seção posterior, realiza-se análise comparativa entre os resultados alcançados nos grupos amostrais aqui descritos e analisados.

5.2 COMPARAÇÕES DOS RESULTADOS JÁ ALCANÇADOS ENTRE AS AMOSTRAS

Verifica-se, que, de modo geral, é possível especificar algumas semelhanças e diferenças entre os 6 (seis) grupos amostrais descritos e analisados neste capítulo, e assim, pode-se ver um salto qualitativo na análise.

Com relação às diferenças, entre os grupos 1M e 2F (informantes mais idosos) constata-se que entre eles não há diferenças significativas, pois exibiram resultados bastante semelhantes: reconheceram diferenças sociodialetais, fizeram remissão à noção de diferentes comunidade de fala e avaliaram a própria fala com certa precisão; já no que diz respeito aos grupos 3F e 4M (adultos), falantes do ambos os sexos demonstram que há percepções, representações, ideias, etc. diferentes que fazem parte do mundo desses falantes. Assim, nesta amostra: os informantes do sexo feminino não reconheceram diferenças sociodialetais, mas avaliaram a própria forma de falar, enquanto, que os informantes do sexo masculino, mesmo reconhecendo diferenças linguísticas, exibiram dificuldades para avaliar a própria forma de falar. E por fim, os grupos 5M e 6F (jovens) demonstram comportamento muito semelhante ao dos grupos 1M e 2F e, mais: foram além ao usaram maior seleção lexical para categorizar processos e fatos sociais, maior percepção e conhecimento acerca das diferenças linguísticas (identificando marcas dialetais, avaliando a fala dos outros falantes com maior precisão e a própria fala positivamente).

Já, em relação às semelhanças, pôde-se constatar que os grupos 1M, 2F, 5M, 6F e 4M compartilham a capacidade de reconhecer diferenças sociolinguísticas, diferentemente do grupo 3F. E sobre todos os grupos amostrais analisados percebe-se que há os efeitos do processo

de padronização que recai sobre a língua (o falante quer “novas estruturas, falar mais desenvolvido, aperfeiçoar o falar, faria acréscimos...”) e representações diversas (“quem estudou pouco ou nada, fala errado; e quem estudou, fala correto”).

A seção posterior está destinada ao esboço de algumas conclusões do capítulo.

5.3 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descreveram-se e analisaram-se as avaliações e atitudes linguísticas ou *representações sociolinguísticas* que os falantes da comunidade de fala de Jacaraú - PB exibem em relação à sua própria fala e à de outrem, identificando os aspectos presentes no processo avaliativo de sua própria fala e/ou na fala de outros falantes.

De modo geral, verificaram-se, nos dados analisados, que avaliações e atitudes linguísticas exibidas por falantes do dialeto paraibano, tanto a noção de *representação sociolinguística* do uso da própria variedade linguística e a de outrem quanto à visão de mundo dos informantes examinados, estão diretamente vinculadas aos aspectos da identidade regional e cultural de usos linguísticos, sobretudo, porque se entende que o processo de variação linguística fornece pistas ou traços dialetais dos seus usuários.

Destaca-se, destes resultados, como achado central, o papel principal dos informantes nos processos aqui discutidos, revelando aspectos relacionados às dimensões avaliativas, representativas, atitudinais e de significado social que há nos usos linguísticos.

Os resultados também sugerem que os elementos internos da estrutura das atitudes linguísticas podem operar simultaneamente nos dados analisados, seja reconhecendo formas linguísticas como “melhor, superior, estruturada, certa, errada, chiada, palatalizada” ou exemplificando diferenças dialetais, etc., isso em relação ao componente cognitivo; seja expressando entusiasticamente o desejo de mudar a forma de falar, expressando, assim, o componente afetivo; ou, ainda, etiquetando ou cunhando designações referentes aos usos linguísticos, usando o item vocabular *jerimum* e *não abóbora*, para se referir ao mesmo produto agrícola e afirmando que estudaria e aperfeiçoaria o estilo de falar, e, desse modo, destacando o componente comportamental.

No capítulo seguinte serão descritos e analisados os resultados referentes ao emprego do instrumento de avaliação, atitude e percepção linguísticas.

CAPÍTULO VI: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO, ATITUDE E PERCEPÇÃO LINGUÍSTICAS

6.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, o objetivo é descrever e analisar os correlatos subjetivos oriundos da aplicação do Instrumento de Avaliação, Atitude e Percepção Linguísticas. Os resultados foram obtidos com aplicação de estímulos de fala semi-espontânea de falantes paraibanos a juízes-ouvintes, também, falantes da variedade analisada neste trabalho. Desse modo, assume-se que os dados baseados em avaliação e percepção linguísticas podem se tornar centrais para a argumentação teórica.

Para a devida descrição e análise, o capítulo está assim estruturado: na 1ª seção, serão descritos os dados obtidos da aplicação da Ficha Sociodemográfica dos juízes-ouvintes; já na 2ª seção, descrevem-se e analisam-se os dados das atitudes subjetivas acerca das quatro variantes em discussão - [ʎ, l, j, Ø]; na 3ª seção, apresenta-se a análise do conjunto de resultados envolvendo as variantes em exame e retoma-se a proposta feita anteriormente quanto à Escala Gradacional de Aceitação (Cf. figura 2); e finalmente, na 4ª e última seção, apresentam-se as conclusões deste capítulo.

A seguir, descrevem-se os dados colhidos da aplicação da Ficha Sociodemográfica dos juízes-ouvintes.

6.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS DA FICHA SOCIODEMOGRÁFICA DOS JUÍZES-OUVINTES

Após terminado o período de aplicação do Instrumento na plataforma digital utilizada, por meio do link <http://www.surveygizmo.com/s3/2692112/Teste-de-percep-o-2>, constatou-se que 61 (sessenta e um) juízes-ouvintes participaram do experimento, contudo, sendo que 42 (quarenta e dois) preencheram de forma adequada e por completo o teste, enquanto que o total restante, 19 (dezenove) avaliadores, só entraram na plataforma, mesmos sem responder nada foram automaticamente registrados por meio da geração de um arquivo, e/ou quando fizeram, foi por incompleto, e assim, optou-se por descartá-los da análise geral dos dados.

Entende-se que a taxa de avaliadores que foi descartada não inviabiliza os resultados e/ou a aplicação do teste. Reconhece-se que os que participaram ativamente do experimento foram sinceros e honestos, uma vez que também poderiam ter não respondido. Contudo,

responderam e os resultados colhidos são naturais, frutos da escolha e da liberdade dos juízes-ouvintes participantes.

A tabela 28 exhibe de forma sumarizada o perfil sociocultural dos 42 (quarenta e dois) juízes-ouvintes selecionados para esta pesquisa.

Tabela 28: Perfil Sociocultural dos juízes-ouvintes

Quantidade de avaliadores	
Sexo	
Masculinos / Porcentual	Femininos / Porcentual
15 / 36%	27 / 64%
Faixa etária	
Jovens = 6 / 14%	Jovens = 3 / 7%
Adultos = 10 / 24%	Adultos = 23 / 55%
Local de origem	
Urbano = 12 / 29%	Urbano = 25 / 60%
Rural = 4 / 10%	Rural = 1 / 2%
Profissão	
Estudantes = 4 / 10%	Estudantes = 6 / 14%
Professor = 8 / 19%	Professor = 12 / 29%
Outros = 2 / 5%	Outros = 10 / 24%
Identificação com a variedade linguística analisada	
Sim = 15 / 36%	Sim = 24 / 57%
Não = NO	Não = 3 / 7%
Total / Porcentual	42 / 100%

(Fonte: Própria do autor).

Como se pode ver na tabela 28, o experimento foi realizado com 42 (quarenta e dois) juízes-ouvintes da fala paraibana e que estão inseridos em diferentes categorias sociais. Inicialmente, verifica-se que ocorre o predomínio de avaliadores do sexo feminino. Parece que isto está relacionado com a maior “recepção/aceitação” que essa categoria demonstrou em relação ao comportamento negativo de alguns falantes do sexo masculino.

Já, com relação à faixa etária, constata-se que os testes foram realizados por juízes-ouvintes adultos (33 avaliadores dessa faixa etária), seguidos por jovens (9 avaliadores) e nenhum idoso. Essa realidade está vinculada possivelmente ao fato de o instrumento ter sido realizado em uma plataforma digital, o que requer o uso de habilidades espontâneas e o domínio de ferramentas digitais.

No que diz respeito ao local de origem, ou permanência dos avaliadores, os resultados indicam que o instrumento foi realizado predominantemente por avaliadores oriundos da zona urbana, totalizando a soma de 37 (trinta e sete) avaliadores contra 5 (cinco) pertencentes à zona rural. Como a disponibilidade de ferramentas digitais se concentra mais nos centros urbanos, justifica-se a predominância dos urbanos.

Ao se considerar o tipo de profissão dos avaliadores, percebe-se que ocorreu a predominância de avaliadores pertencentes à categoria de professores, no total de 20 (vinte) avaliadores; seguida por profissionais de outras profissões: 12 (doze) avaliadores e, finalmente, vêm os estudantes com 10 (dez) participações.

Assim, de um lado, verifica-se que se deu a participação de um público bem específico que conhece aspectos da relação língua/sociedade e desse modo, pôde realizar avaliações e julgamentos bem precisos; e de outro lado, há a participação de outros juízes-ouvintes leigos, como recepcionistas, profissionais da saúde, vendedores autônomos, etc.

Finalmente, ao serem perguntados se se identificam com a fala paraibana, percebe-se que quase a totalidade dos avaliadores afirma que se identifica com a variedade falada na Paraíba, já que são 39 (trinta e nove) respostas favorecendo o sim contra apenas 3 (três) indicando o contrário. Três avaliadores do sexo feminino efetuaram avaliação negativa, sendo um professor e os outros dois de outras profissões. Isso indica claramente que a fala paraibana é avaliada positivamente, e isso tem repercussão sobre os usos sociais dessa variedade linguística.

Na próxima seção, serão descritos e analisados os achados obtidos da aplicação do experimento da avaliação, percepção e atitude linguísticas. Esses dados serão analisados seguindo a metodologia especificada no item 3.3.3, deste trabalho, que para fins de análise numérica, adotou-se uma escala semântica de sete pontos, sendo vinculado diretamente ao adjetivo mais positivo do par na escala o valor 7 (sete), e o 1(um) ao seu oposto, conforme assinalou Fasold (1996) para descrição e análise das escalas semânticas envolvendo cada variante examinada; e o valor de percentual simples⁶⁹ para as questões, do Instrumento, que não foram alvo de uso da escala semântica. Assim, o ponto favorecedor de avaliação positiva será a taxa igual ou superior 5.0, caso contrário, será entendido como índice desfavorecedor.

Por fim, registra-se que foram encontradas dificuldades para operar este Instrumento, sobretudo, no que se refere aos fatores alegados pelos juízes-ouvintes contatados, como por exemplo, localizar avaliadores que se dispunham em participar ativamente da pesquisa. Questões relacionadas ao tempo foram as mais ocorrentes. Muitos juízes-ouvintes alegaram que só participariam da pesquisa se tivessem “tempo.”

⁶⁹ Para tanto foram utilizadas as planilhas do Excel 2013 e as frequências das respostas foram tabuladas e convertidas em porcentagem.

6.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS VARIANTES EXAMINADAS

6.2.1 Descrição e análise da variante [ʎ]

Esta subseção é dedicada à variante [ʎ]. Para tanto, observe o quadro 14.

Quadro 14: Resultados da Escala Semântica da variante [ʎ]

Tipo de Escala	Tipo de fala semi-espontânea	Taxa Avaliativa
Feminino x Masculino	Fala masculina	6.97
	Fala feminina	6.95
Educado x Não Educado	Fala masculina	5.90
	Fala feminina	6.23
Escolarizado x Não Escolarizado	Fala masculina	6.0
	Fala feminina	5.88
Formal x Casual	Fala masculina	4.26
	Fala feminina	5.69

(Fonte: Própria do autor).

Com relação ao sexo, o quadro 14 sugere que o uso da variante [ʎ] não se mostrou distintivo: foi apontado que o uso dela independe do sexo do falante. Também, na análise quantitativa, o uso dessa forma linguística não indicou a predominância de informantes de um sexo sobre o outro. Porém, nos dados⁷⁰ coletados verifica-se que os informantes femininos produziram 443 (quatrocentos e quarenta e três) realizações de [ʎ], contra 451 (quatrocentos e cinquenta e uma) ocorrências na fala masculina, o que corresponde, respectivamente, a 82.3% e 79.5%; com ligeira vantagem percentual dos informantes femininos sob os masculinos.

Então, pergunta-se, o experimento não captou essas nuances? Reconhece-se que não. Essa aparente confusão será desfeita ao se analisarem as avaliações e percepções do Instrumento no item formal x casual, que fornecerá índices diferentes para a fala feminina e a fala masculina, pois, caso contrário, também, seriam semelhantes. Ainda mais, na análise multivariada fornecida pelo Goldvarb X, já se verificou que a variável sexo não foi selecionada como fonte de condicionamento do uso de [ʎ] na comunidade de fala observada.

Ao considerar a escala educado x não educado, os resultados indicam que a variante [ʎ] foi apontada predominantemente para falantes classificados como ‘educados’ em detrimento dos ‘não educados’. Os índices confirmam essa proposição: estão acima do ponto neutro aqui considerado. Geralmente, essa é a tendência dos estudos avaliativos e perceptuais:

⁷⁰ Ressalta-se que, contudo, a variável sexo não foi selecionada como fator condicionante para o uso da variante [ʎ]. Aqui, trazem-se apenas os percentuais de frequência simples para efeito de constatação do que foi afirmado.

associar o falar considerado de prestígio social com quem é avaliado/reconhecido como educado.

Já no que diz respeito à escala escolarizado x não escolarizado, verifica-se nos dados que, novamente, a frequência indica que o uso de [ʎ] está vinculado ao falante com maior nível de escolaridade. Esse achado está em conformidade com os resultados da análise quantitativa aqui empreendida: de acordo com a tabela 13, o índice de peso relativo de (0.57) para os informantes com + de 8 anos de escolaridade aponta que estes são os que mais tendem a usar [ʎ].

E, finalmente, para a escala formal x casual, pode-se constatar, na tabela 32, que o favorecimento da variante [ʎ] ocorre somente na fala feminina em detrimento da fala masculina. Assim, no contexto geral da fala, a fala de homens e mulheres é percebida e avaliada diferentemente. Esse achado, por sua vez, auxilia na explicação dos índices do primeiro item da escala semântica para a forma [ʎ].

O favorecimento da fala feminina está atrelado ao que classicamente se tem afirmado: a fala feminina tende a liderar o uso de variantes de maior prestígio social em oposição ao falar masculino. Além do mais, sobre a fala feminina, geralmente, recai uma série de avaliações e qualificativos positivos, como por exemplo: doce, afável, bonita, macia, etc., e não sobre o falar masculino. Essa realidade remete-se aos papéis sociais que ambos tradicionalmente desempenham.

Também, pode-se constatar que há, novamente, relação destes achados com os da tabela 14: para a qual, a fala monitorada, com peso relativo de (0.78), foi selecionada como condicionadora do uso da forma [ʎ] na comunidade de fala pesquisada. Neste sentido, os resultados indicam simetria entre o uso de [ʎ] e o estilo.

A tabela 29, a seguir, exhibe os resultados relacionados à faixa etária.

Tabela 29: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [ʎ]

Faixa Etária	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Adolescente	Fala masculina	1	2%
	Fala feminina	5	12%
Jovem (15 a 25 anos)	Fala masculina	19	45%
	Fala feminina	21	50%
Adulto (26 a 49 anos)	Fala masculina	22	52%
	Fala feminina	16	38%
Adulto (de 50 anos ou mais)	Fala masculina	NO	NO
	Fala feminina	NO	NO

(Fonte: Própria do autor).

De acordo com a tabela 29, considerando o valor de ocorrências e os percentuais, a variante [ʎ] não foi avaliada como forma linguística de informantes adolescentes e nem de adultos com 50 anos ou mais, nos dois estímulos de fala semi-espontânea avaliados, e sim, reconhecida como de jovens (a partir dos 15 anos) e adultos (até os 49 anos).

Esses achados contrariam, parcialmente, os resultados da análise quantitativa: uma vez que segundo a tabela 13, os informantes com mais de 50 anos de idade, com peso relativo de (0.57), são os que probabilisticamente tendem a usar mais a forma linguística [ʎ].

Assim, os dados resultantes de percepção ou avaliação podem estar revelando a tendência de sobre a qual os falantes mais jovens têm maior rede social, atualmente, acesso ao estudo e às novas tecnologias; e as exigências do mercado de trabalho estão mais direcionadas a essa parcela da sociedade: é a que estuda ou está à procura de trabalho formal.

A tabela 30, a seguir, apresenta os dados relacionados com a caracterização ou traços socioculturais dos que usam a forma [ʎ].

Tabela 30: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários de [ʎ]

Caracterização	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Amigável, confiante, familiar	Fala masculina	13	31%
	Fala feminina	21	50%
Professor(a), engenheiro(a), intelectual	Fala masculina	23	55%
	Fala feminina	18	43%
Trabalhador(a) braçal, camponês/rural, gari	Fala masculina	5	12%
	Fala feminina	NO	NO
Outros	Fala masculina	1(Agitada) ⁷¹	2%
	Fala feminina	3 (Responsável)	7%

(Fonte: Própria do autor).

Verifica-se que os resultados sugerem, em ambas as avaliações dos estímulos, que o uso de [ʎ] está relacionado com profissões de prestígio social, professor e engenheiro, ou com *status*, por exemplo, ser intelectual; também, se observa, é associado aos aspectos amigável, familiar e confiável, dimensões que sugerem uma relação de contato frequente, ou seja, nuances extremamente positivas. É tanto que um dos juízes-ouvintes indicou que o uso [ʎ] está relacionado com ser “responsável.” Assim, percebe-se que essa forma de falar recebe avaliação

⁷¹ Informa-se que os itens avaliativos, tanto presente nesta tabela, quanto nas tabelas 39, 44 e 49, especificamente, nas células denominadas de “Avaliações”, dizem respeito às avaliações que foram acrescentadas pelos juízes-ouvintes ao instrumento de avaliação, atitude e percepção.

positiva, evidenciada pelos qualificativos escolhidos que podem remeter à noção de falar como “belo, bonito, educado...”

A tabela 31, a seguir, descreve os resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [ʎ].

Tabela 31: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [ʎ]

Local de origem	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Nordeste	Fala masculina	21	50%
	Fala feminina	18	43%
De outra região	Fala masculina	6	14%
	Fala feminina	7	17%
Da zona rural	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	3	7%
Da zona urbana	Fala masculina	11	26%
	Fala feminina	14	33%

(Fonte: Própria do autor).

Segundo a tabela 31, os juízes-ouvintes territorializam o uso de [ʎ], em ambos estímulos, para região Nordeste e para zona urbana, em detrimento de zona rural e outras regiões, com baixíssimas avaliações. Assim, o local urbano se superpõe sobre o rural, aquele é, geralmente, associado à industrialização e a processos de urbanização, enquanto, que, neste, há certo isolamento social, mesmo nos dias atuais. Contudo, essa realidade nem sempre é consensual, já que o Nordeste – a região mais pobre da Federação – foi apontada, também, como lugar de privilégio para o uso de [ʎ].

Na próxima tabela, a 32, são descritos os resultados da percepção quanto ao uso de [ʎ].

Tabela 32: Percepção quanto ao uso de [ʎ]

Percepção	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Sim	Fala masculina	33	79%
	Fala feminina	32	76%
Não	Fala masculina	9	21%
	Fala feminina	10	24%

(Fonte: Própria do autor).

Como se pode ver na tabela 32, o experimento verificou que a variante [ʎ] é extremamente avaliada como positiva independentemente da realização do estímulo de fala semi-espontânea ser produzido por falante do sexo masculino ou do sexo feminino. Uma vez que é a variante canônica da língua, assim, a tendência natural é receber avaliações positivas e,

por parte do avaliador, desejar reproduzi-la. É também a forma linguística que recebe influência da escola. E, nesta área sabe-se que há certo controle da escola sobre os processos variáveis.

Esse achado está em sintonia com o que se propôs na figura 1, deste trabalho, ou seja, há um círculo permanente de práticas variacionistas nas comunidades de fala. Neste sentido, [ʎ] é uma variante de prestígio, tende a ser utilizada largamente, enquanto que suas variantes – [j, l, Ø] – constituem estereótipos, e, desse modo, tendem a ser evitadas.

Assim, os achados aqui descritos confirmam a hipótese de que os falantes-ouvintes têm certa habilidade e conhecimento acerca da avaliação e da percepção dos usos sociais da língua, preterindo uns em detrimento de outros, conforme atestam os estudos de Garrett, Coupland & Williams (2003, p.88). E, essa habilidade constitui processo de aferição afetiva e avaliativa.

A próxima subseção está reservada para descrição e análise dos aspectos atitudinais, perceptuais e avaliativos referentes à variante [l].

6.2.2 Descrição e análise da variante [l]

O quadro 15 exhibe as avaliações e percepções da escala semântica referente à variante [l].

Quadro 15: Resultados da Escala Semântica da variante [l]

Tipo de Escala	Tipo de fala semi- espontânea	Taxa Avaliativa
Feminino x Masculino	Fala masculina	6.95
	Fala feminina	6.80
Educado x Não Educado	Fala masculina	4.14
	Fala feminina	3.90
Escolarizado x Não Escolarizado	Fala masculina	6.26
	Fala feminina	6.26
Formal x Casual	Fala masculina	6.30
	Fala feminina	6.61

(Fonte: Própria do autor).

No quadro 15, com relação ao sexo dos informantes que usam a variante [l], mais uma vez as taxas indicam que não há diferenças quanto ao uso da variante em análise - [l]. Sendo assim, os avaliadores assinalaram que quanto ao sexo, informantes masculinos e femininos tendem a usá-la indistintamente. Porém, considerando resultados de análise quantitativa⁷², serão

⁷² Informa-se que também, para fins de análise comparativa, foram realizadas rodadas com o Goldvarb X com as três variantes de /ʎ/. Porém, aqui serão apresentados os percentuais das frequências obtidas, uma vez que essas rodadas desencadearam muitos e *KnockOut*, e assim, se tornou inviável a geração de pesos relativos.

os informantes do sexo feminino os que mais tendem a usar a variante [l] em detrimento dos informantes do sexo masculino: informantes femininos, com 45 (quarenta e cinco) realizações e os masculinos com 37 (trinta e sete), o que correspondem em termos percentuais, respectivamente, 8.4% e 6.5%, no universo total de 82(oitenta e duas) realizações dessa variante em todo o *corpus* analisado, ou, 7.4%.

Possivelmente, o favorecimento dessa variante ocorre pela variação dessa forma linguística se dar no item lexical mu[ʎ]er ~ mu[l]é. Neste sentido, assume-se que os resultados oriundos da abordagem de produção podem ser diferentes dos de percepção e avaliação linguística e, evidenciam a importância deles, de forma complementar. Os achados das outras duas variantes – [j, Ø] –, que posteriormente serão analisados, poderão confirmar essa proposição.

Já, com relação à escala educado x não educado, os resultados apontam que não há, na avaliação dos juízes-ouvintes, associação entre a variante desprestigiada [l] e falantes categorizados como “não educado”. As taxas avaliativas mostram que a variante [l], mesmo sendo de baixo prestígio, foi vinculada a informantes reconhecidos como ‘educados.’ Isso remete-se, ao perfil sociocultural e afetivo que geralmente é dispensado ao paraibano, tais como: gente boa, acolhedor, que compartilha, solidário, etc. Assim, assume-se que a dimensão subjetiva se superpõe à dimensão objetiva, ou seja, a consideração de aspectos socioculturais do falante se superpõe ao fato linguístico.

Porém, ao se verificarem as taxas relacionadas à escala escolarizado x não escolarizado, indicam que o uso de [l], por sua vez, está ligado aos falantes de baixo nível de escolaridade. Neste sentido, esses achados estão em plena sintonia com os resultados exibidos na tabela 13: ou seja, quanto mais escolarizado for o falante mais tende a usar a variante [ʎ] e não as formas alternativas [j, l, Ø], uma vez que informantes analfabetos ou de baixa escolaridade atingiram o percentual de 50 (cinquenta) ocorrências contra 32 (trinta e duas) dos que têm mais de 8 anos de escolaridade, respectivamente, 15.6% e 7.3%.

Com relação à escala formal x casual, os resultados encontrados mostram que o estilo casual é favorecedor de uso da forma [l] em oposição ao estilo monitorado, independentemente do tipo de estímulo de fala avaliado. Assim, há simetria com os achados descritos na tabela 15: fala monitorada com uso preferencial da variante [ʎ] e fala casual das variantes desprestigiadas - [j, l, Ø]. Esses resultados levam-se a pensar no que propõe Clopper (2010), para quem o reconhecimento de diferenças dialetais está ligado a estereótipos e representações que histórica e culturalmente são disseminados nas comunidades de fala, levando o falante a categorizar os usos linguísticos conforme for o estilo.

Ainda, considerando a análise quantitativa, com rodada específica para essa variante, observa-se que, a variante [l] ocorreu 57 (cinquenta e sete) vezes, no estilo casual, enquanto, que, no estilo monitorado 25 (vinte e cinco) realizações foram constatadas, respectivamente, 8.8% e 5.5%. Ao tomar os estilos-contextos menos formais, nas entrevistas sociolinguísticas, a presença da forma [l] foi assim verificada no *corpus*: estilos narrativos: 32 (trinta e duas) realizações, o que corresponde a 3.1% e, 14 (quatorze) dados no contexto que trata da infância, ou seja, 8.6%. Os dados acima mostram que é uma variante que parece ser desprestigiada socialmente.

A seguir, a tabela 33 exibe os resultados relacionados à variante [l] e à faixa etária dos informantes.

Tabela 33: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [l]

Faixa Etária	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Adolescente	Fala masculina	NO	NO
	Fala feminina	7	17%
Jovem (15 a 25 anos)	Fala masculina	12	29%
	Fala feminina	22	52%
Adulto (26 a 49 anos)	Fala masculina	26	62%
	Fala feminina	12	29%
Adulto (de 50 anos ou mais)	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	1	2%

(Fonte: Própria do autor).

Verifica-se que, de acordo com a tabela 33, os juízes-ouvintes quanto ao uso de [l] descartam os adolescentes e adultos (com mais de 50 anos) em detrimento dos informantes jovens (a partir dos 15 anos) e adultos (até 49 anos). Esses achados estão em sintonia com os que foram descritos na tabela 14: quanto mais idoso for o falante, maior a tendência de usar [ʌ], e assim, jovens e adultos outros lideram, em termos percentuais, o uso de [l].

Considerando a rodada específica para essa variante, o Goldvarb X contabilizou: para jovens e adultos, 59 (cinquenta e nove) dados, e para os mais idosos, 23 (vinte e três) ocorrências, respectivamente, 16.4% e 6.2%. Neste sentido, há simetria entre os dados de produção e os de percepção/avaliação linguísticas.

A seguir, a tabela 34 exibe os resultados relacionados à caracterização e aos traços socioculturais dos falantes da variante [l].

Tabela 34: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários de [l]

Caracterização	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Amigável, confiante, familiar	Fala masculina	11	26%
	Fala feminina	19	45%
Professor(a), engenheiro(a), intelectual	Fala masculina	NO	NO
	Fala feminina	1	2%
Trabalhador(a) braçal, camponês/rural, gari	Fala masculina	27	64%
	Fala feminina	15	36%
Outros	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	7 (Boa)	17%

(Fonte: Própria do autor).

Os resultados descritos na tabela 34 sugerem que a variante [l] é associada ao falar “agradável, confiável e familiar” e ao “trabalhador(a) braçal, gari ou camponês/rural.” Contudo, para as avaliações do estímulo masculino de fala semi-espontânea foram apontadas maiores taxas de que para o estímulo de fala feminina, como sendo caracterizado como um falar próprio de profissão de baixo prestígio social; no estímulo de fala feminina, por outro lado, as taxas de avaliações recaíram sobre as categorias “amigável, confiável, familiar”: assim, esse falar tende a ser reproduzido, enquanto que o outro não.

Entende-se que essa realidade corrobora e fortalece a tese de que há distinção entre a fala masculina e a fala feminina, uma vez que tomaram, neste quesito de avaliação, direções diferentes: falar masculino, desse modo, tende a ser evitado, julgado, como negativo; enquanto, que o falar feminino, por hipótese, tende a ser copiado, reproduzido.

A próxima tabela, a 35, exhibe os achados que assinalam o local de origem ou de permanência de quem fala a variante [l].

Tabela 35: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [l]

Local de origem	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Nordeste	Fala masculina	22	52%
	Fala feminina	21	50%
De outra região	Fala masculina	2	5%
	Fala feminina	2	5%
Da zona rural	Fala masculina	17	40%
	Fala feminina	18	43%
Da zona urbana	Fala masculina	1	2%
	Fala feminina	1	2%

(Fonte: Própria do autor).

Como pode ser visto na tabela 35, o experimento indica que as taxas de avaliações de uso de [l] está associado ao Nordeste e à zona rural. Neste sentido, pode-se assumir que é uma

variante avaliada negativamente, uma vez que o *status* que tem o falante, também, é atribuído ao local de sua origem, e vice-versa. Essa proposição torna-se aceitável quando se constata que as avaliações se deram, de forma semelhante, nas avaliações dos dois estímulos de fala semi-espontânea simultaneamente, caso contrário, poderiam ter direções e taxas avaliativas diferentes.

A tabela 36, a seguir, descreve os dados encontrados com relação à taxa de percepção de uso da variante [l].

Tabela 36: Percepção quanto ao uso de [l]

Percepção	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Sim	Fala masculina	3	7%
	Fala feminina	5	12%
Não	Fala masculina	39	93%
	Fala feminina	37	88%

(Fonte: Própria do autor).

As taxas avaliativas e os percentuais da tabela 36 sugerem, claramente, que a variante [l] tende a ser evitada ou não reproduzida, sobretudo, porque são valores numéricos altos ao se relacionarem as taxas atribuídas aos termos Sim ou Não. É tanto que 2 (dois) avaliadores afirmaram que até falariam essa forma linguística, porém, especificaram: “às vezes ou casualmente.”

Ainda, nas avaliações resultantes do estímulo de fala feminino, dos 37 (trinta e sete) avaliadores que assinalaram a opção Não, também, especificaram que falariam com “o dígrafo lh” ou indicaram o vocábulo “mulher”; já no estímulo masculino, dos 39 (trinta e nove) que escolheram a alternativa Não, 7 (sete) juízes-ouvintes registraram que falariam com “lh” ou com o item “mulher.” Esses resultados indicam a percepção linguística desses avaliadores quanto ao processo variável em discussão.

A subseção seguir abordará os aspectos relacionados à variante [j].

6.2.3 Descrição e análise da variante [j]

O quadro 16 exibe os resultados da avaliação e percepção da variante [j] pelos juízes-ouvintes.

Quadro 16: Resultados da Escala Semântica da variante [j]

Tipo de Escala	Tipo de estímulo fala semi-espontânea	Taxa Avaliativa
Feminino x Masculino	Fala masculina	6.97
	Fala feminina	6.85
Educado x Não Educado	Fala masculina	3.40
	Fala feminina	2.66
Escolarizado x Não Escolarizado	Fala masculina	5.61
	Fala feminina	5.35
Formal x Casual	Fala masculina	5.95
	Fala feminina	6.04

(Fonte: Própria do autor).

O quadro 16 apresenta taxas altíssimas, que, mais uma vez, evidenciam que o uso de [j] é associado tanto ao sexo feminino quanto ao sexo masculino, respectivamente, com taxas avaliativas expressas pelos números 6.85 e 6.97.

Com relação aos informantes masculinos, os resultados exibidos na tabela 40 eram os esperados teórica e metodologicamente, uma vez que classicamente os estudos variacionistas indicam que os falantes do sexo masculino tendem a usar as formas linguísticas desprestigiadas, enquanto que os do sexo feminino tendem ao contrário.

Neste sentido, ao se verificarem os dados de frequência da variante [j], constata-se que os informantes femininos produziram 28 (vinte e oito) realizações dessa variante e, os informantes masculinos 62 (sessenta e duas) ocorrências, o que correspondem em termos percentuais, respectivamente, a 5.2% e 10.9%. Assim, está em conformidade com o que se discutiu na tabela 10, deste trabalho.

Ao considerar a escala educado x não educado, novamente, percebe-se que as taxas descritas no quadro 16 revelam que não ocorre associação entre a variante desprestigiada [j] e a característica ou traço do falante ser “não educado.” Assim, parece que os juízes-ouvintes reconhecem que o falante pode ser educado sem necessariamente deixar de usar as formas linguísticas desprestigiadas. Como se reportou na subseção anterior, de um lado, reconhece-se que esse achado remete às características socioculturais do paraibano, tais como: cortês, afável, acolhedor..., mesmo que seja usuário de um falar sem *status* social; e, do outro lado, passa-se a

admitir que as pesquisas linguísticas sobre os aspectos atitudinais, avaliativos e perceptuais lançam luzes sobre questões até então desconhecidas.

Já, no que diz respeito aos aspectos da escala escolarizado x não escolarizado, verifica-se que os resultados apontam que a variante [j] é vinculada aos falantes de baixo nível de escolaridade, tanto na avaliação do estímulo de fala semi-espontânea masculina quanto no estímulo feminino. Esses achados estão em sintonia com os dados da análise quantitativa: analfabetos e informantes de baixa escolaridade atingiram o percentual de 17.6%, o que corresponde ao total de 64 (sessenta e quatro) realizações da forma linguística [j] no *corpus* examinado, enquanto, que, os que têm mais de 8 (oito) anos de escolaridade realizaram 26 (vinte e seis) vezes essa variante, ou seja, 5.9%.

E, por fim, ao se considerarem os índices relativos à escala formal x casual, os dados sugerem a tendência da variante [j] ser preferencialmente usada em contextos informais da comunicação. Neste sentido, verifica-se, também, que esses achados estão em harmonia com a análise quantitativa: no contexto casual, a variante [j] atingiu o percentual de 9.1% e, no mais monitorado, o valor de 6.8%, totalizando, respectivamente, 59 (cinquenta e nove) e 31 (trinta e uma) ocorrências no *corpus* em estudo.

Além disso, tomando, especificamente, os estilos-contextos das entrevistas sociolinguísticas examinadas, constata-se que são os contextos considerados favorecedores da emergência de formas linguísticas desprestigiadas que a variante [j] foi mais realizada: narrativos e tópicos de infância, com 40 (quarenta) realizações, ou seja, 13.7%. Assim, de um lado, enquadra-se na perspectiva laboviana de estilo como componente de “atenção à fala”, e, por outro lado, admite-se explicitamente que a variante [j] constitui uso para estilo menos monitorado.

A seguir, a tabela 37 descreve os resultados relacionados à variante [j] e à faixa etária dos informantes.

Tabela 37: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [j]

Faixa Etária	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Adolescente	Fala masculina	3	7%
	Fala feminina	1	2%
Jovem (15 a 25 anos)	Fala masculina	5	12%
	Fala feminina	29	69%
Adulto (26 a 49 anos)	Fala masculina	30	71%
	Fala feminina	10	24%
Adulto (de 50 anos ou mais)	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	2	5%

(Fonte: Própria do autor).

De acordo com tabela 37, as taxas de avaliações e seus percentuais indicam que a variante [j] é avaliada e reconhecida, no estímulo de fala semi-espontânea feminino, como forma linguística própria de jovem (15 a 25 anos), enquanto, que, no estímulo de fala semi-espontânea masculina, foram indicados os adultos (26-49 anos). Neste sentido, esses achados estão de acordo com os resultados encontrados durante a análise quantitativa para essa variante: jovens e adultos produziram 53 (cinquenta e três) ocorrências de [j], e os informantes mais idosos, de + mais de 50 anos, atingiram a marca de 37 (trinta e sete) realizações, respectivamente, totalizaram o percentual de 14.9% e 7.3%.

Porém, assume-se que essa realidade diz respeito ao uso em estilos-contextos menos formais, já que essa faixa etária da população, geralmente, é a parcela que está estudando e/ou inserida no mercado de trabalho, e desse modo, sofre os efeitos por ele impostos; sobretudo, a escola, que, tradicionalmente, tem servido como gatilho no controle dos processos e fenômenos variáveis.

A seguir, a tabela 38 apresenta os dados relativos aos aspectos característicos de personalidade que são atribuídos aos falantes da variante [j].

Tabela 38: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários de [j]

Caracterização	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Amigável, confiante, familiar	Fala masculina	6	14%
	Fala feminina	13	31%
Professor(a), engenheiro(a), intelectual	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	4	10%
Trabalhador(a) braçal, camponês/rural, gari	Fala masculina	31	74%
	Fala feminina	23	55%
Outros	Fala masculina	1 (Rude)	2%
	Fala feminina	2 (Esforçada)	5%

(Fonte: Própria do autor).

Como se pode verificar na tabela 38, o experimento indicou que os avaliadores associam o uso de [j] à duas direções, não necessariamente opostas: a primeira, de que é um falar “amigável, confiante e familiar”, ou seja, aspectos que remetem ao estreito convívio de falantes entre si, assim, falante e variante são percebidos de forma positiva; a segunda, por sua vez, diz que essa forma alternativa de se falar é própria de profissionais de baixo *status* social,

de estigma e preconceitos sociais: trabalhadores braçais, garis e camponeses/rurais. Neste sentido, a avaliação e percepção se estendem não só ao falar, mas, sobretudo, a quem fala.

Esse processo, como já assinalado anteriormente, neste trabalho, é composto de dimensão objetiva, ao se tomar o fato linguístico propriamente dito e, da dimensão subjetiva, ao se considerar o falante. Os achados até aqui descritos e analisados dão respaldo a essa proposição.

Assim, dialetalmente falando, a variante [j] é própria de falantes que exercem atividades socioeconômicas braçais. Esse falar é tanto rejeitado que um dos juízes-ouvintes acrescentou à sua avaliação que é um falar “rude”. E quanto significado há nessa “expressão”.

A próxima tabela, a 39, apresenta os dados colhidos acerca das avaliações e percepções que o juízes-ouvintes manifestam quanto ao lugar de origem do falante da forma linguística [j].

Tabela 39: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [j]

Local de origem	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Nordeste	Fala masculina	15	36%
	Fala feminina	13	31%
De outra região	Fala masculina	2	5%
	Fala feminina	4	10%
Da zona rural	Fala masculina	21	50%
	Fala feminina	22	52%
Da zona urbana	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	3	7%

(Fonte: Própria do autor).

Verifica-se, na tabela 39, que os índices contabilizados, indicam, mais uma vez, que os avaliadores sincronizam e associam a variante [j] simultaneamente ao Nordeste do Brasil e à zona rural. Ela poderia ser da zona rural e não necessariamente do Nordeste brasileiro e vice-versa, ou seguir outras dimensões fornecidas pelo Instrumento, mas não, a variante [j] foi territorializada especificamente ao Nordeste/zona rural: assim, uma forma linguística de baixo prestígio social vinculada à uma região também de baixo *status* político e econômico no cenário nacional.

Além do mais, percebe-se que essas avaliações são oriundas tanto do estímulo de fala semi-espontânea feminino quanto do estímulo masculino, o que, torna as avaliações mais consistentes.

Na esteira dessa discussão, os juízes-ouvintes participantes desse experimento só confirmam o que uma série de estudos linguísticos já registram quanto à indicação de diferenciação entre o falar do Nordeste e de outras regiões brasileiras, como o Sul, por exemplo

(SCHERRE, 2004; ALVES, 2009; HORA, 2011), ou à descrição e análise empreendida em todo o Capítulo V, e especificamente, nos resultados dos Quadro 9 e 11, por exemplo, evidenciando que há nos falantes-ouvintes uma consciência metalinguística acessada para avaliações e percepções de processos linguísticos.

E, finalmente, nesta subseção, tem-se a tabela 40 que exibirá os resultados relativos à percepção e avaliação da variante [j].

Tabela 40: Percepção quanto ao uso de [j]

Percepção	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Sim	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	8	19%
Não	Fala masculina	38	90%
	Fala feminina	34	81%

(Fonte: Própria do autor).

As taxas avaliativas da tabela 40 confirmam o que se especificou anteriormente: a forma [j] constitui uma variante de baixo prestígio social e de falantes que exercem a profissão de serviço braçal (garis e camponeses, por exemplo); e, mesmo que seja considerada como uma forma “amigável, confiável e familiar” de se falar, que, é própria do Nordeste brasileiro e de zonas rurais, tende a ser evitada, pois é avaliada e percebida negativamente.

Reconhece-se que essa postura relacionada à variante [j], pode estar vinculada ao fato de que seu uso pode gerar sanção e desconforto social para quem for seu usuário, porque seu uso não está de acordo com a forma canônica associada à descrição fonológica padrão do PB.

Ainda, com relação aos avaliadores, percebe-se que dos 38 (trinta e oito), no estímulo de fala semi-espontânea masculina, que assinalaram a opção Não, 8 (oito) juízes-ouvintes especificaram que falariam com “lh, a forma correta” ou, ainda, com item “trabalha”; por outro lado, no estímulo feminino, dos 34 (trinta e quatro) avaliadores que preferiram a escolha Não, também, 8 (oito) deles indicaram claramente que falariam com “lh” ou com “o vocábulo trabalha.”

A subseção seguinte está destinada à descrição e análise dos aspectos avaliativos e perceptuais relacionados à variante [Ø], como na realização de fi/ʎ/a ~ fi[Ø]a.

6.2.4 Descrição e análise da variante [Ø]

O quadro 17 sumariza os resultados à variante [Ø].

Quadro 17: Resultados da Escala Semântica da variante [Ø]

Tipo de Escala	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Taxa Avaliativa
Feminino x Masculino	Fala masculina	6.85
	Fala feminina	6.97
Educado x Não Educado	Fala masculina	4.28
	Fala feminina	4.16
Escolarizado x Não Escolarizado	Fala masculina	6.16
	Fala feminina	6.16
Formal x Casual	Fala masculina	6.33
	Fala feminina	6.45

(Fonte: Própria do autor).

As taxas avaliativas exibidas no quadro 17, sugerem que não há diferenças entre o uso de [Ø] quanto ao sexo dos informantes, pelo contrário, são favorecedores. Assim, é uma variante que pode ser associada por qualquer falante da variedade paraibana independentemente do sexo.

Contudo, os dados oriundos da abordagem quantitativa indicam um leve favorecimento de uso dessa forma linguística pelos informantes do sexo feminino: 22 (vinte e duas) ocorrências para os falantes femininos e 17 (dezessete) realizações para os falantes do sexo masculino, o que corresponde em termos percentuais, respectivamente, a 4.1% e 3.0%, no universo das 39 (trinta e nove) ocorrências de [Ø] no *corpus* investigado, ou seja, ao montante de 3.5% em relação às outras variantes encontradas.

Assim, teórica e metodologicamente esses não eram os resultados esperados, por hipótese de trabalho; pensava-se que essa variante tanto fosse mais frequente na fala dos informantes masculinos quanto no Instrumento fosse atribuídos a escala de maiores taxas de avaliação e percepção.

Já, com relação à escala educado x não educado, os percentuais avaliativos sinalizam que a variante [Ø] é associada aos falantes considerados “educados” e não aos “não educados”, como se esperava por proposição de investigações linguísticas que abordam temáticas referentes aos aspectos atitudinais, avaliativos e perceptuais.

Novamente, reconhece-se que para os avaliadores do experimento em discussão ser educado não remete necessariamente a fazer uso da forma linguística considerada de maior prestígio – [Λ], mas, sim, a aspectos afetivos e culturais que formam a identificação

sociocultural do paraibano em relação a outros falantes, tais como: hospitalidade, cortesia, afabilidade, dentre outros.

Assim, conclui-se que dados de percepção e os de quantificação/produção podem ser diferentes e revelar diversas nuances e dimensões do uso social de uma variedade linguística pesquisada. Neste sentido, esses achados associados aos já descritos e analisados, com relação às variantes [l, j], demonstram a importância e relevância dos estudos perceptuais e avaliativos acerca dos usos sociais da língua. Esses dados são substanciosos porque se tem avaliação de fala semi-espontânea produzida por falantes paraibanos e avaliada exclusivamente por juízes-ouvintes que também são paraibanos.

Por sua vez, as taxas avaliativas relacionadas à escala educado x não educado, de acordo com o quadro 16, demonstram que o uso da variante [Ø] é diretamente vinculado aos falantes de baixa escolaridade. Desse modo, verifica-se que há certa relação entre esses resultados e aqueles encontrados na análise quantitativa realizada com auxílio do Goldvarb X: uma vez que, informantes analfabetos e/ou com baixa escolaridade tendem a usar mais a variante [Ø], com o total de 30 (trinta) ocorrências dessa variante, ou seja, 9.3%, enquanto, que, os falantes com mais de 8 anos de escolaridade atingiram a soma de 9 (nove) realizações, o que corresponde a 2.3% em todo o *corpus*.

Ainda, nessa direção, constata-se que esses resultados estão em sintonia com os achados descritos e analisados na tabela 13, ao apontar que os falantes com baixa escolaridade em relação aos que têm maior grau de escolaridade tendem a usar as variantes desprestigiadas de /ʎ/.

E, no que diz respeito à última escala, formal x casual, as taxas são favorecedoras ao uso da forma [Ø] em contextos comunicativos menos formais. Neste sentido, estão em harmonia com os resultados descritos e analisados na tabela 15: ao indicar que o uso de /ʎ/ é favorecido na fala considerada monitorada, em detrimento de suas variantes que são favorecidas no estilo casual.

Além do mais, ao se especificar o uso [Ø] por estilos-contextos que formam a entrevista sociolinguística, tomando como valor de aplicação essa variante, no Goldvarb X obtêm-se os seguintes dados: no estilo casual, foram contabilizadas 26 (vinte e seis) ocorrências, ou seja, 4.3% e, já, no estilo de maior audiomonitoramento dos falantes, atingiu o total de 13 (treze) realizações, o que corresponde a 2.5% em todo o *corpus*. Estas realizações foram detectadas nos tópicos de estilos-contextos narrativos, especificamente, 10 (dez) ocorrências no contexto que se abordavam aspectos da infância do informante, com 8 (oito) realizações de [Ø], ou seja, 4.5%, por exemplo.

A seguir a tabela 41 sumariza os resultados relativos à faixa etária dos informantes avaliados para o uso de [Ø].

Tabela 41: Resultados das avaliações e percepções relacionados à faixa etária dos informantes e à variante [Ø]

Faixa Etária	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Adolescente	Fala masculina	2	5%
	Fala feminina	3	7%
Jovem (15 a 25 anos)	Fala masculina	4	10%
	Fala feminina	22	52%
Adulto (26 a 49 anos)	Fala masculina	33	79%
	Fala feminina	16	38%
Adulto (de 50 anos ou mais)	Fala masculina	3	7%
	Fala feminina	1	2%

(Fonte: Própria do autor).

De acordo com a tabela 41, os percentuais indicam que o uso de [Ø] é favorecido na faixa etária dos jovens (15 a 25 anos), somente nos resultados oriundos das avaliações do estímulo de fala semi-espontânea feminino; e, também, na faixa etária dos adultos (26 a 49 anos), pelas avaliações resultantes dos dois tipos de estímulos. Desse modo, os avaliadores descartam do uso de [Ø] os informantes adolescentes e mais idosos, que receberam baixíssimos índices de avaliação.

Essas avaliações estão em sintonia com os resultados exibidos na tabela 13, a qual destaca que o uso de /ʎ/ é mais frequente na faixa etária dos informantes mais idosos (Adultos com + de 50 anos) em detrimento dos mais jovens e adultos (26-49 anos) que priorizam, em termos de frequência, o uso das formas desprestigiadas desse segmento.

Porém, ao se rodarem os dados de /ʎ/ no Goldvarb X, tomando como referência de valor a aplicação da variante [Ø], constata-se que: jovens e adultos realizaram 10 (dez) ocorrências de [Ø], ou seja, 2.8%, enquanto, que, os falantes mais idosos atingiram o percentual de 5.7%, totalizando 25 (vinte e cinco) realizações dessa variante.

Contudo, nos resultados oriundos das avaliações e percepções do estímulo de fala semi-espontânea feminino, os juízes-ouvintes apontam que a variante [Ø] é própria de fala juvenil, atingindo o total de 22 (vinte e duas) avaliações, confirmando, assim, o que classicamente se tem defendido: os jovens lideram o uso de formas linguísticas desprestigiadas socialmente.

Assim, assume-se que esse comportamento é algo inerente ao jovem: maior dinamicidade, rebeldia, fugir daquilo que tradicional e culturalmente são estabelecidos como

normas a serem seguidas. Sendo o uso da língua um tipo de comportamento social, esses achados seguem a tendência natural.

A seguir, a tabela 42 exibe os resultados vinculados à caracterização e aos traços socioculturais dos falantes da variante [Ø].

Tabela 42: Resultados relacionados com a caracterização e traços dos usuários da variante [Ø]

Caracterização	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Amigável, confiante, familiar	Fala masculina	11	26%
	Fala feminina	21	50%
Professor(a), engenheiro(a), intelectual	Fala masculina	2	5%
	Fala feminina	NO	NO
Trabalhador(a) braçal, camponês/rural, gari	Fala masculina	23	55%
	Fala feminina	19	45%
Outros	Fala masculina	6 (Legal)	14%
	Fala feminina	2 (Legal)	5%

(Fonte: Própria do autor).

Ao se observar a tabela 42, de acordo com os avaliadores, o uso de [Ø] foi vinculado ao falante que compartilha os traços “familiar, agradável e confiante”, de um lado; já, do outro lado, foi, também, associado aos profissionais que desempenham atividades econômicas de baixo prestígio social, como por exemplo, garis e camponeses. Essa realidade é verificada tanto no estímulo de fala masculina quanto no estímulo de fala feminina.

Essa realidade avaliativa e perceptiva também já foi verificada quanto às variantes [l, j]. Assim, pode-se assumir que as formas linguísticas desprestigiadas são reconhecidas, avaliadas e percebidas como próprias de falantes que mantêm laços permanentes de convívio e relação de bem-estar entre si. Neste sentido, tomando como apoio esses achados, assume-se que não há problema em associar o falante dessas características com a prática de profissões de baixo *status* social ou vice-versa.

Na próxima tabela, a 43, apresentam-se os resultados relacionados ao local de origem do falante da variante [Ø].

Tabela 43: Resultados relacionados à origem do falante quanto ao uso de [Ø]

Local de origem	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Nordeste	Fala masculina	20	48%
	Fala feminina	18	43%
De outra região	Fala masculina	1	2%
	Fala feminina	NO	NO
Da zona rural	Fala masculina	20	48%
	Fala feminina	23	55%
Da zona urbana	Fala masculina	1	2%
	Fala feminina	1	2%

(Fonte: Própria do autor).

Como se observa na tabela 43, os avaliadores sincronizam o uso de [Ø] a falantes oriundos simultaneamente da zona rural e do Nordeste brasileiro. Assim, variante linguística desprestigiada é associada com lugares que também são desprestigiados socialmente, apontando, desse modo, que o *status* que tem a variante linguística também tem seu falante.

Assume-se que esses resultados demonstram a capacidade do falante-ouvinte de territorializar determinados falares a regiões ou locais específicos, sobretudo, considerando a díade: local prestigioso, variante linguística de prestígio; local desprestigioso, variante desprestigiada. Daí a importância de se verificarem as reações subjetivas dos informantes quanto aos usos da língua, uma vez que evidenciam como uma variedade linguística é avaliada, positiva ou negativamente.

E, por fim, tem-se a tabela 44, nela serão demonstrados os resultados referentes à avaliação e percepção de [Ø] quanto ao seu uso.

Tabela 44: Percepção quanto ao uso de [Ø]

Percepção	Tipo de estímulo de fala semi-espontânea	Avaliações	Percentual
Sim	Fala masculina	6	14%
	Fala feminina	5	12%
Não	Fala masculina	36	86%
	Fala feminina	37	88%

(Fonte: Própria do autor).

De acordo com a tabela 44, os achados indicam altíssima rejeição à variante [Ø], independentemente de as avaliações terem sido produzidas nos estímulos de fala masculina ou feminina, confirmando, desse modo, o que se vem discutindo neste capítulo, a variante [Ø] juntamente com as outras variantes – [l, j] – são variantes linguísticas desprestigiadas e seus usuários, também, são avaliados negativamente.

Contudo, 2 (dois) juízes-ouvintes assinalaram que falariam a variante [Ø], porém, especificaram que “às vezes ou casualmente.” Entende-se que essa especificação demonstra o nível de consciência linguística que há nos falantes-ouvintes acerca dos usos sociais da língua, ao ponto de mencionarem o contexto específico de uso dessa variante.

Já, com relação aos que assinalaram a opção Não, no estímulo de fala semi-espontânea masculina, dos 36 (trinta e seis) avaliadores 7 (sete) indicam que falariam com “lh” ou com o item “filha”; e, no estímulo de fala semi-espontânea feminina, dos 37 (trinta e sete) que também escolheram a alternativa Não 7 (sete) avaliadores indicaram que falariam com o dígrafo “lh” ou com o vocábulo “filha.”

Na próxima seção, volta-se a discutir os resultados a partir da visão de conjunto dos dados coletados e se propõe uma escala gradacional de aceitação quanto ao uso das variantes em análise.

6.3 ANÁLISE GERAL DOS DADOS E PROPOSIÇÃO DA ESCALA GRADACIONAL DE ACEITAÇÃO (EGA)

6.3.1 Discussão Geral dos Resultados

Com relação à variante [ʌ], os resultados obtidos permitem afirmar que as reações subjetivas coletadas indicam que seu uso se dá independentemente do sexo do falante, o que contraria inicialmente nossa hipótese de trabalho, uma vez que esperava-se que os correlatos expressos no Instrumento favorecessem o seu uso por parte dos falantes do sexo feminino em detrimento dos falantes do sexo masculino. Também, foi associada ao falante educado e escolarizado. E nas avaliações, oriundas do estímulo de fala semi-espontânea feminina, foi reconhecida como forma linguística para uso no contexto formal, contrariamente ao que se verificou nas avaliações resultantes do estímulo de fala masculina.

Entende-se que esse achado pode estar indicando que há nos falantes a predisposição de alterar seu estilo de fala conforme for o contexto imediato de comunicação, em consonância com a atenção que é dada à fala. Portanto, a partir dos resultados envolvendo sexo x estilo, pode-se acrescentar: também, conforme forem os traços socioculturais dos falantes. Assim, se for do sexo feminino, haverá maior tendência de uso de [ʌ]; e quando for do sexo masculino, pode-se ocorrer o contrário. Essa tendência é corroborada pelos índices, referentes, respectivamente, aos falantes do sexo feminino e masculino, 82.3% e 79.5% que usaram a forma [ʌ].

Ainda, constata-se que [ʎ] é uma variante linguística relacionada aos jovens (a partir dos 15 anos) e adultos (até 49 anos). Possivelmente, porque esses falantes tendem, se comparados com informantes adolescentes e idosos, a ser associados com representações sociais mais positivas do que aqueles, como por exemplo, definição de trabalho/profissão, estudos universitários em andamento e/ou conclusos, etc., ou seja, à estabilidade social.

As reações subjetivas analisadas apontam que [ʎ] é predominantemente uma forma linguística vinculada aos aspectos amigável, confiável e familiar de quem fala ou, com falantes que exercem profissão de prestígio social, professores e engenheiros, por exemplo. Daí ter verificado nos dados, também, altíssimos percentuais exibidos quanto a possível reprodução dessa forma linguística.

Quanto à região de fala da forma [ʎ], pode até ser o Nordeste, contudo em áreas urbanas. Posteriormente, ao comparar os resultados dessa variante com as demais, pode-se chegar a dois distintos padrões de variação sociodialetoal. Neste sentido, a avaliação social tornar-se um processo consciente, resultante da capacidade cognitiva do juiz-ouvinte, como também, de valores sociais (CLOPPER & PISONI, 2005).

Desse modo, pode-se assumir que [ʎ] é mais saliente, mais perceptual e, conseqüentemente, foi mais preservada na fala dos informantes do *corpus* examinado.

Já, quanto às variantes [l, j, Ø], os correlatos subjetivos indicam, também, que as três variantes são associadas aos falantes paraibanos independentemente do sexo. Mesmo assim, esse achado está em sintonia com os estudos quantitativos que apontam a presença dessas formas linguísticas na comunidade de fala observada, ou seja, são variantes que constituem norma sociolinguística nessa comunidade.

Os resultados, também, sugerem que as variantes [l, j, Ø] são associadas aos falantes educados e não aos não educados. Neste ponto, esses achados são inéditos e, ao mesmo tempo, reveladores, porque classicamente os estudos de natureza avaliativa e perceptual tendem a associar o uso de forma linguística desprestigiada com falantes categorizados como ‘não educados’ e este estudo vai na contramão dessa tese. Atribui-se essa mudança ao perfil sociocultural do próprio paraibano.

Assim, de acordo com os resultados alcançados, é possível propor o quadro 18 que apresenta de forma sumariada e comparativa os resultados envolvendo as quatro variantes linguísticas analisadas.

Quadro 18: Quadro comparativo entre os resultados das variantes de /ʎ/

Variantes	
[ʎ]	[l, j, Ø]
Associada a falantes de qualquer sexo.	Também, foram associadas a falantes independentemente do sexo.
Reconhecida como de informantes educados, escolarizados e para uso em ambiente formal; porém, quando foi realizada no Instrumento por um falante masculino, foi associada ao uso casual.	Reconhecidas como de informantes educados, contudo, não escolarizados e para uso em contexto casual.
Relacionada a informantes jovens e adultos.	Também, foram relacionadas a informantes jovens e adultos.
Vinculada ao falar caracterizado como amigável, familiar e confiante.	Vinculadas, também, ao falar caracterizado como amigável, familiar e confiante.
Territorializada ao falante do Nordeste urbano.	Territorializadas ao falante do Nordeste, porém, à zona rural.
Avaliada como forma de uso realizado por profissionais que exercem trabalhos de prestígio social, como por exemplo, engenheiros e professores.	Avaliadas como forma de uso feito por profissionais que exercem atividades econômicas de baixo prestígio social, como, garis e camponeses.
Indicada como forma linguística que seria reproduzida pelos juízes-ouvintes.	Constituem formas linguísticas que não seriam reproduzidas pelos juízes-ouvintes.

(Fonte: Próprio do autor).

Quanto à metodologia, reconhece-se que foi acertada a opção de realizar o experimento aqui testado com apenas falantes paraibanos, seja na produção (dados quantitativos e estímulos de fala) ou durante a realização do teste, com variantes linguísticas já atestadas na fala da Paraíba (ARAGÃO, 1997; FREIRE, 2011); caso contrário, os resultados poderiam ter sido diferentes e não haveria a possibilidade de relacioná-los diretamente. É tanto que quase a totalidade dos juízes-ouvintes, 39 (trinta e nove) assinalaram positivamente ao serem perguntados sobre sua identificação com o falar paraibano.

A partir das respostas dos avaliadores, considerando as variantes [l, j, Ø], é possível afirmar que o uso dessas variantes está relacionado diretamente ao falante paraibano de baixa escolaridade e para uso exclusivo em contextos comunicativos menos monitorados (informais). Assim, tomando o conjunto dos achados, é possível polarizar o uso de [ʎ] x [l, j, Ø]. E esses resultados são confirmados, quando se analisa o local de fala, como se verá logo em seguida.

Os dados coletados, também, indicam que essas três variantes são produções linguísticas próprias de informantes jovens (15-26 anos) e adultos (até 49 anos), o que confirma a tendência clássica em apontar que os informantes mais jovens tendem a liderar o uso de formas inovadoras na língua. E, desse modo, sinalizam um possível início de mudança

linguística, uma vez que aos mais velhos foram atribuídas outras avaliações/reconhecimentos. Só os séculos vindouros revelarão. No mais, associam-se estes resultados ao Problema da Avaliação, proposto por WLH (2006 [1968]), que apontam que os correlatos subjetivos contribuem para propagação ou interrupção de fenômenos linguísticos. Não só o espaço para coocorrência de variantes linguísticas está aberto, mas, também, o de reconhecimento/avaliação/percepção de falares diferentes.

Assim, como aconteceu com a variante [ʌ], os resultados subjetivos colhidos indicam que o uso de [l, j, Ø] é associado/caracterizado como falar típico de falante ‘amigável, confiável e familiar’, porém foi substancialmente vinculado ao informante que exerce profissão de baixo *status* social, como garis, trabalhador(a) braçal, camponês/rural; diferentemente do que ocorreu com a variante [ʌ] que foi reconhecida como forma de uso de professores e engenheiros. Neste sentido, esses resultados corroboram com a tese de que, assim, como a sociedade está dividida em estratos sociais, do mesmo modo se dá com os usos linguísticos.

Esses resultados começam apontar para o primeiro padrão de variação sociodialetoal que este estudo alcança: uma forma linguística pode até ser reconhecida e associada com qualificativos positivos - [ʌ, l, j, Ø], ocorrendo um fluxo contínuo entre o marcado socialmente e o não marcado, conforme forem as categorias sociais consideradas, porém, quando vinculada a outros fatores socioculturais, como por exemplo, ao tipo de profissão do falante, toma direções diferentes e distintas, respaldando que as línguas não só permitem a existência de processos variáveis em diferentes níveis da gramática, mas que esses fenômenos são avaliados e reconhecidos de formas diferentes. Assim, os usos linguísticos são categorizados de acordo com o estrato social do falante (CLOPPER, 2010).

Por outro lado, no que diz respeito ao local de origem dos falantes das variantes [l, j, Ø], os resultados são substanciosos em indicar que há uma polarização dialetoal, o que vai constituir o segundo padrão de variação sociodialetoal que se evidencia neste estudo: essas variantes linguísticas podem até ser do Nordeste brasileiro – assim como foi reconhecida a forma [ʌ] -, mas são categoricamente avaliadas e reconhecidas como formas linguísticas da zona rural. Neste sentido, tem-se: Nordeste/rural com [l, j, Ø] x Nordeste/urbano com [ʌ], respectivamente, marcado socialmente x não marcado socialmente.

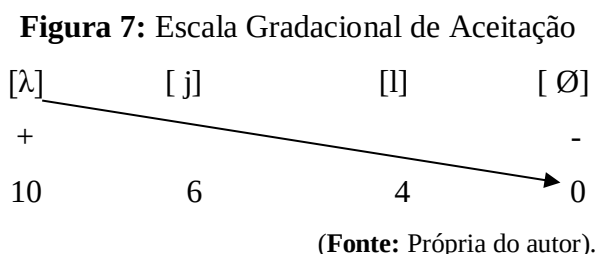
Esses achados direcionam para o que Clopper & Pisoni (2005) definiram como “Dialect Categorization”: evidenciam a habilidade do informante territorializar variedades linguísticas, de acordo com a consciência metalinguística dos envolvidos nos processos de avaliação, percepção e de atitudes linguísticas. Neste sentido, assume-se que os resultados, aqui analisados, apontam para a direção de que reconhecer diferenças dialetoais constitui um processo

resultante, também, da junção de outros processos afetivos e avaliativos (GARRETT, COUPLAND & WILLIAMS, 2003).

Verificou-se que, independentemente do estímulo de fala semi-espontânea usado, os correlatos subjetivos são categóricos em apontar altos índices de rejeição a essas três variantes - [l, j, Ø], o que demonstra que se tratam de formas linguísticas desprestigiadas. Esse achado une-se ao que propõe Clopper (2010), ao afirmar que o reconhecimento de diferenças dialetais está ligado a estereótipos e a representações que histórica e culturalmente foram difundidas nas comunidades de fala. Constata-se que o desprestígio ficou registrado pela alta recusa que essas formas tiveram ao se perguntar aos juízes-ouvintes se falariam essas variantes. Também, pela consciência linguística exibida por aqueles que indicaram explicitamente que usariam a forma de maior prestígio - [ʌ] – e não as formas variantes que ouviram nos estímulos de fala avaliados.

6.3.2 Proposição da Escala Gradacional de Aceitação

A figura 7, a seguir, é a atualização da figura 2, deste trabalho, conforme os resultados coletados.



Para elaboração da referida Escala Gradacional de Aceitação (doravante, EGA), adotou-se como procedimento a soma das avaliações/percepções indicadas pelos juízes-ouvintes ao serem perguntados se falariam da mesma forma que ouviram e, posteriormente, essa soma foi dividida pela quantidade de estímulos de fala produzidos. Assim, por exemplo, para a variante [l]: $5 + 3 = 8 \div 2 = 4$, respectivamente, 5 (cinco) avaliações/percepções oriundas do estímulo de fala feminina e 3 (três) no estímulo de fala masculina, totalizando 8 avaliações que foram divididas pela quantidade de estímulos produzidos – 2 – e, alcançou-se o valor de 4, como resultado final. Do mesmo modo, para [j]: $8 + 4 = 12 \div 2 = 6$; para a variante [Ø]: $5 + 6 = 11 \div 2 = 5.5$ e para [ʌ]: $32 + 33 = 65 \div 2 = 32.5$. Neste sentido, a proposta da EGA, considera uma escala numérica de 10 a 0, com intervalos para as variantes em discussão.

Dessa forma, os resultados indicam que a escala de aceitação da fala envolvendo o segmento lateral palatal na comunidade jacarauense e suas respectivas variantes analisadas, seguem o seguinte grau de aceitação: [ʎ, j, l, Ø] conforme exhibe a figura 7. Esses achados merecem discussão.

Primeiro ponto: os achados da avaliação/percepção estão em harmonia com os resultados obtidos na quantificação, conforme se pode verificar na tabela 11, deste trabalho. Essa relação pode ser vista pelos percentuais fornecidos pelo Goldvarb X. Assim, a taxa de ocorrência e seus respectivos percentuais/frequências atribuídos às variantes [ʎ, j, l, Ø], foram, respectivamente, 894/80.9%; 90/8.1%; 82/7.4% e 39/3.5%. Neste sentido, tem-se a análise de quantificação sendo corroborada pelas investigações linguísticas que contemplam aspectos de natureza avaliativa, perceptual e atitudinal, e vice-versa.

Com relação à preferência pela variante [j] em detrimento da forma [l], entende-se que tal fato esteja vinculado, além do fator de número de ocorrências já atestado nos resultados quantitativos, ao grau de aceitabilidade verificado nos dados analisados.

Além do mais, outro aspecto que desfavorece a forma [l] consiste no fato de que o processo de variação envolvendo essa variante linguística ficar praticamente restrito ao item lexical “mulher” e/ou a seus derivados. No *corpus*, por exemplo, das 82 (oitenta e duas) realizações coletadas dessa variante, 51 (cinquenta e uma) realizações são com os vocábulos “mulher, mulheres, mulherada” (as demais realizações foram verificadas em itens como “olhe, lhe, acolhedor, evangelho); enquanto, que, em relação à variante [j], o universo de itens lexicais dessa variante foi bem mais abrangente e diversificado no *corpus*, como exemplificam os vocábulos “palha, trabalho(a), velho(a), parelha, olho, conselho, mortalha, ramalho, trabalhando, piralho etc.”

Assim, este trabalho corrobora o de Clopper & Pisoni (2005) que afirmam que o falante está ciente da existência de variação linguística, para reconhecer de onde são os informantes e, ao mesmo tempo, para realizar julgamentos sociais acerca do uso linguístico objeto de averiguação. Desse modo, propõe-se a EGA como parâmetro escalonado para aferir a aceitação de falares em diferentes comunidades de fala.

A seguir, na última seção, apresentam-se as conclusões gerais deste capítulo.

6.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Os resultados encontrados, de um lado, indicam explicitamente que os falantes são capazes de atribuir prestígio ou não a uma dada forma linguística avaliada; e, do outro, que as

reações subjetivas captadas pela técnica utilizada constituem formas de produção de significado social.

Esses achados não só indicam apenas avaliação, percepção e/ou categorização de variantes linguísticas, mas, rejeição às formas linguísticas estereotipadas. E reafirmam o papel central do falante/ouvinte ao se deparar com os usos sociais da língua, sobretudo, ao se verificar que as respostas/reações subjetivas dos juízes-ouvintes são portadoras de significado social, basta retomar, por exemplo, a categorização Nordeste/rural x Nordeste/urbano que foi evidenciada pelos resultados descritos e analisados.

Assim, assume-se que, a capacidade ativa do falante de reconhecer variedades dialetais, fruto, também, da sua competência sociolinguística, revela eficazmente o que pensa o falante/ouvinte acerca dos usos linguísticos.

Desse modo, faz sentido a postulação de uma EGA como parâmetro de medição de diferentes falares sociais. Neste sentido, todo falar é objeto de avaliação e percepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se, como objetivos gerais deste trabalho, a descrição e análise dos aspectos relacionados à variação social e estilística dos segmentos laterais /ʎ/ e /l/ do PB e, ao mesmo tempo, das questões da atitude, da avaliação e percepção linguísticas vinculadas a eles, apesar que o foco desta segunda dimensão recaiu especificamente sobre o segmento lateral palatal /ʎ/, conforme já se justificou no capítulo IV. A escolha do segmento /l/ pós-vocálico reside no fato de ainda não ter sido analisado em Freire (2011), como também, por apresentar comportamento bastante variável e de ocupar a posição silábica que favorece o uso de outras variantes, o que permitiu traçar o perfil sociolinguístico dos informantes pesquisados quanto ao uso das líquidas laterais.

No início deste trabalho, elencaram-se algumas questões norteadoras que serão, agora, retomadas e respondidas conforme os resultados alcançados.

Com relação à primeira questão (Que traços avaliativos compõem a variação, atitude e percepção linguísticas dos falantes investigados em relação ao objeto de estudo?), verificou-se que os traços avaliativos que incidiram sobre as práticas variacionistas aqui examinadas são aspectos constitutivos e, ao mesmo tempo, partícipes do significado social que emanam desse processo. Reconhece-se que informantes (entrevistados) e falantes-ouvintes (avaliadores) que participaram ativamente desta pesquisa não realizaram práticas no vácuo, muito pelo contrário, suas atitudes e/ou comportamentos sociolinguísticos foram guiados pelo sentido e/ou efeitos de sentidos (cognitivos, afetivos e comportamentais) que pairam sobre os usos linguísticos. Assim, só quando assumem-se que as dimensões objetiva e subjetiva, respectivamente, quando se tomou o fato linguístico propriamente dito e ao se considerar o falante/ouvinte desse fato, pode-se admitir que os traços avaliativos, atitudinais e perceptuais estão envolvidos diretamente com os usos sociais da língua.

A segunda questão (Como os falantes pesquisados avaliam sua própria fala e a de outros informantes?), responde-se que os informantes pesquisados exibiram a capacidade de avaliar sua própria fala e a de outrem. Esse processo está inserido, de um lado, nas representações sociolinguísticas que qualquer uso linguístico e falantes são portadores e, do outro lado, como fruto das construções imaginário-ideológicas que as sociedades produzem sobre eles, avaliando-os, ora, como “positivo, bonito, bom, correto, etc.”, ora, “negativo, feio, falar de analfabeto, errado, etc.” Enfim, constituem práticas variacionistas conforme se postulou na Figura 1, deste trabalho, oriundas do jogo dos valores sociolinguísticos que é imposto à língua falada (Também há sobre a língua escrita!).

A terceira questão (Como as variáveis sociais/estilísticas e as linguísticas interferem no comportamento dialetal dos informantes paraibanos investigados?), os resultados indicam que, nesta questão, não houve tanta novidade. Os achados na verdade corroboram o que uma série de estudos sociolinguísticos vem classicamente constatando: os usos linguísticos são condicionados por fatores internos e externos, simultaneamente. Neste sentido, assume-se, por um lado, que as variáveis (sociais/estilísticas e/ou linguísticas) são parâmetros que indicam explicitamente como os usos de uma variante se dá na comunidade de fala; e por outro lado, que a atenção à fala constitui a base da capacidade cognitiva - pelo viés das categorias sociais - do informante de usar e de apreciar falares.

E, finalmente, com relação à última questão norteadora (Ao se comparar os dados colhidos com outros estudos já realizados, o que se torna específico do dialeto paraibano?), reconhece-se que os usos linguísticos podem também estar circunscritos às especificidades socioculturais da comunidade de fala pesquisada. Assim, o presente estudo, ao avaliar o uso das variante [ʎ, l, j, Ø] em um teste de atitude, percepção e avaliação, pôde-se se distanciar do que classicamente se vem apontando nas pesquisas já realizadas, como por exemplo, o de Campbell-Kibler (2006), uma vez que a tendência apontada era a de associar uso de formas linguísticas desprestigiadas com falantes categorizados de ‘não educado’, contudo, os dados deste trabalho indicam claramente que as variantes examinadas são vinculadas indistintamente aos informantes independentemente de serem classificados como ‘educado x não educado.’ Neste sentido, atribuiu-se à mudança dessa postura aos aspectos socioculturais relacionados tradicionalmente ao paraibano.

Na esteira dessa discussão, os resultados coletados, sobretudo, a partir dos correlatos subjetivos de fatos da língua, permitiram chegar a dois padrões sociodialetais de uso: marcado socialmente x não marcado socialmente e, sinalizados por variantes linguísticas distintas, respectivamente, representados por [l, j, Ø] indicando o Nordeste/rural e [ʎ] relacionada ao Nordeste/urbano.

Ainda, com relação a esses aspectos, assinala-se a proposição da EGA (Cf. a Figura 7). Essa escala, associada aos padrões sociodialetais discutidos no parágrafo anterior, confirma que certos usos linguísticos são preteridos em favor de outros, o que revelam as dimensões aqui amplamente discutidas, ou seja, os usos linguísticos estão intrinsecamente relacionados ao jogo de valores sociolinguísticos e às construções imaginário-ideológicas que circulam frequentemente nas comunidades de fala.

Desse modo, encontram-se respaldos para referendar a tese central aqui defendida, ou seja, a de que existe não apenas um processo de variação social envolvendo as líquidas laterais

/ʎ/ e /l/ do PB, mas há também o de variação estilística, e, que esses processos variacionistas podem ser percebidos e avaliados diferentemente e, assim, geraram atitudes linguísticas diversificadas pelos avaliadores do Instrumento aplicado.

Também, reconhece-se, nesta proposta de base sociolinguística, algumas contribuições à descrição e análise do português falado no Brasil, sobretudo, ao descrever o uso de duas variáveis do PB - /ʎ/ e /l/ - utilizando-se um modelo estilístico até então pouco utilizado nas descrições sociolinguísticas no Brasil e se tratando da variedade nordestina em sua região de origem; como também, propondo uma EGA para uso de fenômenos sociodialetais. E, ambos modelos podem ser replicados à outras variedades do PB. De fato, seguindo os objetivos aqui propostos, sistematizam-se algumas dimensões e/ou aspectos relacionados aos objetos investigados que nos permitiram fazer algumas assunções, tanto de modo específico, quanto de modo geral, resultando neste trabalho.

Como todo trabalho de pesquisa, reconhece-se que alguns estudos poderão ser desdobrados a partir desta análise. Neste sentido, novas investigações poderão ser realizadas envolvendo as líquidas laterais do PB e associando novos fatores (cognitivos, culturais, sociais) que aqui não foram examinados; ou, novos testes de avaliação, percepção e atitude linguísticas envolvendo, por exemplo, de um lado, os segmentos laterais e suas variantes sendo produzidas por falantes paraibanos e, por outro lado, os avaliadores sendo membros de outras comunidades de fala ou vice-versa; ou ainda, analisar as líquidas laterais assumindo contribuições teóricas de outras abordagens variacionistas, tais como os pressupostos da Sociolinguística Cognitiva (FERRARI, 2016) ou da Sociolinguística fundamentada na noção de redes sociais (MILROY, 1980). Ou, aprofundar e delimitar os elementos tripartites (cognitivos, afetivos e comportamentais) das atitudes linguísticas (GARRETT, 2010). E ainda, aprofundar a tese proposta por Rodrigues (2010) de que a variação de [ʎ ~ j] é resultante da influência indígena sobre o PB.

Assim, ressalta-se que se está consciente e, desse modo, destaca-se que os resultados encontrados em uma pesquisa variam de estudos para estudos, de acordo com os fatos controlados, com a amostra investigada, com o período de realização, com a técnica empregada, dentre outros. Aqui apontaram-se pistas e indícios que serão futuramente aprofundados.

Para finalizar este trabalho, associa-se ao que propõe o eu-lírico, preconizado na voz de Oswald de Andrade, na epígrafe geral, deste trabalho. Assim, é o paraibano: usa formas variantes que sua variedade linguística licencia (“Para dizerem milho dizem mio; Para melhor dizem mió; Para pior pió; Para telha dizem teia; Para telhado dizem teiado”; contudo, constrói seu telhado (“E vão fazendo telhados.”). Esse telhado metaforicamente representa a vida.

Assim, seguindo essa constatação, o falante paraibano ocupar seu lugar na sociedade, marcando-o, também, por meio do uso da língua, porém não se esquivava em participar ativamente da vida social: ele produz, ao mesmo tempo em que é falante/usuário de uma variante linguística, é também, cidadão. Embora esse falar seja avaliado negativamente.

Desse modo, o eu-lírico, por meio de uma bela metáfora (vida x telhado) já indicava, com certa precisão, o que os resultados alcançados nos revelaram.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; & BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, V. 1. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.
- ALLPORT, G. attitudes. In: MURCHISON, C. (Org.). **A Handbook of Social Psychology**, vol. 1. Worcester, MA, Clark University Press, 1935.
- ALVES, Jeferson da Silva. **Imperativo: uma análise das variáveis sociais na língua falada de Salvador**. Revista Philologus, ano 15, n. 44. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago., pp. 89-105, 2009.
- ANDRADE, Oswald de. **Vício na fala**. Literatura comentada. São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- ANTTILA, Arto. Deriving Variation from grammar. In: HINSKENS, Roeland VAN HOUT, and W. Leo WETZELS (ed. Frans). **Variation, Change, and Phonological Theory**. John Benjamins. Amsterda/Philadelphia, 1997.
- AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. **A despalatalização e a iotização no falar paraibano**. I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA. **Resumos**. Salvador: UFBA, 1994.
- _____, M. do Socorro Silva de. **A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza**. XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE. Resumos. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.
- _____, Maria do Socorro Silva de. **A despalatalização e iotização no Atlas Linguístico da Paraíba**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. *Atas*. V. II, Dialetoologia e Sociolinguística. Salvador: UFBA, 1997.
- _____, M. do Socorro Silva de. **A variação fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste**. Revista do GELNE. Ano 1, Número 2, 1999.
- _____, M. do Socorro Silva de. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos Geolinguísticos e Dialetais Sobre o Português: Brasil/Portugal**. Campo Grande - MS: ED. da UFMS, pp. 181-200, 2008.
- AYZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. **Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BELL, Alan. **Language style as audience design**. Language in Society. 13 (2), pp. 145-201, 1984.

_____, Alan. **Styling the other to define the self: a study in New Zealand Identity Making.** Journal Sociolinguistic 3, pp. 524-541, 1999.

BERGO, Vitorio. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes linguísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório.** (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, Campinas, 2000.

BISOL, Leda. **Harmonia vocálica: uma regra variável.** Tese (Doutorado em Linguística) _ Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura linguística: Alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca T. & Pedro M. GARCEZ. **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso.** Porto Alegre: AGE, [1972, 1986], 1998.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **PRAAT** (Doing Phonetics by Computer), versão 5.4.1.7, 2015. Disponível em www.praat.org. Acesso em 20.08.2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** (Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá) - São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** - São Paulo: Contexto, 2014.

BRADAC, S.; WISGARVER, R. **Ascribed status, lexical diversity, and accent: determinants of perceived status, solidarity, and control of speech style.** Journal of language and social psychology, 3, pp. 239-253, 1984.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal.** Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 3, pp. 89-99, setembro de 2007.

BRECKLER, S. **Empirical validation of affect, behaviour and cognition as distinct components of attitudes.** Journal of Personality Social Psychology, 47, pp. 192-205, 1984.

BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica.** (Dissertação de Mestrado) - Campinas, SP: [s.n.], 1974.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, I. & DUARTE, I. **Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus.** Vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda: pp. 87-114, 1998.

CALMON, Elba Nusa. Ponte de passagem: você e cê transitando na fala de Vitória. In: CARDOSO et all. (Org.). **Variação Linguística, Contato de Línguas e Educação: contribuição do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolinguística da Universidade de Brasília.** Pontes: Campinas, 2013.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, [1979] 1985.

_____, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. - 37 ed. - Rio de Janeiro: Editora Vozes, [1970] 2005.

_____, Joaquim Mattoso. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: organizações Simões, [1953] 2007.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006.

_____, Kathryn. **The Effect of Speaker Information on Attitudes Toward (ING)**. Journal of Language and Social Psychology. 2010.

CARDOSO, Bruno. **Embates em torno da noção de estilo na sociolinguística**. I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica. La Plata, FaHCE-UNLP, 21 al 23 de março de 2012.

CARGILE, A.; GILES, H.; RYAN, E.B.; BRADAC, J. **Language attitudes as a social process: a conceptual model and new directions**. Language and Communication, 14, pp. 211-136, 1994.

CARRANZA, M.; RYAN, E.B. **Evaluative reactions of bilingual Anglo-and Mexican American adolescents towards speaker of English and Spanish**. International journal of the sociology of language, 6, pp. 83-104, 1975.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica: colegial e vestibulares**. - 7 ed. – Editora Ática: 1971.

CASTRO, Vandersi Sant' Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira: um estudo com base em Atlas linguísticos regionais brasileiros**. (Tese de Doutorado) - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. **Variable Rules: performance as a statistical reflection of competence**. Language. Vol. 50, n. 2, 1974.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. **A despalatização /ɲ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC)**. Cadernos dos Anais do XIII do CNFL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

CHIANCA, Rosalina Maria Sales. **Interagir em língua estrangeira: um assunto sociocultural**. Tradução: Elisa_____; Ingrid Farias Fachine Oliveira; Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros. In: MOARA, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: Editora Universitária/UFPA, n. 11, pp. 1-164, jan./jun., p. 65-84, 1999.

_____, Rosalina Maria Sales. **Transcrição de algumas definições**. Apostila da Disciplina Tópicos em Sociolinguística I. Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling). UFPB: João Pessoa, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965.

_____, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, George N; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.

CLOPPER, Cynthia G.; PISONI, David B. Perception of Dialect Variation. In: PISONI, David B.; REMEZ, Robert E. **The Handbook of Speech Perception**. Blackwell Publishers, 2005.

_____, Cynthia G. Phonetic Detail, Linguistic Experience, and the Classification of Regional Language Varieties in the United States. In: PRESTON & NIEDZIELSKI (Orgs.). **A Reader in Sociophonetics** (Trends in Linguistic. Studies and monographs; 219). New York, 2010.

COLLISCHONN, Gisela; QUEDNAU, Laura Rosane. **Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul: o papel das variáveis linguísticas envolvidas**. Anais do CELSUL, 2008.

CYRANKA, Lúcia. Avaliação das Variantes: Atitudes e Crenças em Sala de Aula. In: MARTINS, VIEIRA & TAVARES (Org.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. – São Paulo: Contexto, 2014.

DAL MAGNO, Diane. **O comportamento de /l/ pós-vocálico no sul do país**. Working Paper Linguística, n. 1, pp. 31-44, 1998.

ECKERT, Penelope. **Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School**. New York, Teachers College Press, 1989.

_____, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

_____, Penelope. Style and social meaning. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____, Penelope. **The Meaning of Style**. Texas Linguistic Forum 47, pp. 41-53, 2004.

_____, Penelope. **Varição, convenção e significado social**. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

_____, Penelope. **Variation and the indexical field**. Journal of Sociolinguistics 12/4, pp. 453–476, 2008.

ERWIN, P. **Attitudes and persuasion**. Hove: Psychology Press, 2001.

ESPIGA, Jorge. **A lateral pós-vocálica na fronteira dos Campos Neutrais**. Letras de Hoje, Porto Alegre: v. 37, no. 1, pp. 49-68, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARIAS, Ernesto. **Fonética Histórica do Latim**. - 2 ed. - ver. e aumenta. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

FASOLD, Ralph W. **The Sociolinguistic of society**. – Oxford, England; New York, NY, USA: B. Blackwell, 1984.

_____, Ralph W. **La sociolingüística de la sociedad**. Madrid, Visor, 1996.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes lingüísticas. In: **Principios de sociolingüística y sociología Del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, pp.179-193, 1998.

FERRARI, Lilian. Sociolingüística Cognitiva. In: MOLLICA, Maria Cecilia & FERRAREZI JUNIOR, Celso (Orgs.). **Sociolingüística, Sociolingüísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, Milena Machado. **A Variação da Lateral Palatal Segundo Transcrição do Banco de Dados VARSUL**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FOULKES, Paul; KHATTAB, Ghada; YEGER-DROR, Malcah. Sound Judgments: Perception of Indexical Features in Children's Speech. In: PRESTON, Dennis R.; & NIEDZIELSKI, Nancy (Orgs.). **A Reader in Sociophonetics** (Trends in Linguistic. Studies and monographs; 219). New York, 2010.

FRAGA, Letícia. **Os “holandeses” de Carambeí: estudo sociolingüístico**. Campinas, SP. (Tese de Doutorado), 2008.

_____, Letícia. **Atitudes lingüística e o r-forte em Carambeí**. Maringá, v. 31, n. 2, pp.155-168, 2009.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. Dissertação de Mestrado. UFPB: 2011.

_____. Josenildo Barbosa. **Variação da lateral palatal: um estudo sociolingüístico em dois corpora**. (Anais). V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, pp. 1-7, Natal - RN: EDUFN, 2011.

_____. Josenildo Barbosa **Avaliação e atitudes lingüísticas: o caso de Nova Cruz-RN**. (Comunicação oral no XXIV Jornada Nacional dos Estudos Lingüísticos do GELNE). Natal-RN, 2012.

_____. Josenildo Barbosa. **Estudo comparativo do comportamento do segmento /ɺ/ em duas comunidades de fala**. (Anais). XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, 2012, Natal. pp. 3913-3922, Natal: EDUFN, 2012.

_____, Josenildo Barbosa. **Representação sociolingüística de falantes da variedade paraibana em dados de fala espontânea**. (No prelo), 2014.

_____, Josenildo Barbosa. **Atitude e avaliação lingüística em dados de fala espontânea**. XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) 14 a 19 de julho de 2014 - João Pessoa (Paraíba, Brasil), 2014.

GARRETT, Peter. **Attitudes to Language**. Cambridge University Press, 2010.

_____, Peter; COUPLAND, Nikolas; WILLIAMS, Angie. **Investigating Language Attitudes**. University Of Wales Press: Cardiff, 2003.

GIANGOLA, James P. **Complex palatal geminates in Brazilian Portuguese**. The Proceedings of the Thirteenth West Coast Conference on Formal Linguistics. San Diego: University of California, 1994.

GILES, H.; WILSON, P.; CONWAY, A. **Accent and lexical diversity as determinants of impression formation and perceived employment suitability**. Language sciences, 3, pp. 91-103, 1981.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca T. & Pedro M. GARCEZ. **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, [1964], 1998.

GÖRSKI, Edair Maria. **A variação estilística na ótica da sociolinguística laboviana: (re)dimensionando o papel do contexto**. VI SIGET, realizado na UFRN – Natal/RN no período de 16 a 19 de agosto de 2011.

_____, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane, Maria Nunes de (Orgs). **Variação Estilística: Reflexões Teórico-Metodológicas e Propostas de Análise**. – Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

_____, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. A Variação Estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane, Maria Nunes de (Orgs). **Variação Estilística: Reflexões Teórico-Metodológicas e Propostas de Análise**. – Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

GUY, Gregory Riordan & ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HANSON, D. **Relationship between methods and findings in attitude-behaviour research**. Psychology, 17, pp. 11-13, 1980.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. **Um caso de Efeito OCP no Português**. Artigo apresentado no CELSUL. Universidade Católica de Pelotas. Mimeo, 1995a.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs.) **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VAPLB**. João Pessoa: Ideia, 2001.

_____, Dermeval da. **Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, pp. 29-44, 1º Sem. 2006.

_____, Dermeval da; WETZELS, Leo. **Variação linguística e as restrições estilísticas** Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, pp. 147-188. 1ª parte 2011.

_____, Dermeval da. Variação dialetal e atitude. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2011.

_____, Dermeval da. *Estilo: uma perspectiva variacionista*. In: Görski, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane, Maria Nunes de (Orgs.). **Varição Estilística: Reflexões Teórico-Metodológicas e Propostas de Análise**. – Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

IBGE, **Evolução da Divisão Territorial do Brasil 1872-2010**. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Censos Demográficos de 2000-2010**. Acesso em 14 de setembro de 2014.

_____. www.ibge.org.br. Acesso em 14 de setembro de 2014.

JAKOBSON, R. & HALLE, M. **Fundamentals of Language**. The Hague, Mouton, 1956.

_____, R.; FANT, G. & HALLE, M. 1952. **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge: MIT Press, 1952.

KAUFMANN, Göz. *Atitudes na Sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cleo; RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

KOTHANDAPANI, V. **Validation of feeling, belief, and intention to act as three components of attitude and their contribution to prediction of contraceptive behaviour**. *Journal of Personality Social Psychology*, 19, pp. 321-33, 1971.

LABOV, William. **The social motivation of sound change**. *Word*, n. 19, pp. 273-307, 1963.

_____, William. *Stages in the acquisition of Standard English*. In: SHUY (Org.). **Social Dialects and language Learning**, Champaign, III, National council of Teachers of English, pp. 77-103, 1964.

_____, William. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____, William. *The anatomy of style-shifting*. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope (Orgs.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____, William. *Some sociolinguistic principles*. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, pp. 234-250, [1969] 2003.

_____, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, [1972] 2008.

_____, William. **Principles of Linguistic Changes: Cognitive and Cultural Factors**. *Language in Society*, 39, V. 3. Wiley-Blackwell, 2010.

LUCCHESI, Dante. *Norma linguística e realidade social*. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, pp. 63-92, 2002.

LUCENA, Rubens Marques de. *Consoantes*. In: HORA, Dermeval da; & PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs.). **Introdução à Fonologia do Português Brasileiro**. 2 ed. João Pessoa, Editora da UFPB, 2014.

MARTINS, Iara Ferreira e Melo. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, [2006] 2013.

McCARTHY, Jonh. **OCP effects: Geminaton and antigemination**. Linguistic Inquiry, Cambridge, Mass., v. 17, n. 2, pp. 207-263, 1986.

MELO, Djalma Cavalcante. Atitudes linguísticas com relação a sotaques regionais no Brasil. In: BORTONI-RICARDO *et al.* (Orgs.). **O falar Candango: Análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais**. – Brasília: Editora UnB, 2010.

MILROY, L. **Language and Social Networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MOLLICA, Maria Cecilia & MATTOS, P.B. **Dois processos de assimilação fonológica no português falado semi-espontâneo do Rio de Janeiro**. Relatório final do projeto Mecanismos funcionais do uso da língua. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MOTA, Jacyra Andrade. Percursos metodológicos: Questionários e Informantes. In: SUZANA *et al.* (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil: Volume 1**. – Londrina: Eduep, 2014.

MOURA, Adriano Carlos de. **Comportamento da lateral pós-vocálica em posição de coda no falar tocantinense: uma análise variacionista**. (Dissertação de Mestrado). UFPB: João Pessoa, 2009.

NARO, Anthony J.; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. **Ciência e Cultura**, v. 29, n. 3, pp. 259-268, 1977.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1955.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012a.

OLIVEIRA, Dijeane de Almeida Lima de; MOTA, Jacyra Andrade. **As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. III Seminário de pesquisa em Estudos Linguísticos e do III Seminário de Pesquisa em análise de Discurso. Anais. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007.

OLIVEIRA, Marco Antônio; SANDALO, Filomena; FREITAS, Maria Luisa; TELLES, Stella; ALBUQUERQUE, Davi Borges. A variação fonológica na perspectiva da linguagem como um sistema adaptativo complexo. In: MAGALHÃES, José S. de (Org.). **Fonologia**. 1ed. , v. 1, pp. 1-336. Uberlândia: EDUFU, 2015.

OPPENHEIM, B. An exercise in attitude measurement. In: BREAKWELL, G.; FOOT, H.; GILMOUR, R. (Orgs.). **Social Psychology: a practical manual**. Basingstoke, Macmillan, 1982.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Sílabas. In: HORA, Dermeval da; & PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs.). **Introdução à Fonologia do Português Brasileiro**. 2 ed. João Pessoa, Editora da UFPB, 2014.

PHILIPS, Susan Urmston. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, Branca T. & Pedro M. GARCEZ. **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, [1976, 1984], 1998.

PINHO, Antônio José de; MARGOTTI, Felício Wessling. **A variação da lateral pós-vocálica /l/ no Português do Brasil**. Work. Pap. Linguíst., n. 2: pp. 67-88, Florianópolis, 2010.

PISONI, David B.; REMEZ, Robert E. **The Handbook of Speech Perception**. Blackwell Publishers, 2005.

PONTES, Eunice. **Estrutura do Verbo em Português Coloquial**. Vozes: Petrópolis, 1972.

PRESTON, Dennis R. **Transmission and diffusion, contact, and space and symmetry in the acquisition of norms**. Annual Linguistic Society of America Conference, Baltimore, January 2010.

_____, Dennis R; NIEDZIELSKI, Nancy (Orgs.). **A Reader in Sociophonetics** (Trends in linguistic. Studies and monographs; 219). New York, 2010.

PRICE, S.; FLUCK, M.; GILES, H. **The effects of language of testing on bilingual pre-adolescents' attitudes towards welsh and varieties of English**. Journal of multilingual and multicultural development, 4, pp. 149-61, 1983.

PRINCE, Alan; & SMOLENSKY, Paul. **Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar**. Rutgers University Center for Cognitive Science Technical Report 2, 1993.

QUANDT, Vivian de Oliveira. **O comportamento da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense**, 2004. 178f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____, Vivian de Oliveira. **A Lateral Palatal no Português do Brasil e no Português Europeu**. (Tese de Doutorado). - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras, 2014.

QUEDNAU, Laura Rosane. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: NOLL, V. & DIETRICH, W. (Orgs.). **O português e o tupi**. São Paulo: Contexto, 2010.

ROMAINE, S. **The Language of Children and Adolescents: the Acquisition of Communicative Competence**, Oxford, Blackwell, 1984.

ROSENBERG, J.; HOVLAND, C. Cognitive, affective, and behavioural components of attitudes. In: ROSENBERG, J.; HOVLAND, C.; McGUINE, W.; ABELSON, R.; BREHM, J. (Orgs.). **Attitudes Organisation and Change: An Analysis of Consistency among attitude and Components**. New Haven, CT, Yale University Press, 1960.

SÁ, Edmilson José de. **O uso variável da lateral /l/ pós-vocálica em posição de coda em português e espanhol**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 4, n. 7, agosto de 2006.

_____, Edmilson José de. **Variação do /l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**. (Dissertação de Mestrado). UFPE, 2007.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali e SMITH, Eric. **Goldvarb X**. Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto, Canadá. [HTTP://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm](http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm), 2005.

SARNOFF, I. Social attitudes and the resolution of motivational conflict. In: JAHODA & WARREN (Orgs.). **Attitudes**. Harmondsworth, Penguin, 1970.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. (Inédito). UFRJ/ UnB, 1992/1993.

_____, Maria Marta Pereira. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA & SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 239-264, 1996.

_____, Maria Marta Pereira. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, WOLF; NOLL, Volker (Orgs.). **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuet, 2004.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e História da Linguística**. Tradução de Fernando Tarallo [*et al.*] – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

SÊCCO, Glacy C. **O /l/ implosivo na linguagem pontagrossense**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, Van Der. **The structure of phonological representations (part. II)**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, pp. 337-383, 1982.

SERAINE, Florival. Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In: SERAINE, Florival (Org.). **Linguagem e cultura - estudos e ensaios**. Fortaleza: Secretaria da Educação, 1985.

SILVA, Eudênio Bezerra da. **A Substituição da Soante Palatal /λ/: Uma representação linear**. Dissertação de Mestrado, 1997.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.

SILVA, Thaís Cristófar. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: HORA, Dermeval da; & COLLISCHONN, Gisela (Org.). **Teoria Linguística: Fonologia e outros temas**. Ed. Universitária. UFPB. pp. 200-231, 2002.

_____, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiros de estudos e guia de exercícios**. 8 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.

SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. University Press, 2008.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7 ed. - São Paulo: Ática, [1985] 2004.

_____, Fernando. **Tempos Linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

TASCA, Maria. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

TAVARES, Maria Alice. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane, Maria Nunes de (Orgs). **Variação Estilística: Reflexões Teórico-Metodológicas e Propostas de Análise**. – Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

TAVARES, Marilze; SANTOS, Ludoviko Carnacioli dos. **Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados-MS**. Cadernos do IL, Porto Alegre, nº 44, pp. 117-134, 2012.

TEIXEIRA, J. A. Eliana Pitombo. **Qué arco, tarco ou qué qui mói?** Sitientibus, Feira de Santana, n. 11, pp. 81-85, jan./jun. 1993.

_____, J. A. Eliana Pitombo. **Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante /l/**. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 17, pp. 59-68, 1995.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. (Tradução de Celso Cunha). – 3 ed. – São Paulo: Martins Fontes, [1980] 2007.

TRUBETZKOY, N. **Grundzüge der Phonologie**. Göttingen: Vandenhoeck. Ruprech, [1969]1939.

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane, Maria Nunes de (Orgs). **Variação Estilística: Reflexões Teórico-Metodológicas e Propostas de Análise**. – Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. **Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical**. Revista da ABRALIN, v. 7, n 2, pp.119-138, jul./dez. 2008.

VOTRE, Sebastião. **Variação fonológica no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.

WETZELS, Leo. **Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 9, n. 2, 2000.

WIKIPEDIA. **Mapa**. Disponível em <http://www.wikipedia.org/>. Acesso em 06 de novembro de 2014 às 19h00min.

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. (Tradução de Antônio Houaiss). – 2 ed. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília, 1973.

ANEXOS

ANEXO A: Entrevista Sociolinguística



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

Módulo identificação	1. Qual é o seu nome completo?
	2. O que você faz?
	3. Você gosta de morar aqui em Jacaraú? Por quê?
	4. Você é casada (o) ou solteira (o)?
	5. O que é que você mais gosta no seu marido? Ou em sua esposa?
	6. Além de você, quantas pessoas moram na sua casa?
	7. Fale alguma coisa sobre cada uma delas. O que é que eles fazem?
	8. Você tem filho? Quantos?
	9. Como foi o nascimento do(s) seu(s) filho(s)?
	10. Você gostaria de ter alguma profissão? Qual? Por quê?
	11. E que sonhos seus, você já realizou?
	12. Você acredita no amor verdadeiro?
	13. O que é o amor verdadeiro pra você?
	14. O que acha do casamento?
	15. Se você pudesse mudar de profissão, qual seria? Por quê?
	16. Dos serviços domésticos, qual o que você mais gosta? Por quê?

Módulo infância	1. Como foi sua infância?
	2. Quais as brincadeiras que você mais gostava?
	3. Tem alguma história marcante da sua infância? Conte para nós.
	4. Quando você era criança, você gostava de alguma historinha? Qual? Por quê?
	5. Como eram seus pais?
	6. Você acha que hoje em dia os pais têm mais paciência com as crianças? Por quê?

Módulo vizinhança	1. Como é o seu relacionamento com os vizinhos?
	2. Se você ganhasse na loteria, o que você faria com o dinheiro?
	3. Você faria alguma coisa pelos seus vizinhos?
	4. E pelo bairro, você faria alguma coisa?

Módulo diversão	1. Qual o seu artista preferido? Por quê?
	2. Você costuma ouvir rádio?
	3. Qual o programa de rádio que você mais gosta?
	4. Qual a sua diversão favorita? O que é que você faz...
	5. Das festas do ano qual a que você mais gosta? E por quê?
	6. Fale alguma coisa sobre o seu último... (citar a festa ou acontecimento), o que foi que aconteceu...
	7. Você assiste televisão?
	8. Que programas de televisão você mais gosta?
	9. Nos domingos, o que você gosta de assistir?
	10. E você tem namorado?
	11. Que tipo de música você mais gosta?
	12. E o que, o que acha das novelas?
	13. Qual o lado bom da televisão e o lado ruim?
	14. O que acha do cinema, cinema de filme?
	15. Que outras diversões você pratica?
	16. E no final de semana, que é que você faz?
	17. Como você brinca o carnaval?
	18. Você tem alguma aventura de carnaval pra contar?
	19. Você acha que o jovem de hoje sabe se divertir?

Módulo religião	1. Qual a sua religião?
	2. Você sempre vai à igreja?
	3. Como é que funciona sua comunidade?
	4. Eles trabalham assim com alguma ajuda à comunidade? Como distribuição de feira?

	5. O que é que você mais gosta na igreja, na missa (culto), por exemplo, qual a parte da missa que você mais gosta?
	6. Quem é Deus pra você?
	7. E o que você acha da existência de várias religiões por aí?
	8. Você já fez alguma promessa?

Módulo problemas sociais	1. Tem alguma coisa que lhe deixa triste?
	2. Se você fosse Presidente do Brasil, o que você faria pelo Brasil?
	3. O que você acha da situação dos meninos de rua?
	4. Se você pudesse, o que você faria pra ajudar os meninos de rua?
	5. O que você faria pelo jovem, se fosse presidente?
	6. O que você acha, assim, dos políticos?
	7. Você acredita que o país tem solução? Como?
	8. A televisão contribui, em sua opinião, com esse negócio de violência?
	9. Como você vê a educação, o papel da educação na formação do jovem? Qual a importância da educação para o jovem?

Módulo perigos de morte	1. Você já passou por alguma situação de perigo, assim, que você pensou que iria morrer?
	2. Já foi assaltada ou sua casa já foi invadida por ladrões? Ou por outra coisa? O quê? Como foi?
	3. Você já esteve em uma situação difícil que precisou da ajuda de alguém? Como foi?
	4. Você tem medo da morte?

Módulos esportes	1. Qual a importância do esporte para o homem?
	2. E como você vê a violência no esporte?

	3. Conte um caso de violência que lhe marcou. Pode ser qualquer caso, não é obrigado ser do futebol não.
	4. Onde estaria a solução para esse problema da violência?

Módulo linguagem	1. Você conhece alguém que fala diferente de você?
	2. O que você acha da sua forma de falar?
	3. O que é que você mudaria na sua forma de falar?
	4. Que é falar certo para você?

ANEXO B: FICHA SOCIAL DE INFORMANTE



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

1. Nome:

2. Sexo: () Masc. () Fem.

3. Endereço:

4. Anos de escolarização

() Analfabetos

() 1 a 8

() mais de 8

5. Idade:

6. Já morou em outro lugar além deste?

() Sim () Não

7. Em caso afirmativo:

Onde? _____

Quanto tempo? _____

8. Origem de nascimento dos pais?

9. Em caso de ser sorteado, dispõe-se a conceder uma entrevista?

Questões

1. Você trabalha? () Sim () Não

2. Que tipo de atividade você faz?

3. É essa sua profissão? () Sim () Não

4. Você tem outra profissão? () Sim () Não

5. Você é financeiramente independente? () Sim () Não

6. Além de você, quantas pessoas moram em casa?

7. Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

8. Você costuma ver TV? () Sim () Não

9. A que programa(s) você assiste?

10. Você costuma ouvir rádio? () Sim () Não

11. Em que horário você ouve?

12. Que programa(s) e/ou estação(ões) prefere?

13. Você lê jornal? () Sim () diariamente () às vezes

14. Qual(is) jornal(is)

15. Quais partes do jornal que lhe interessam?

16. Você gosta de ler revistas? () Sim () diariamente () às vezes

17. Que revista?

18. Você vai ao cinema? () Sim () diariamente () às vezes

19. Qual sua diversão favorita?

20. Você gosta de carnaval? () Sim () Não

21. Você gosta de futebol? () Sim () Não

22. Você pratica algum esporte? () Sim () Não

23. Qual esporte?

24. Você pratica alguma religião? () Sim () Não

25. Qual religião?

26. Você é uma pessoa que

a. () nunca sai de sua cidade

b. () só sai a negócios

c. () sempre sai para passear

27. Passa muito tempo fora?

a. () menos de um mês

b. () mais de um mês

Jacaraú – Paraíba, _____ de _____ de 2009.

Anexo C: Ficha Sociodemográfica dos juízes-ouvintes



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

Por favor, preencha a ficha a seguir com os seus dados pessoais.

1. Você é do sexo?

() Masculino () Feminino

2. Você está em qual faixa etária?

() Jovem

() Adulto

() Idoso

3. Você mora na?

() Zona Rural () Zona Urbana

4. Você é aluno?

() Estudante

() Professor

() Outros

5. Você se identifica com a fala paraibana?

() sim () Não

João Pessoa-PB, _____ de _____ de 2016.

Anexo D: Espectrograma Individual



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

Espectro Estilístico Nº: Informante (Variáveis sociais)

Informante/ módulos	Variáveis/variantes						
	/l/			/ʎ/			
	[w]	[Ø]	[outras]	[l]	[j]	[Ø]	[ʎ]
Identificação (Narrative)							
Infância (Kid)							
Vizinhança (Group)							
Diversão (Narrative)							
Religião (Soapbox)							
Problemas Sociais (Soapbox)							
Perigos de Morte (Narrative)							
Esportes (Soapbox)							
Linguagem (Language)							
Complementar (Residual)							
Resposta (Response)							
Tangente (Tangent)							

APÊNDICES

APÊNDICE I: Instrumento de Avaliação, Atitude e Percepção Linguística (Adaptado de CAMPBELL-KIBLER, 2006, p. 220)



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING

Aperte a tecla *play* para escutar sua gravação a seguir. Você pode ouvi-la quantas vezes quiser. Em seguida, escolha as opções que você acha que se referem à pessoa que está falando, baseando-se no que acabou de ouvir.

1. Ele (a) parece? Marque na escala a sua opção. Ela é formada por intervalos de valores de 0 a 7, sendo 0 (zero) o valor mais baixo e 7 (sete) o mais alto.
Feminino OOOOOOO Masculino
Educado OOOOOOO Não educado
Escolarizado OOOOOOO Não Escolarizado
Casual OOOOOOO Formal
 2. Quantos anos parece ter _____?
() de um adolescente
() de um jovem de 15-25 anos
() de adulto de 26-49 anos
() de adulto de 50 anos ou mais
 3. De acordo com o que ouviu, _____ parece ser? (Escolha mais de uma opção se achar necessário):
() Amigável, confiante, familiar
() Professor(a), engenheiro(a), intelectual
() Trabalhador(a) braçal, camponês/rural, gari
() outros? _____
 4. De onde você acha que ele (a) é?
() Nordestina
() De outra região do Brasil
() Da zona rural
() Da zona urbana
 5. Você fala da mesma forma que ouviu? Caso contrário, como é?
() Sim () Não
-